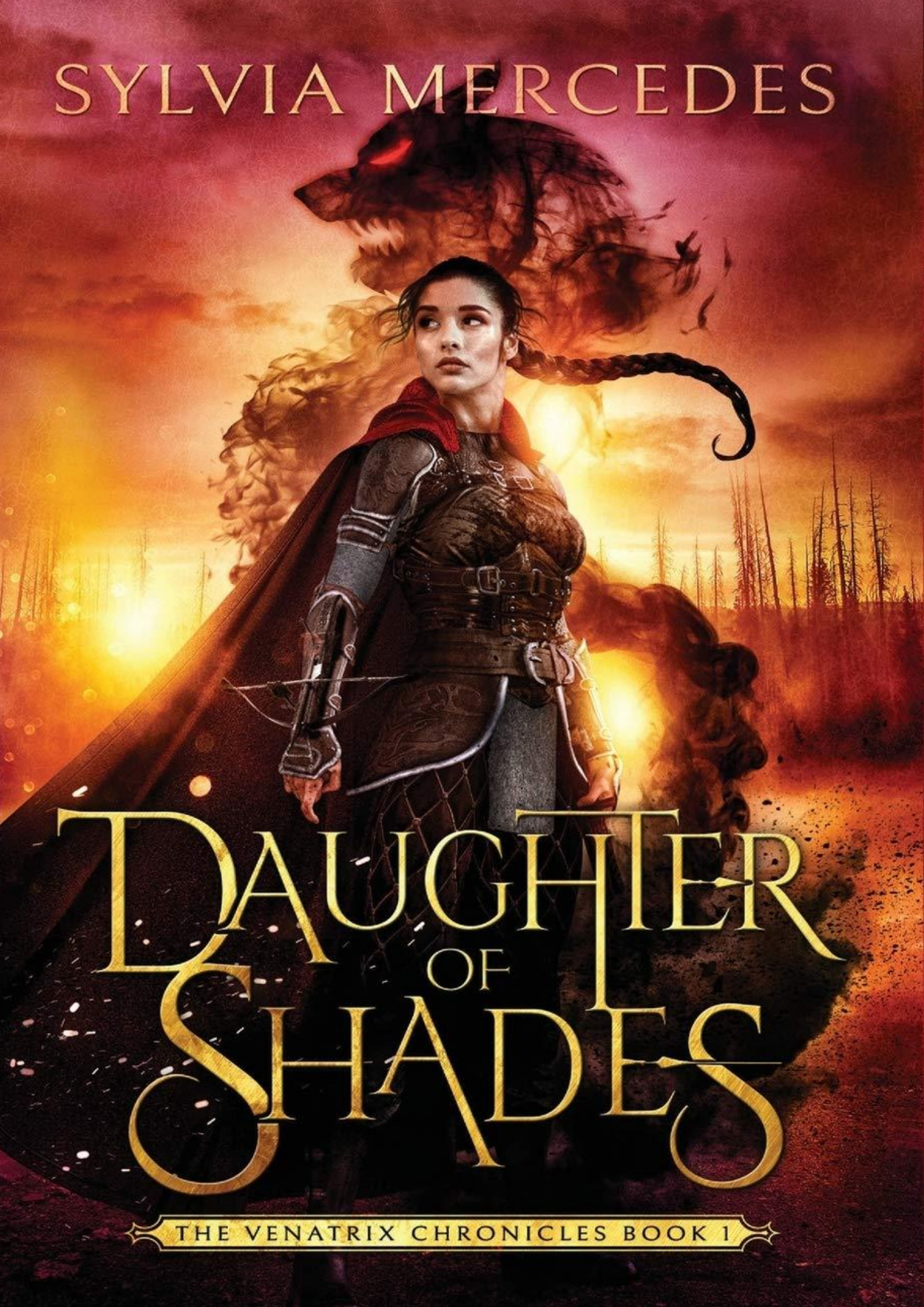


SYLVIA MERCEDES



DAUGHTER OF SHADES

THE VENATRIX CHRONICLES BOOK 1



Avisos

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA, INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZE PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUA LIVROS FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E CANAIS ABERTOS COMO OS DO TELEGRAM.

NÃO MENCIONE NOSSAS TRADUÇÕES EM REDES ABERTAS, TAIS COMO: TIK TOK E INSTAGRAM.

NUNCA FALE SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS POR NÓS PARA AUTORES (AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIE SEMPRE QUE PUDER OS AUTORES COMPRANDO SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

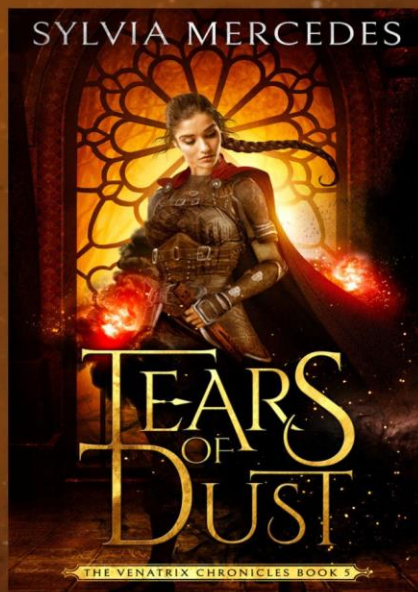
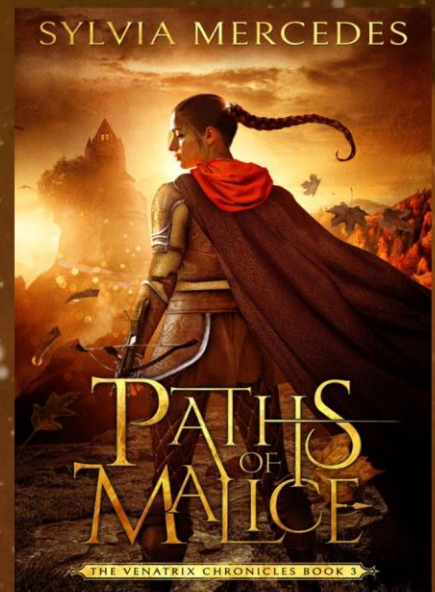
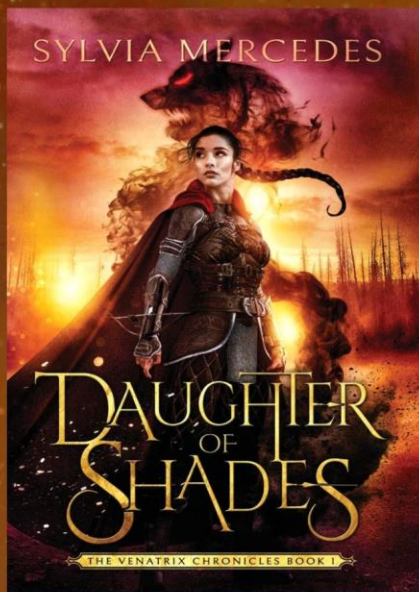


DORRINGS



THE VENATRIX CHRONICLES

ORDEM DE LEITURA



SUMÁRIO

Sinopse

Glossário Das Sombras

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Epílogo

SINOPSE

Uma caçadora sem passado. Um rival com um segredo.

O destino de um reino está em jogo...

Ayleth e sua sombra se movem como uma só, sempre com fome de caça. Sob o controle rígido de sua mentora, ela teme que suas memórias estejam sendo roubadas. Agora com dezenove anos, aprendiz desde que ela consegue se lembrar da misteriosa Ordem Sagrada, ela anseia por subir na hierarquia e banir os espíritos indomáveis para o profetizado Príncipe Dourado.

Quando ameaças sombrias caem sobre a coroa, Ayleth aproveita uma oportunidade única para provar seu valor em uma competição aberta. Procurando ganhar o favor do príncipe e escapar de sua mentora intrigante, ela resolve enfrentar Terryn, um oponente bonito e arrogante que pode ser mais do que um adversário para seus poderes não testados.

Mas à medida que os dois rivais seguem uma trilha além da Grande Barreira e enfrentam o mal lendário, os segredos roubados do passado de Ayleth podem voltar para assombrá-la...

Ayleth pode vencer o julgamento e recuperar seu verdadeiro eu? Ela pode sobreviver ao seu primeiro dia?

THE VENATRIX CHRONICLES

KINGDOM
OF
PERINION

Skada Mountains

Drauvall Borough

Aalis River

Castra Breca

Wodechran Borough

Sang River

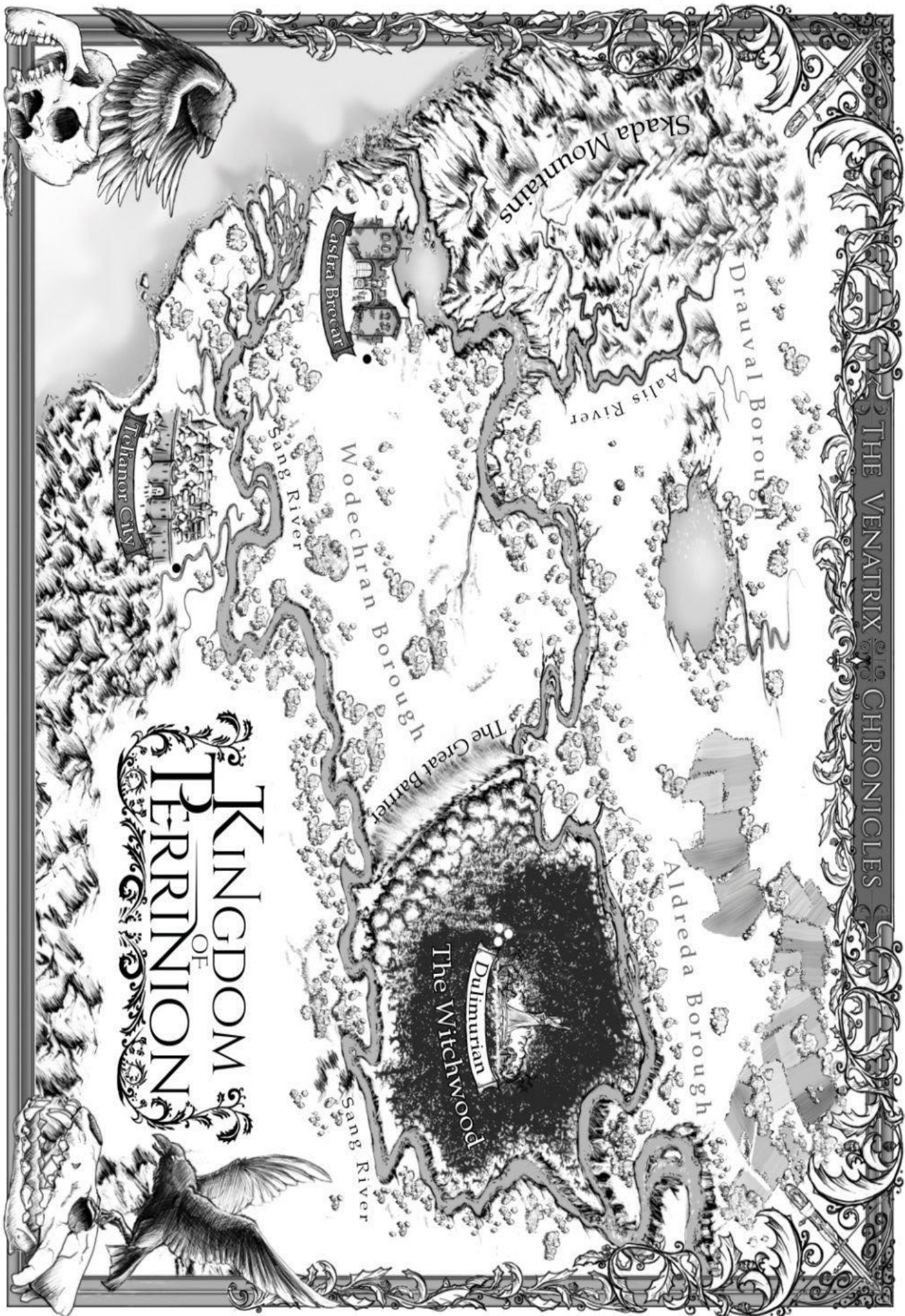
Telamor City

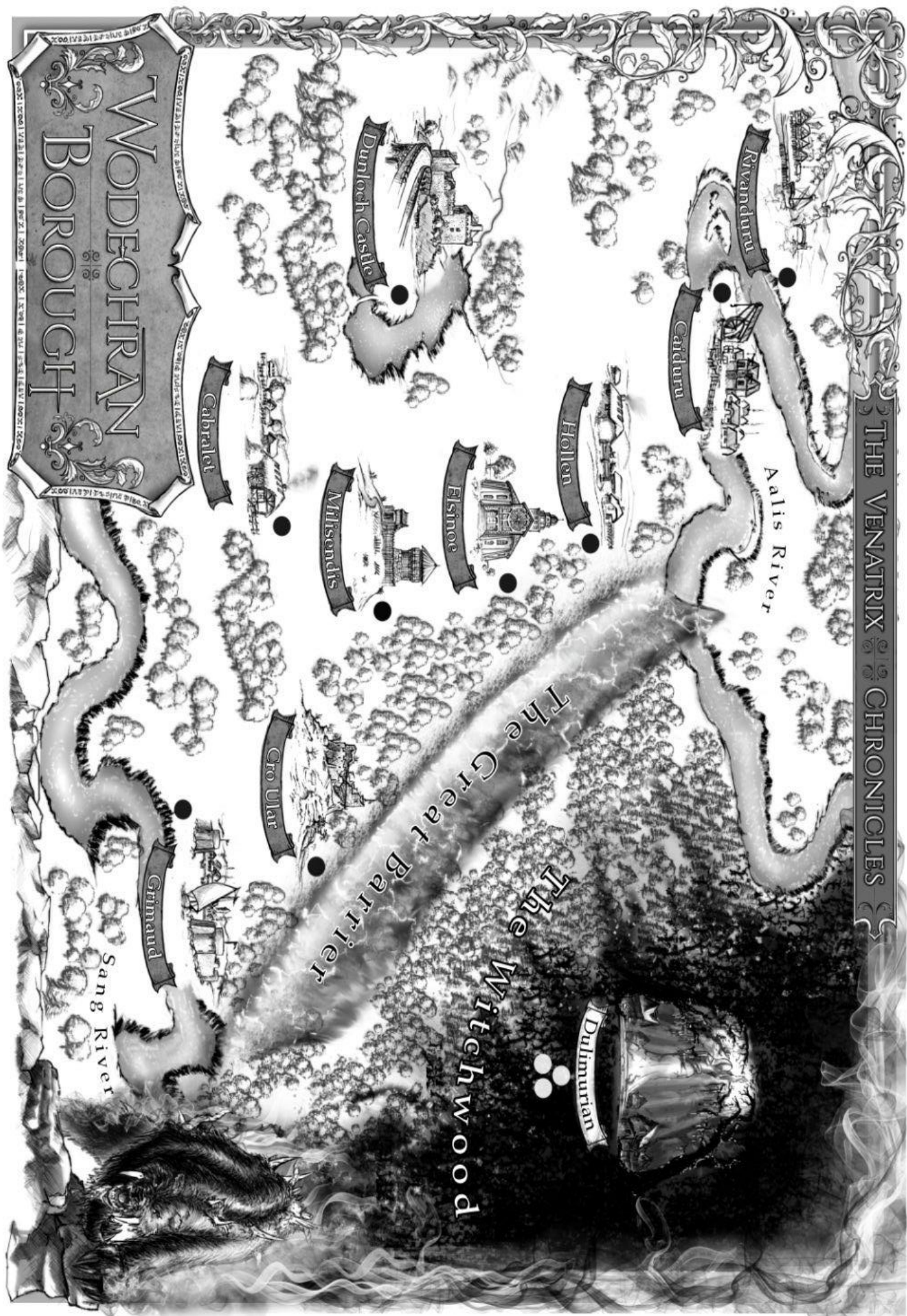
The Great Barrier

Aldreda Borough

Dulmurian
The Witchwood

Sang River





Alis River

Rivanduru

Caiduru

Hollen

Elsmoe

Milsendis

Cro Ular

Gimaud

Sang River

Dulimurian

Dunloch Castle

Cabralet

WODECHRAN
BOROUGH

GLOSSÁRIO DAS SOMBRAS

Sombras: Seres espirituais desencarnados que escaparam de sua dimensão infernal - as Assombrações - e entraram no mundo mortal. Eles não podem existir em uma realidade física sem hospedeiros mortais, a quem possuem e dotam de poderes não naturais. Se não forem controlados, eles ganharão ascendência dentro de um corpo hospedeiro e expulsarão a alma original, tomando posse total.

A seguir estão as variedades conhecidas de tonalidades, conforme catalogadas pela Ordem de Santo Evander:

ANATHEMAS

Habilidades pertencem ao sangue e lançamento de maldições.

APARIÇÕES

Habilidades pertencem ao controle e manipulação da mente.

ARCANES

Entidades misteriosas com habilidades não totalmente compreendidas, mas que parecem pertencer a energias como calor, movimento, luz, magnetismo e eletricidade.

ELEMENTARES

As habilidades pertencem aos elementos naturais do vento, fogo, água e terra.

EVANESCER

As habilidades pertencem à *evanescência*, ou viagem de distância instantânea.

FERAIS

Habilidades referem-se a sentidos aguçados, força aumentada e agilidade.

LURES

As habilidades referem-se a vozes encantadoras e cantos de sereias.

VISTORES

As habilidades pertencem a visões, previsões e adivinhação. Também pode olhar para o passado.

SHIFTERS

Habilidades pertencem à transformação temporária de corpos hospedeiros.

TRANSMUTADORES

Habilidades dizem respeito à transformação e manipulação de substâncias materiais.

PRÓLOGO

Eles colocaram uma maldição na estrada.

A bruxa puxou as rédeas de seu cavalo, interrompendo-o. Seus olhos se arregalaram enquanto ela olhava para a frente. A escuridão da noite se fechava em torno dela, as sombras das montanhas imponentes se agrupando para obliterar tudo de vista. Mas ela não estava limitada apenas à visão mortal. A luz da sombra brilhava em seus olhos e ela podia ver claramente.

Além disso, ela podia sentir a maldição. Tecida com habilidade especializada, pulsava com uma fraca qualidade musical que atingia suas percepções de tal forma que a fez ver uma teia de magia zumbindo bloqueando seu caminho. A maldição de um venador. Uma armadilha preparada para prendê-la se ela ousasse se aproximar. De alguma forma, seus perseguidores devem ter discernido sua rota de fuga, e um daqueles venadores destruídos pelas Assombrações se adiantou e plantou essa maldição aqui. Na única estrada segura sobre as montanhas Skada, a única estrada segura para a liberdade.

A bruxa cuspiu palavras sujas entre os dentes, agarrando as rédeas de seu cavalo inquieto com uma mão, enquanto em seu outro braço algo se contorceu. Um grito agudo encheu a escuridão que se aprofundava. A bruxa olhou para baixo e gentilmente puxou de lado a aba de sua capa escura protegendo o pequeno pacote que ela carregava.

— Hushaby, meu amor. — Ela sussurrou para o bebê, que piscou os olhos negros enormes para ela. — Hushaby, minha querida. Eu não vou deixar que eles te machuquem.

O bebê se acalmou, embora sua boquinha franzisse em uma carranca trêmula. A bruxa olhou para trás por cima do ombro. A estrada que ela seguiu conduzia firmemente através do sopé das montanhas, trocando o campo civilizado pelo deserto dessas encostas florestadas. Sua posição atual oferecia uma visão dominante de seu rastro por pelo menos meio quilômetro. Aqueles que a perseguiam usavam roupas escuras para se misturar à paisagem, mas não podiam esconder suas almas, que brilhavam com sua visão sombria.

Lá estavam eles. Aproximando-se rapidamente, incitando seus cavalos ao longo do caminho acidentado, sem se importar com possíveis armadilhas na luz fraca. Eles sabiam que estavam perto de pegá-la. E eles sabiam que a maldição bloqueava seu caminho.

O bebê chorou de novo, apertando o coração da bruxa. Ela tinha que agir e rápido.

Ela desmontou, suas botas esmagando o caminho rochoso que ela seguiu. Apertando o bebê contra o peito, ela deixou o cavalo para trás e fugiu para a floresta escura. A maldição não poderia se estender muito, e se ela tomasse cuidado e não perdesse seu senso de direção no escuro, certamente ela poderia encontrar um modo de contorná-la. Ainda havia esperança. Ainda havia uma chance. Ela poderia salvar o pequeno embrulho em seus braços.

Seus lábios se curvaram em um grunhido determinado enquanto ela escalava o terreno difícil, mais fundo na floresta. Ela estava exausta. Por muitas noites ela fugiu sem descanso, parando apenas para trocar de cavalo ou para alimentar e cuidar do bebê. Nada disso importava. Ela invocou o ser dentro dela, usando a força sobrenatural que oferecia para se impulsionar, cada vez mais forte, cada vez mais rápido. Se ela pudesse apenas atravessar essas montanhas, ela estaria livre. Os venadores não a seguiriam lá. Eles não

espalhariam seus poucos números agora, não com a guerra chegando ao seu limite.

— Princesa Olecia!

A bruxa se encolheu, sua respiração presa na garganta. Ela não deveria se virar. Ela deveria mergulhar para a frente, empurrar-se até o limite de seus poderes de sombra. Mas ao som de seu nome, ela girou e viu uma figura aparecer de repente entre duas árvores. Uma figura cujo rosto estava escondido sob um capuz vermelho baixo. Para a visão sombria da bruxa, a cor daquele capuz parecia brilhar como fogo na escuridão.

A figura ergueu o braço, e um traço de luar perdido através das árvores cintilou nos fechos de metal de um arco de pulso e na ponta afiada de um dardo envenenado. A bruxa viu tudo isso em um piscar de olhos e desviou para o lado. Não foi rápida o suficiente.

O dardo atingiu sua coxa. Apenas uma pequena pontada de dor... mas ela sabia o que significava. Ela tinha visto os efeitos do veneno que agora percorria seu sistema.

Com um rugido, a bruxa se lançou, não para longe em voo, mas direto para a figura, que lutou para recarregar. A fúria de sua sombra interna ardeu em suas veias como fogo, e mesmo enquanto ela apertava o bebê contra si, ela estendeu a mão livre, pegou o venador pela garganta e, com um único toque de força extraordinária, quebrou seu pescoço. Ele caiu como uma boneca de palha no chão aos pés dela, e ela deu um passo para trás, observando com satisfação enquanto seu espírito, e sua sombra, lutavam para se libertar de seus confins mortais.

Mas ela não poderia demorar mais nesta morte.

O uivo solitário de um lobo encheu a floresta, selvagem e cruel, ávido por sangue. Ela não se importava com isso; os lobos não eram uma ameaça

para alguém como ela. Mas seus sentidos intensificados pela sombra discerniram o barulho de botas na floresta. Pelo menos mais dois caçadores de sombras estavam em seu encalço. Agora que o veneno deles corria por suas veias, ela não seria capaz de fugir deles.

Ela cambaleou, sentindo a lenta paralisia assumindo o controle. Isso a dominaria completamente em questão de minutos, possivelmente antes, deixando-a viva, acordada, mas totalmente incapaz de lutar. Então eles a encontrariam e lhe dariam sua Morte Gentil, conduzindo sua alma e sua sombra para a danação eterna.

E uma vez que isso fosse feito, eles queimariam seu bebê vivo.

Sua visão ficou turva. Sua sombra já sucumbiu ao veneno, e ela mesma o seguiria em breve. — Não, não, não. — Ela sussurrou desesperadamente, desejando que ela ousasse orar, desejando que ela ousasse esperar que a Deusa ouvisse o apelo de uma bruxa.

Mas ela foi amaldiçoada, abandonada. Uma criatura nascida da blasfêmia. A Deusa não oferecia misericórdia a sua espécie.

Mesmo quando sua visão dobrou, ela viu uma árvore oca assomar diante dela, uma boa tempestade de vento a derrubou em sua ruína final. Ela se forçou a ir nessa direção, sentindo seus braços afrouxarem, temendo que deixasse o bebê cair.

— Eles não sabem que eu a tenho. — Ela disse a si mesma, suas palavras arrastando. — Eles não sabem que ela está aqui. Não vou deixá-los encontrá-la.

Ela caiu contra a árvore. Uma abertura irregular na base inchada do tronco se abriu como a boca voraz de um monstro. A bruxa caiu de joelhos diante dela.

Jogando sua capa para trás, ela fez uma pausa e olhou pela última vez para aquele rosto pequeno. O bebê estava quieto, mas acordado. Piscando para ela com aqueles olhos incríveis dela. Tão cheios de vida. Tão cheios de espírito, o seu próprio e aquele outro espírito estranho que ela carregava dentro de si.

A bruxa deu um beijo naqueles pequenos lábios de buquê. — Fique quieta, meu amor. — Ela sussurrou. — Eu voltarei para você. Mas não faça barulho até eu fazer.

Com essas palavras, ela enfiou o bebê na abertura oca, o mais longe que pôde alcançar. Então ela se levantou, balançando forte, e tropeçou, desesperada para colocar a maior distância possível entre ela e a árvore. Ela conseguiu apenas alguns metros antes de cair novamente e sabia que desta vez não iria subir.

Os venadores se aproximaram. Suas vozes ecoaram pela noite.

— Eu ouvi passos! Por aqui!

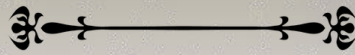
— Cuidado, Hollis! Ela matou Raimond. Quebrou o pescoço dele!

Enquanto puxava a adaga presa em sua manga, a bruxa sorriu severamente com isso. Mesmo agora, quando eles a tinham à sua mercê, eles a temiam. E bem deveriam! Ela matou muitos deles nos últimos cinco anos da guerra, causando estragos nos campos de batalha enquanto perdia toda a extensão dos poderes de sua sombra interior.

Um deles apareceu diante de sua visão nadando, uma jovem venatrix, seu rosto feroz e assustado. — Eu a encontrei! — ela gritou por cima do ombro, e enfiou um dardo em seu pulso.

Reunindo suas últimas forças, a bruxa sorriu para a venatrix.

E mergulhou a adaga profundamente em seu próprio coração.



A venatrix parou sobre o corpo da bruxa morta, seus ombros caídos, seu rosto frouxo. Com cuidado, ela retirou o dardo de seu escorpião e, tomando cuidado para não tocar em sua ponta envenenada, rolhou a ponta e o deslizou de volta para sua aljava.

Ela se ajoelhou para inspecionar o ferimento mortal da bruxa. Sangue negro, enegrecido com a sombra, jorrava de seu peito, manchando a frente de seu vestido branco. Não, não era um vestido. A venatrix franziu a testa, olhando mais de perto. A bruxa tinha fugido todo esse caminho vestindo nada mais do que uma capa e uma camisola? Por que ela não teve tempo para se vestir adequadamente antes de fazer essa tentativa repentina de fuga? Estranho...

Os dedos sem vida não resistiram quando a venatrix puxou a adaga. Era uma boa lâmina, feita de oblidite pura. A Ordem gostaria que fosse submetida aos artesãos para possível reaproveitamento.

Passos atrás dela e a voz de seu camarada gritou: — Hollis! Hollis, você está aí?

— Estou aqui, Nane. — Ela respondeu sem olhar ao redor. Seu companheiro caçador de sombras aproximou-se dela, ofegante. Ele era mais alto do que ela, mas não conseguia correr tão rapidamente pela floresta da montanha. Enquanto ele olhava para o cadáver, ela sentiu as perguntas que ele não tinha fôlego para fazer.

— Ela se matou. — A venatrix disse. — Violentamente.

— Malditas assombrações. — Nane conseguiu dizer, soprando a maldição com os dentes cerrados. Uma morte violenta dava poder a uma

sombra possuidora com uma súbita e terrível explosão de magia ao ser expulsa do corpo hospedeiro. — Você pegou?

A venatrix balançou a cabeça. — Era muito poderoso. Escapou para a floresta.

Nane colocou a mão em seu ombro. — Não importa. É improvável que encontre um novo corpo hospedeiro numa selva como esta. Certamente nenhum hospedeiro humano.

— Mas não temos certeza. — A venatrix enxugou o suor do rosto e afastou o capuz vermelho da cabeça, permitindo que uma brisa refrescasse sua pele corada. — Não entendo, Nane... — disse ela, sacudindo a cabeça. — Por que Olecia deixaria a proteção de sua mãe neste momento? Certamente Odile gostaria de manter todos os seus filhos por perto agora que a guerra está se transformando.

Nane encolheu os ombros. — Talvez a princesa pudesse ver que a profecia está prestes a se cumprir. Terrível Odile deve cair para o campeão escolhido pela Deusa. Talvez Olecia tenha pensado que poderia escapar do destino de sua mãe.

— Talvez. — Hollis suspirou profundamente. — Suponho que nunca saberemos.

Ela e seu camarada pegaram o cadáver da bruxa e carregaram-no por entre as árvores. Logo, depois que o som dos cascos dos cavalos se dissipou, as escuras florestas de pinheiros de Skada ficaram quietas mais uma vez.

Nas profundezas de uma árvore morta, um bebê se mexeu. Ela choramingou, chutando o envoltório que prendia seus membros ao corpinho. Então ela abriu a boca e soltou um grito de partir o coração.

Nas sombras da floresta, uma sombra mais profunda se moveu. Um lobo se aproximou da árvore oca, os olhos brilhando estranhamente na

escuridão. Cheirou e captou o cheiro de um humano pequeno e frágil, sozinho e abandonado.

Seus lábios se curvaram em um grunhido ansioso.

CAPÍTULO UM

O moleiro acabara de colocar o último saco de farinha moída na hora em sua carroça, preparando-se para uma viagem ao vilarejo, quando viu um Capuz Vermelho descer a estrada principal, passando por seu moinho. Ele respirou fundo e soltou uma praga, então se afastou da carroça, olhando fixamente, desejando que aquela figura a cavalo continuasse cavalgando, não parasse, não olhasse em sua direção.

Em vez disso, ela virou a cabeça do cavalo e subiu o caminho direto para ele.

Ele nunca tinha visto um Capuz Vermelho pessoalmente antes. Rumores abundavam em todo o bairro, e ele até falara com aqueles que afirmavam tê-la avistado cavalgando suas trilhas solitárias. Uma figura de pavor, mas um mal necessário. Sem sua presença, o campo seria atormentado por sombras e tomado por assombrações. O moleiro sabia que deveria ser grato.

Mas isso não o deixava com menos medo.

— Ebern. Venha aqui, garoto. — Ele latiu.

Seu filho apareceu na porta do moinho, seu rosto, cabelo e mãos brancos com a farinha que ele estava limpando da grande pedra de moinho. — O que...? — Sua voz se interrompeu quando ele também viu a figura se aproximando. Sem outra palavra, ele correu para o lado do pai, fechando o pequeno corpo como se quisesse se esconder atrás do moleiro.

— Fique quieto e não atraia os olhos dela. — Murmurou o moleiro. — Você não quer o que vive dentro dela olhando para você diretamente.

O menino assentiu solenemente e apertou a mão do pai.

Capuz Vermelho montou seu cavalo marrom alto até a carroça do moleiro. O moleiro não conseguia ver muito de seu rosto sob a sombra de seu capuz, embora tivesse a impressão de que ela era mais jovem do que ele esperava. Seu braço direito ostentava uma braçadeira de couro e um arco de pulso dobrado. De sua braçadeira esquerda, uma ponta de ferro afiada se projetava como uma presa. Amarrada em seu peito estava uma série de pequenas aljavas cheias de dardos. De seu cinto pendiam três bainhas, uma das quais segurava uma lâmina longa, mas as outras... elas seguravam armas estranhas de longe.

— Você é Miller Roch?

Ela tinha uma voz profunda para uma mulher, com uma ligeira aspereza como um rosnado na ponta. O moleiro sentiu a intensidade de seu olhar fixo sobre ele.

— Eu sou. — Ele engoliu em seco, tentando molhar a garganta seca. — Como posso... Como posso ser útil?

Capuz Vermelho desmontou, balançando levemente para baixo de sua sela. Com seu cavalo em rédea solta, ela deu vários passos mais perto. O moleiro resistiu ao impulso de recuar. Seu filho choramingou e pressionou contra seu lado.

— Chegou-me a notícia de um cachorro levado à sombra por aqui. — disse o Capuz Vermelho. — O oficial de justiça local me disse que o cachorro pertence a você.

O moleiro balançou a cabeça rapidamente. — Nosso cachorro se foi. Cinco dias agora. Tomado pela sombra ou não, não está aqui. Nós temos... — Ele engoliu em seco novamente, lutando para falar sem tremer. — Não temos nada a ver com qualquer assombração.

Capuz Vermelho inclinou a cabeça para o lado. Então, para a surpresa do moleiro, ela puxou o capuz para trás, permitindo que o sol brilhasse completamente sobre um rosto estranhamente adorável e assustador. Sua pele era pálida, mas sardenta de longas horas cavalgando ao sol, apesar da proteção de seu capuz. Cabelo escuro preso em uma longa trança pendurada em um ombro. Suas sobrancelhas eram grossas e ligeiramente unidas de modo que uma linha tênue se franziu entre elas, dando-lhe uma expressão inconscientemente feroz.

No entanto, eram seus olhos que assustavam o moleiro. Eles eram totalmente pretos, sem diferença perceptível entre a pupila e a íris. E por trás daqueles olhos brilhavam uma luz e um movimento estranhos.

Seus joelhos tremeram. Ele esperava não se desonrar na frente de seu filho.

— Disseram-me que o cachorro falou. — disse Capuz Vermelho.

— Não que eu já tenha ouvido falar. — O moleiro sentiu os dedos do menino apertarem ainda mais sua mão.

Como se atraída por aquele movimento quase imperceptível, o olhar da Capuz Vermelho passou do moleiro para o menino. — E qual é seu nome? — ela perguntou.

O menino respirou fundo e olhou para o pai, cuja tentativa de um sorriso reconfortante saiu mais como uma careta. — Responda à senhora.

Não querendo encontrar os olhos terríveis da Capuz Vermelho, o menino olhou para seus sapatos. — Ebern. — Ele murmurou tão baixinho que o próprio moleiro mal conseguia ouvi-lo.

— Diga-me, Ebern. — disse a Capuz Vermelho. — O cachorro alguma vez falou com você?

O menino balançou a cabeça, franziu a testa e acenou com a cabeça. Ele acrescentou rapidamente: — Silky nunca teve a intenção de fazer mal!

A Capuz Vermelha estreitou os olhos e a cabeça ligeiramente inclinada para o lado. — Como Silky falou com você? Você conhecia as palavras que ela usou? — Quando o menino não respondeu, confuso com a pergunta, ela tentou novamente: — Silky falava em gaulês ou era alguma outra língua que você ouviu?

O menino virou o rosto para o lado do pai, incapaz de responder pelo terror. O moleiro o puxou para perto, envolvendo o braço protetoramente em volta dos ombros ossudos da criança. — O menino não foi levado. — disse ele. — Você pode testá-lo.

— Não se preocupe. A alma do menino não é da minha conta. — Capuz Vermelho largou as rédeas do cavalo, deu três passos para mais perto e se agachou, ficando com o rosto na altura do de Ebern. A criança se contorceu, querendo escapar de seu olhar, mas então de alguma forma seus olhos encontraram os dele, e ele não conseguiu desviar o olhar. Ele olhou para ela, sem piscar, as lágrimas se formando, mas não caindo.

— Qual foi a voz do cachorro quando falou com você, Ebern? — Capuz Vermelho perguntou no que possivelmente deveria ser um tom gentil, se tal coisa era possível para uma voz como a dela.

O menino fungou. — Ela... ela parecia minha irmã.

Com isso, a linha de popa entre as sobrancelhas do Capuz Vermelho se aprofundou. Ela se levantou mais uma vez e enfrentou o moleiro. — Você tem uma filha?

— Sim. Hedy é minha garota.

— Posso falar com ela?

O moleiro balançou a cabeça. — Hedy fugiu com seu namorado há um mês. Ninguém os viu desde então.

Sua boca franziu em uma linha fina enquanto ela considerava esta informação. O mundo estava silencioso, exceto o som do rio fluindo e a roda do moinho rangendo ao girar. — Diga-me... — ela disse finalmente. — Por que Hedy fugiu com seu jovem? Você não aprovou a combinação?

— Eu... Não vejo como isso tem a ver com o cachorro.

— Responda à pergunta.

O moleiro esfregou a nuca, a mandíbula cerrada. Não importava o quanto ele desejasse, ele não ousava praguejar na presença dessa jovem imponente, não enquanto aqueles olhos negros dela estivessem fixos nele. — Eu prometi a mão dela ao Fazendeiro Malger. — Ele admitiu por fim. — Ela não o favoreceu, embora ele teria sido um par melhor. Ele possuía sua própria terra e tudo, não como aquele garoto dela.

— Fazendeiro Malger. O homem que foi morto três noites atrás?

O moleiro balançou a cabeça lentamente. — Então, você ouviu falar disso. — Ele se apressou em acrescentar: — Não tem nada a ver comigo ou com os meus, eu juro.

— O irmão de Malger afirma ter visto seu cachorro sobre o corpo do fazendeiro. Ele disse ao oficial de justiça que seus olhos brilhavam com magia.

A boca do moleiro se torceu de raiva. — Ele está tentando lançar uma calúnia sobre mim porque minha filha não gostou do irmão dele. Isso é tudo. É conversa e nada mais.

A Capuz Vermelho não disse nada. Ela apenas olhou para ele.

— Você pode vasculhar minha casa, vasculhar minha fábrica. — O moleiro balançou o braço para indicar todo o seu pequeno domínio. — Procure em todos os meus terrenos por aqui. Você não encontrará couro nem pelo de

cachorro. Se ela teve alguma coisa a ver com a morte de Malger, se ela foi tomada pela sombra como eles afirmam, não sabemos nada sobre isso. Você tem que acreditar que a entregaríamos para você de uma vez se a tivéssemos. Não queremos problemas com... seu tipo.

Ainda assim, seus olhos se recusaram a deixar seu rosto. Ele baixou o olhar e abaixou a cabeça, como um homem esperando o golpe do carrasco cair.

— Diga-me a rota mais rápida para a fazenda de Malger.

Com um suspiro estremecido, o moleiro olhou para cima para descobrir que ela não estava mais olhando para ele, mas virando o cavalo e se preparando para montar. Com pressa, ele disse a ela o caminho a seguir, seu coração acelerando com a esperança de que ela fosse, que ela removeria sua sombra malévola de sua porta.

Capuz Vermelho montou, então parou para ajustar as várias bainhas penduradas em seu cinto em posições mais confortáveis. Ela puxou o capuz de volta sobre a cabeça, escondendo o rosto de vista. — Obrigada, Miller Roch. — ela disse. — Eu tenho o que vim buscar.

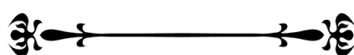
Ela voltou a cabeça do cavalo para a estrada principal. Assim que ela o estimulou a se mover, o menino se separou de seu pai e gritou: — Você vai machucar Silky?

— Silêncio! Silêncio! — o moleiro gritou, mas tarde demais.

A Capuz Vermelho fez uma pausa e olhou em volta, fixando seu olhar no menino. O moleiro prendeu a respiração e ele agarrou o filho pelos ombros.

Mas a Capuz Vermelho apenas disse: — Vou libertar seu cachorro. E salvar todos vocês.

Com isso, ela partiu.



Hollis com certeza iria matá-la.

Um sorriso sombrio torceu a boca de Ayleth quando ela deixou o moinho de Roch para trás e entrou na estrada principal. Ela só podia esperar que as instruções do moleiro fossem precisas. Ela não estava familiarizada com esta parte do bairro, e não seria bom para ela se perder no caminho para sua primeira caçada solo.

Dois dias atrás, ela recebeu a convocação para investigar esses rumores de sombra, fez as malas e deixou seu posto avançado na montanha. Durante a longa viagem, ela tivera muito tempo para considerar o fato inegável de que Hollis iria matá-la. E ela provavelmente mereceria. Ela partiu nessa caçada sem a permissão de sua patroa, e quando Hollis descobrisse...

Ayleth estremeceu, mas mesmo assim firmou a mandíbula. Quantas vezes ela implorou por uma chance de caçar sozinha, para provar suas habilidades? Ela não era mais uma aprendiz verde. Ela era uma venatrix, uma caçadora de sombras, treinada e pronta.

Além disso, Hollis estava ausente quando o oficial de justiça chegou com a notícia do cão levado à sombra. Ela tinha saído em outra caçada e poderia não voltar por semanas. Enquanto isso, o cachorro, que já havia matado um homem, pode matar novamente. Deveria ser tratado.

O aperto de Ayleth no punho da sela aumentou. Talvez esta fosse a oportunidade que ela estava esperando. Ela protegeu o olhar, perscrutando os campos de cevada e centeio até uma casa de fazenda distante. Se ela carregasse de volta a carcaça de um cachorro levado à sombra, o espírito dentro dele expulso com sucesso e o mundo um pouco mais seguro, então talvez... poderia ser...

— Talvez Hollis veja que estou pronta para uma postagem minha. Talvez ela me deixe me apresentar ao Príncipe Dourado.

As palavras escorregaram entre seus lábios em um sussurro tão suave que os ouvidos sensíveis de seu cavalo nem piscaram com o som. Ela corou, no entanto, e seus olhos dispararam para os lados, como se alguém nos campos circundantes pudesse tê-la ouvido. Pode até agora zombar dela por imaginar que ela poderia ganhar a aprovação de um príncipe.

Mas porque não? Ayleth endireitou-se na sela e respirou fundo pelas narinas. Talvez ela fosse audaciosa. Mas se ela não tentasse, ela nunca saberia. Ela acabaria presa aqui neste bairro atrasado para o resto de sua vida e nunca descobriria tudo o que era capaz de realizar.

Ela se imaginou vestindo um uniforme impecável, as fivelas brilhantes de esmalte. Sua capa, não manchada por anos de uso árduo, varreria dramaticamente atrás dela enquanto ela marchava ao longo de um corredor com pilares até a base de um pedestal alto no qual ficava um trono. A figura naquele trono... Sua mente não conseguia imaginá-lo, mas o Príncipe Dourado, o herdeiro profetizado do reino, deveria ser nada menos que glorioso, dourado e brilhante. Ela o saudaria com seu braço de escorpião, jurando seu serviço, e ele estenderia a mão direita sobre ela e diria...

Sua imaginação parou quando realidades dolorosas se fecharam. O que ele diria? Provavelmente algo como: — Então, quais são exatamente suas credenciais?

Ayleth mordeu o interior da bochecha e, com um aceno de cabeça, voltou a se concentrar na paisagem ao seu redor. Era um sonho estúpido. Além disso, até que ela derrubasse este cachorro tomado pela sombra, ela não iria a lugar nenhum.

Era hora de se concentrar no negócio em questão.

De acordo com as instruções do moleiro, a casa da fazenda logo à frente pertencera ao Fazendeiro Malger. Era uma estrutura robusta construída com pedra local, com telhado de palha fresca. Vários grandes celeiros estavam além dele, também de pedra. O fazendeiro Malger se deu bem.

Até que um cachorro tomado pela sombra rasgou sua garganta cinco noites atrás.

Ayleth esquadrinhou os campos dourados e exuberantes quase prontos para render uma boa colheita. Protegendo os olhos com a mão, ela procurou nas colheitas bem ordenadas por sinais de perturbação. O fazendeiro Malger foi morto em um de seus próprios campos e... Ah! lá estava. Os restos mortais do fazendeiro há muito haviam sido levados, mas os sinais de luta permaneceram, os caules da cevada quebrados e dobrados.

Ayleth desmontou e amarrou o cavalo a um poste de cerca. — Eu já volto, Chestibor. — Ela murmurou para sua montaria. Ele deu a ela um olhar plácido, e ela deu um tapinha em sua bochecha larga antes de pular a cerca para entrar entre os talos tufados.

Algo se mexeu dentro dela. Quando ela se aproximou daquele lugar no campo onde a violência tinha sido cometida, algo sombrio mudou em sua alma, tenso em suas amarras.

Caçada, uma voz rosnou em sua cabeça. *Caçada, caçada.*

— *Em breve.* — respondeu Ayleth, falando em sua mente, não com sua boca mortal.

Vento, sol e chuva já haviam apagado o sangue do morto. Ayleth estava naquele local da morte recente, olhando em volta para os caules quebrados, os olhos brilhantes e alertas, os sentidos aguçados. Seus sentidos mortais... e aqueles outros sentidos estranhos alcançando sua consciência.

Sinto cheiro de sombra, disse a voz em sua cabeça.

Quando falou, Ayleth inalou e acreditou que ela também o cheirava. Mas cheirar não era a palavra certa. Isso não era nenhum sentido mortal queimando seu sangue e ossos. Isso era sentido de sombra, uma percepção do espírito. Em sua mente, ela quase podia ver o que não estava mais lá. Ela quase podia ver a forma fantasma do corpo de Malger em ruínas enquanto ele lutava para respirar pela garganta rasgada, sangue escorrendo das artérias e encharcando o chão.

Ela podia sentir o cheiro do desespero da alma de Malger. O medo. E... e qual era aquele outro perfume?

Ayleth se agachou para colocar as mãos sobre os talos quebrados, bem onde o torso do morto deve tê-los esmagado ao cair. Respirando fundo, ela fechou os olhos, permitindo que aqueles sentidos poderosos funcionassem. O que foi isso? Medo e desespero e...

— Culpa? — ela sussurrou.

Seus olhos se abriram. Ela franziu a testa para a cevada arruinada sobre a qual ela se agachou. Endireitando-se, ela sentou-se sobre os calcanhares e olhou ao redor do campo solitário.

Sombra! Sombra! rosnou a voz dentro dela.

Sim, ela podia captar vagamente o traço de um espírito das trevas. Mas não o suficiente para segui-lo.

Mesmo enquanto ela considerava suas opções, os dedos de sua mão direita moveram-se quase inconscientemente para uma das três bainhas em seu cinto. Tomando uma decisão, ela se levantou e puxou a arma. Esta não era uma arma comum, nenhuma adaga ou porrete. Era seu Vocos, uma flauta de duas cabeças esculpida em osso de animal. Um instrumento antigo, ligeiramente amarelado com o tempo, mas altamente polido e ainda perfeito no tom e no som.

Com um movimento rápido e proficiente, Ayleth abriu os dois tubos, de modo que formaram um V no bocal. Respirando fundo em seu intestino, ela soprou. A flauta ganhou vida, sua voz esvoaçante mergulhando em sua alma como as raízes de uma árvore poderosa, torcendo-se e virando no solo, na rocha.

Os dedos de sua mão direita moveram-se levemente ao longo dos cinco orifícios do gravador, escolhendo as primeiras linhas da melodia, a Convocação. A poderosa canção mágica se espalhou no ar, envolvendo as reverberações profundas do instrumento e então se espalhando em uma explosão de música selvagem. Tudo além do alcance da audição mortal. Música destinada apenas ao mundo espiritual.

Enquanto tocava, Ayleth fechou os olhos e se concentrou, não no mundo mortal ao seu redor, mas no reino do espírito. O reino de sua própria mente. Aqui não havia campos, nem casas de fazenda. Neste reino, pinheiros escuros assomavam altos, lançando longas sombras cortadas com brilhantes raios de sol.

A Canção de Convocação girou em torno dela, então varreu por esta floresta mental. Em resposta ao seu chamado, as sombras mais profundas lançadas pelos pinheiros se aglutinaram, mudando, contorcendo-se, solidificando-se para formar uma forma volumosa envolta em uma densa camada de pelo da meia-noite. Olhos vermelhos fitaram Ayleth, brilhando como brasas recém-acesas.

Me deixe ir. Deixe-me caçar, exigia a voz rosnante em sua mente.

— *Você vai caçar, Laranta.* — Ayleth respondeu, falando em espírito enquanto sua boca mortal continuava tocando a flauta Vocos. — *Mas você vai me obedecer.*

O ser se aproximou pela floresta até estar diante de Ayleth. Sua cabeça estava quase no mesmo nível da dela, seus pelos eriçados com a tensão, suas garras cravadas na sujeira dessa paisagem mental.

Laranta. Seu companheiro mais próximo. Seu maior inimigo.

Esta era a terrível verdade por trás das habilidades que ela praticava. Esta era a verdade para todos os que dedicaram a vida à Ordem de Santo Evander. Como uma venatrix, Ayleth lutava contra as sombras: forças dos Assombrados que invadiram este mundo e atormentavam os seres mortais. Mas ela não poderia lutar contra as sombras se ela própria não fosse uma sombra.

Ayleth possuía esse espírito que a dotava de um tremendo poder... e ameaçava sua vida e alma a cada minuto de cada dia.

No mundo mortal, os dedos de Ayleth mudaram a melodia da Convocação para uma nova melodia, a Canção de Comando. O feitiço da música atacou o espírito mortal.

Laranta se encolheu. *Por que você me machuca? Eu quero ajudar. Eu quero caçar.*

Ayleth se fortaleceu contra esses protestos. Ela deveria manter sua sombra alinhada, deveria controlá-la com cuidado. Esta era sua primeira caçada solo, e ela não ousaria cometer um erro.

— *Encontre o cheiro, Laranta.* — ela falou no mundo espiritual. — *Encontre a trilha.*

Ela tocou uma nova variação em sua flauta, mudando o foco do feitiço, e sua sombra saiu de sua mente em um fluxo escuro de magia e malícia para se manifestar diante dela no mundo físico como um enorme lobo negro. Isso era apenas uma ilusão, os seres espirituais não têm corpo físico, mas para Ayleth sua aparência era completamente convincente em todos os detalhes. Ela podia

ver cada cabelo de sua pelagem desgrenhada, cada músculo ondulando sob sua pele. Cada dente afiado curvando seu lábio superior.

Obediente ao seu comando, o lobo das sombras abaixou a cabeça e começou a farejar. Ayleth, enquanto isso, encerrou a canção do feitiço e deixou a flauta cair de seus lábios. Ela observou enquanto Laranta, orelhas em pé, nariz ainda perto do chão, se afastou do lugar onde o corpo de Malger estava.

De repente, a sombra do lobo se encolheu, um grunhido de excitação reverberando em sua garganta. *Eu tenho*. Em seguida, lançou-se para a frente, gritando: *Caçada! Caçada!*

Em sua ansiedade, a sombra puxou Ayleth vários passos em seu rastro, arrastando-a pela corda da alma que os conectava. — *Espere*. — Ela comandou, puxando de volta o controle. Sua sombra de lobo caiu para sua barriga, obediente ao comando de sua senhora.

Ayleth fechou os tubos e guardou o instrumento na bainha. Ela não podia usar o capuz vermelho durante a caça. Era um símbolo de sua Ordem, muito conhecido por estas bandas. Ela não podia arriscar que sua presa a localizasse à distância e reconhecesse o que ela era, então ela enfiou o capuz fora de vista antes de tirar seu escorpião do coldre em seu quadril. Com facilidade praticada, ela fixou a pequena besta em sua braçadeira de braço direito e carregou-a com um dardo com ponta de veneno.

— *Tudo bem, Laranta*. — Ela disse, virando-se para sua sombra de lobo. — *Encontre a sombra. Vá!*

Com um rosnado selvagem, Laranta saltou e disparou pelo campo, seguindo o rastro do espírito das trevas. Ayleth entrou em ação, correndo atrás de sua sombra, e seu coração se gloriou na alegria de sua primeira caçada de verdade.

CAPÍTULO DOIS

Disseram que seu nome era Ayleth di Ferosa, mas tinha quase certeza de que era mentira.

Hollis havia dito que o povo de Ayleth, os di Ferosas, era de um reino do norte e que ela era órfã acolhida por um castra local para ser criada na Ordem de São Evander.

— O norte enviou muitos jovens estagiários para Perrinion após a Guerra das Bruxas. — Hollis explicou a ela quando ela tinha idade suficiente para começar a questionar essas coisas. — Terrível Odile deixou nosso reino tão dizimado que havia uma terrível escassez de recrutas em potencial. Tivemos que buscar nos outros quatro reinos da Gália. Assim, você foi enviada para mim.

Era uma história boa o suficiente do jeito que as histórias se passavam, e era impossível provar ou refutar. Ayleth nunca teve oportunidade de viajar para o norte à procura de indícios de algum di Ferosas que supostamente morasse lá. Na verdade, embora ela procurasse sua mente com grande cuidado, ela não conseguia se lembrar de nada sobre a época antes de viver no Posto Avançado Gillanluòc com a mulher baixa e taciturna que era sua senhora.

— A Ordem me deu você para treinar. — Hollis disse a ela quando pressionada. — Esse treinamento é onde sua vida começa e termina. Seu passado acabou. Seu futuro é a caça. Sempre e apenas a caça.

Mas Ayleth só foi para Hollis aos sete anos. Ela deveria ter algumas memórias, embora vagas, de uma vida antes disso. Se não de família, do castra

onde viveu com outros iniciados escolhidos pela Ordem. Certamente, ela deve ter alguma lembrança dos venadores e venatrix que cuidaram dela, do conservador que dirigia o castra, do dormitório em que ela dormia, dos treinos, das orações, das cerimônias de doutrinação. Alguma coisa. Nada mesmo.

Havia apenas Hollis em sua memória. E quando ela tentou olhar mais para trás, nada exceto...

Com uma rápida sacudida de cabeça, Ayleth forçou sua concentração de volta ao presente, focalizando sua sombra de lobo à frente. Laranta perseguiu o rastro da sombra, seguindo um traço indetectável aos sentidos mortais. Às vezes, Ayleth se perguntava como sua sombra estava ansiosa para perseguir outros de sua espécie. Mas sombras geralmente não se importavam com outras sombras, e Laranta existia para caçar toda e qualquer presa.

Logo eles deixaram os campos para trás e entraram em uma região mais selvagem, além das fazendas. Aqui, o vale fértil deu lugar ao sopé ondulante das Montanhas Skada, onde rochas se projetavam no solo e as árvores cresciam com vegetação rasteira esparsa. Ayleth galopava atrás de sua sombra, seu andar inconscientemente combinava com o passo fácil de pernas longas do lobo, não exatamente uma corrida, mas um ritmo que ela poderia manter por longas distâncias sem se cansar. A força da sombra percorria seus membros, aumentando sua velocidade e agilidade. Isso tudo era uma segunda natureza para ela. Ela não conseguia se lembrar de um tempo antes de sua Possessão, não conseguia imaginar como deve ter sido essa vida, uma vida sem acesso à magia.

Quando a corda da alma que os conectava ficou tensa, Ayleth aumentou a velocidade para acompanhar sua sombra. Ela gostaria de usar sua flauta Vocos para dar a Laranta ainda mais liberdade, mas esse não era o jeito evanderiano.

— Sua sombra é sempre seu pior inimigo. — Hollis disse a ela mais vezes do que ela podia contar. — Eles são entidades espirituais de pura malícia e caos. Você nunca deve ser tentada a pensar o contrário. O poder dentro de você é uma arma a ser usada em nossa guerra contínua contra os Assombrados... uma arma que se voltará contra você em um instante se você baixar a guarda.

Como qualquer outra sombra, Laranta aproveitaria todas as oportunidades para ganhar ascendência, para assumir o controle de seu corpo hospedeiro. Eventualmente, se sua sombra ficasse forte o suficiente, poderia expulsar a alma de Ayleth inteiramente, deixando seu espírito vagar neste mundo até que ela desaparecesse no esquecimento, incapaz de ascender à Deusa.

Mas esse destino era preferível à condenação; e a condenação apenas aguardava uma alma cujo corpo pereceu enquanto ainda era tomado pela sombra. Separado de seu hospedeiro físico, o espírito maligno da sombra seria inexoravelmente atraído para os Assombrados, arrastando consigo o espírito de seu corpo hospedeiro... a menos que um venator ou venatrix pudesse primeiro executar a canção do feitiço necessária para separar as duas almas.

Em relação à sua caça atual, Ayleth sabia que não precisava se preocupar em salvar almas. A alma de um cachorro não era considerada importante o suficiente para merecer o complexo feitiço de separação. Ela deve simplesmente encontrar o animal tomado pela sombra, matá-lo silenciosamente e, em seguida, conduzir a alma da sombra para os Assombrados. O destino da alma do cachorro não era problema dela.

A inclinação tornou-se íngreme e Ayleth usou as mãos tanto quanto os pés para navegar por uma crista traiçoeira, embora Laranta se movesse à frente dela com facilidade, sua forma pesada parecia quase flutuar colina acima

coberta de pedras. Depois de subir um penhasco particularmente íngreme, Ayleth ficou aliviada ao encontrar mais terreno plano à frente. Seus ouvidos aguçados captaram o som de água corrente.

Laranta ficou tenso de repente. Uma sacudida de excitação ondulou de volta através de sua corrente de alma. — *O que é isso?* — exigiu Ayleth. — *O que você cheira?*

Sombra! Se aproximando! A sombra do lobo transbordava de ansiedade, mas em vez de correr adiante, ela se transformou em pouco mais do que uma sombra se esgueirando sob as árvores.

Ayleth abaixou-se e rastejou atrás de sua sombra. Ela já havia armado seu escorpião com um dardo mergulhado no veneno mortal chamado *mòrder* pelos evanderianos. Ayleth conhecia melhor o veneno por seu nome coloquial, Morte Gentil. Se ela tivesse sorte, ela poderia dar um tiro antes que sua presa soubesse que ela estava por perto. Uma mordida da Morte Gentil, e a sombra cochilaria e morreria pacificamente em seu sono. Assim, o espírito possessor interior seria liberado desta vida, e conduzi-lo para os Assombrados seria uma questão simples.

Se ela errasse e o cão a atacasse, se ela fosse forçada a entregar uma morte violenta, a sombra, fortalecida pela violência, explodiria de seu corpo hospedeiro caído com uma força tão grande que ela nunca seria capaz de segurá-la e subjugá-la. Ela escaparia e provavelmente encontraria um novo corpo hospedeiro a muitos quilômetros de distância, e ela teria que começar a caçada novamente.

Uma morte violenta era seu último recurso.

Ayleth subiu uma encosta, quase de barriga, movendo-se com precisão. Chegando ao topo da colina onde Laranta estava à espreita, grande e

escuro e pronto para explodir com o zelo da sede de sangue, ela perscrutou um vale rochoso através do qual corria um riacho cintilante.

Nas margens desse riacho estava o corpo de um cervo. Um cachorro enorme rasgou seu abdômen, manchando seu focinho branco de vermelho com sangue e sangue coagulado. Seus grunhidos selvagens ecoaram nas encostas do vale, um nítido contraste com o borbulhar plácido da água corrente.

— *Dê-me sua visão.* — Ordenou Ayleth.

Laranta obedeceu e Ayleth sentiu a mudança atrás de seus olhos. Ela ainda percebia o mundo mortal, mas agora um mundo de espírito cobria tudo. Ela não poderia ter usado palavras para descrever como ela experimentava essa realidade alternativa, mas em muitos aspectos era mais como ouvir. Uma pulsação de música e luz, fios brilhantes de música e energia.

Ela estudou o cachorro. Nenhum vestígio de qualquer alma de cachorro permaneceu. A própria Silky não existia mais; seu corpo fora totalmente dominado pelo espírito da sombra que a possuía.

Agora vinha a parte difícil. Ela deveria tentar determinar o tipo de sombra oculta no corpo do cachorro. Isso nunca foi fácil, pois os tons eram incrivelmente variados em seus poderes e habilidades. A Ordem os classificava em dez categorias primárias, mas dentro de cada categoria havia infinitas variações e expressões de magia. Se ela usasse o tipo errado de veneno na sombra, arriscava-se a enfurecê-lo em vez de subjugá-lo. No momento crítico, isso pode significar um desastre.

Mas mesmo depois de anos de prática usando a visão de Laranta, ela nunca conseguiu identificar a sombra apenas pela visão. A menos que ela testemunhasse uma demonstração de sua magia particular, ela não poderia saber com certeza.

A testa de Ayleth se contraiu de concentração. Se ela pudesse atingir o cachorro com a Morte Gentil, não haveria necessidade de categorizar a sombra. A Morte Gentil trabalhava com eficiência em todas as sombras tomadas. E também não tomada, por falar nisso.

Ela ajustou sua posição no chão, esticando o braço direito e mirando ao longo do escorpião. O cão continuou se movendo, mudando sua presa na tentativa de saciar sua fome voraz.

— *Pare sua respiração.* — As palavras de Hollis voltaram à sua mente, palavras que ela ouviu centenas de vezes enquanto praticava acertar alvos com seu escorpião. — *Pare sua respiração. Não corra riscos. Um tiro e apenas um tiro. Isso não é um jogo, é a vida ou a danação.*

Embora seu coração acelerasse com o desejo de disparar, Ayleth deu um longo e silencioso suspiro e prendeu-o. Ela o segurou até sentir seu batimento cardíaco desacelerar, o pulso em suas veias se nivelar. Ela focou sua visão, mirando diretamente no coração do cachorro. Seu polegar se moveu, apoiou-se no mecanismo de gatilho e começou a apertar.

De repente, o cachorro olhou para cima, diretamente para ela.

Ayleth estremeceu. Não era um cachorro. Como ela não tinha visto isso antes? Era uma jovem, uma garota mais jovem do que a própria Ayleth, com cabelos louros trançados e presos na cabeça, vestindo uma camisola de tecido áspero, mas elegante, e uma bata. Olhos suaves e bondosos ergueram os olhos para o lugar onde Ayleth agora estava agachado.

— Eu vejo você lá. — Ela disse em uma voz gentil, balançando levemente devido a uma lacuna entre os dentes da frente. — Você não vai sair?

Ayleth ficou olhando. Em algum lugar no fundo de sua mente, ela pensou ter ouvido Laranta rosnar: *Veja a cena! Veja a matança! Sombra, sombra,*

sombra! Mas ela não conseguia se concentrar nessas palavras. Não com aquela jovem olhando para ela com uma expressão tão suplicante.

— Por favor. — disse a garota. — Desça aqui. Você me assusta, se escondendo nas sombras.

Ayleth engasgou, percebendo que ainda tinha o dedo no gatilho, ainda tinha a Morte Gentil apontada para o coração da jovem. Ela rapidamente liberou toda a pressão e afastou o escorpião. Ela ficou de pé, com as mãos para cima, e saiu das sombras da floresta à vista de todos. Um pensamento veio a ela, embora ela não pudesse dizer com certeza de onde.

— Você está... você é Helder? A filha do Miller? — ela perguntou.

O rosto da garota se contraiu de tristeza. — Ela era minha anfitriã. Estive com ela muitos anos, silenciosamente, em segredo. Eu a amava profundamente e ela me amava. — Lágrimas se formaram naqueles olhos gentis, transbordando. A garota os enxugou com dedos trêmulos. — Ela foi morta.

— Morta? — Embora soubesse que deveria manter distância, algo obrigou Ayleth a descer a encosta para o vale. Suas botas derraparam no solo pedregoso, mas ela manteve o equilíbrio e não tirou os olhos da garota. — Como Helder foi morta?

Com essa pergunta, a gentileza do rosto da garota desapareceu em uma expressão de ferocidade repentina, uma expressão que parecia estranhamente com a do cachorro, seu focinho coberto de sangue. — Violentemente. — ela respondeu. Em seguida. — Deixe-me mostrar a você.

Ayleth recupera o fôlego, piscando com força.

Ela não estava mais parada à luz da tarde sob as sombras das árvores. É noite e diante dela está uma encruzilhada onde uma garota espera, a mesma garota de rosto gentil com o sorriso desdentado, segurando um pequeno pacote de pertences nas mãos.

Um menino aparece, correndo pela estrada. Ele grita: — Hedy! Hedy, estou aqui!

A garota se vira para ele e, com um grito de alegria, corre e joga os braços em volta do pescoço dele, gritando: — Kuno, meu querido!

Eles se abraçam e Ayleth desvia o olhar, constrangida com a intimidade da cena. Mas para onde seu olhar se volta, a escuridão se move.

Saindo da cerca viva onde se escondeu, um homem alto e corpulento brandia um forçado. Antes que Ayleth possa abrir a boca para gritar um aviso, ele pisa na estrada e enfia os dentes cruéis nas costas do menino. A ponta do meio perfura sua espinha, as outras duas penetram em seu intestino, direto para a garota que ele segura em seus braços.

A visão de Ayleth nadou em sangue. Ela tenta se mover, tenta gritar, mas seu corpo está totalmente congelado pelo choque. Ela observa os dois amantes caírem, ainda presos juntos em seu abraço final, ofegando e sufocando enquanto a morte os leva.

E ela observa suas almas lutarem para se libertar de seus corpos. Um único orbe de alma surge do menino... mas duas almas entrelaçadas surgem da garota, uma mortal e uma sombra. O espírito da sombra brilha com a luz de um inferno furioso, vermelho e raivoso e fortalecido pela violência da morte. Ele arranca a alma mortal, deixando-a tremer no ar acima do corpo em que estava alojada. O espírito da sombra dispara noite adentro, em busca de um novo hospedeiro.

Tudo isso Ayleth contempla no espaço de um instante. No mesmo instante, o homem puxa o forçado dos dois corpos e fica de pé sobre eles, ofegante. Então ele se curva, pega o cadáver da garota nos braços e a carrega noite adentro. Sem dúvida, ele voltará em breve para buscar o menino.

Ayleth pisca...

O riacho e o vale voltaram ao foco. Ayleth cambaleou, com a respiração áspera na garganta. A garota morta estava diante dela, doce, saudável e viva. Mas nada mais do que uma memória projetada. Uma ilusão.

— Peguei o primeiro corpo hospedeiro que pude encontrar. — disse ela. — O pai de Heldy colocou seu cachorro em seu encalço, tentando pegá-la antes que ela e Kuno escapassem. Eu encontrei uma abertura no olho do cachorro, entrei e tomei posse. — Ela encontrou o olhar perscrutador de Ayleth, e seus traços gentis mais uma vez se retorceram de ira. — Eu perdi minha Heldy. Mas eu poderia me vingar de seu assassino.

Ayleth olhou para aquele rosto, que era tão humano, mas não era. Novamente ela ouviu Laranta no fundo de sua mente, rosnando avisos. A sombra dentro do cachorro estava manipulando sua mente, fazendo-a ver coisas que não existiam. Ela estava em grave perigo, parada aqui. Ela deveria levantar seu escorpião e atirar na imagem da garota no peito.

Mas a imagem não era a realidade. Disparar em uma ilusão não adiantaria. Ela precisava ver o próprio cachorro. Mas, por enquanto, seus olhos não eram os dela.

— Não me mande de volta para o Assombrados. — A garota disse, inclinando a cabeça para o lado. — Eu escapei daquele reino, e conheci a verdadeira alegria neste mundo. Alegria com minha Heldy. Eu não desejo voltar para as trevas.

Ayleth não respondeu. Ela enfiou a mão em si mesma, procurando a corrente de alma que a conectava a Laranta. Se ela pudesse encontrar, ela poderia puxar Laranta para perto. Sua sombra de lobo teria o poder necessário para quebrar qualquer feitiço que prendesse sua mente.

— Não farei mal a este corpo. — a garota persistiu, dando um passo para mais perto de Ayleth.

— Você... você matou o fazendeiro Malger. — disse Ayleth enquanto lutava para desviar o olhar da garota. — *Laranta!* - ela chamou em sua mente, desesperadamente. — *Laranta, venha!*

— Eu me vinguei. Por Heldy. — A garota disse, sorrindo suavemente. — Eu não tenho nenhuma razão para matar novamente. Eu dirigirei este novo corpo de hospedeiro profundamente na selva. Ninguém vai ver. Ninguém vai saber.

Ayleth abanou a cabeça. — Você não pertence a este mundo. Você não pertence...

Ela parou de chorar quando algo enorme a atingiu no peito, jogando-a no chão. A garota desapareceu e, de repente, a visão de Ayleth estava cheia de dentes ensanguentados, e seus ouvidos rugiam com um rosnado selvagem. Por instinto, ela colocou o braço esquerdo entre a garganta e as mandíbulas estalando. A ponta de ferro em sua braçadeira rasgou o pelo e penetrou na carne, e o cachorro gritou, um som anormal e horrível.

Eles não suportavam o toque do ferro. O espírito dentro do cachorro recuou e Ayleth conseguiu se erguer e se agachar defensivamente. O cachorro, de cabeça baixa, latiu ferozmente para ela enquanto o sangue escorria do ferimento em seu pescoço. Ele se agachou, pronto para saltar.

— *Laranta!* — gritou Ayleth.

Aqui, o lobo respondeu. Sua sombra, um ser de espírito, não poderia golpear fisicamente o cão. Mas isso não importava.

O cachorro tomado pela sombra saltou para sua garganta no momento em que uma onda de magia atingiu os membros de Ayleth. Ela saltou e agarrou o cachorro pelo pescoço e pelo focinho, preparando-se para que não caísse de novo. O cachorro se contorceu e tentou agarrá-la, mas não conseguiu

se livrar dela. Seus dentes bateram e arranharam sua bochecha, tentando encontrar e arrancar sua jugular.

Ayleth soltou uma das mãos. Foi quase sua ruína. O cão sentiu seu aperto enfraquecer e se lançou sobre ela com fúria renovada. Sua mão direita procurou as aljavas amarradas em seu peito, encontrou uma. Ela só tinha uma chance. É melhor que seu palpite estivesse certo. Deixe estar certo, deixe estar...

Ela acertou o dardo direto no olho do cachorro.

O cachorro gritou novamente, um som que nunca deveria sair da garganta de um animal. Ele se libertou de seu domínio, recuando, balançando a cabeça. O dardo caiu no chão, mas seu veneno correu para as veias do cachorro.

A paralisia foi iniciada.

Sentindo o enfraquecimento de seu corpo hospedeiro, a sombra de dentro atacou Ayleth. Ela viu novamente não o cachorro, mas Hedy... apenas Hedy com três feridas abertas em seu intestino, sangue escorrendo por sua camisa, saindo de sua boca, saindo dos cantos de seus olhos.

— O que você fez comigo? — ela gritou, estendendo as mãos como se quisesse rasgar o rosto de Ayleth em pedaços. Ayleth voltou a dançar para longe de seu alcance. Embora a garota fosse apenas uma imagem em sua mente, ela não duvidou do poder de matar da sombra. Mas esse poder estava diminuindo rapidamente.

Ela adivinhou corretamente. A sombra era uma aparatação, uma manipuladora de mentes. E o veneno que ela escolheu agora agia tanto através de seu hospedeiro mortal quanto de seu espírito.

Ayleth observou a paralisia fazer efeito. O corpo do cão não resistiu por muito tempo. Caiu em questão de momentos, sua respiração pesada diminuindo em um ritmo lento e constante. A sombra lutou por mais tempo,

sabendo o que aconteceria a seguir. Atingiu Ayleth, usando a forma da garota em sua mente, mas sem força suficiente para alcançá-la. Ayleth simplesmente esperou.

Por fim, o veneno atingiu o centro da sombra. A imagem da garota se desvaneceu e desapareceu. Ayleth olhou para a forma adormecida do cão e viu o espírito dentro dele, não mais furioso, mas cantarolando pacificamente.

A Gentil Morte ainda estava encaixada em seu escorpião. Ela mirou no coração do cachorro e atirou o dardo direto no alvo.

Enquanto o veneno mortal fazia efeito, embalando o corpo mortal até a morte, Ayleth dobrou seu escorpião e pegou outra das três bainhas em seu cinto para puxar um segundo conjunto de tubos, os Detrudos. Como os Vocos, era esculpido em ossos de tomados pela sombra. Como o Vocos, era duas cabeças, drone e gravador. Mas o Detrudos ostentava oito buracos em seu gravador em vez de cinco, e o drone foi lançado muito mais baixo. Com o Vocos, ela criava feitiços para influenciar sua própria sombra. Usando os Detrudos, ela poderia, com cuidado, influenciar outras sombras.

O ar tremeu com uma ondulação de, não de calor, mas... Horror.

Ayleth sentiu isso. E seu intestino torceu em resposta.

Os Assombrados. Os Assombrados estavam se abrindo.

Acima, o céu tremia como um véu de seda fina sendo arrancado do outro lado. A própria realidade despedaçada; o vazio além se abriu amplamente. Ayleth piscou e sua mente resistiu à insanidade do que percebia, tentando criar uma razão onde nenhuma razão existia.

Com um esforço de vontade, ela desviou o olhar. Mas uma necessidade terrível ameaçou dominá-la, uma necessidade que ela lutou com cada fibra de seu ser. Não olhe! Não olhe! Há muito tempo, Hollis a avisara: olhar para a

boca dos Assombrados era contemplar a própria loucura. Poucos sobreviveriam.

No entanto, apesar do terror, apesar do pavor sacudindo-a até o âmago, aquela curiosidade estranha e terrível clamava... ver... saber...

Não olhe! Não olhe!

Ela focou sua alma na sombra que se erguia do corpo do cachorro. Levando os Detrudos aos lábios, ela chamou o drone profundo e gemido à vida. Floresceu da ponta do tubo como uma flor de ébano, enchendo o mundo com um aroma de lugares mais profundos do outro lado da meia-noite. Seus dedos dançaram sobre os orifícios do gravador, tocando a Canção da Expulsão.

A sombra não podia resistir, não sem a violência da morte para fortalecê-la. A canção do feitiço envolveu-a como correntes. Os dedos de Ayleth moveram-se naturalmente para as notas corretas, escolhendo uma variação severa, e ela apertou as correntes de magia.

Os Assombrados puxaram, chamando sua alma. O vazio procurou arrastar todos os espíritos para o seu centro, para lá comprimi-los finalmente em nada. Mas não poderia demorar tanto, pois sua alma ainda se agarrava à sua estrutura mortal. Nem poderia tomar sua sombra.

Então, levou o que podia. Enquanto Ayleth oferecia a alma da sombra limitada na canção do feitiço, os Assombrados se abriram amplamente e engoliram tudo, profundamente no caos esmagador e devastador.

Então, com um estrondo de escuridão que deixou Ayleth de joelhos, o portão se fechou.

CAPÍTULO TRÊS

— Você... tem certeza de que foi Hedy? E o jovem Kuno?

Ayleth permaneceu na longa sombra projetada pela alta casa do moinho, de frente para o meirinho da aldeia. Por cima do ombro dele, ela viu Miller Roch na porta de sua casa de moinho, observando-a de perto a uns bons trinta passos de distância. A grande roda do moinho rangeu, jorrando água do rio ao girar, e ela tinha certeza de que seu barulho impedia o moleiro de ouvir qualquer coisa que ela dissesse ao meirinho.

Ainda assim, ela não gostou da maneira como ele a observou. Como se ele soubesse de alguma forma que ela trouxe notícias de sua filha morta.

Ela voltou a concentrar a atenção nos olhos lacrimejantes do oficial de justiça. — Não posso saber com certeza. — disse ela. — Eu também nunca a conheci. Sei apenas que você encontrará os dois corpos em algum lugar perto da encruzilhada que descrevi, não muito longe da fazenda de Malger. Eu acredito que eles sejam Hedy e seu jovem.

O meirinho passou a mão pelo rosto. — Ah, é um negócio triste! — ele suspirou e lançou um rápido olhar por cima do ombro para o moleiro. Os dois homens fizeram o possível para não olhar para o enorme cachorro que ela carregava consigo, pendurado nos ombros. Estava a seus pés, uma carcaça sem vida coberta de sangue de veado. O oficial de justiça não pediu detalhes sobre a caçada. Ele também não perguntou como ela havia obtido seu conhecimento dos cadáveres. Ele não queria saber.

Em vez disso, ele se curvou e fez o sinal da bênção sagrada para ela, tocando a testa, o coração e os lábios. — Estamos em dívida com você, Senhora

Venatrix, e com Santo Evander. Se houver alguma maneira de pagarmos o que devemos...?

Ele deixou a frase no ar. Ele sabia muito bem que a Ordem Evanderiana proibia aceitar pagamento por caçadas. Ele também sabia que, em vez de pagamento, a Ordem aceitava, às vezes exigia, certas “doações para a causa”. Ele torceu as mãos, piscando rápido, os dentes à mostra no que poderia ser um sorriso insinuante.

— Uma carroça. — disse Ayleth. — Eu preciso de uma carroça. Para carregar os restos mortais de volta ao meu posto avançado.

O oficial de justiça deixou escapar um grande suspiro. Esse pedido poderia ser atendido com poucos problemas ou despesas para ele mesmo. Ele fez o sinal sagrado novamente e ofereceu garantias de que uma carroça deveria ser trazida imediatamente.

Em uma hora, Ayleth se viu de volta à estrada montada em Chestibor, seu grande castrado marrom, que também puxava a barulhenta carroça de duas rodas sem esforço visível. Uma jornada de dois dias subindo as montanhas até o posto avançado estava diante deles, mas Ayleth não se importou. Ela estava feliz por vir.

Esta caçada foi... não o que ela esperava. A batalha deixou seu corpo machucado, mas pior do que isso, deixou sua mente abalada. A Aparição penetrou em sua mente, manipulou seus pensamentos, a fez ver e ouvir coisas que não existiam. A experiência agora cobrou seu preço.

Ela estremeceu. A imagem da filha do moleiro brilhou em sua memória. E ela ouviu novamente as palavras ditas pela boca da garota pela Aparição:

— *Eu conheci a verdadeira alegria neste mundo. Alegria com minha Hedy.*

Provavelmente era mentira. Uma manipulação. Com toda a probabilidade, a sombra há muito tempo havia expulsado a alma de Hedy de seu corpo e tomado posse completa. Até mesmo a visão que mostrou a Ayleth da morte de Hedy, o momento em que ela viu as duas almas emergirem do corpo arruinado da garota, poderia facilmente ter sido uma projeção falsa do evento. Não se podia confiar em uma sombra, especialmente em alguém desesperado para continuar sua existência neste mundo.

E ainda...

Havia uma verdade convincente na voz e nas palavras da sombra. Um brilho em seu espírito que falava de emoções profundas, amor e perda, desgosto e vingança. Seria possível que a sombra tivesse sentido todas essas coisas? Ou eram apenas resquícios de emoções roubadas tomadas à força durante a posse do corpo de Hedy?

Uma sombra não pode amar. Um ser de pura malícia não pode compreender tal sentimento nobre, tal pureza. Então Santo Evander escreveu em sua escrita sagrada, e quem era Ayleth para duvidar dos ensinamentos de um santo?

E ainda...

Enquanto cavalgava por aquela estrada solitária sob o calor do sol poente, Ayleth deu um longo suspiro e mergulhou em sua consciência. Descendo para o mundo de sua mente, a floresta fria e escura de especiarias e sombras de pinheiros. Lá embaixo, onde Laranta estava agachada, quieta e satisfeita, satisfeita com o sucesso da caçada. A sombra do lobo ficou irritada quando Ayleth puxou os tubos Vocos e tocou a Canção da Supressão. Mas ela não lutou contra a música, permitiu-se ser levada de volta para a floresta mental que era seu lar.

— Ela não. — Corrigiu Ayleth em voz alta, assustando Chestibor de modo que ele balançou as orelhas e balançou a cabeça. — Ela não.

Ela sempre cometia esse erro, referindo-se à sua sombra de lobo como gênero. Hollis nunca deixou de repreendê-la até mesmo por aquele pequeno deslize. As sombras eram seres espirituais e não tinham gênero. Perceber sua sombra nesses termos personificados era começar a confiar nela, o que era o primeiro passo no caminho para a ruína final.

No entanto, à luz dessas experiências recentes, Ayleth não pôde deixar de fazer a si mesma a pergunta secreta e perigosa: seria possível que uma sombra selvagem como Laranta sentisse amor?

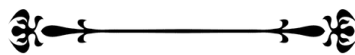
Uma memória picou no fundo da mente de Ayleth. Uma memória tão profunda e tão sombria que ela não conseguia segurá-la. Ela meio que se viu na floresta de pinheiros negros. Só que não era ela como era agora, era sua criança, nua e suja, mas sorrindo. Correndo com uma abundância de força, cheia de força bruta e alegria. E nessa visão, Laranta saltava ao lado dela, uma imagem projetada de sua mente, mas muito real, com suas mandíbulas escancaradas e sua língua pendurada em um sorriso de lobo ridículo e feliz.

A imagem desbotou, desapareceu. Embora Ayleth procurasse em sua mente, não conseguiu encontrar de novo e, após alguns momentos, franziu a testa, incapaz de se lembrar do que pensara ter visto. Apenas uma espécie de vazio permaneceu por dentro. Uma sensação de que algo estava faltando...

O mundo ao seu redor havia escurecido sem que ela percebesse. Chestibor, incerto do caminho à sua frente, reduziu a velocidade para um passo relutante. Era hora de parar para o dia e montar acampamento. Ayleth fez uma careta. Ela poderia forçar seu cavalo durante a noite por essa trilha íngreme na montanha, arrastando a carroça frágil atrás dele... mas isso não seria justo com o fiel Chestibor.

O cavalo finalmente diminuiu a velocidade até parar, deixando-a saber que ele havia terminado. Ela não tentou instigá-lo, mas escorregou da sela e desengatou a carroça. Depois de cuidar dos cuidados e alimentação de Chestibor, ela passou menos tempo com suas próprias necessidades. Ela era uma venatrix. Algo para comer e um manto quente eram tudo o que ela precisava.

À medida que a lua se erguia acima das imponentes Montanhas Skada, Ayleth se enrolou nas dobras de sua capa e, apoiando a cabeça na sela, caiu quase imediatamente no sono.



Ela abriu os olhos e viu agulhas de pinheiro acima. Isso foi estranho. Ela poderia jurar que adormeceu sob os braços abertos de um grande carvalho. Ela se sentou ereta e percebeu em um lampejo que estava nua, sem casaco, sem capa, sem botas. No limite de sua visão, ela viu um movimento, e uma figura de pura escuridão se materializou em um enorme lobo preto ao lado dela.

Você está sonhando, disse Laranta.

— *Eu sei.* — respondeu Ayleth. Esta era a floresta de sua paisagem mental. Ela se levantou, sacudindo palha de pinheiro de seu cabelo comprido e solto. A menos que ela tivesse tempo para imaginar roupas para si mesma, ela sempre estava nua aqui. Ela colocou os braços em volta do estômago nu, tremendo, mas não de frio.

Algo se moveu em sua visão periférica.

Ayleth se virou bruscamente, mas embora fosse rápida, era mais rápido. Além de uma sensação de movimento, ela não pegou nenhum outro

vestígio. Ela estreitou os olhos e apertou seu controle sobre si mesma. Este sonho parecia familiar. Muito familiar.

Outro movimento. Ayleth foi mais rápida desta vez, pronta para dar uma olhada. Mas, novamente, no momento em que ela se virou, o que quer que fosse, já havia sumido.

— *O que foi isso, Laranta?* — Ela perguntou, olhando para sua sombra. — *Você viu?*

Laranta rosnou. Ela não ofereceu outra resposta, mas Ayleth sentiu um profundo mal-estar ressoando no centro de seu espírito sombrio.

Ayleth cambaleou, momentaneamente indecisa. Seu corpo estava cansado depois da caça e da longa cavalgada. A última coisa que ela precisava era se desgastar, perseguindo mentalmente imagens de sonho indescritíveis. Se ela tivesse bom senso, ela se enrolaria sob o pinheiro, se enterraria na palha vermelha e ignoraria tudo o mais. Deixar sua mente descansar, deixar seu corpo se recuperar.

Um terceiro lampejo de movimento disparou além do limite de sua visão. Isso decidiu tudo, a atração da perseguição era grande demais.

Saltando em movimento, Ayleth se apressou pela floresta, movendo-se na mesma direção em que aquelas três sombras haviam fugido. Seus pés descalços levantaram palha de pinheiro atrás dela, e seus longos cabelos flutuaram contra seus ombros e costas. Ela correu cada vez mais rápido, quase certa de ver outras sombras ao seu redor, todas fluindo na mesma direção. Laranta a seguiu, ainda rosnando sua relutância, mas Ayleth a ignorou e se concentrou em correr.

As árvores se fecharam, galhos ásperos de pinheiro arranhando seus braços e pernas. Ela deveria desacelerar, deveria ter tempo para imaginar

roupas para si mesma, algum tipo de proteção. Mas Ayleth não conseguia desacelerar, não hesitaria. Se ela fizesse, as sombras iriam embora.

Havia mais delas agora. Sempre fora de vista, nada mais do que invenções, lampejos de movimento. Mas muitas delas, escuras, longas e baixas.

Ayleth cerrou os dentes e redobrou a velocidade, determinada a não os deixar ultrapassá-la. Laranta a seguia de perto, uma presença tranquilizadora. Nada que ela pudesse descobrir em sua própria mente poderia ser pior do que Laranta, e Laranta estava sob seu controle. Pelo menos por enquanto. Com os pés batendo forte, o coração batendo forte, Ayleth disparou para a frente. Um emaranhado de galhos bloqueou seu caminho, e ela os rasgou com um rosnado feroz e...

Seus calcanhares derraparam até a beira quebrada de um precipício, e seus braços giraram em um esforço para se segurar, para não cair à beira do precipício.

Um suspiro.

Um rugido ao ar livre.

O mergulho nauseante em seu estômago, a emoção em seus membros.

Então mandíbulas poderosas pegaram o emaranhado de seu cabelo. A dor explodiu na parte de trás de sua cabeça quando Laranta a puxou para trás da beira daquele terrível mergulho e a jogou sobre o afloramento rochoso.

Por um momento, Ayleth só conseguiu ficar ali deitada, ofegando por recuperar o fôlego roubado. Lentamente, ela se sentou novamente, olhando ao redor. A floresta deu lugar a uma saliência de pedra que se estendia de cada lado, tanto quanto seus olhos podiam ver. Acima dela pairava um céu pesado e cinza, e abaixo...

Ela rastejou até a borda e espiou. Através de fragmentos ondulantes de névoa, ela viu uma parede de desfiladeiro mergulhando para baixo, para

baixo. Algumas árvores desgrenhadas agarravam a face da rocha com raízes como dedos retorcidos, puxando e rasgando em um esforço desesperado para não cair. Ela não conseguia ver o quão profundo era.

Lentamente, Ayleth recuou, tornando-se consciente mais uma vez das sombras, as mesmas sombras que ela acabara de perseguir. Embora ela ainda não pudesse ter uma visão clara delas, ela as sentiu escorregando até a borda e transbordando, escorrendo pelo abismo, descendo para a escuridão invisível lá embaixo.

— *Que lugar é esse?* — ela sussurrou. — *Por que parece... familiar?*

Laranta choramingou atrás dela. *Vá embora, senhora. Este não é um sonho bom.*

Com a respiração presa na garganta, Ayleth se levantou e se aproximou da borda. Aquelas... eram memórias dela lá embaixo? Todas aquelas memórias da vida que ela conhecera antes de Hollis, abaixo de sua consciência?

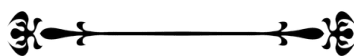
E essas sombras profundas... elas eram a família que ela tinha esquecido?

Os nomes, os rostos... tão perto, e ainda...

Por favor, senhora, choramingou Laranta de novo. *Por favor, vá embora.*

Ayleth deu um passo. Ela fez uma pausa e respirou fundo para se acalmar. Então ela se agachou e balançou sobre a garganta, seus pés descalços se esticando para encontrar apoio na parede áspera. Ela abaixou-se para o lado, encontrou um apoio para as mãos, um apoio para os pés, avançou para baixo.

A rocha quebrou. Ela caiu.



Ayleth acordou arfando, as mãos estendidas para se proteger de uma queda que nunca havia acontecido. Seu coração batia descontroladamente

contra o esterno e, por um instante horrível, ela acreditou ter sentido todos os seus ossos quebrados, pulverizados.

Mas não. Não, seus membros estavam inteiros. Seus dedos trêmulos procuraram ao longo de seus antebraços, até os ombros, e ela se abraçou com força. Com um suspiro, ela se sentou ereta e respirou fundo.

Em seguida, um grito fino subiu por sua garganta. — Lembre-se. — Ela engasgou. Agarrando os cabelos nas têmporas, ela balançou a cabeça, tentando desesperadamente manter aquelas imagens em seu cérebro. As sombras através dos pinheiros. O desfiladeiro. As profundezas escuras e impenetráveis. — Lembre-se, Ayleth! — ela rosnou com os dentes cerrados. — Lembre! Lembre...

Sua frequência cardíaca se acalmou.

Sua visão ficou mais clara, absorvendo o mundo ao seu redor. Um riacho tagarelava montanha abaixo em algum lugar próximo. O céu empalideceu com a chegada do amanhecer, e a floresta de árvores de madeira ao redor dela se agitou com asas de pássaro e as primeiras vozes doces do coro matinal. Chestibor cortava pedaços de grama sob as árvores, balançando a cauda.

Ela estava de volta ao circuito da estrada nas montanhas, de volta ao mundo desperto.

Ela soltou o cabelo, colocou as mãos no colo e respirou lenta e puramente. Deve ter sido um pesadelo para acordá-la com tanta violência. Ela piscou, tentando lembrar as imagens, mas elas se dissiparam como névoa.

Provavelmente não era bom. Nada de bom poderia resultar de sonhos desagradáveis.

— *Laranta?* — ela falou dentro de si mesma, sua consciência alcançando em busca de sua sombra. Ela sentiu o zumbido dos feitiços da canção, sentiu a sombra do lobo agitar-se sob eles. — *Laranta, eu... Há algo que eu deveria...?*

Ela não conseguia formar uma pergunta coerente. O que ela estava tentando perguntar, afinal? E por que ela perguntaria a sua sombra?

Com uma linha perplexa vincando sua sobrancelha, Ayleth pôs-se em movimento. Ela verificou as pernas e as costas de Chestibor em busca de inchaços ou pontos doloridos, depois deu-lhe um tapa amigável no quadril e o conduziu de volta ao acampamento dela, como estava. Uma sacola de grãos o manteve felizmente ocupado enquanto ela colocava a sela em suas costas e apertava a cintura e a cinta torácica. Então, depois de verificar se a carcaça do cachorro não tinha sido mexida durante a noite, ela apoiou o cavalo entre as hastes da carroça e o amarrou.

Por fim, depois de fazer uma refeição apressada para si mesma, ela subiu na sela. — Continue andando. — Ela murmurou. Chestibor avançou com seu andar confortável e rítmico, e a carroça rangeu atrás dele. Com sorte, eles alcançariam o posto avançado no final do dia.

Ayleth observou a manhã iluminar-se ao seu redor, o sol nascente perseguindo as sombras sob as árvores.

CAPÍTULO QUATRO

A noite chegava cedo nesta época do ano na região alta acima do vale do município de Drauval. O sol se pôs atrás dos picos e a escuridão se espalhou pelo chão da floresta. Ayleth invocou sua visão sombria e guiou Chestibor com cuidado por trilhas isoladas familiares a ambos enquanto se aproximavam do final de sua jornada para casa.

Espiando por uma fenda nas árvores, Ayleth avistou a torre em ruínas, o ponto mais alto do Posto Avançado Gillanluòc. Uma luz na janela disse a ela que a venatrix estava em casa, esperando o retorno de sua filha pródiga. Ayleth estremeceu com a visão, mas se preparou. Ela realmente não tinha pensado que poderia voltar antes de Hollis retornar de seu passeio no circuito...

— Maldição! — Ayleth engasgou-se, os dedos de uma das mãos fechando-se em punho em volta das rédeas e a outra subindo para a testa. Algo agarrou sua mente, Hollis, sem dúvida, estendendo a mão com sua sombra de aparatação. Ela sentiu a chegada de Ayleth e agora verificou se sua antiga aprendiz estava bem e inteira. Ayleth estremeceu, odiando aquela sensação de presença de sombra deslizando em torno de sua consciência. Hollis normalmente não usava os poderes de sua sombra em Ayleth, respeitando sua privacidade. Mas, neste caso, ela não podia culpar sua senhora.

Com uma última sensação de tremor, a sombra recuou e Ayleth suspirou de alívio, os dedos relaxando. O pior ainda estava por vir: enfrentar Hollis pessoalmente. Cedo demais, o estreito circuito da estrada a levou ao posto avançado. Os portões se abriram e uma figura em silhueta apareceu na abertura.

Hollis, Venatrix di Theldry, parecia uma boneca tecida com gravetos, tão baixa e esguia que era, com membros que pareciam finos o suficiente para quebrar à menor pressão. Mas essa impressão era totalmente falsa. Nenhuma outra venatrix em toda a Perrinion era tão forte e dura como esta mulher. Hollis passou seus primeiros anos de serviço à Ordem lutando contra os exércitos tomados pela sombra da Terrível Odile durante a Guerra das Bruxas. Embora inúmeros venadores e venatrizes tivessem perdido suas vidas durante aqueles anos sangrentos, Hollis sobreviveu e passou a tomar Drauval sob seus cuidados. Aqui ela servia por quase vinte anos, protegendo os habitantes do bairro de inúmeras sombras, caçando todos os rumores de atividades mágicas com uma intensidade de foco que lhe rendeu uma reputação temível.

Hollis não disse nada enquanto Ayleth cavalgava Chestibor até o portão. Quando Ayleth parou seu cavalo, a venatrix apenas deu um passo para trás e fez um gesto para que ela continuasse. Engolindo em seco, Ayleth obedeceu. A carroça de duas rodas cruzou a soleira do portão e entrou no pátio do posto avançado.

Toda Gillanluòc parecia estar à beira do colapso, desde a cerca de madeira de três metros que a circundava, até o portão pesadamente inclinado para dentro, até o próprio fortim de pedra principal. Este prédio curvava-se na paisagem inclinada como se tivesse vergonha de si mesmo, soltando telhas e ripas cada vez que o vento aumentava, sua torre de três andares balançando como uma árvore podre. Os evanderianos construíram a estrutura original séculos atrás, muito antes da Guerra das Bruxas. Mas durante o período de duzentos anos do reinado de Terrível Odile em Perrinion, ele caiu em ruínas; e com um distrito inteiro para cuidar entre eles, nem Hollis nem Ayleth encontraram tempo para fazer muito em termos de restauração. Depois de

uma grande tempestade, elas trabalhavam duro para consertar o pior dos danos, mas, fora isso, se contentariam com goteiras e paredes com correntes de ar.

Afinal, a vida de uma venatrix nunca foi destinada ao luxo.

Ayleth parou Chestibor no meio do pátio e desmontou. Hollis se aproximou da carroça, seu rosto era uma máscara inexpressiva. Ayleth mal suportava olhar para ela, mas observou a patroa por trás das costas confortavelmente largas de Chestibor, observou-a espreitar para dentro da carroça. Por um instante tão breve que Ayleth meio que se perguntou se ela tinha imaginado, ela pensou ter visto um lampejo de surpresa cruzar o rosto de Hollis. Ela ficou impressionada com o tamanho do cachorro? Ficou impressionado com a façanha de caça de Ayleth?

Ainda sem falar, Hollis enfiou a mão na carroça, puxou os cobertores que Ayleth havia enrolado em volta do cachorro como uma mortalha e investigou a carcaça. Procurando um ferimento mortal, Ayleth percebeu. Por alguma indicação de que essa caçadora inexperiente havia recorrido a uma morte violenta ao se deparar com um inimigo tão alarmante. Ela sorriu um pouco, sabendo que sua patroa não encontraria nada.

Por fim, Hollis ergueu os olhos para Ayleth, ainda sem falar.

Ayleth engoliu em seco, tentando molhar a garganta seca. — Uma aparatação. — Ela disse, as palavras quebrando levemente com a tensão. — Eu lidei com paralisia e a segui com Morte Gentil.

Hollis piscou. Uma vez. Devagar. Então ela girou nos calcanhares e marchou para a casamata, gritando por cima do ombro. — Leve a carcaça para a casa de ossos. Então, dentro para avaliação.

Ayleth respirou fundo, aliviada por se livrar do olhar penetrante de sua senhora, pelo menos por enquanto. Ela sobreviveu a este primeiro encontro. Talvez Hollis não a esfolasse viva, afinal.

Obedecendo ao comando da venatrix, ela arrastou o corpo do cachorro para a casa de ossos, que ficava à esquerda do prédio principal. O cadáver era pesado, mas ela o administrou com suas próprias forças, sem invocar energia extra de sua sombra.

A casa de ossos era pouco mais do que um galpão glorificado no qual Hollis guardava os corpos daqueles tomados pela sombra que ela trazia das caçadas. Aqui ela preparava e processava seus ossos, tendões, intestinos e quaisquer outras partes vitais que os evanderianos de Castra Breçar consideravam úteis. Uma vez a cada dois meses, o homem de suprimentos do castra subia até Gillanluòc, trazendo com ele carregamentos de alimentos e necessidades, reabastecendo os venenos de Hollis. Em troca, Hollis mandava de volta barris cheios de restos mortais cheios de vinagre, junto com registros detalhados de cada caça. Homenagem ao castra e prova de seu trabalho em Drauval.

Ayleth puxou o corpo do cachorro para a ampla mesa manchada de sangue usada para dissecações. Seguindo sua avaliação, ela voltaria aqui e começaria o trabalho sangrento, verificando quais partes do cadáver ainda estavam boas e quais estavam muito deterioradas. Seria uma longa noite, mas ela não se importava com a perspectiva. Esta seria a primeira vez que ela enviaria sua própria homenagem a Castra Breçar.

Antes de se aventurar na casamata para enfrentar sua senhora, ela acomodou Chestibor em sua baia para passar a noite, em frente ao capão cinza de Hollis. Ela vagou, demorando-se tanto quanto ousou antes de finalmente esfregar o nariz do cavalo e sussurrar: — Deseja-me sorte?

Ele beijou seus dedos afetuosamente, em seguida, voltou sua atenção para sua alimentação. Um cavalo de coração generoso era ele em todos os aspectos, exceto no apoio moral. Com um suspiro, Ayleth saiu do calor dos estábulos, atravessou o pátio frio do posto avançado e entrou na casamata.

A luz quente da lareira enchia a sala principal no andar de baixo. As vigas sustentavam o teto baixo amarrado com várias ervas, ferramentas, armas e utensílios de cozinha, todos pendurados em ganchos em uma ordem aleatória que apenas as duas venatrizes poderiam entender. Embaixo delas, estendia-se uma longa mesa que ocupava a maior parte da sala. Em uma das extremidades, havia uma dúzia ou mais de dardos entalhados à mão, recém-lançados e aguardando suas pontas envenenadas. Pilhas de pergaminhos de música amontoavam-se no meio, vários feitiços de canções para Vocos e Detrudos que Ayleth e sua senhora constantemente examinavam enquanto buscavam melhorar suas habilidades.

Na outra extremidade, mais perto da luz do fogo, Hollis estava sentada com seu diário de bordo aberto diante dela, escrevendo um relato de sua caçada mais recente.

Ayleth fechou a porta, tirou o capuz e pendurou-o em um gancho ao lado do de Hollis, virando-se bem a tempo de ver sua patroa erguer o olhar do livro de registro, deixar de lado a pena e recostar-se na cadeira. Hollis não disse nada, mas seus olhos baixaram brevemente para a cadeira oposta à dela na mesa.

Ayleth deslizou para o assento, com a coluna ereta, os ombros retos e imóveis, as mãos apoiadas nos joelhos. Ela respirou longa e uniformemente, recusando-se a permitir que o menor tremor traísse seus nervos tensos. Hollis sustentou o olhar de Ayleth por um longo tempo, mantendo-a cativa naquele

terrível silêncio. O fogo na lareira crepitava com o calor, mas não foi o calor das chamas que fez com que o suor escorresse pela testa de Ayleth.

— Relatório. — disse Hollis por fim.

Ayleth lutou por um momento para encontrar sua voz. — Um mensageiro de Flore chegou cinco dias atrás com notícias de feitos mágicos dentro e ao redor da vila. Um cachorro levado à sombra foi acusado de matar o Fazendeiro Malger.

Hollis assentiu sem fazer comentários, então Ayleth continuou, descrevendo suas conversas com o meirinho de Flore e Miller Roch. Ela contou que investigou o local da morte de Malger e passou a detalhar a caça em si. Com absoluta precisão, ela disse quais poderes ela convocou de sua sombra e como ela usou os Vocos para comandá-los.

Quando ela chegou à parte em que a sombra de aparatação do cachorro assaltava sua mente, ela fez uma pausa. Ela não gostou de admitir este momento que quase a levou à ruína. Mas Hollis cheiraria a falsidade, então ela deu um relatório completo, preciso e honesto, sem nenhuma tentativa de justificar suas ações ou escolhas. O que estava feito estava feito, e Hollis consideraria suas decisões certas ou erradas. De uma forma ou de outra, a sombra foi removida para os Assombrados, o que significa que a caçada foi bem-sucedida.

Hollis fez algumas perguntas rápidas e esclarecedoras ao longo do caminho. Nada passava por ela. Seu rosto estava rígido, totalmente ilegível. Embora fosse uma mulher minúscula, quando de pé, sua cabeça mal chegava à altura do queixo de Ayleth, ela fervia com a força de sua própria natureza, para não mencionar os poderes aprimorados da sombra que carregava dentro.

Ayleth chegou ao fim de sua história e esperou por mais perguntas. Hollis não disse nada. Seu olhar nunca se desviou de Ayleth e, embora Ayleth quisesse desesperadamente desviar o olhar, ela não se permitiria esse luxo. Por fim, incapaz de suportar mais um momento, ela criou coragem para perguntar: — Bem?

— Bem o que?

— Eu... cumpri os requisitos?

Hollis inclinou a cabeça ligeiramente para o lado. — Isso dependeria dos requisitos de quem você se refere. E com que propósito.

O sangue latejava nas têmporas de Ayleth. Ela sentiu que explodiria de impaciência, com a necessidade de saber os pensamentos de sua patroa. Ela manteve a voz calma, no entanto, determinada a não trair a paixão que fervia em sua alma.

— Eu sei que uma postagem está disponível em Wodechran Borough. — disse ela. — Eu sei que Nane, Venator du Vincent, desapareceu, e eles precisam de alguém para tomar seu lugar, pelo menos temporariamente.

Hollis não disse nada. Ela nem mesmo acenou com a cabeça.

— O próprio Príncipe Dourado nomeará o substituto. — Continuou Ayleth. — O que significa que não é um compromisso castra. O que significa que qualquer pessoa com as credenciais adequadas pode se inscrever para o cargo.

— E como você conseguiu essa informação?

O estômago de Ayleth revirou. Ela corou e olhou para as mãos dobradas ordenadamente diante dela na mesa. — Eu... Eu li a carta que você recebeu. Do Venator du Tam.

— Você leu?

Ayleth não sabia bem como continuar. Notícias do mundo exterior além de seu bairro eram extremamente raras, então, quando a mensagem chegou, Ayleth foi tomada por uma curiosidade irresistível. Ela assistiu com interesse enquanto sua patroa abria e lia as linhas rabiscadas. E ela viu o rosto de Hollis ficar muito pálido e imóvel, o que só serviu para aumentar sua curiosidade dez vezes.

Na primeira oportunidade, ela roubou a carta da capa do diário de bordo de Hollis e leu seu conteúdo com grande interesse.

— Você... você não disse para não fazer isso. — Ela disse desajeitadamente. Então ela puxou os ombros para trás. — É uma grande oportunidade e gostaria de apresentar a minha candidatura. Eu gostaria de ser considerada para o cargo.

Embora o rosto de Hollis permanecesse tão fechado como sempre, Ayleth podia sentir o fervilhar de seu espírito, não seu espírito sombrio, que a venatrix mantinha reprimido em sua mente, mas sua própria força interior potente.

— Então... — disse ela, com a voz muito baixa. — Você acredita que está pronta para um bairro próprio, não é?

Um músculo na mandíbula de Ayleth se contraiu. — Eu acredito.

— Depois de uma única caçada solo.

Várias palavras afiadas saltaram de sua língua, mas Ayleth as reprimiu. Em vez disso, ela perguntou baixinho: — Quantas caças são necessárias antes que eu possa apresentar minha candidatura?

Hollis apoiou os cotovelos na mesa e juntou os dedos, apoiando o queixo pensativamente neles. — Nenhum número definido. Mas acho que você gostaria de perseguir vários outros, pelo menos. A menos que você realmente acredite que libertar uma sombra menor de um cachorro lhe ensinou tudo o que você precisa saber para seguir em frente como uma venatrix.

O latejar em suas têmporas aumentou enquanto seu sangue ferveu. Ayleth engoliu em seco. — Aquela aparatação não era insignificante. E nem o cachorro. — Ela odiava como as palavras soavam defensivas. Mas elas eram a verdade, droga!

— E você acredita que não há diferença? — Os olhos de Hollis fixaram-se nos de Ayleth.

— O que você quer dizer?

— Você acha que vai caçar um homem com a mesma facilidade? Uma mulher? — Os lábios da venatrix se curvaram. — Uma criança? Você está pronta para tudo que esse papel exige de você, todas as mortes que você deve lidar em nome da Deusa, todos os corpos que você deve destruir para que as almas possam ser salvas? Você está realmente pronta, Garota Selvagem?

Ayleth estremeceu com o nome, um que Hollis lhe dera há muito tempo, quando ela ainda era uma garotinha recém-chegada a Gillanluòc. Ela costumava pensar que a venatrix falava sério com carinho, orgulhosa da natureza feroz de seu aprendiz. Mas, neste contexto, parecia um insulto.

Com uma voz calma e tranquila, ela respondeu: — Você estava pronta, Hollis?

O silêncio respondeu a ela. Hollis não se moveu, nem uma pálpebra trêmula.

Ayleth persistiu. — Você estava pronta na primeira vez que você caçou um homem? Você estava preparada para matar uma... uma criança?

Com essas palavras, ela viu o sangue sumir do rosto de Hollis. Como ela se lembrava vividamente daquela noite, apenas três anos atrás, quando a venatrix voltou de uma caçada, seu cavalo cinza arrastando uma pequena carroça de duas rodas muito parecida com a carroça que Chestibor havia tirado de Flore. Ela dirigiu a carroça diretamente para a porta da casa de ossos e, sem

uma palavra para sua aprendiz, desmontou e pegou o cadáver na parte de trás. Um cadáver humano, Ayleth pôde ver pela forma do corpo envolto. Mas tão pequeno.

Hollis entrou na casa de ossos e fechou a porta com firmeza atrás dela. Ayleth, conhecendo seu dever, levou o cavalo para os estábulos, descarregou os suprimentos de caça, limpou e montou as armas. Durante as próximas horas, ela várias vezes se aproximou da porta da casa de ossos com comida ou bebida, mas nunca teve coragem de bater.

Não foi até o amanhecer do dia seguinte que Hollis apareceu, apenas para ir diretamente para seu próprio quarto. Mais uma vez ela fechou a porta rapidamente. Desta vez, ela não apareceu por três dias, durante os quais Ayleth mal a ouviu mover-se na câmara, mesmo quando pressionou o ouvido contra a porta. Apenas uma vez ela ouviu um som, um que ela primeiro pensou ser a venatrix murmurando orações, mas que se transformou em um gemido baixo e sem palavras.

Ayleth havia escapulado do fortim e ido para os estábulos, permanecendo bem longe do alcance da voz da porta de sua patroa por horas depois.

Estudando o rosto à sua frente agora, Ayleth não conseguia discernir nenhuma emoção, apenas a dureza de pedra de uma venatrix. Uma dureza que ela teria que desenvolver em si mesma se esperava sobreviver na Ordem.

Hollis se levantou tão repentinamente que sua cadeira caiu atrás dela. Ela não parou para endireitá-la, mas caminhou até uma alcova na parede perto da lareira, na qual havia longos estojos à prova de intempéries. Puxando um deles, ela desfez a alça e retirou um mapa de pergaminho áspero do comprimento de seu braço. Suas botas batendo no chão de pedra, ela voltou para a mesa e, com um único movimento do braço, afastou uma enorme pilha

de pergaminhos de canções mágicas, deixando-os cair no chão. Ela desenrolou o mapa, pegando uma faca comprida para pesar em uma extremidade e uma panela de cobre de cima para pesar na outra.

Então ela recuou, os braços cruzados, e fixou em Ayleth os olhos brilhando com a sombra da luz. — Diga-me, garota, o que você vê?

Ayleth, engolindo em seco para molhar a garganta seca, olhou para a imagem espalhada diante dela. Era um mapa antigo do Reino de Perrinion, mas com ajustes feitos pela própria mão de Hollis ao longo dos anos conforme as fronteiras dos bairros mudavam e as cidades cresciam. Ela viu o esboço quase infantil de um castelo com o rótulo *Telianor*, indicando a capital do Rei Escolhido, e ela avistou a estrutura em forma de forte em blocos desenhada ao lado do rótulo *Castra Breçar*.

Mas seus olhos foram inexoravelmente atraídos para a enorme mancha preta de tinta espalhada no centro do mapa. À primeira vista, pode-se pensar que foi um erro, que o tinteiro havia derramado. Uma segunda olhada, no entanto, revelou a escrita aranhada de Hollis logo acima do borrão, soletrando o nome.

— A Floresta da Bruxa. — Sussurrou Ayleth.

— Mais alto, garota, para que eu possa ouvir você.

— A Floresta da Bruxa. — Repetiu Ayleth, a palavra como um veneno amargo na língua.

Lá estava ela, bem no centro do reino, bem naquela terra fértil onde o glorioso palácio das Rainhas Sacerdotisas estivera nos séculos passados. Antes que Terrível Odile subisse ao poder, matasse o último da linhagem marcada pela Deusa e se estabelecesse como divindade e rainha de Perrinion por duzentos anos. Ela construiu sua cidade de Dulimurian sobre as ruínas da

Cidade Santa e estabeleceu um vasto ídolo para sua própria glória no mesmo local onde antes ficava o altar da Deusa.

Agora tudo se foi. A Cidade Santa, Dulimurian, o altar, o ídolo. Tudo engolido por aquela expansão escura marcada em tinta preta.

— E o que exatamente é a Floresta da Bruxa? — Hollis pressionou. — Ou você esqueceu essas coisas que eu te ensinei ao longo dos anos?

— Eu não esqueci.

— Então me diga!

Ayleth respirou fundo, com a mandíbula tensa. — É a maldição final de Terrível Odile.

Terrível Odile, morta e desaparecida há quase duas décadas. Mas dentro de um ano de sua morte, Floresta da Bruxa cresceu do coração de seu reino. Uma floresta venenosa composta não de árvores, mas de... algo mais. Algo terrível.

Algo dos Assombrados.

— Uma maldição, Ayleth. — disse Hollis, inclinando-se sobre a mesa e plantando o dedo no centro da marca. — Mas uma maldição como você nunca viu. E me diga o que isso diz? — Ela mudou o dedo da marca negra para a terra situada a oeste de Floresta da Bruxa.

— Wodechran Borough. — disse Ayleth. O próprio bairro que agora procurava um novo venator para reforçar o posto avançado com pouca gente.

— Os venadores do bairro de Wodechran são responsáveis por mais do que apenas cuidar do bairro em si. — disse Hollis. — Venator du Vincent e Venator du Tam trabalharam durante anos para manter isso. — Ela deslizou o dedo uma terceira vez, marcando uma linha dupla de tinta vermelha que corria ao longo da borda oeste da floresta. — Você se lembra o que é isso?

— A Grande Barreira. — Respondeu Ayleth imediatamente.

Os rios Sang e Aiga, que se ramificam, águas sagradas que dizem ter surgido da própria Deusa há muito tempo, delimitam a Floresta da Bruxa nos lados norte, sul e leste. Mas na frente oeste, apenas o vasto feitiço da canção da Barreira manteve a maldição sob controle, evitando que devorasse Perrinion. Hollis o desenhou no mapa com traços agressivos, de alguma forma comunicando, apesar de suas habilidades de desenho pobres, um senso de urgência e poder, usando tinta da cor de sangue seco. Ayleth quase podia acreditar que sua patroa havia cortado um dedo e pressionado contra a página para aplicar as linhas vigorosas.

— O feitiço da música foi estabelecido há quase vinte anos pelo próprio Fendrel du Glaive. — disse Hollis. — Nenhum Evanderiano com menos poder ou habilidade poderia ter feito tal trabalho. Mas Venator du Vincent, meu irmão de caça, foi treinado por Fendrel para mantê-lo. Quem quer que tome o lugar de Nane du Vincent terá que arcar com essa responsabilidade.

— Eu conheço o feitiço da canção da Barreira. — disse Ayleth. — Você me ensinou e eu aprendi muitas variações.

— Não assim, você não tem. — respondeu Hollis. — A Grande Barreira é enorme, estendendo-se por mais de oitenta quilômetros, nunca em linha reta, sempre sinuosa. Você pode muito bem ser capaz de estabelecer e manter uma barreira em torno deste posto avançado. Você pode até conseguir barricar uma aldeia inteira. Mas você honestamente acha que tem a habilidade de manter algo assim? Venator du Tam não pode, e ele serviu em Wodechran por anos!

— Eu poderia aprender. — disse Ayleth.

Hollis zombou, afastando-se da mesa e erguendo as mãos. — A arrogância dos jovens! Você tem alguma ideia do que está falando? Mesmo se, se, Ayleth, você tivesse a habilidade com sua flauta para aprender o feitiço de

Barreira neste nível, como poderia estar preparada para todo o resto? Não se trata apenas de conter a Floresta da Bruxa, garota. Há muito mais.

Mais uma vez, deixando a mesa, Hollis cruzou a sala até um baú sob uma das janelas estreitas atrás dela. Ela abriu a tampa e cavou dentro antes de retornar à mesa com um livro mal costurado com uma capa de pele de coelho mole. Ela abriu o livro na última página e o deslizou sob o nariz de Ayleth. Ayleth leu ali uma lista de sete nomes:

Ylaire di Jocosa - A Bruxa do Ardor.

Inren di Karel – A Bruxa Fantasma

Gillotín du Visgarus - O Bruxo Cadáver

Zarc d'Utrehd - O Bruxo da Tempestade

Zilla d'Utrehd - A Bruxa do Vento

Crisentha di Bathia - A Bruxa de Cristal

Scias du Sibb - O Bruxo da Legião

—Diga-me, Ayleth. — disse Hollis, observando o rosto de Ayleth enquanto lia. — O que esses nomes significam para você?

Ayleth sentiu como se um punho agarrasse e apertasse seu coração. Ela conhecia esses nomes muito bem. Ela conhecia suas histórias. Ela conhecia suas lendas. Hollis as havia enraizado em sua cabeça desde pequena. — Os Diabos Carmesins. — Ela disse suavemente. — Os Diabos Carmesins da Terrível Odile.

Hollis voltou as páginas, revelando mais listas, mais nomes, a maioria deles riscados.

— Todas elas já foram membros da nossa Ordem. — disse Hollis. — Evanderianos leais, venadores e venatrizes. Cada um deles se tornou uma

heresia. Eles abandonaram a adoração à nossa Deusa e se curvaram a Odile em vez disso. Usando meios profanos, eles amarraram suas almas às sombras e assumiram o controle dos poderes que habitavam neles. Não com flautas ou os feitiços da música sancionados pelo santo, mas com artes das trevas e obras malignas. Quando morrem, suas almas são condenadas aos Assombrados junto com seus espíritos possesores. Vê quantos eram, Ayleth? Alguns, matamos durante as guerras. Outros, nós caçamos ao longo dos anos. Mas esses sete... esses demônios...

Eles escaparam. Após a morte da Rainha Bruxa, estes últimos, os mais devotados de seus tenentes, fugiram do expurgo da Ordem de Santo Evander cruzando a Grande Barreira para a Floresta da Bruxa, para nunca mais voltar. Eles preferiram viver na floresta venenosa da última maldição de sua rainha ao invés de serem mortos e amaldiçoados por seus inimigos. A Barreira os deixou entrar, mas eles nunca poderiam retornar.

Não, a menos que a própria barreira fracassasse.

Hollis observou o rosto de Ayleth tão de perto que Ayleth quase poderia jurar que sentiu sua pele queimar sob aquele olhar.

— Você entende? — insistiu a venatrix mais velha, inclinando-se sobre a mesa e segurando o ombro de Ayleth. — Você é habilidosa, minha menina. Você é feroz e corajosa. Quando chegar a hora certa, vou providenciar para que você seja colocada em um lugar onde possa servir à sua Deusa e ao seu rei com honra. Eu não vou mantê-la aqui para sempre. Mas Wodechran Borough é demais para você. A barreira, a floresta, os Diabos Carmesins... — Ela balançou a cabeça pesadamente. — Não. Você vai confiar em mim para saber o que é melhor para você. Você vai ficar aqui em Drauval e esperar.

Hollis apertou o ombro de Ayleth uma última vez, depois se afastou dela e da mesa, deixando o mapa e o livro à vista de Ayleth. Ela cruzou a sala até a escada estreita que levava ao segundo nível e parou para olhar para trás.

— Vá para a cama. — disse ela. — O cadáver do cachorro pode esperar até de manhã. Durma agora e limpe esses sonhos tolos de sua mente. Seu dia chegará, Garota Selvagem. Você vai provar o seu valor, eu prometo.

Ayleth não respondeu, recusando-se a erguer os olhos e encontrar o olhar de sua senhora. Em sua visão periférica, ela viu Hollis encolher os ombros e subir as escadas, deixando Ayleth sozinha com o fogo morrendo, os mapas e aquela lista de nomes.

A extensão escura da Floresta da Bruxa parecia preencher a visão de Ayleth.

Com um rosnado gutural, ela cerrou o punho e bateu naquele borrão de tinta no mapa, uma, duas, três vezes, com tanta força que a mesa rangeu e ameaçou quebrar.

CAPÍTULO CINCO

Hollis esperava em seu pequeno quarto, completamente vestida e sentada na beira da cama com as pernas cruzadas no colchão de palha. Suas mãos, segurando seus tubos Vocos, descansavam em seu colo. Ela inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, as orelhas em pé. Ela finalmente ouviu os pés de Ayleth subindo a escada sinuosa da torre até seu quarto. Hollis ouviu a porta abrir e fechar, ouviu o baque e a agitação de sua ex-aprendiz se preparando para dormir.

Ela ouviu então o silêncio. E ainda assim ela esperou com a paciência treinada de uma caçadora, aperfeiçoada como uma arte ao longo dos anos.

Por fim, quando ela considerou que o silêncio durou tempo suficiente, ela pegou a flauta de Vocos e suavemente começou a tocar a Canção de Convocação. O feitiço zumbiu em sua mente, em sua alma, chamando o poder da sombra de aparatação que ela carregava dentro. Ela tocou com cuidado, extraindo poder significativo sem comprometer sua segurança, e quando o feitiço foi concluído, ela modulou a melodia na Canção de Comando.

Fechando os olhos, ela entrou em sua própria paisagem mental. Era um complexo estranho, escuro e labiríntico de pedras e sombras, mas ela caminhava com confiança. Ela conhecia sua própria mente muito bem.

Virando uma esquina, ela ficou cara a cara com a imagem projetada de sua sombra. A forma que se manifestava era diferente de tudo o que pode ser encontrado no mundo mortal, um ser bizarro de muitas asas e uma feminilidade ágil que não era humana nem animal. Totalmente antinatural, mas uma estranha aproximação do que esse espírito poderia ser se fosse um

ser encarnado. Ele olhou para ela, olhos brilhantes espiando por entre as penas, sua expressão de ódio de longa data convertido, com o tempo, em complacência entediada.

Qual é o seu comando? Perguntou com pouco interesse e apenas um leve ressentimento. Sua voz era um zumbido multitudinário na cabeça de Hollis.

No mundo físico, Hollis transformou o feitiço da Canção do Comando em uma nova variação. No mundo de sua mente, ela disse: — *Eu preciso acessar o inconsciente da garota. Mas ela não pode estar ciente da minha entrada. Você deve levar minha consciência com você, e devemos ser indetectáveis.*

O ser alado pareceu encolher os ombros, as penas arrepiando. *Muito fácil*, disse ele, e estendeu o que quase poderia ser uma mão. Hollis aceitou sem hesitar. Ela estava no controle. Não havia dúvidas de seu domínio dos tubos Vocos, e já fazia alguns anos que sua sombra não ousava lutar contra ela.

Então, Hollis permitiu que aquele pequeno pedaço de si mesma voasse para fora de sua mente, carregada pelo poder de sua sombra. Ela esvoaçou pela escuridão do Posto Avançado Gillanluòc, subiu a escada sinuosa, passou pela porta da sala da torre e entrou na pequena câmara vazia de Ayleth. Ayleth estava deitada em seu colchão de palha, as botas e o gibão jogados no chão, a camisa de linho para fora da calça amarrotada. Seu rosto estava sério mesmo durante o sono, as sobrancelhas escuras sempre ligeiramente contraídas, os cantos da boca voltados para baixo.

Hollis, carregada nas asas de sua aparatação, entrou na cabeça da garota.

Eles passaram por nuvens tão densas que pareciam montes de lã macia. Não nuvens reais cheias de umidade e eletricidade, mas nuvens como uma criança pode imaginá-las, como um adulto ainda pode sonhar que sejam. Elas eram tão densas que Hollis não conseguia ver nada a princípio, mas ela seguiu um sexto sentido, manobrando a sombra até chegarem a uma

abertura e emergirem sob a cobertura de nuvens para pairar no ar acima de uma alta floresta de pinheiros.

A paisagem da mente de Ayleth. Cheia de segredos. Cheia de sombras sussurrantes.

Hollis guiou sua sombra para abaixar-se sob a copa de ramos de pinheiro densamente cultivados. Eles esvoaçavam entre troncos altos, não maiores do que uma mosca delicada, quase indetectáveis. Ayleth teria que saber exatamente onde olhar para discernir a presença invadindo sua mente.

À medida que avançavam rapidamente pela floresta, Hollis notou figuras piscando em sua visão periférica, nas profundezas das sombras mais escuras. Figuras longas, baixas e selvagens, sempre fora de vista.

Hollis fez uma careta. Embora fossem fugazes e difíceis de discernir, essas figuras de sombra não deveriam ser visíveis de forma alguma, não deveriam ser tão ascendentes no cérebro de Ayleth. Se algo não fosse feito a respeito delas logo, Ayleth começaria a vê-las, a senti-las. A se lembrar delas.

Apressando a sombra dela mais rápido, Hollis finalmente emergiu das árvores de volta ao ar livre. Enquanto seu espírito e sua sombra pairavam sobre um desfiladeiro profundo e irregular, sua sobrancelha se contraiu em uma carranca. Havia pegadas ao longo da borda da garganta: pegadas humanas distintas.

Ayleth esteve aqui. Recentemente.

O que significava que o bloqueio de memória estava enfraquecendo rapidamente.

A um comando silencioso de sua senhora, a Aparição inclinou-se e mergulhou direto para o desfiladeiro. Ele esvoaçou facilmente através do espaço apertado onde as paredes quase convergiam e voavam para baixo e para baixo, mais e mais fundo, até que de repente a garganta se alargou

novamente, e eles emergiram em uma ravina subterrânea bem abaixo da floresta de pinheiros.

Um riacho sinuoso como uma fita de prata fluía suavemente ao longo das margens pedregosas. Hollis seguiu seu curso até um lugar onde o riacho desaguava em uma abertura denteada de não mais que um metro de largura, como uma boca circular cercada por dentes de pedra. Além desse buraco, mais profundo e escuro, ficavam as regiões mais remotas e quase inalcançáveis da mente de Ayleth.

E, brilhando com poder, uma teia invisível de canção mágica cobria aquele buraco, a canção mágica de Hollis.

Hollis desmontou e, movendo-se com cuidado, aproximou-se do buraco e da teia. Ela havia tecido a teia e a colocara no lugar há muito tempo, e por muitos anos ela cantarolou sua poderosa magia imperturbável na escuridão.

Mas, cinco anos atrás, Ayleth começou a fazer perguntas. Hollis, preocupada com a natureza dessas perguntas, aproveitou a primeira oportunidade para entrar novamente na mente de sua aprendiz, para procurar este desfiladeiro e verificar a teia de feitiço. Ela o encontrou ainda segurando, mas espancado, como se tivesse sido golpeado por punhos furiosos e esmurrando. Ayleth quase conseguiu passar. Ela quase se lembrou... de tudo.

Desde então, Hollis teve o cuidado de reforçar o bloqueio de memória a cada poucos meses.

Desta vez, embora o tenha estudado com cuidado, Hollis não viu nenhum sinal de adulteração de seu feitiço. Ainda assim, se Ayleth havia chegado até a garganta, o feitiço devia estar enfraquecendo, precisando de atenção.

Usando sua magia de aparatação, Hollis colocou força no feitiço. Se fosse visível, pareceria que ela engrossou as fibras, apertou a trama e acrescentou

mais fios à urdidura e à trama. Mas essa teia era mais parecida com música do que qualquer coisa, embora não fosse realmente música. Quando ela terminou, o feitiço vibrou em uma melodia de pura magia.

Satisfeita com seu trabalho, Hollis subiu de volta em sua sombra e deixou que ela a levasse para fora do riacho frio e úmido, através da ravina estreita e para o ar livre sob a espessa camada de nuvens imaginárias. Hollis respirou fundo de alívio.

Que pegou repentina e dolorosamente em sua garganta, fazendo seu corpo mortal, longe em seu quarto no mundo físico, sacudir onde estava sentado.

Ayleth estava na beira do desfiladeiro. Olhando para o céu.

Olhando bem onde Hollis e sua sombra pairavam.

— *Vá!* — Hollis assobiou, e sua sombra balançou em movimento, suas muitas asas batendo no ar. Eles percorreram os galhos mais altos da floresta de pinheiros, observando o céu em busca de uma pausa nas nuvens que lhes permitiria escapar deste mundo. Abaixo e atrás deles, Hollis podia sentir Ayleth galopando por entre as árvores, caçando-os com uma intensidade de lobo, perseguindo os invasores de seu inconsciente.

A luz fluía à frente, uma fenda nas nuvens espessas. — *Pronto! Rápido!* — Hollis gritou para sua sombra. Ela ganhou velocidade, encontrou a abertura, girou para cima, para fora...

E irrompeu na pequena sala da torre no mundo mortal.

Hollis pairou no ar, uma projeção sem corpo acima da cama de Ayleth. Ela viu a garota se sentar, engasgando com um grito, as mãos agarrando o colchão de palha, os olhos arregalados com uma mistura de terror e luxúria de caçadora. Ela olhou freneticamente ao redor do quarto, seu olhar passando rapidamente por Hollis e sua sombra. Se sua própria sombra

estivesse ascendente, Ayleth teria facilmente detectado a presença de Hollis. Mas Ayleth sabia que não devia dormir com uma sombra não suprimida.

Mesmo assim, Hollis ficou preocupada enquanto observava, meio com medo de que a garota saísse cambaleando da cama, descesse as escadas da torre e explodisse pela porta da patroa, exigindo saber o que Hollis estava fazendo, penetrando em sua mente sem ser convidada.

Lentamente, a expressão feroz desapareceu do rosto de Ayleth. Ela praguejou irritada, então se virou na cama, plantando o rosto no travesseiro e se enrolando em uma bola. Hollis sussurrou uma prece de agradecimento. Seu corpo mortal em seu quarto, ainda tocando a canção do feitiço, cedeu de alívio.

Levada em asas invisíveis, a consciência de Hollis voou de volta pela escada sinuosa e para dentro de seu quarto. Por um instante, ela pairou fora de si mesma, observando seu próprio corpo sentado de pernas cruzadas em sua cama, os tubos Vocos em seus lábios, seus olhos fechados. Seu cabelo claro, com mechas grisalhas, solto em volta dos ombros, e suas bochechas estavam encovadas.

Com um suspiro, ela afundou de volta em si mesma, mais uma vez totalmente consciente de seu corpo. Ela mudou a melodia que tocava do Comando para a Supressão. Sua sombra vibrou com raiva dentro de sua cabeça enquanto a canção do feitiço envolvia seu ser, mas sua resistência era simbólica.

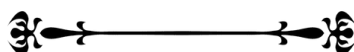
Hollis resolveu a música rapidamente. Com o zumbido da flauta ainda reverberando em sua cabeça, ela abaixou o instrumento e ficou sentada imóvel por alguns momentos, os olhos fechados.

Então seus lábios se moveram e ela sussurrou na quietude de seu quarto:
— Vai aguentar. Por um tempinho.

Não tinha que aguentar muito mais tempo. Só até Ayleth atingir o vigésimo ano. Então, Hollis prometeu a si mesma, ela contaria tudo à garota. Então ela levantaria o bloco de memória. Em seguida, ela explicaria suas escolhas, as muitas escolhas difíceis que ela fez, uma após a outra, desde o dia em que pôs os olhos pela primeira vez naquela criança selvagem de cabelos bagunçados e rosto sujo.

Só mais dois meses. Tão pouco tempo! Hollis cerrou os punhos em torno de seus tubos Vocos, respirando fundo e entrecortadamente. Ela iria se agarrar a qualquer tempo que lhe restasse. Porque quando a verdade viesse à tona... quando Ayleth finalmente soubesse... isso seria o fim.

Ela iria salvar ou condenar todos eles.



Ayleth desceu desajeitadamente até a sala principal da casa de quarteirão antes do nascer do sol e colocou uma panela de água e aveia no fogo para cozinhar. Ela se sentia como se não dormisse há semanas. Sonhos estranhos a atormentaram durante a noite. Sonhos de caça. Sonhos de perseguir uma figura que ela não conseguia ver até que, no final das contas, ela teve o vislumbre de um rosto. Sonhos de...

Passos soaram na escada. Virando-se, Ayleth observou Hollis sair da escada e entrar na sala. Ela estava vestida com suas botas de montaria e esporas, o capuz vermelho sobre a cabeça.

— Você vai caçar?

Hollis lançou um olhar inexpressivo para Ayleth. — Chegou a notícia ontem de uma sombra vista a cinco dias de cavalgada daqui. Esperei seu retorno, mas não posso esperar mais. — Ela cruzou a sala até o armário em

uma parede e o abriu para revelar as várias aljavas cheias de dardos com ponta de veneno, sem mencionar suas lâminas e outros implementos. Suas bainhas para os cachimbos Vocos e Detrudos já estavam penduradas no cinto. Com a facilidade de muitos anos de experiência, a venatrix pendurou as aljavas em seu peito, colocou as braçadeiras em seus braços e colocou seu escorpião no coldre. — Eu estarei fora por pelo menos quinze dias. Talvez mais, dependendo de quão difícil esta caçada se mostre.

Ayleth a observou atentamente, seus músculos inconscientemente tensos como se na presença de um inimigo. Ela estava pronta à menor provocação para entrar em ação, mas não sabia por quê.

Hollis fechou o armário e foi até a porta, onde alforjes cheios de suprimentos já estavam prontos. Ayleth não os notou na noite anterior, concentrada como estivera na hora em sua avaliação. Hollis pendurou as sacolas no ombro e abriu a porta, fazendo uma breve pausa.

— Você não vai deixar Gillanluòc na minha ausência. Prepare os restos mortais do cão para envio para a Castra Breçar. — Seus olhos encontraram os de Ayleth do outro lado da sala.

Naquele momento, Ayleth pensou ter visto... ela não conseguia dizer o quê. Uma tempestade de asas em um céu escuro e nublado. Um lampejo de reconhecimento, lá e então se foi.

Sem outra palavra, Hollis passou pela porta e a fechou atrás dela.

Ayleth permaneceu sentada no banquinho junto à lareira, esquecendo a aveia fervente. Ela apertou uma colher de pau em um punho como se fosse uma arma, ouvindo até que ouviu os cascos de um cavalo no pátio, ouviu o portão abrir e fechar atrás de sua dona.

Ela estava sozinha. Novamente. Deixada para trás pelo trabalho importante, presa em sua própria casa.

Sem apetite repentinamente, Ayleth tirou a panela do fogo e, depois de vestir uma capa para se proteger do frio outonal do ar, saiu primeiro para cuidar de Chestibor e depois foi para a casa de ossos. A tarefa desagradável de preparar uma carcaça de sombra certamente ajudaria a arrancar de sua mente as lembranças de pesadelos passageiros.

Horas depois, coberta de sangue até os cotovelos, sangue manchando sua testa onde ela inconscientemente escovou fios de cabelo com as costas das mãos sujas, Ayleth voltou ao fortim. Ela encheu a maior das panelas de Hollis com água e pendurou-a em um gancho sobre as brasas. A impaciência a levou a retirá-la novamente antes que estivesse mais do que morno, mas ela atacou sua pele suja com uma camada de sabão de soda cáustica e de alguma forma conseguiu se limpar.

Terminada a tarefa, ela se deixou cair em uma das cadeiras da mesa. Ela poderia voltar sua atenção para muitos trabalhos diferentes. Havia novos dardos a serem esculpidos, novas pontas a serem cuidadosamente mergulhadas em seus vários venenos. Ela poderia puxar seus Vocos ou Detrudos e praticar variações em qualquer número de encantamentos musicais, ou ela poderia definir um alvo no quintal e praticar atirar com seu escorpião.

Em vez disso, ela se sentou onde estava. Olhando para lugar nenhum. Vendo novamente aquele céu ameaçador, aquele estranho conglomerado de asas.

E o rosto de Hollis.

Hollis estava em sua mente na noite anterior. Ela tinha certeza disso. Por que, ela não conseguia adivinhar. Com que propósito, ela não podia imaginar. Mas sua senhora havia usado sua magia de aparatação e invadido a privacidade de Ayleth, invadido seus sonhos, sua mente inconsciente.

Isso era possível...? Hollis poderia estar bloqueando suas memórias?

Com um grunhido repentino, ela bateu na mesa e se levantou. Ela não queria pensar dessa maneira. Ela amava Hollis. Hollis era... tudo! Sua senhora, sua mãe, sua única amiga. E Hollis a amava de volta, ela pensava, ou ela esperava. Na medida em que Hollis poderia amar qualquer pessoa ou qualquer coisa. A venetrix sempre cuidou de Ayleth, treinou-a completamente, cuidando para que o espírito possessor de sua alma não pudesse dominá-la. Ela dera a Ayleth propósito, foco, impulso.

E Ayleth, por sua vez, dera a Hollis sua confiança.

— Ela mentiu para mim. — As palavras saíram espontâneas e amargas. — Ela sempre mentiu para mim. Ou ela escondeu algo de mim. — Não importava qual. O engano estava lá.

Ela nem sabia seu nome verdadeiro...

A resolução cresceu de repente, dolorosamente, em seu coração. Caminhando de volta para a lareira, Ayleth alcançou uma das alcovas ao longo da parede. Seus dedos encontraram rapidamente o que procurava, apesar dos esforços de Hollis para esconder. Hollis teria que queimá-lo para evitar que Ayleth olhasse ele novamente.

O selo do castra já estava quebrado, então Ayleth simplesmente deslizou o fio que segurava o pergaminho fechado e o desenrolou para ler as palavras emocionantes mais uma vez:

Estimada Hollis, Venatrix di Theldry,

Lamento ter de escrever para informá-lo do desaparecimento e suposta morte de seu ex-irmão caçador, Nane, Venador du Vincent. Ele serviu com grande coragem ao longo dos anos, e sua perda será um golpe contínuo para a Ordem. Nane falou muito

bem de você durante os últimos dez anos em que servimos juntos no Posto Avançado de Milisendis, e acredito que ele gostaria que você fosse informada de sua perda.

Os candidatos estão agora a caminho do Castelo Dunloch para se apresentarem ao Príncipe Dourado. Ele nomeará o substituto de Nane em breve, para servir ao meu lado em Milisendis. Tenha certeza de que a Barreira será mantida.

*Em nome de nosso digno antepassado, o beato Evander,
Kephan, Venator du Tam
Wodechran Borough*

O olhar de Ayleth demorou-se no segundo parágrafo. — Os candidatos estão a caminho. — Ela sussurrou, inconsciente de que seus lábios se moviam.

Estava tudo na carta. O próprio Príncipe Dourado escolheria quem ele considerasse digno para substituir o Venator Nane. O castra poderia enviar quem quisesse, mas a decisão final cabia ao próprio príncipe.

Quem disse que ela não poderia se apresentar, mesmo sem a sanção oficial de Hollis? Afinal, ela não era mais aprendiz. Ela era uma venatrix, experimentada e comprovada.

E Hollis mentiu para ela. Sempre mentiu para ela. Continuará mentindo para ela para sempre.

Hollis invadiu sua mente.

Olhando para as palavras naquele pergaminho, Ayleth apertou a mandíbula e expandiu o peito com uma respiração profunda. Brevemente, sua resolução vacilou. Ela deveria ficar aqui em Gillanluòc como Hollis queria que ela ficasse. E ela não estava realmente qualificada, certo? Não para o feitiço de Barreira, não nesse nível. Ela era boa, mas boa o suficiente para impressionar um príncipe? Boa o suficiente para lutar contra Floresta da Bruxa,

para manter a prisão que mantinha os Demônios Carmesins? Não, não. Ela deveria saber melhor do que se agarrar a tanto. Ela deveria saber seu lugar, ficar onde pertencia.

Ayleth soltou o fôlego e enrolou o pergaminho, apertando-o em seu punho. Chega dessa hesitação. Chega de desculpas, chega de medos mesquinhos. Ela se apresentaria ao Príncipe Dourado. E ela se libertaria do estrangulamento de Hollis de uma vez por todas.

CAPÍTULO SEIS

— Hervi, certifique-se de prender bem esses barris! — a Senhora do Remo gritou por toda a extensão de sua barça. — Se você deixar o bom vinho do Mestre Folquet flutuar rio abaixo, vou mandar você atrás dele.

O menino sorriu e saudou bem-humorado e começou a ajustar os nós. A Senhora do Remo acenou com a cabeça em aprovação, observando o resto de sua tripulação com um olhar cuidadoso. Eles serviram sob seu comando por tempo suficiente para saber que não podiam se safar de nada.

O cais da cidade ribeirinha fervilhava de barulho e atividade, como sempre. Esta era a travessia principal para o bairro de Wodechran, e os mercadores do norte de Perrinion que queriam fazer negócios no domínio do Príncipe Dourado viajavam aqui para que seus produtos fossem transportados pelo rio Aiga. Sempre havia novos clientes ansiosos para pagar a uma barqueira disposta, e a Senhora do Remo mantinha uma agenda apertada para atender à demanda.

— Isso é tudo, Goodman Gul? — ela chamou seu primeiro homem, que estava verificando a segurança de uma pilha de caixas.

Ele se virou para responder, mas quando abriu a boca nenhuma palavra saiu. Em vez disso, ele olhou por cima do ombro da Senhora do Remo enquanto seu rosto ficava sem sangue.

Franzindo a testa, a Senhora do Remo se virou. Uma respiração rápida assobiou entre seus dentes.

Uma Capuz Vermelho se aproximava ao longo do cais. A multidão ocupada de mercadores e gente do rio se separou rapidamente diante dela, todos ansiosos para evitar seu olhar. Eles não precisavam ter se preocupado.

Esse olhar estava fixo nesta mesma barcaça.

O estômago da Senhora do Remo embrulhou. Mas, odiando mostrar até mesmo um traço de covardia diante de seus homens, ela endireitou os ombros e caminhou rapidamente para a prancha de embarque e desceu para o cais para enfrentar a Capuz Vermelho que se aproximava em seu alto cavalo marrom.

— Como posso ser útil, boa senhora? — ela perguntou, tocando sua testa educadamente em saudação enquanto a Capuz Vermelho fazia seu cavalo parar.

A mulher se sentava ereta em sua sela, seu capuz puxado para baixo para que as sombras obscurecessem seu rosto, e falou com uma voz profunda e rouca. — Eu procuro passagem para Wodechran. — Ela pousou a mão em uma bolsa em seu cinto e puxou a aba. O coração da Senhora do Remo deu um pulso. Ela tinha ouvido rumores sobre os Capuzes Vermelhos e todas as suas estranhas armas e venenos.

Mas a mulher estranha simplesmente produziu uma moeda, segurando-a de forma que o sol da manhã brilhasse em sua superfície. — Eu posso pagar. — disse ela.

A Senhora do Remo balançou a cabeça, levantando a mão. — Não há necessidade. Fico feliz em servir à Ordem Evanderiana. — Ela engoliu em seco e apontou para a prancha de embarque. — Partimos no quarto de hora. Deixe você e seu cavalo confortáveis.

A Capuz Vermelho desmontou e conduziu seu cavalo até a prancha de embarque. Lá o animal empacou momentaneamente, colocando as orelhas para trás. A Capuz Vermelho coçou o nariz e murmurou algo que soou

estranho e terrível aos ouvidos da Senhora do Remo. A pele do cavalo estremeceu, mas ele obedeceu à dona e continuou subindo a prancha até a barcaça de fundo plano. A Capuz Vermelho encontrou espaço entre as caixas e barris carregados e ficou ao lado do cavalo, de frente para a margem oposta.

Uma onda de movimento, e as vestes de cores vivas e o chapéu de penas de Mestre Folquet chamaram a atenção da Senhora do Remo. O comerciante desceu apressadamente a prancha de embarque até o cais, seu passo ágil e rápido para um homem de seu tamanho.

— Você... você não disse que transportaria um deles comigo e minhas mercadorias! — ele engasgou, ofegando ligeiramente em seu pânico.

A Senhora do Remo olhou para ele. — Você prefere que eu volte por você, Mestre Folquet? Porque eu não estou pedindo a ela para esperar pela próxima viagem, a Deusa me ajude.

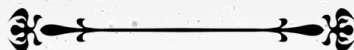
O comerciante olhou para trás ao longo da barcaça, seu olhar movendo-se de sua mercadoria carregada, que valia uma pequena fortuna, para a Capuz Vermelho parada e quieta no centro. Ele enxugou a testa, murmurando uma breve oração. Então, em voz baixa, chamou um de seus homens: — Gaetan! Veja a descarga do outro lado. Eu vou... vou me juntar a você mais tarde.

Com isso, ele se virou e, juntando suas vestes, bateu em retirada através da multidão ao longo da costa, em direção à cervejaria mais próxima. Ou em qualquer outro lugar fora da vista da Capuz Vermelho.

A Senhora do Remo balançou a cabeça, secretamente desejando que ela ousasse se juntar a ele. Mas ela se preparou, dando ordens a seus homens enquanto embarcava em sua embarcação fluvial e tomava seu lugar no leme. Os remos entraram em movimento e a barcaça começou sua jornada pelo

Aiga de um quilômetro de largura até a cidade do outro lado. O rio, em todas as centenas de vezes que o cruzou, nunca pareceu tão infinitamente largo.

Ao longo da travessia, a Capuz Vermelho ficou ao lado de seu cavalo, com o olhar voltado para a margem oposta, sem dizer uma palavra a ninguém.



O rio Aiga brilhava sob o sol da tarde, suas águas aparentemente plácidas a olho nu. Ayleth não foi enganada. Ela observou os remadores de sua posição no centro da barça, notando como eles forçavam as costas para manter um ritmo constante e curso reto enquanto carregavam sua carga através do poderoso fluxo do Aiga.

Estava frio em mar aberto. Ayleth puxou a capa com força e se aproximou de Chestibor. Esta não era sua primeira vez em uma barça. Ela havia viajado de maneira semelhante por sete dias, descendo o rio Aalis de Drauval e entrando nas terras baixas de Perrinion, reduzindo seu tempo de viagem pela metade. Seguiu-se um dia de cavalgada através do país, mantendo-se fora das estradas principais para evitar o encontro de estranhos, e agora esta travessia do Aiga para Wodechran. Com alguma sorte, ela se apresentaria no Castelo Dunloch antes que o Príncipe Dourado fizesse sua escolha final para a posição de posto avançado.

A cidade do outro lado do rio se espalhava impossivelmente grande aos olhos de Ayleth, seus telhados vermelhos e paredes caiadas de pau-a-pique refletindo o sol com um brilho deslumbrante. De acordo com o mapa de Hollis, não deveria haver nenhuma cidade aqui, mas aquele mapa tinha uns bons vinte anos ou mais, e os únicos ajustes foram feitos pela própria Hollis. Esta

cidade, brilhante, nova e próspera, deve ter surgido depois que Hollis partiu para Drauval, tantos anos atrás.

Quando a barcaça se aproximou das docas, Ayleth ouviu a Senhora do Remo dar ordens bruscas para começar a preparar a carga para o descarregamento. Os meninos do barco trabalhavam ao redor de Ayleth como se ela pudesse a qualquer momento saltar sobre eles como uma pantera, mas não tinham motivos para temê-la. Ela já havia lançado um olhar superficial sobre a tripulação usando sua visão de sombra e, até onde ela podia dizer, não havia sombra a bordo da barcaça.

Ignorando os olhares assustados, ela acariciou o pescoço de Chestibor. — Estamos quase lá, garoto. — Ela sussurrou. E, no fundo de sua mente, acrescentou: — *Estamos perto, Laranta.*

Sua sombra de lobo apenas rosnou em resposta, presa por muitas canções de feitiço suprimindo para oferecer muito mais.

A barcaça parou no cais minutos depois, e Ayleth, sem uma palavra de despedida à Senhora do Remo ou à tripulação, conduziu seu cavalo pela prancha de embarque e entrou na cidade. Eles não queriam falar com ela, e ela preferia ficar quieta de qualquer maneira. Ela não iria respirar fácil de novo até que deixasse a barcaça e a cidade para trás.

Ela montou rapidamente e cavalcou pelas ruas sinuosas, evitando o contato visual com aqueles que a encaravam, e pegando as estradas mais largas através do aglomerado de edifícios. Havia algo terrivelmente opressor nos olhares assustados e nos espíritos aterrorizados e trêmulos de todas aquelas pessoas da cidade. Alguém poderia pensar que ela era sua inimiga.

Embora seu capuz vermelho a marcasse como uma evanderiana, eles nunca poderiam esquecer que ela mesma era tomada pela sombra. Ela sempre seria uma figura de terror para aqueles que ela procurava salvar.

Com o tempo, ela se acostumaria com isso, disse a si mesma enquanto guiava Chestibor por uma estrada que parecia provável ao leste, finalmente escapando dos limites da cidade e conquistando o campo aberto além. Levaria tempo para construir uma tolerância ao medo que sua presença acendia nos outros. Ela chegaria lá da mesma forma que Hollis.

Com esse pensamento, a imagem do rosto duro de Hollis passou por sua visão. Ayleth estremeceu. Ela não gostava de pensar em sua senhora. Já fazia três semanas desde que ela deixou Gillanluòc para trás sem uma mensagem para dizer a venatrix onde ela tinha ido. Hollis sem dúvida iria adivinhar, e Ayleth só podia torcer para que ela não saísse atrás dela. Se a Deusa estava do lado de Ayleth, talvez Hollis ainda não tivesse retornado de sua caçada, ainda não tivesse descoberto que sua ex-aprendiz havia fugido...

Não valia a pena continuar pensando, então Ayleth se concentrou na estrada à sua frente. Ela estava tão perto de seu destino agora. Ela precisava concentrar seus pensamentos no futuro, em sua missão.

Uma hora depois de deixar para trás a cidade ribeirinha, ela encontrou uma trilha pouco percorrida que ela acreditava ser um circuito de venator e virou-se para Chestibor para segui-la, subindo a colina. Quanto mais alto ela subia, melhor se tornava sua visão do bairro de Wodechran. Ela vislumbrou aldeias distantes e casas de santuários. Os campos ao redor eram bem cuidados e os trabalhadores que ela avistou de longe pareciam saudáveis e vigorosos. O Príncipe Dourado era aparentemente um mestre bom e justo.

Um súbito arrepio percorreu seu corpo.

No início de sua viagem de Gillanluòc, ela se concentrou inteiramente em chegar a Wodechran. Mas agora que ela estava aqui... agora que ela estava a algumas horas de cavalgada do Castelo Dunloch...

— Deusa, me ajude. — Ela murmurou, — Eu não estou pronta para ficar na frente... dele.

O Príncipe Dourado não era um príncipe qualquer. Ele era o filho do Rei Escolhido. Seu pai tinha sido o próprio instrumento da Deusa, sua mão direita encarnada, usado para matar Odile e acabar com a Guerra das Bruxas. E o filho... Ele foi o herdeiro profetizado enviado para liderar o povo de Perrinion em uma Idade de Ouro. Uma figura de mito e lenda desde antes de seu nascimento, a prova viva do favorecimento da Deusa aos mortais.

Ele iria rir na cara dela.

Ayleth puxou as rédeas de Chestibor com tanta força que ele ergueu as orelhas e puxou o freio. Seu coração trovejou em sua garganta. As imagens tolas que ela se entregou nas últimas semanas passaram diante de seus olhos, todos aqueles devaneios de caminhar valentemente para a base de um trono poderoso, sua capa ondulando, suas fivelas brilhando...

Um rubor subiu por suas bochechas. Como ela pôde ter sido tão estúpida? Como ela pôde ser tão arrogante? Tão focada em seu prêmio que se esqueceu de encarar a realidade?

O príncipe daria uma olhada nela em comparação com os outros candidatos e veria imediatamente que ela era uma caipira inexperiente vinda de lugar nenhum. Não era como se ela tivesse qualquer prova de suas qualificações. Ela nem mesmo teve a aprovação de sua patroa.

E os outros candidatos? A carta do Venator du Tam não dava nenhuma indicação de quantos poderiam ser, mas quem quer que fossem, deviam ser o melhor que Perrinion tinha a oferecer. Ela realmente achava que poderia competir contra níveis tão altos de treinamento e habilidade? Os candidatos favorecidos selecionados e enviados diretamente pelo castra?

Laranta estremeceu com o repentino tumulto de pensamentos dentro do espaço da cabeça compartilhada. Ela mudou, começou a rosnar. *Muito alto. Tentando dormir.*

— *Você não ajuda em nada.* — Rebateu Ayleth internamente.

Sua sombra rosnou e se enrolou em si mesma, formando uma pequena bola irritada em um canto da consciência de Ayleth.

Bem, ela não podia simplesmente ficar sentada aqui no meio da estrada. O dia estava bem avançado, e agora que ela tinha vindo até aqui... Ayleth fez com que Chestibor voltasse a se mover. Agora que ela chegou tão longe, ela deveria ver esse plano tolo dela até o fim. Era isso ou correr de volta para Gillanluòc com o rabo entre as pernas para rastejar aos pés de sua patroa na esperança de perdão. Mas ela não se humilharia. Nunca. Ela enfrentaria os resultados de sua própria impulsividade de frente.

— Talvez eu deva trocar de uniforme. — Ela murmurou para os ouvidos despreocupados de Chestibor, que estremeceram em resposta à sua voz. — Meu outro uniforme não é melhor do que este, mas talvez seja um pouco mais limpo. — Sua voz parou assim que seu cavalo a carregou para o topo da colina. Todas as outras preocupações desapareceram e seus olhos se arregalaram de horror.

A Floresta da Bruxa se espalhava diante de sua visão.

A maldição final do Terrível Odile. O coração envenenado de Perrinion.

Embora ela tivesse estudado o mapa de Hollis muitas vezes durante sua jornada, não havia como se preparar mentalmente para o tamanho da escuridão que se espalhava pela paisagem. Ao norte ela viu o rio Aiga fluindo, mas ao sul e ao leste a Floresta da Bruxa se estendia além do horizonte visível. Embora as florestas marginais, a não mais de meio quilômetro da posição atual de Ayleth, brilhassem em vermelho e dourado com cores

outonais, refletindo a luz do sol de suas copas, Ayleth viu claramente a demarcação da canção do feitiço da Grande Barreira.

Além dessa linha, as árvores da Floresta da Bruxa pareciam engolir toda a cor, toda a luz, esmagando-a em uma escuridão irredimível. E lá no fundo, muitos quilômetros além da fronteira, uma mão de pedra maciça se estendia através da copa da floresta como a última tentativa de um homem se afogando para sobreviver.

Uma vez, o grande ídolo de Terrível Odile dominou esta paisagem. Uma vez, ele assomava acima de tudo, impossível em sua beleza, esculpido em oblidite puro pelo poder da própria Rainha Bruxa, erguido em sua própria honra para seus seguidores adorarem.

A Floresta da Bruxa engoliu a cidade de Odile e devorou o ídolo até que apenas a mão permaneceu, um testemunho desesperado e abandonado do poder que o Rei Escolhido acabou com um golpe de sua espada.

Ayleth não conseguia desviar os olhos daquela visão. A partir daqueles cinco dedos em forma de pilar com pontas em longas garras de pedra.

Laranta se desvencilhou de seu mau humor por dentro e empurrou as amarras da canção do feitiço, subindo para a vanguarda da mente de Ayleth. *Sinto cheiro de sombra*, disse ela.

Com um aceno de cabeça, Ayleth desviou o olhar de Floresta da Bruxa. – *Muitas sombras vivem naquela floresta*. – disse ela, fazendo com que Chestibor voltasse a se mover e guiando-o cuidadosamente pela encosta. Ela pensou nos nomes listados no livro de Hollis, os Diabos Carmesins. Mas quantas outras sombras haviam, ao longo dos anos, fugido para além da Grande Barreira para escapar da Ordem de Evander? A morte que eles temiam era realmente pior do que uma existência contínua naquela floresta de pesadelo?

Laranta rosnou baixinho, mas intensamente. Ayleth sentiu a ansiedade de sua sombra formigar sob sua pele. *Sinto cheiro de sombra. Aproximando!*

Ayleth franziu o cenho. — *Cale-se, Laranta.* — disse ela. — *Ou eu vou amarrar você de volta.*

Laranta recuou. Mas ela continuou a transbordar de excitação por trás da consciência de Ayleth enquanto desciam a ladeira e retomavam a jornada em terreno plano. Essa trilha, percebeu Ayleth, a levaria para perto das florestas marginais de Floresta da Bruxa. Não gostando dessa ideia, ela pegou seu mapa, na esperança de encontrar uma rota melhor para o Castelo Dunloch. Mas assim que sua mão tocou o longo recipiente que segurava o mapa, um movimento chamou sua atenção.

Olhando para cima, ela viu um cavalo com uma sela vazia vagar para fora das sombras da floresta da orla.

Sombra! Laranta rosnou. *Aproximando!*

CAPÍTULO SETE

— *Laranta, dê-me sua visão.*

Sua sombra de lobo respondeu imediatamente ao comando, e a visão de Ayleth brilhou com a luz da sombra. Ela estudou o cavalo sem cavaleiro, procurando algum sinal de uma sombra interior, mas não discerniu nada mais do que o brilho básico e saudável da alma do cavalo.

A besta, sentindo o cheiro de Chestibor, ergueu a cabeça e inclinou as orelhas para frente. Com um relinchar nervoso, ele começou a andar na direção deles, ansioso por companhia após sua perambulação pela floresta. Chestibor bufou uma saudação, movendo-se ao comando de Ayleth em direção ao outro animal, que estendeu o nariz para Chestibor.

Ayleth escorregou da sela e agarrou o cavalo estranho pelas rédeas. Ele se encolheu um pouco, mas se acalmou com alguns murmúrios suaves e uma carícia suave em seu pescoço. A presença de Chestibor deu-lhe coragem. Ayleth passou as mãos sobre a besta, em busca de algum sinal de ferimento ou uso pesado. Era um cavalo bonito e bem cuidado, evidentemente de linhagens mais exaltadas do que as de seu resistente corcel da montanha. O equipamento que usava não tinha adornos, mas também era de boa qualidade.

Ela conduziu o cavalo até a árvore mais próxima na orla da floresta e prendeu suas rédeas a um galho robusto. Pensando bem, ela amarrou Chestibor ao lado dele. Então, usando a visão de Laranta, ela olhou cuidadosamente ao redor do campo e na própria floresta, procurando pelo vislumbre de uma alma mortal.

Nada. Mas certamente o cavaleiro deste cavalo deve estar em algum lugar perto. O animal não parecia ter sido abandonado por muito tempo.

Algo não estava certo aqui.

Ayleth tirou seu Vocos da bainha e o prendeu na posição. Respirando fundo, ela deu vida à Canção de Comando. Laranta deu um salto para a frente imediatamente, transbordando de entusiasmo e pronta para caçar. Ayleth tocou uma variação do feitiço da canção, tirando Laranta de sua mente para se manifestar no mundo mortal ao seu lado como o grande lobo negro.

Sombra! Laranta disse ansiosamente, puxando a corda da alma como um cachorrinho na coleira.

Ayleth tocou uma linha de música afiada, puxando-a de volta. — *Eu preciso que você encontre uma alma mortal.* — Ela disse em sua mente. — *O mortal que montou este cavalo.*

Laranta franziu os lábios em protesto. Mas ela não resistiu ao lance do feitiço da música. Ela se aproximou do cavalo, que não podia ver nem sentir a sombra do lobo de forma alguma, mas ainda assim puxava nervosamente contra suas amarras. O nó de Ayleth o prendia com força.

Laranta ergueu a enorme cabeça, fungando na sela. *Mortal*, ela disse sem muito entusiasmo. Ela virou o focinho em direção à floresta e começou a andar rápido. *Por aqui.*

Ayleth terminou a última medida do feitiço e colocou os Vocos em sua bainha antes de trotar atrás de sua sombra de lobo nas sombras da floresta periférica. Ela manteve a visão sombreada de Laranta nos olhos, observando o mundo cintilante do espírito que se sobrepunha ao mundo mortal. As árvores brilhavam com vida pulsante, espíritos estranhos totalmente diferentes dos mortais ou das sombras, mas potentes à sua maneira. Almas de pequenos animais e até de insetos cintilavam em sua periferia, mas Ayleth há muito

aprendera a conduzir essas distrações de volta aos limites de sua consciência e focar em sua missão.

Adiante, Laranta parou abruptamente. Sua raiva aumentou.

— *O que é isso?* — Ayleth perguntou, sua voz silenciosa ondulando ao longo da corda da alma.

Sombra, Laranta respondeu, mas desta vez com uma rispidez na voz. Seu grunhido não era mais ansioso, mas sim um aviso.

Usando sua visão sombria, Ayleth espiou à frente por entre as árvores na direção que Laranta enfrentava. Ela apenas discerniu um brilho de... Magia.

Laranta estava certa. Havia uma sombra. Se aproximando.

— *Onde está o cheiro mortal?* — Ela perguntou a sua sombra de lobo.

À frente.

Ayleth puxou o capuz vermelho da cabeça e escondeu-o. Ela agora estava oficialmente à caça e não ousava oferecer aos tomados de sombra qualquer indicação de sua identidade. — *Vá em frente, Laranta.* — disse ela. — *Talvez estejamos a tempo de salvar este infeliz mortal.*

Sua sombra avançou, perdendo a maior parte de sua forma de lobo e se tornando pouco mais do que uma sombra escura ao longo do chão. Ayleth, embora não pudesse vê-la, seguiu por meio de sua corrente de alma. Ela cuidou de como e onde colocar os pés, não fazendo mais barulho do que o inevitável.

A sensação de magia aumentou de um brilho fraco para uma força poderosa brilhando cada vez mais. Laranta parou atrás de um grupo de abetos através dos quais a luz brilhava como um pequeno sol azul descendo ao solo.

Lá. Sombra.

Ayleth separou cuidadosamente os galhos agulhados que ocultavam sua visão. Ela engasgou.

Diante dela estava um poderoso mosteiro, um enorme edifício que não poderia estar lá no meio daquela floresta densa. Por um momento, a cabeça de Ayleth girou com a doença da visão dupla, vendo o enorme edifício e a floresta ao mesmo tempo.

Então sua visão sombria se ajustou e ela viu que o que ela primeiro percebeu como sólidas paredes de pedra e arcos e telhados de chumbo não era nada mais do que uma ilusão azul brilhante. Fantasmagórico e frio, mas estranhamente convincente, tão detalhado que ela quase acreditou. Cada coluna foi cinzelada com perfeição; cada santo de pedra ficava em sua alcova. Ela até ouviu cânticos, uma centena de vozes de mulheres cantando juntas em harmonias mais complexas do que qualquer canção de Vocos ou Detrudos.

Uma aparatação, ela pensou, criando uma visão em sua mente. Mostrando os dentes em uma careta cruel, ela tirou seu escorpião do coldre, prendeu-o no lugar em sua braçadeira e carregou um dardo paralisante. Sua careta se transformou em um sorriso. Ela agora tinha experiência em caça às aparições. Ela não iria deixar ninguém a manipular novamente.

Rastejando para frente, forçando-se a ver através do vislumbre da ilusão, ela viu a própria floresta. Imensas ruínas estavam ao seu redor, cobertas de terra, cobertas de musgo e árvores. Paredes desmoronadas, portas quebradas. Estátuas dos santos se desintegrando em ruínas. Mas onde estava a sombra?

Uma porta tremeluziu diante dela, uma ilusão azul pulsante tão convincente que ela quase parou na frente dela, acreditando que não poderia passar. Mas por trás estava a realidade, nada mais do que uma pilha de

escombros. Ela continuou, escalando as pedras quebradas, e bateu em uma parede de ar gelado.

Foi tão afiado, tão repentino, que quase congelou o sangue em suas veias e quebrou seus ossos. Por um momento, seus sentidos foram totalmente dominados. No fundo de seu cérebro, ela sabia que estava experimentando uma ligação espiritual, um congelamento temporário, mas absoluto, de sua alma que simultaneamente paralisou o corpo. Ela não conseguia mover nada, exceto seus olhos.

Então ela viu a sombra.

Era uma coisa enorme, flutuante e horrível, sem forma definida. Ela não podia discernir o corpo hospedeiro através da névoa de mortalhas espirituais. Ela pensou ter visto cabelos estendendo-se pelas mãos, dois olhos enormes fixos, não nela, mas em algo ajoelhado diante deles.

Um homem, seu espírito brilhando forte dentro dele, resplandecente de medo abjeto.

Fora das mortalhas que se contorciam, uma mão esquelética se moveu, estendendo-se para pegar o espírito do homem em seu peito.

— *Laranta!* — Ayleth gritou por dentro.

Os poderes de sua sombra surgiram através dela, quebrando o vínculo do espírito. O impacto daquela quebra ondulou de volta para a enorme sombra, que ergueu os olhos de sua presa e fixou nela dois olhos terríveis e frios.

Ayleth agachou-se e, sem parar para pensar, movendo-se por puro instinto, disparou o dardo.

Ele disparou pelo ar e atingiu o alvo. A visão do espírito flutuante desapareceu, revelando uma pessoa anciã e murcha de sexo indeterminado. O dardo projetava-se de uma garganta oca e emaciada, com a ponta ondulada

tremendo. Por um instante, olhos mortais olharam ao longe, captando o olhar de Ayleth.

Um clarão ofuscante de calor.

Ayleth voou para trás e caiu com força, atingindo a cabeça dela. A escuridão se fechou em torno de sua visão, mas sua consciência lutou contra ela, gritando: — *Sua idiota! Sua idiota! Você usou o veneno errado!*

Esta sombra não era uma aparatação.

Através da escuridão da inconsciência ameaçadora, uma luz colérica rastejou em sua visão em túnel. Uma ilusão de fervilhar e turvar a substância espiritual, lançando não calor, mas gelo em seu rosto. Ayleth olhou para cima, incapaz de se mover. Um pedaço da turbulenta substância espiritual separou-se da massa, um enorme membro com muitas articulações erguendo-se alto, preparado para atacar.

O golpe nunca caiu. De repente, saindo das sombras, Laranta saltou. Embora a sombra do lobo não pudesse influenciar diretamente os corpos físicos, sua forma espiritual era perfeitamente capaz de se lançar contra outro espírito. Ela agarrou aquele membro comprido e estranhamente articulado e, com uma torção de suas poderosas mandíbulas, quebrou-o.

Das profundezas da raiva turbulenta soou um grito de cortar a alma. A sombra disparou, atingindo a cabeça de Laranta. Mas quando as garras se manifestaram e rasgaram seu pelo, a sombra do lobo avançou novamente, desta vez visando o centro do espírito. O golpe atingiu a sombra até o âmago e o espírito estremeceu. Com um estrondo que retumbou no solo em que Ayleth jazia, o espírito dobrou-se sobre si mesmo e recuou para seu corpo hospedeiro.

As paredes cintilantes do mosteiro desapareceram. Ayleth, com a cabeça ainda girando, levantou-se a tempo de ver a pessoa nua e murcha pulando sobre paredes em ruínas e fugindo para a floresta.

— Maldição, a sombra! — Ayleth praguejou entre os dentes e se agachou, determinada a persegui-la. Mas então seu olhar caiu sobre o homem ainda ajoelhado onde a sombra o havia deixado. Seu rosto estava flácido, os braços flácidos ao longo do corpo, a cabeça inclinada sobre o peito.

— Meu senhor! — Ayleth se endireitou rápido demais, e o mundo girou e escureceu nas bordas. Ela preparou as pernas, respirando fundo várias vezes. Uma vez que sua visão clareou, ela cautelosamente se aproximou do homem, atenta aos escombros que se moviam sob seus pés, e caiu de joelhos diante dele.

Ele estava respirando, um sinal de esperança. E quando ela o estudou com sua visão de sombra, ela podia ver que sua alma ainda estava presente dentro. A frente de sua camisa estava queimada. Ayleth puxou o tecido arruinado e encontrou a marca de uma mão sobre o coração, pulsando fracamente com a magia, mas desaparecendo rapidamente, para seu alívio.

Ayleth segurou o rosto do homem entre as mãos, inclinando-o sobre o dela. Ela bateu em suas bochechas, suavemente no início, mas com força crescente. — Meu senhor. Meu senhor!

A testa do homem se contraiu em um nó apertado. Seus lábios se separaram, recuando em uma careta, revelando fortes dentes brancos. Então suas pálpebras tremeram e se abriram.

E Ayleth se viu fitando um par de olhos âmbar com cílios longos, marcados por um rosto extraordinariamente belo e de ossos finos.

— Quem... quem é você, o Assombrados? — o homem engasgou, sua voz rouca em sua garganta.

Ayleth hesitou, momentaneamente sem palavras. Então, com uma pequena sacudida de cabeça e uma elevação do queixo, ela disse: — Eu sou a nova Venatrix de Wodechran.

CAPÍTULO OITO

O antigo mosteiro ostentava uma única parede vertical, parte da casa do santuário central, calculou Ayleth. A maioria dos edifícios agrupados estava em ruínas, coberta pela floresta. Naquela parede, a moldura do que poderia ter sido um incrível vitral agora continha apenas o ar vazio, com vista para o crescimento denso de árvores ao redor. Este deve ser um dos muitos locais sagrados que a Terrível Odile dizimou no início de seu reinado, permitindo à floresta uma ampla oportunidade durante os últimos dois séculos de engolir o que restou.

O homem, ainda sofrendo os efeitos colaterais de seu encontro com a sombra, sentou-se com as costas contra um pedaço de alvenaria quebrada e observou Ayleth rondar o perímetro da capela-mor do santuário. Ela sentiu o olhar dele ao lado de seu rosto e se virou para encontrá-lo. Ele piscou várias vezes.

— Então, me diga de novo... — disse ele, falando com cuidado, como se tivesse medo de dizer a coisa errada. — Você é... quem, exatamente?

— Ayleth, Venatrix di Ferosa da Ordem de Santo Evander. — Ayleth respondeu, sua voz firme e confiante. — Estou aqui sob a sanção do Príncipe Dourado para tomar o Posto Avançado de Milisendis. Agora me diga, como você acabou sozinho nesta floresta, sem cavalo, à mercê daquele tomado pela sombra?

O estranho franziu a testa, abriu a boca como se fosse dizer algo, mas então, balançando a cabeça, pensou melhor. Em vez disso, ele olhou para sua camisa queimada e tocou o local em seu peito onde a marca de mão brilhante

havia desaparecido. — Ai. — Ele disse, fazendo uma careta, embora não houvesse uma marca em sua pele. — O que... aconteceu comigo?

Aparentemente, ela teria que responder às perguntas antes de obter as respostas sozinha. Ayleth caminhou de volta para o homem, de pé sobre ele e cruzando os braços. Ela não deveria assumir uma postura tão intimidante, mas, bem... a verdade era que ele a enervava. Sua experiência com rapazes limitou-se a alguns breves encontros com rudes garotos de fazenda que nem mesmo eram corajosos o suficiente para olhá-la nos olhos. O que não a inclinou a buscar um conhecimento mais próximo.

Este homem, entretanto, olhou para ela com alguma confusão, mas sem medo. E ele era simplesmente lindo demais para ser real.

— Você quase foi levado por uma sombra. — disse ela. Mas mesmo enquanto falava as palavras, ela franziu a testa. No calor da caçada, ela não prestou muita atenção a cada detalhe, mas agora as coisas que tinha visto voltaram para ela com mais clareza e contexto. — Estava... tentando expulsar seu espírito antes de possuir seu corpo.

O homem tentou se levantar, mas não conseguiu. Ele sentou-se novamente com força, uma perna estendida à sua frente, o outro joelho dobrado. — Eu não acho que eu entendo. Você está dizendo que havia uma sombra? — Ele olhou ao redor e então para as paredes desabadas, sua expressão mudando de confusão para vazio e medo por turnos. — Esta é a Abadia de Santo Godelieve. — Sua sobrancelha clareou de repente, e ele sussurrou: — Oh. Agora eu lembro.

Com essas palavras, ele abaixou a cabeça, apoiando-a no joelho levantado.

Ayleth não prestou muita atenção nele. Sua mente girava com muitos pensamentos e realizações. — Eu entendi tudo errado. — Ela

murmurou. Laranta, ainda se manifestando como lobo, caminhou até ela com a cabeça inclinada. — *Eu entendi errado.* — disse Ayleth à sombra. — *Isto é uma armadilha. A ilusão, o canto... Esta é uma armadilha destinada a atrair um novo corpo hospedeiro. As aparições não colocam armadilhas como esta. Oh! Maldita assombração!*

Laranta achatou as orelhas e sentou-se de cócoras, observando sua senhora caminhar. Ayleth praguejou novamente. Ela deveria saber! Ela deveria ter percebido no momento em que ouviu o canto. Foi a canção, a canção complexa que ela ouviu, que apresentou a ela a visão da abadia restaurada. Não era uma ilusão perfeita e clara, como uma aparatação que funcionaria na mente, não, isso tinha sido apenas um fantasma cintilante de uma visão. Mas a música quase a fez acreditar, apesar da verdade que seus olhos perceberam claramente.

Se a música fosse dirigida a ela, ela poderia ter caído na ilusão completamente. Mas ela não era o alvo.

Ela se virou para o homem, que balançou a cabeça lentamente enquanto a levantava do joelho. Ele estava terrivelmente desgrenhado. Seu cabelo, de cor indeterminada, estava coberto de sujeira e teias de aranha, e suas roupas, roupas rudes de caçador, notou Ayleth, estavam sujas e rasgadas. Mas ele estava bem barbeado, nenhuma sombra de barba cobrindo suas bochechas ou mandíbula. O que significava que ele não estava aqui há muito tempo.

— Você sabe quando você foi encantado? — Perguntou Ayleth, embora soubesse, ao fazer a pergunta, que era inútil. Ele estava viciado em magia e não poderia dar uma resposta precisa. — Deixa pra lá. Devemos presumir que se passou menos de um dia, a julgar pela sua aparência.

— Minha aparência? — Sua mão foi para o cabelo, sentindo as teias de aranha ali. — Quão ruim está?

Isso ela não tentou responder. O que ela diria? *Não se preocupe, senhor. Sujo, abatido, coberto de teias de aranha, você ainda é de longe o homem mais atraente que já vi...* Não. Além disso, bonito ou não, ele era apenas um tolo mortal que se deixou cair em uma armadilha de sombra.

Especificamente, na armadilha de uma isca, uma sombra associada a sons de sereia e sedução com o propósito de tentar as vítimas para suas armadilhas. Então eles festejavam ou levavam novos corpos de hospedeiros. Neste caso, Ayleth tinha que assumir o último. A sombra deve ter ficado bastante motivada para assumir um novo corpo, considerando o estado decrépito de seu hospedeiro atual.

Ela se agachou diante do homem, nivelando seu rosto com o dele. Dizendo a si mesma com firmeza para não ser distraída por aqueles olhos âmbar piscando para ela com tanta perplexidade. Ela tinha um trabalho a fazer.

— Diga-me do que você se lembra. — disse ela.

Ele se encolheu com o tom brusco dela, mas respondeu prontamente. — Eu me lembro de uma música. Eu estava andando na periferia e ouvi música. Foi cativante e eu me senti... compelido, de alguma forma. Para encontrá-la, para encontrar a fonte dela. Eu me afastei e me aventurei ainda mais na floresta. Havia uma luz. — Ele balançou sua cabeça. — Eu sei que é uma tolice, mas eu acreditei ter visto esta abadia de pé inteira. Eu fiquei pasmo. Não parei para pensar que não poderia ser real. E conforme eu me aproximava, a porta se abriu e parei na porta...

— O que? — exigiu Ayleth, resistindo ao impulso de sacudi-lo em sua ânsia de obter uma resposta completa. — O que você viu?

Seus olhos brilharam para encontrar os dela, mas ele desviou o olhar rapidamente. — Alguém que eu pensei que conhecia. — ele sussurrou. — Eu

deveria ter sabido melhor. Estive aqui muitas vezes ao longo dos anos; estou bem ciente de que Godelieve é uma ruína. Parte de mim percebeu que deveria estar vendo coisas, mas eu... Eu queria acreditar.

Ayleth concordou com a cabeça. Tudo se encaixava perfeitamente em sua teoria. — Continue.

— Eu não sei mais o que dizer. — Ele respondeu com um encolher de ombros. — Passei pela porta e vaguei pelos corredores por algum tempo, procurando... a pessoa que eu pensei que estava lá. Continuei acreditando que a tinha visto, continuei acreditando que na próxima esquina ela apareceria. Então, quando eu estava prestes a desistir, ela mesma se aproximou de mim, falando meu nome. Ou melhor, ela não fez. Mas eu acreditei que ela fez.

Tudo veio junto. A canção mortal de uma isca pode fazer uma mente humana acreditar em todos os tipos de coisas, enquanto puxa a vítima para mais fundo em sua armadilha. — O que eu não entendo... — ela murmurou. — É por que demorou tanto. Depois de colocá-lo na armadilha, deveria ser fácil para a sombra expulsar sua alma e tomar posse de seu corpo. A não ser que... —

Ele deu a ela um olhar cauteloso. — A menos que o quê?

A menos que ele já tenha sido tomado por uma sombra.

Em vez de expressar esse pensamento em voz alta, Ayleth invocou a visão sombria de Laranta e se voltou para o homem, olhando-o nos olhos. Ele começou a se afastar, mas ela o segurou pelos ombros e o forçou a olhar para ela, estudando os segredos que seus olhos poderiam revelar. Um olhar superficial não revelou nenhum sinal de possessão de uma sombra, mas um espírito bem poderia estar agachado bem no fundo da alma deste homem, escondido da vista. Sua posse anterior explicaria por que a Isca falhou em expulsar sua alma.

Também significaria que ela tinha um dever a cumprir.

Ayleth forçou sua visão sombria a olhar cada vez mais profundamente. Uma sombra ascendente que ela podia detectar facilmente, mas no caso de um espírito oculto, os olhos eram o melhor lugar para procurar. As sombras entram em seus corpos hospedeiros pelos olhos. A Ordem designava um corpo que poderia ser possuído como “dilacerado”. Isso não se referia a um rasgo físico, mas a uma abertura espiritual na alma.

Para sua surpresa, Ayleth não encontrou nenhum sinal de rasgo. Embora ela procurasse por muito tempo e com afinho, sua visão brilhando com a luz das sombras, os olhos do estranho eram perfeitos, claros. Não desgastado.

Este homem era incapaz de ser possuído. Um dos poucos. Um dos abençoados.

— Isso explica tudo, então. — Ela disse, se afastando e soltando seus ombros.

O homem engoliu em seco, ainda olhando para ela. — Hum. Eu sinto muito?

Ela percebeu que estava apenas olhando em seus olhos sem falar por muito mais tempo do que poderia ser considerado socialmente aceitável. E ele não tinha ideia do que ela estava fazendo.

Um rubor furioso subiu por seu pescoço. Ela se levantou e recuou rapidamente. — Eu... Nós vamos... Você ainda não nasceu. — disse ela. — Isso explica por que a sombra não foi capaz de derrubar seu espírito. Provavelmente.

— Oh. Hum. Bom saber. — O homem ergueu as sobrancelhas, a boca retorcida em um meio sorriso nervoso. Ele se levantou então, balançando um pouco, mas mais estável do que antes. — Eu provavelmente deveria encontrar meu cavalo. — ele disse. — Foi bom conhecê-la, Venatrix...

— Espere, você está indo embora?

O homem parou, seus olhos girando desconfortavelmente para o lado e de volta para o rosto dela. — Eu estava, na verdade, sim.

— Mas você não pode. — Ayleth deu dois passos rápidos para frente e colocou a mão estendida diretamente no peito dele.

O homem piscou. — Hum.

— Bem aqui. — disse Ayleth com urgência. — Bem aqui é onde você tocou. Eu mesmo vi a marca. A atração ancorou uma maldição. Não é forte e vai desaparecer rápido, mas no momento... — ela olhou em seus olhos, a urgência da caça brilhando em seu rosto. — No momento, a conexão ainda está lá. Se eu puder trazer a maldição de volta à potência total, a sombra voltará. E eu posso matá-la.

Seu olhar caiu de seu rosto para sua mão. Ela estava tocando sua pele nua. Com um curto suspiro, ela puxou a mão rapidamente.

— Então, deixe-me ver se entendi direito. — disse o homem, erguendo os olhos para ela de novo, as sobrancelhas erguidas. — Você quer que eu seja... isca? De uma sombra. Uma sombra que quer derrubar minha alma e roubar meu corpo.

— Bem, já sabemos que não pode expulsar sua alma.

— Provavelmente não pode.

— Provavelmente. Sim. Provavelmente.

— E se falhar mais uma vez, irá... me devorar?

— Oh. Vamos. — Ayleth esfregou a nuca sob a longa trança. — É mais provável que um segundo toque pare o seu coração. Mas as iscas não são todas carnívoras. Não necessariamente, de qualquer maneira.

— Eu vejo.

Ayleth cerrou os dentes, as mãos cerradas em punhos. Ela precisava pegar essa sombra. Ela não poderia cavalgar para o Castelo Dunloch sabendo que havia deixado um espírito perigoso solto no próprio bairro que pretendia reivindicar como seu. — Veja aqui, meu bom senhor, se isso não parar...

— Eu vou fazer isso.

Ayleth piscou, as persuasões morrendo em sua língua. — Você irá?

— Se isso não parar... — disse o homem, completando seu argumento. — Sem dúvida pegará algum outro hospedeiro desavisado. Um que pode ser mais suscetível à posse. Não quero ser responsável pela morte de alguma pobre alma. Ou condenação, por falar nisso.

Ele se endireitou, passando a mão pelo cabelo teia de aranha, e deu a Ayleth um sorriso que a pegou de surpresa. Seu estômago se revirou, de forma nada desagradável.

— Diga-me... — disse o homem. — O que você precisa que eu faça, Venatrix?

CAPÍTULO NOVE

Chamar a maldição do Lure de volta à vida era mais fácil falar do que fazer. Exigia o uso de seus Detrudos, que exerciam influência em outras sombras além da sua, mas Ayleth se esforçou para decidir que feitiço de música tentar. Não havia canções Detrudos especificamente usadas para reviver maldições de sombras desbotadas. Todos eles foram feitos para quebrar e suprimir.

Depois de tentar, sem sucesso, usar uma variação da Canção da Convocação, que deveria ser tocada nos Vocos em vez das flautas de Detrudos, Ayleth finalmente tentou a Canção da Revelação. Ela pensou que talvez pudesse usar a música para revelar o que restava da maldição desbotada e, nessa revelação, chamá-la de volta ao poder.

No minuto em que ela começou a melodia complexa, ela sabia que iria funcionar. Mas encontrar a variação correta não era uma questão simples. Ela tentou várias antes de finalmente acertar uma que parecia retornar um lampejo de luz do feitiço, o contorno tênue de uma mão no peito do homem.

Ele também sentiu, respirando fundo e dando meio passo para trás de Ayleth enquanto ela tocava. Mas ele se preparou, endireitando os ombros e apertando a mandíbula, e não recuou mais, nem mesmo quando a maldição de repente voltou com força total. Doeu, mas ele não gritou. Seu rosto apenas estremeceu um pouco.

— Pronto. — Ela disse, deixando cair a flauta de sua boca e estudando o lugar onde a marca de mão brilhante mais uma vez cintilou sobre sua pele.

Ele olhou para baixo também, mas sem a visão da sombra, ele não conseguia ver nada. — Funcionou? — ele perguntou.

— Você não consegue sentir isso?

O homem balançou a cabeça lentamente. — Há uma... frieza.

— Então funcionou. — Ayleth fechou os tubos e os enfiou na bacia. — Agora eu preciso que você... Você está bem?

Todas as cores de repente sumiram do rosto do homem. Sua boca ficou frouxa, seus olhos, vazios. Ele girou lentamente no lugar, olhando para as paredes, arcos, pilares, estátuas e vitrais que não existiam. Seus lábios se moveram, tentando falar. Nada além de um gemido escapou quando ele caiu de joelhos.

A maldição foi definitivamente despertada.

Ayleth deu um longo suspiro. — Certo. — Ela murmurou. Então... — Você espera aqui. Eu estarei perto. — Ele não podia ouvi-la, mas ela se sentiu melhor depois de deixá-lo com uma palavra de despedida. Ele concordou em fazer isso com base na confiança de que ela poderia cumprir sua parte. É melhor ela justificar sua confiança.

Enquanto ela saía das ruínas, brilhos de luz apareceram no ar, dizendo a ela que o resto do feitiço Lure estava se reparando rapidamente. Funcionaria como uma armadilha reversa para a sombra da sereia? Ela acreditava nisso... mas isso era pura conjectura da parte dela.

Uma vez livre dos escombros, ela se retirou para a floresta, longe das ruínas. Se ela ficasse muito perto, a atração a sentiria e não retornaria. Não gostaria de arriscar outro encontro com Laranta. Então ela seria forçada a rastreá-la por esta floresta estranha, tão perto de Floresta da Bruxa. Mesmo com as habilidades de Laranta à sua disposição, levaria tempo e a sombra

poderia prejudicar outras pessoas ao longo do caminho. Melhor pegar agora e acabar com isso. Se possível.

Ayleth escondeu-se no bosque de abetos, encostada no chão. Parando ao lado dela, Laranta estremeceu de excitação. Mas ela era uma caçadora experiente; ela esperou em silêncio absoluto que sua presa se aproximasse.

Ayleth se consolou com a proximidade de sua sombra. Certo, a sombra do lobo estava sempre com ela, dentro dela, mas ela preferia ter Laranta fora de sua cabeça e manifestada nesta forma ao seu lado. Se não fosse tão perigoso dar-lhe tanta sombra, se não se arriscava a deixar Laranta crescer em força e finalmente se voltar contra ela, ela nunca usaria os Vocos para suprimir sua sombra.

Mas esses eram pensamentos heréticos. Ela rapidamente os dispensou e se concentrou no feitiço Lure cintilante, que se fortaleceu rapidamente agora. A sombra deveria estar se aproximando. Ayleth deteve seu escorpião, já armado com o dardo paralisante. Ela desejou que ela ousasse ir diretamente para a Morte Gentil, mas sabia que não seria capaz de chegar perto o suficiente para entregar o veneno sem alertar a sombra de sua abordagem. Já estaria cautelosa por ter tido um encontro com ela. Se não fosse pelo poder de sua própria maldição atraindo-a de volta para sua presa marcada, ela já teria ido embora.

De repente... música. Vozes. Centenas de vozes femininas cantando juntas em coro, primeiro um mero sussurro no limite da consciência de Ayleth, crescendo lentamente em poder.

A armadilha reversa estava funcionando.

Conforme a música aumentava, também aumentava a intensidade da ilusão visual. Em vez de um brilho fraco, as paredes do mosteiro começaram a tomar forma mais uma vez antes da visão de Ayleth, com toda a sua glória perdida temporariamente restaurada.

Ayleth avançou sorrateiramente. Ela não conseguia ver a sombra através dessa visão brilhante de magia. Mas ela tinha que acreditar que estava perto agora, perto o suficiente para estar focada em sua presa e não atenta a sua abordagem. Desta vez, ela não procurou a porta do mosteiro, ela sabia que não devia acreditar nessa parte do feitiço. Ficando de pé, ela rastejou até a parede brilhante e escalou as pedras em ruínas sob a ilusão. Ela olhou para dentro da capela.

Lá embaixo dela estava o homem ajoelhado, o rosto voltado para o fantasma do grande vitral. Ayleth viu sua boca abrir, fechar.

Então ele gritou: — Fayline!

A sombra apareceu. Enorme, brilhante e poderosa, a ilusão envolveu completamente a realidade de seu hospedeiro mortal. Ele passou pela janela, estendendo os braços com muitas articulações na direção do homem. Por um instante, apenas o mais leve suspiro de um instante, Ayleth acreditou não ter visto o ser espiritual nem o hospedeiro murcho. Em vez disso, ela vislumbrou, toda em uma névoa azul fantasmagórica, uma jovem e bela mulher vestida com um vestido de baile esfarrapado, seu rosto brilhando de puro amor.

— Fayline! — o homem gritou novamente, estendendo os dois braços em direção à aparição, que se abateu sobre ele com uma intenção cruel. Um único toque no coração de uma daquelas mãos o mataria desta vez. Nenhum mortal poderia sobreviver a esse toque duas vezes.

Ayleth saltou em pé, mirou e atirou, não contra a imagem flutuante, que não era seu verdadeiro alvo, mas para baixo, onde mal conseguia discernir a forma do corpo hospedeiro.

O dardo acertou o alvo. Diretamente entre os olhos.

Um uivo angustiante quebrou o feitiço, rompendo as vozes que cantavam. As paredes fantasmagóricas da abadia caíram, pedra sobre pedra, pousando exatamente onde estavam suas contrapartes físicas.

O corpo murcho do hospedeiro caiu de joelhos diante do homem, estendendo as mãos trêmulas, tentando agarrá-lo pela frente de sua camisa queimada. Ele recuou, horrorizado, seus olhos ainda meio deslumbrados com o encantamento. Que choque acordar da imagem daquela linda garota para se encontrar enfrentando esse horror da humanidade quebrada.

— Não, não, não! — O corpo do hospedeiro resmungou. Sua boca se abriu e uma luz terrível e sobrenatural brilhou profundamente em sua garganta. Com um gorgolejo sufocante, caiu de lado. O homem levantou-se apressadamente e recuou, depois deu meio passo à frente, abaixando-se como se fosse ajudar.

— Não toque nisso! — Ayleth desceu com dificuldade a parede em ruínas e correu em sua direção. — Ainda não terminamos.

— O que... o que dizer da alma mortal? — perguntou o homem, recuando, mas ainda olhando para aquele desgraçado, o rosto contorcido com uma expressão que Ayleth não conseguiu identificar.

— Não sobrou nenhuma alma mortal. — respondeu ela. Fechando a distância entre ela e o corpo tomado pela sombra, ela encaixou a Morte Gentil em seu escorpião. Assim que sua visão sombria lhe disse que a sombra interna estava acalmada, incapaz de resistir, ela atirou o dardo direto para o peito cavernoso, no coração.

Com um suspiro estremecido seguido por um grande suspiro como se de alívio, o corpo morreu. A alma da sombra possuidora ergueu-se dos restos mortais, cintilando, turvando, rosnando em espirais emaranhadas. Como ela suspeitava, não havia orbe de alma humana para ser vista. Apenas a sombra.

Ela rapidamente puxou seus Detrudos e começou a tocar a Canção de Expulsão. O ar estremeceu com o calor e frio simultâneos do Assombrados se abrindo para receber o que merecia.

Ayleth fechou os olhos, recusando-se a sucumbir à tentação de olhar, concentrando-se em sua música. Sua canção mágica enredou a alma da sombra, enrolando-se firmemente em torno dela, e a carregou para o reino de seu tormento eterno.

Os Assombrados fechou-se de repente, fazendo Ayleth recuar vários passos. Mesmo assim, ela tocou o final do feitiço da música, levando a melodia a uma conclusão. Só quando terminou deixou os Detrudos caírem de seus lábios. Então, respirando com dificuldade, ela abriu os olhos...

E viu o homem ajoelhado ao lado do cadáver da sombra, segurando delicadamente sua mão.

CAPÍTULO DEZ

Ayleth agachou-se em frente ao homem, do outro lado do corpo. Agora que o espírito havia saído de dentro dela, ela podia ver mais claramente o que a Isca tinha feito com seu hospedeiro. A pele era fina como papel, translúcida, as veias saltando grossas e pretas com sangue manchado. O corpo estava completamente emaciado, a caixa torácica uma caverna de ossos. O esqueleto estava muito visível, exibindo todos os sinais de podridão na medula. Apenas a magia da sombra em si manteve o corpo por tanto tempo.

Ela se lembrou de ter lido sobre Lures na pequena biblioteca de Hollis em Gillanluòc. Ao contrário da maioria das sombras, eles não se importavam com seus corpos hospedeiros, mas os consumiam rapidamente. Assim, eles eram conhecidos por criar armadilhas para novos hospedeiros, passando frequentemente de corpo para corpo. Corpos humanos quando podiam pegá-los, animais quando necessário.

Não haveria sentido em tentar resgatar esses restos para o castra.

Uma onda de horror atravessou o coração de Ayleth, fazendo sua respiração ficar presa na garganta. Ela realmente acabou de pensar esse pensamento? Agachada aqui ao lado do primeiro humano tomado pela sombra que ela já derrubou em nome da Ordem, ela realmente considerou o valor de seus restos? Seus restos mortais. Agora que ela estava perto o suficiente, Ayleth viu que o corpo nu e murcho era feminino.

Ela já tinha se tornado tão endurecida?

Balançando a cabeça como se pudesse limpar esses pensamentos, ela olhou para o homem. Ele ainda segurava aquela mão mole e murcha. — Ela era... alguém que você conhecia? — Perguntou Ayleth.

Para seu alívio, o homem disse: — Não. Eu me perguntei a princípio se talvez... Mas eu nunca vi essa mulher antes. — Ele olhou para Ayleth, seus olhos nadando. — O que aconteceu com a alma dela?

Ayleth detestava responder. A expressão dele disse a ela que ele estava procurando a verdade, no entanto, ela forçou as palavras para fora. — Uma alma expulsa de seu corpo vagueia como espírito neste mundo por algum tempo depois. Eventualmente... desvanece-se.

— A Deusa não leva tais almas para a Sua Luz?

— De acordo com os escritos de Santo Evander, não.

O homem estudou o rosto da sombra quebrada. A pele já estava descascando, desintegrando-se diante de seus olhos. Em minutos, não restaria nada além de poeira espalhada e manchada pela sombra. — Parece uma Deusa ineficaz que não pode salvar as almas de seus filhos.

Essa blasfêmia aberta atingiu Ayleth como um golpe físico. Ela se afastou do homem em uma necessidade inconsciente de se separar dele e de suas palavras. O que ela deveria fazer? Como ela deveria reagir? Como membro da Ordem Evanderiana, sua vida era dedicada ao serviço da Deusa. Ela deveria dizer algo? Repreendê-lo? Corrigir seu erro?

No entanto, uma parte secreta e perigosa de sua mente sussurrou, se a Deusa era realmente todo-poderosa, por que ela deixaria almas inocentes se perderem tão inutilmente? Ela realmente não era tão divina ou tão boa?

Ou havia algum erro nos ensinamentos que Ayleth sempre acreditara tão implicitamente?

Suas sobrancelhas se juntaram, aprofundando a linha entre eles. — A tragédia das almas expulsas deve servir como um lembrete para todos os servos da Ordem do quão importante é o nosso trabalho. — Ela falou com firmeza. — Como é vital nosso dever de conduzir os espíritos dos Assombrados de volta à sua prisão e para fora deste mundo. — Foi quase uma citação direta dos próprios escritos do Santo. Um recurso seguro para quando ela se sentisse perdida.

O homem deu uma olhada rápida para ela. Então, a mão que segurava se desfez em nada e ele recuou, observando a desintegração. Silenciosamente, ele moveu a mão direita em um gesto de bênção, tocando a testa, o coração e a boca, simbolizando os três sagrados atributos da Deusa, Cabeça, Coração e Alma. Baixando a cabeça, ele começou a murmurar uma oração pelos caídos:

— Que a Mãe te receba, que te chamou, e que os espíritos celestiais te conduzam aos Portões da Luz. Que a Cabeça tenha piedade. Que o Coração tenha compaixão. Que a Alma, tenha misericórdia.

Ele não tinha ouvido o que ela disse? A alma humana há muito se foi. Não havia mais nada para a Deusa receber. Ayleth segurou a língua e se levantou, virando as costas para ele e para a pilha de poeira negra que era tudo o que restava de sua presa.

O corpo era apenas uma casca, ela se lembrou. Apenas uma concha. Ela não tinha caçado um humano, mas uma sombra em uma estrutura humana roubada. Sua primeira caçada a um humano tomado pela sombra com a alma ainda intacta... aquela caça ainda estava por vir.

Ela estremeceu.

— Vou levá-lo de volta ao seu cavalo. — disse ela por cima do ombro para o homem. — Eu o encontrei vagando pela orla da floresta e o amarrei a uma árvore.

— Obrigado. — respondeu o homem. Ela o ouviu se levantar, ouviu-o tirar o pó dos joelhos e respirar fundo, deixando escapar um suspiro. — A seu dispor, Venatrix.

Ela o conduziu para fora das ruínas. Laranta trotou à frente deles, guiando o caminho de volta pela floresta, sem ser detectada pelo homem. Talvez ela devesse usar seus Vocos e suprimir sua sombra, mas por enquanto Ayleth deixou a corda de sua alma frouxa. Era reconfortante ter Laranta perto e visível.

Depois de alguns momentos abrindo caminho pela vegetação rasteira e navegando no labirinto de árvores, o homem parou ao lado de Ayleth. — Então, diga-me, há quanto tempo você é a nova venatrix de Wodechran? Você já conheceu o príncipe?

Ayleth enrubesceu. Em seu esforço para afirmar sua confiança e autoridade sobre a situação, ela pode ter ultrapassado o limite. Mas então, este homem dificilmente saberia os feitos do Príncipe Dourado e suas relações com Castra Breçar. — Eu não conheci oficialmente o príncipe ainda, não. — Ela admitiu. — Eu estava a caminho de nossa primeira reunião oficial quando detectei a presença da sombra perto de mim.

— E para minha sorte você fez. — Sua voz estava mais fácil, mais amigável agora do que antes. À medida que se distanciavam das ruínas da abadia, seu espírito parecia aumentar e se iluminar. Ele falava com uma certa graça cortês, notou Ayleth, que não coincidia com suas roupas rústicas ou a aderência útil que ela observara em seu cavalo.

— Para quem você trabalha? — ela perguntou, estremecendo um pouco com o quão abrupta sua voz soou. Ela não tinha experiência em falar com pessoas comuns, exceto durante entrevistas para caçadas. Ela parecia uma interrogadora!

Mas o homem apenas olhou de soslaio para ela e respondeu sem hesitação. — Estou empregado na Dunloch.

Droga. Este homem trabalhava para o próprio príncipe. Ele pode estar mais ciente dos acontecimentos no castelo do que ela esperava.

É hora de desviar a conversa dessa linha desconfortável.

— E o que você estava fazendo aqui na periferia? Você disse que estava com uma companhia?

— Hum, sim. — ele respondeu. — Eu viajei com um grupo de caça para perseguir rumores de uma... bruxa ruiva. — Ele deu a ela outro de seus olhares de soslaio. — O Príncipe Gerard está ansioso para descobrir se esses rumores são verdadeiros. Ele pode saber quem é a bruxa.

— O Venator du Tam cavalgava com você?

— Não. Venator du Tam está muito ocupado com os negócios em andamento do bairro, agora que seu parceiro se foi. Ele não estava disponível para se juntar à caça.

A sobancelha de Ayleth escureceu. — Você está me dizendo que o príncipe enviou você e outros homens em uma caça a uma possível sombra sem um venador em sua companhia? Isso não é nada menos que idiota.

— Volte novamente?

Ela ergueu as mãos, zombando ruidosamente. — Por mais corajosos que você e seus companheiros possam ser, vocês não estão equipados para lidar com uma sombra. — Ela percebeu como parecia zangada e rapidamente tentou modificar seu tom. — Me perdoe. Não quero ofender você ou seus companheiros. Claro que você deve obedecer aos comandos de seu mestre. Mas ele nunca deveria ter colocado suas vidas em tal risco. Ele deveria pelo menos ter esperado até que Venator du Tam pudesse se juntar a você.

— Eu... Acredito que ele tinha medo de que, se esperasse pelo venador, a bruxa desaparecesse sem deixar vestígios. Ele está muito interessado em encontrá-la.

— Caçar bruxas não é um esporte. — Rosnou Ayleth. — Ele é um tolo se pensa o contrário.

— Claro que não. Você está certa. — O homem ficou em silêncio por vários passos. — Com o desaparecimento do Venador du Vincent, o bairro está... mais ocupado do que o normal. Os tomados por Sombra sempre gravitaram em torno de Wodechran, indo em direção à Grande Barreira e fugindo para Floresta da Bruxa, você sabe. Mas os dois venadores, entre eles, geralmente eram capazes de mantê-los sob controle. Sem um venador, du Tam está sobrecarregado e Castra Breçar demorou a enviar um substituto.

— Eu entendo. — Ayleth lançou ao homem o que esperava ser um olhar simpático. — E seu príncipe tem tentado lidar com a sombra enviando você e seus companheiros em missões que você não pode esperar cumprir. É errado para ele arriscar suas vidas assim.

O homem deu a ela um meio-sorriso, que enrugou seus olhos âmbar agradavelmente. — Eu acredito que você mesmo contará ao príncipe quando se encontrar?

— Claro. — respondeu Ayleth. — E você não precisa mais se preocupar também. Estou aqui agora e cuidarei de todos os rumores de bruxas ou tomadas de sombra.

O homem acenou com a cabeça. — Isso é um alívio. — Mais alguns passos, e ele perguntou: — Você foi treinada para lidar com a Grande Barreira então?

Uma pergunta estranha. Ayleth franziu a testa, desconfortável. O que um servo de Dunloch sabia sobre as tarefas específicas de um venador neste

bairro? Ayleth lançou-lhe um olhar rápido e penetrante. — Estou bem treinada em todos os aspectos do meu trabalho. — disse ela em um tom que implicava que não era da conta dele.

As árvores diminuíram ao redor deles. Seguindo Laranta, Ayleth conduziu o homem diretamente para onde seus dois cavalos esperavam. Chestibor não levantou os olhos de sua mastigação de um canteiro de ervas daninhas, mas o outro cavalo pareceu assustado com a abordagem deles, puxando nervosamente as amarras.

— Ei, Nog. — disse o homem, aproximando-se de sua besta com a mão estendida. Ao som de sua voz, o cavalo relaxou visivelmente. Ele acariciou seu nariz macio e verificou se havia ferimentos, passando as mãos com habilidade gentil e experiente para cima e para baixo nas pernas e quadris. — Bom menino. — Ele murmurou repetidamente.

Ayleth desamarrou Chestibor, mas hesitou em montar. Ela observou o homem com seu corcel por alguns momentos antes de finalmente dizer: — Você precisa de ajuda para encontrar o resto de sua companhia?

— Não, não. — Ele respondeu, olhando para ela com outro de seus meio-sorrisos. Foi tão brilhante que ela se perguntou brevemente o quão devastador um sorriso completo dele poderia ser. — Eu posso encontrar meu próprio caminho bem o suficiente. Você deve se apressar para o castelo. Você não quer deixar o príncipe esperando.

Ayleth acenou com a cabeça e montou. Ela olhou para o homem novamente, perguntando-se se deveria dizer mais alguma coisa. Ela percebeu que estava bastante relutante em se separar dele. O que era a própria estupidez! Ele não era nada mais do que um estranho que ela havia libertado do encantamento. No entanto, ela forçou sua boca severa em uma espécie de sorriso rápido. — Talvez nos encontremos novamente em Dunloch.

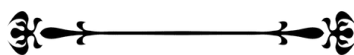
Com isso, ela rapidamente virou a cabeça de Chestibor para que ela pudesse esconder o rosto e o rubor horrível que flamejou em suas bochechas no momento em que as palavras deixaram sua boca. Maldição das assombrações, o que havia de errado com ela?

— Espere um momento! — Gritou o homem.

Ayleth puxou Chestibor para cima e, reunindo o que restava de sua dignidade, olhou friamente ao redor, transformando suas feições em uma expressão totalmente implacável, mesmo que não conseguisse esconder o rubor em suas bochechas.

— O príncipe tem a sorte de ter uma venatrix tão corajosa e eficiente vindo a Wodechran. — O homem disse. Ele ergueu a mão em despedida.

Ayleth respondeu ao gesto da mesma maneira. Em seguida, ela chutou Chestibor em um trote rápido e saiu apressada, Laranta galopando em espírito ao lado deles.



O Castelo Dunloch ficava em uma ilha no meio das águas brilhantes do Loch du Nóiv, um lago sagrado, segundo a lenda. Há muito tempo, foi dito, a própria Deusa desceu do céu para falar com a primeira rainha sacerdotisa naquelas mesmas praias. Centenas de anos depois, a Abadia de Dunloch foi construída como um retiro sagrado onde homens e mulheres de várias ordens sagradas podiam se retirar para oração e comunhão com o divino.

Mas isso foi há muito tempo. Desde então, a abadia foi reconstruída em um castelo fortificado que não precisava de muralhas. Margens íngremes e forradas de pedras evitariam que qualquer um, exceto o mais intrépido dos

invasores, chegasse ao solo acima, e um enorme portão levadiço ficava na única ponte que conduzia à fortaleza.

Ayleth notou alguns detalhes primeiro, os melhores pontos de defesa, os pontos fracos, considerando que tipos de sombras poderiam tirar vantagem da configuração do lago e o que poderia ser feito para evitar ataques. Demorou vários momentos para perceber como o castelo parecia pitoresco, construído com pedras iluminadas pelo sol, parado ali no meio daquela água brilhante. O céu refletia perfeitamente na superfície do lago, transformando-o em um espelho brilhante de azul, e a paisagem ao redor parecia mais exuberante como resultado, seu brilho outonal se transformou em ouro polido.

A trilha do circuito que Ayleth estava seguindo diminuiu muito antes de ela entrar nos terrenos privados do Castelo Dunloch. Encontrando uma larga estrada pavimentada que conduzia pelos jardins e gramados bem cuidados, ela a seguiu, sem encontrar ninguém em seu caminho, exceto alguns zeladores trabalhando duro. Esses homens e mulheres, notando sua abordagem, permaneceram em linha reta como se estivessem em atenção até que ela passou por eles. Ela não falou com eles, nem eles com ela.

A maioria das flores de verão havia desbotado, mas salgueiros se alinhavam em uma avenida sombreada, o sol tardio lançando lanças douradas de luz entre as folhas rasteiras. Era tudo muito mais elegante, muito mais bonito e refinado do que qualquer lugar que Ayleth já vira. Laranta caminhou ao lado de Chestibor no reino espiritual, rosnando irritada para si mesma. *Nós devemos ir. De volta às florestas*, ela murmurou, farejando um rododendro que florescia tardiamente e franzindo os lábios em desgosto. *É muito... domesticado aqui. Pertencemos à natureza, onde podemos correr e correr e correr e...*

— *Silêncio.* — disse Ayleth rispidamente dentro de sua cabeça. Sua boca física formou uma linha de pedra. Sua sombra só deu voz a seus próprios

desejos profundamente enraizados. Mas ela estava comprometida agora. Ela apresentaria sua candidatura. — Continue andando, Chestibor. — Murmurou ela, embora o cavalo não fizesse nenhum esforço para parar.

Eles se aproximaram do portão onde guardas em armaduras polidas estavam em perfeita atenção. Ela ergueu uma mão para se certificar de que seu capuz vermelho estava no lugar, não caído para trás sobre os ombros. Os guardas, notando este sinal de sua Ordem, abriram o portão para ela. O líder a saudou com sua lança e disse. — Venatrix. — Em uma voz firme e respeitosa.

Por enquanto, pelo menos, o coração de Ayleth melhorou. Ela meio que esperava que eles barrassem sua entrada, exigissem explicações, uma prova de sua posição. Mas eles olharam para ela e a aceitaram pelo que ela era, uma Venatrix de Evander, uma serva da Deusa.

Talvez ela pudesse ter sucesso aqui, afinal.

Esse pensamento se desvaneceu no momento em que seu cavalo desceu da ponte para a ilha. Um gramado verde rodeado por um largo caminho branco estendido diante dela, tão perfeitamente cuidado quanto o resto do terreno. As roseiras, acabando de florescer no verão, alinhavam-se ao longo do caminho e margeavam os enormes degraus da varanda que levavam às portas duplas extraordinariamente ornamentadas do castelo. Era tudo muito bonito, muito ostentoso, além de qualquer coisa que ela já havia imaginado. Um desejo repentino pela torre cambaleante e telhados gotejantes de Gillanluòc disparou em seu coração.

Laranta estremeceu. *Vamos embora*, ela pediu. *Vamos agora*.

— *Para mim, Laranta*. — Ordenou Ayleth severamente. Sua sombra de lobo tentou resistir, mas quando Ayleth colocou os dedos ameaçadoramente na flauta Vocos, Laranta cedeu. Com um salto, ela desapareceu, e Ayleth sentiu

seu espírito possessor agachar-se dentro de sua cabeça. Foi uma sensação reconfortante e familiar. Era bom ter sua sombra perto, mas não reprimida.

Seu capuz vermelho chamava atenção enquanto cavalgava com Chestibor pelo caminho. Uma das portas duplas da fortaleza se abriu antes que ela chegasse à base dos degraus da varanda, e um homem elegante em longas vestes cor de vinho deu um passo à frente. Por um instante tolo, Ayleth se perguntou se era o próprio príncipe. Mas não, o Príncipe Dourado, filho do Rei Escolhido, certamente não estaria respondendo à sua própria porta. Além disso, este homem, com sua longa barba dourada salpicada de prata, era muito velho.

Ele desceu os degraus em passo digno, observando Ayleth sob as pálpebras pesadas enquanto ela cavalgava com Chestibor até a base dos degraus e desmontava. Ayleth hesitou, perguntando-se se ela deveria se curvar a um personagem tão imponente. Mas se ele era apenas um dos servos do príncipe, ela tecnicamente o superava, embora ela usasse suas roupas de caçadora surradas e ele usasse veludos e linho. Então, ela se manteve firme e o enfrentou com a cabeça erguida e ombros para trás

— Eu sou Ayleth, Venatrix di Ferosa, recentemente de Drauval Borough.
— ela disse com tanta dignidade quanto ela pode reunir. Para seu deleite, o homem vestido de veludo piscou e pareceu impressionado. Isso aumentou sua coragem. — Vim apresentar os meus serviços a... a Sua Alteza Real, Príncipe Gerard du Glaive. — Ela hesitou, então acrescentou: — Por favor, leve-me até ele imediatamente.

Isso pareceu funcionar. O homem de veludo fez uma reverência. — Se você me seguir, Venatrix.

Movendo-se para o lado, um jovem criado em um gibão esvoaçante de barras azuis correu para pegar as rédeas de seu cavalo. Ayleth os virou com

relutância. — Vá em frente, então. — disse ela a Chestibor, dando-lhe um tapinha no ombro.

O homem de veludo puxou a manga da camisa e Ayleth começou a subir os degraus de mármore branco atrás dele. Ao passarem pelas portas duplas, Ayleth deu uma rápida olhada ao redor antes de focar inteiramente no elegante bordado dourado sobre os ombros do homem de veludo. Ela não podia suportar a opulência ao seu redor, muito mais bonita e ornamentada até do que os jardins e terrenos. Isso certamente quebraria sua coragem, então ela estudou aquele bordado até ter certeza de que, daqui a alguns anos, ela ainda se lembraria em detalhes perfeitos como os fios brilhantes formavam um faisão elaborado e de aparência totalmente irreal com penas de cauda.

Suas botas não faziam barulho nos tapetes macios sob seus pés, mas quando os tapetes deram lugar a pisos de mármore polido, seus saltos pesados pareceram fazer barulho ainda mais alto, ecoando tremendamente nas molduras das paredes. Eles passaram por poucas almas vivas ao longo do caminho, e Ayleth não fez contato visual com aqueles por quem eles passaram. Ela nunca deixou que seu olhar se desviasse daquele faisão dourado, transformando sua expressão em uma máscara de perfeita severidade.

O homem de veludo abriu uma porta. — Se você entrar aqui, Venatrix. Sua Alteza estará com você em breve.

Ayleth obedeceu, passando pela porta para uma sala cheia de sombras. As janelas, embora abertas com as cortinas fechadas, davam para o leste, tão pouca luz do início da noite era filtrada. Uma enorme lareira foi preparada com toras para o fogo ainda não aceso, e nenhuma das velas dispostas em arandelas de latão ao longo das paredes estava acesa.

Ayleth percebeu que o homem de veludo estava fechando a porta atrás dela, deixando-a sozinha no cômodo. Ela se virou rapidamente, uma vibração de pânico em sua barriga.

— Quanto tempo até o príncipe chegar?

— Em breve. — O homem de veludo repetiu.

A porta se fechou com um estrondo final e era tão densa que Ayleth, apesar das habilidades de aumento de Laranta, não conseguiu ouvir seus passos se retirando pelo corredor. Ela se sentia como uma prisioneira jogada em uma cela... embora seja uma célula bizarramente ornamentada. Laranta rondava nas bordas de sua mente, cabeça baixa, dentes à mostra.

— *Silêncio.* — Ayleth disse-lhe para a sombra, mais por hábito do que com qualquer convicção real. Então, lembrando a si mesma que ela não era uma jovem aprendiz verde, mas uma venatrix que mais cedo naquele dia havia derrotado com sucesso e expulsado uma sombra deste reino, ela olhou para a sala e deu três passos para dentro.

Ela congelou no terceiro degrau, sua calma cuidadosa se desfazendo em uma careta momentânea de consternação. Se ela tinha pensado que as passagens do Salão Dunloch eram grandiosas, elas não eram nada, absolutamente nada comparadas a esta sala. Os móveis eram de madeira entalhada pintada de branco com detalhes dourados, estofados em veludos e sedas ainda mais ricos em bordados do que as vestimentas do homem de veludo. O próprio chão ostentava tapetes de desenho tão intrincado que Ayleth mal ousava olhar para baixo com medo de que seu cérebro explodisse com a beleza deles.

Acima de tudo, as paredes eram revestidas de prateleiras douradas cheias, absolutamente apinhadas, de livros. O peso das palavras rodeava Ayleth por todos os lados. Ela estremeceu, sentindo a pressão de anos de

aprendizado e erudição, e de repente percebendo o quão pequena e sem importância ela era neste mundo.

— Eu não pertenço aqui. — Ela sussurrou, sua voz tão fraca que ela não podia ouvir.

Naquele momento, ela percebeu que não estava sozinha na sala.

Seu primeiro pensamento foi que o próprio príncipe havia entrado enquanto ela estava confusa demais para notar. A figura relaxada com uma facilidade tão confortável em uma das cadeiras ornamentadas puxadas perto da lareira fria era certamente viril. Ela não podia ver muito mais dele do que longas pernas em botas altas e um cotovelo e antebraço coberto por uma braçadeira de couro, mas a masculinidade de sua presença era inconfundível.

Então ela cheirou, usando os sentidos de Laranta... e sombra distintamente detectada.

CAPÍTULO ONZE

A mão de Ayleth voou para a adaga de osso em seu cinto. Mas, mesmo quando tocou o punho, ela notou algo mais sobre a figura na cadeira, e seu coração despencou. Projetando-se daquela braçadeira de couro no braço do estranho, havia uma ponta de ferro afiada.

Um venador. Um candidato veio reivindicar o bairro.

E, além disso, um candidato que aparentemente achava o luxo do ambiente nem remotamente intimidante, estendeu-se como um gato confortável de pernas compridas diante da lareira. Suas botas cruzadas nos tornozelos, suas esporas brilhando. Uma pequena mesa à sua esquerda continha uma bandeja com migalhas e uma jarra meio vazia. O estômago de Ayleth roncou desordenadamente com a visão, tão alto quanto qualquer um dos resmungos de Laranta.

Ele estava dormindo? Caso contrário, ele certamente deve ter ouvido sua entrada, mas ele não deu nenhuma indicação de que estava ciente de sua presença. Enquanto ela debatia em se aproximar dele, momentos estranhos de indecisão escaparam, um após o outro. Se ele estava acordado, certamente devia sentir sua hesitação, seu desconforto, que a colocava em desvantagem ainda maior.

Ela não podia continuar parada ali como uma espécie de idiota.

Sem se preocupar em disfarçar o barulho de suas botas ou o tilintar de suas esporas, ela caminhou pela sala, assumindo uma posição ao lado da cornija da lareira para enfrentar o estranho em sua cadeira. Ele usava o capuz puxado para cima sobre a cabeça, e ela não conseguia perceber suas feições

além de um leve brilho de olhos semicerrados. Então, ele estava acordado, pelo menos.

Ayleth respirou fundo. — Eu sou Ayleth, Venatrix di Ferosa, recentemente de Drauval, e eu...

— Não.

A única palavra, dita em uma voz tão profunda e sombria como um eco no fundo de um poço, emergiu da sombra onde deveria estar sua boca.

Ayleth parou, com o queixo caído. — Eu estou... Desculpe, o que?

— Não. — A palavra repetida, tão profunda, tão sombria, mas desta vez tingida com um traço inconfundível de aborrecimento. — Não há sentido em uma troca de nomes ou, na verdade, em qualquer conversa subsequente entre nós. Prefiro não perder o fôlego, pois tive um longo dia e prevejo outro mais longo amanhã. — Os olhos se ergueram para encontrar os dela, um lampejo do azul mais frio e gelado. — Você pode se sentar, eu suponho.

Aqueles olhos percorreram sua figura de cima abaixo, notando as manchas de viagem cobrindo-a da cabeça aos pés. Ela não se preocupou em trocar de roupa antes de cavalgar para o castelo, e sua missão nas ruínas da abadia a deixara em estado deplorável. Ela tentou se convencer de que o príncipe não se importaria, não esperaria elegância de vestido em uma venatrix.

Talvez o príncipe não o fizesse. Mas este homem certamente fez.

Apesar das sombras profundas, ela podia ver que ele estava perfeitamente montado. Ele usava o mesmo colete de couro resistente, calças, botas e braçadeiras de qualquer venador ativo, mas sem manchas, rugas ou remendos de qualquer tipo. As esporas de suas botas eram polidas até ficarem tão lustrosas que podiam ser novas, e seu capuz vermelho não mostrava vestígios de desbotamento ou desgaste.

— *Aposto que ele calça as botas todas as noites antes de dormir.* — Ayleth falou silenciosamente em sua cabeça.

Laranta rosnou uma risada de lobo em resposta.

O olhar do homem disparou para o rosto de Ayleth novamente, e aqueles olhos gelados se estreitaram em fendas. — Sua sombra está ascendente, Venatrix. — Ele retrucou.

Ayleth queria mais do que tudo dar um passo para trás, possivelmente dois. Mas ela se recusou a se permitir mover. — *Calma, Laranta!* — ela disse por dentro, tão bruscamente que sua sombra se encolheu e recuou sem protesto para os recessos mais escuros da mente que eles coabitavam.

Ayleth, sem nunca desviar o olhar do outro venador, não deu desculpas, não fez comentários contrários. Ela estendeu a mão com seus sentidos aguçados para tentar obter uma melhor impressão de sua cor, mas não encontrou nenhum traço revelando seu tipo. Nada além de um zumbido profundo da Canção de Supressão. Ela nunca tinha encontrado uma variação tão profunda do feitiço da música, deixando a sombra interior quase indetectável, exceto pela forma da música em torno dela.

O venador a observou, sem dúvida percebendo sua inspeção dele. Quando ela finalmente retraiu seus sentidos estimulantes, um canto de sua boca se curvou em um sorriso duro e melancólico. — Drauval, você disse? — Ele pronunciou as palavras com tanta frieza que Ayleth poderia jurar que sua pele congelou. — E quem é o venador de Drauval hoje em dia?

Essa pergunta irritou Ayleth mais do que qualquer insulto pessoal que ele pudesse ter lançado em seu caminho. Hollis supervisionava Drauval Borough por quase vinte anos, gerenciando o selvagem e remoto posto avançado quase inteiramente por conta própria durante aquele tempo. Nunca

ocorrera a Ayleth que outros venadores de Perrinion nem soubessem o nome de Hollis.

Tentando disfarçar a amargura em sua voz, ela respondeu: — Hollis, Venatrix di Theldry. Minha senhora.

— Diga-me. — disse o venador, apoiando o cotovelo no braço da cadeira e colocando a mão no queixo enquanto a olhava. — Sua senhora encoraja você a se envolver em heresia ou ela não está ciente de suas inclinações heréticas?

O mundo parecia girar em torno de seu eixo. Apenas um domínio vigoroso de seus membros a manteve de pé. Ela não deixaria um músculo de seu rosto se contrair, não deixaria o chocado *O quê?* escapou de seus lábios, uma vez que pressionou com força contra a parte de trás de seus dentes. Ela cerrou os punhos atrás dela, encontrando aqueles olhos frios erguidos para ela.

Morda-o! Laranta rosnou bem no fundo.

Uma sugestão tentadora. Mas Ayleth disse apenas: — Não sei do que você está falando.

— Nesse caso. — disse o venador. — Permita-me esclarecê-lo. O fato de você entrar no próprio salão do Príncipe Dourado com sua sombra não suprimida é imperdoavelmente descuidado. A única desculpa que posso imaginar para você é que deve deixar sua sombra desmarcada com tanta frequência que não percebeu que o tinha feito agora. O que é, nem preciso acrescentar, em oposição direta aos ensinamentos de Santo Evander, que exortam todos os venadores que não estão ativamente na caça a manter suas sombras profundamente amarradas. — Ele inclinou a cabeça ligeiramente. — Ou você não está ciente dos ensinamentos sagrados, o que me parece improvável, ou você os desconsidera descaradamente. O que é heresia.

Ayleth olhou fixamente, momentaneamente perplexa.

Então, enunciando cuidadosamente cada palavra com seus próprios dentes cerrados, ela disse: — Não sei nada sobre isso. Mas diga-me, Venador, o seu antigo mestre sabe que você prefere ficar sentado em uma cadeira confortável, comendo bolinhos o dia todo, enquanto as sombras assolam o campo? Acabei de dirigir uma isca perigosa deste mundo, e ainda assim você não me encontra aquecendo meus calcanhares na lareira, não é?

Essas palavras atingiram o alvo com a certeza de qualquer dardo de seu escorpião. O venador sentou-se ereto, puxando as pernas estendidas e erguendo o queixo da mão. Um lampejo de fogo brilhou nas profundezas de suas pupilas, e por apenas um momento o zumbido de sua canção de feitiço de supressão oscilou.

— Me escute, e escute bem. — Ele rosnou. — Admito que você tenha coragem para ousar se apresentar aqui como uma candidata para o bairro, mas não há chance no Paraíso ou no Assombrados de qualquer outro venador ocupar o posto vazio em Milisendis. O Venador Dominus du Glaive me enviou para servir como irmão de caça do Venador du Tam, e eu devo servir.

Os lábios de Ayleth se torceram severamente. — Tenho certeza de que os outros candidatos terão algo a dizer sobre isso.

Mas o venador riu, recostando-se mais uma vez e apoiando os antebraços nos braços da cadeira, as mãos penduradas nos pulsos. — Não há outros candidatos. O castra enviou apenas a mim. Mas sente-se. Fique. Se necessário, reúna-se com o príncipe. Você perdeu muito tempo; você também pode desperdiçar um pouco mais.

Ayleth só conseguia olhar. Nenhum outro candidato? A carta do Venador du Tam sugeria um cenário muito diferente. E não era o próprio Príncipe Dourado que deveria decidir a nomeação para este posto avançado? Ou era

esta a forma de o castra afirmar a sua vontade? Deixe o príncipe escolher o candidato... mas envie-lhe apenas um candidato para escolher.

A realidade pressionou lentamente, esmagando seus ombros. Ela deveria marchar para fora da sala imediatamente. Encontrar seu cavalo e sair daqui, de volta às montanhas onde ela pertencia. Ela entrou de cabeça em intrigas e jogos para os quais estava totalmente despreparada, e era hora de recuar.

Em vez disso, ela cruzou os braços sobre o peito e fixou o venador com um olhar penetrante. — Então, você quer falar de perda de tempo? Falei com um homem hoje cedo que disse que as sombras estão entrando em Wodechran enquanto está subguarnecido, mais a cada dia. Venador du Tam não consegue acompanhar todos eles. Alguém poderia pensar que você estaria ansioso para sair e fazer seu trabalho, mas... — ela deu de ombros com desinteresse fingido. — Algumas pessoas preferem bons discursos a ação. Suponho que teremos que esperar e ver qual de nós o Príncipe Dourado favorece.

Outro lampejo de fogo em seus olhos, este mais feroz que o anterior. O venador abriu a boca, sem dúvida preparado para esfolá-la viva com sua língua. Mas, naquele momento, a porta se abriu e a voz polida do homem de veludo declarou: — Sua Alteza Real, Príncipe Gerard du Glaive.

O venador saltou de sua cadeira, desdobrando-se a uma altura surpreendente. Ayleth era alta, especialmente em suas botas de caça, mas este homem era mais alto que ela pelo menos uma cabeça. No entanto, ele se moveu com uma facilidade graciosa enquanto se virava para enfrentar a porta aberta através da qual a luz entrava e uma figura entrou. — Gerard, finalmente. — ele disse em um tom afável que contrastava fortemente com a profundidade de sua voz.

A câmara estava muito escura com o cair da noite para discernir qualquer coisa sobre o rosto ou a forma do príncipe. Ayleth piscou pela sala, com o coração batendo forte na garganta, e ouviu uma voz que lhe pareceu estranhamente familiar. — Está escuro como uma tumba aqui, Terryn. Por que você não acendeu uma vela?

— Eu não me importo com a escuridão. — O venador respondeu. Então ele estalou os dedos, e todas as velas em seus castiçais ao longo das paredes se acenderam em um instante, enquanto as chamas ganharam vida na lareira. A sala se encheu de um brilho quente e dourado que brilhou contra a pintura dourada e as bordas dos móveis e estantes, refletindo na impressão dourada nas lombadas de todos aqueles livros.

Àquela luz, Ayleth avistou o Príncipe Dourado de Perrinion, ainda usando as roupas sujas, manchadas e teias de teia de um caçador que ele usava quando ela o usou como isca de sombra mais cedo naquele dia.

CAPÍTULO DOZE

Uma fria certeza encheu Ayleth, surgindo do fundo de suas entranhas enquanto ela olhava fixamente para aquele rosto manchado de sujeira do outro lado da sala.

Ela respirou fundo, se recompôs e se curvou profundamente.

Então, antes que o outro venador pudesse fazer um movimento, ela cruzou rapidamente a sala, passando pelo príncipe, apontando para a porta.

Uma mão disparou e a agarrou pelo cotovelo. — Espere um momento. Onde você está indo?

Com os olhos tão arregalados que ela temeu que pudessem cair da cabeça, Ayleth olhou para aquela mão, para aqueles longos dedos segurando com força seu braço. Ela não teve coragem de olhar para cima e encontrar o olhar do príncipe, aqueles olhos âmbar que ela já tinha olhado hoje cedo enquanto vociferava para ele com uma língua descontrolada, sem saber com quem ela falava.

Ela havia chamado o Príncipe Dourado de tolo? Um idiota? Bem na cara dele! E o que ele deve pensar de sua arrogância, declarando-se a nova venatrix de Wodechran?

— Por favor. — Ela disse, sua voz rouca com o esforço de evitar que tremesse. — Me perdoe. Cometi um erro e vou embora agora. Senhor. Sua Alteza. — Ela puxou contra seu aperto, o que não relaxou.

— Não vá, Ayleth, Venatrix di Ferosa. — O príncipe disse, e havia um sorriso em sua voz. — Sente-se e conversaremos. Vejo que você já conheceu meu bom amigo Terryn, Venator du Balafre.

Ele puxou, e ela poderia resistir e arriscar insultar o Príncipe Dourado ou se permitir ser conduzida de volta para a sala. Seus ouvidos zumbiam, seu cérebro rugia e Laranta se abaixou ainda mais para evitar o turbilhão de emoções de pânico. Em uma névoa de vergonha, Ayleth se viu conduzida a uma cadeira, sentada e olhando fixamente para o chão enquanto a conversa continuava acima de sua cabeça.

— Você conhece essa pessoa? — a voz profunda do venador retumbou.

— Nós nos conhecemos hoje. — respondeu o príncipe, sentando-se em frente a Ayleth em uma chaise longue baixa de respaldo oscilante, apoiada em pernas pintadas de ouro esculpidas como asas de cisne. Ele relaxou com perfeita facilidade, como se usasse uma camisa de seda e sapatos bordados em vez de roupas de caçador e botas de montaria manchadas. Um braço estendeu-se ao longo da parte de trás da espreguiçadeira e ele cruzou o tornozelo sobre o joelho. — Ela salvou minha vida.

— O que? — O alto venador voltou seu olhar velado para Ayleth novamente. Ela não teve coragem de enfrentá-lo, mesmo quando sentiu aqueles olhos penetrantes de gelo dele perfurando seu crânio.

— Eu estava cavalgando nas florestas periféricas ao norte daqui quando fui separado de minha companhia. — disse o príncipe com franqueza perfeita. — Desde o desaparecimento prematuro de Venator Nane, as sombras por essas partes cresceram em violência. Fui pego em um feitiço de sombra e quase perdi minha vida. Eu mesmo agora estaria morto entre as ruínas de Godelieve Abbey se não fosse por esta venatrix, minha salvadora, que conseguiu pegar meu rastro e vir em meu auxílio.

— De fato. — O olhar congelante redobrou de intensidade antes que o venador finalmente se afastasse dela e dirigisse sua próxima pergunta

diretamente ao príncipe. — E quanto à sombra? Vou cavalgar na primeira luz para ver o seu fim...

O príncipe ergueu uma das mãos. — Não há necessidade. Venatrix Ayleth despachou-a habilmente sozinha. Ou principalmente por conta própria. Eu ajudei fazendo uma isca mais eficaz.

— Isca? — O alto venador girou sobre Ayleth novamente. — Você usou o Príncipe Dourado de Perrinion como isca?

Ayleth fechou a boca com firmeza, olhou nos olhos frios do venador e sustentou seu olhar. Se ela tentasse falar, ela apenas se envergonharia. Sua única esperança de manter qualquer dignidade ficando em silêncio.

— Funcionou muito bem, considerando todas as coisas. — disse o príncipe, recostando-se ainda mais confortavelmente no assento de pelúcia, sem se importar com a lama em suas roupas sujando os tecidos finos. — Gosto de saber que fiz a minha parte para tornar o bairro mais seguro para todos.

A mandíbula do venador se contraiu e um músculo sob seu olho direito se contraiu. Agora que o olhava à luz de velas, Ayleth viu que, apesar de seus olhos claros, o venador era tão escuro quanto um Noarian. Talvez ele veio de um dos castras no sul de Talmain. Mas embora sua pele, junto com sua altura, certamente o fizesse se destacar entre os rostos pálidos de Perrinion, o que chamou a atenção de Ayleth mais intensamente foi uma cicatriz estranha e cruel espalhada pela maior parte de sua bochecha direita. Não uma cicatriz como a que pode ser adquirida em uma luta ou caça. Era um círculo perfeito, como se tivesse sido esculpido de propósito, estendendo-se logo abaixo do olho, até o canto da boca, mandíbula, orelha e maçã do rosto. A pele estava esticada, enrugada e rosada.

Ele a pegou olhando, e seus olhos se lançaram nela, brilhando ferozmente. Ele queria que ela desviasse o olhar primeiro, ela podia sentir o

quanto ele queria, o quão profundamente ele precisava dela para quebrar seu olhar, para se encolher diante dele.

Ela endureceu sua espinha. A verdade era que ela tinha cuidado da sombra Lure. Ela havia resgatado o Príncipe Dourado. E embora ela possa ter causado danos irreparáveis ao seu próprio orgulho no processo, o que isso importa quando comparado aos próprios atos?

— Eu entendo, Terryn. — disse o príncipe, sua voz rompendo a guerra silenciosa que se travava diante dele. — Que você veio sobre a vaga no Posto Avançado de Milisendis.

— Sim. — O venador respondeu entre os dentes, ainda sem desviar o olhar. — Fendrel me chamou assim que a notícia chegou em Breçar.

— Foi bem o que pensei. — O príncipe bateu o pé com alguma impaciência, em relação aos dois caçadores de sombras à sua frente. — Meu tio sempre teve você em mente para este posto. Só serve melhor a seu propósito ter feito Nane encontrar seu fim prematuro.

Só então o venador finalmente desviou o olhar de Ayleth. Ela deu um suspiro profundo e silencioso de alívio, piscando com força e balançando a cabeça enquanto seu combatente se dirigia ao príncipe. — O que aconteceu com Nane?

O príncipe balançou a cabeça. — Ninguém sabe. Ele desapareceu há quase dois meses. A princípio, pensei que ele tivesse apenas saído para uma longa caçada, mas não acredito mais nisso. Kephan fez o que pôde sozinho, mas espero que o novo venador assuma a tarefa de descobrir as respostas.

— Eu certamente me esforçarei para obedecer. — O alto venador disse rapidamente. — Eu terei respostas para você dentro de uma semana.

— Promessas ousadas, Terryn. — disse o príncipe.

— Promessas que pretendo cumprir, Gerard. — respondeu o venador.

— Uma coisa é prometer ação; outra coisa inteiramente diferente é garantir resultados.

Os dois homens se viraram para Ayleth, e ela percebeu de repente que havia falado essas palavras em voz alta. Ela engoliu em seco, esperando que o rubor que atingiu seu rosto não fosse muito óbvio à luz de velas.

— Você está tão relutante em prometer serviço ao seu príncipe? — o venador exigiu, uma expressão vagamente triunfante em seus olhos frios.

Ayleth piscou uma vez, com desdém. Ela teve que esticar a cabeça para olhar para ele, pois ele ainda não havia se sentado, mas pairava sobre ela. Tentando intimidá-la, talvez. Deixe-o tentar; ela não estava prestes a recuar agora.

Ela se virou para o príncipe. De repente, ela não se importou por ter se envergonhado tão horrivelmente. Ela não se importou por ter estragado quase todos os passos dessa interação dançante com seu companheiro venador. Ela não se importava com nada, exceto a oportunidade diante dela.

— Dê-me Wodechran Borough. — Ela disse calmamente. — E eu irei caçar todas as sombras que caírem sob minha vista, assim como eu cacei a Isca hoje. Usarei todo e qualquer meio disponível para me certificar de que as sombras sejam removidas deste mundo, que o Reino de Perrinion seja mais seguro. Vou servi-lo, príncipe, na medida da minha capacidade e além. Isso eu prometo. Isso eu juro. — Ela ergueu o queixo, fixando seu olhar no do príncipe sem piscar, como um lobo fixo em sua presa. — Mas me dê Wodechran. Dê-me Milisendis.

Foi como se todo o ar tivesse sido sugado para fora da sala. O alto venador nem mesmo respirou fundo, e o príncipe inclinou a cabeça um pouco para trás, como se a força das palavras de Ayleth o afetasse fisicamente.

Por fim, o Príncipe Gerard quebrou o silêncio na sala, dizendo: — Odeio ir contra a vontade de Dominus Fendrel, a quem toda Perrinion deve tanto...

— Uma visão sábia. — o venador inseriu.

— ...mas... — continuou o príncipe, erguendo a mão e olhando rapidamente de Terryyn para Ayleth e vice-versa. — Mas a posição é minha para atribuir como achar adequado.

— Gerard!

O choque na voz do venador foi quase doloroso de ouvir. Ayleth percebeu de repente que os dois deviam se conhecer há algum tempo, que aquele alto e arrogante venador havia presumido, com base em anos de conhecimento, até mesmo amizade, que o posto avançado era dele. Descobrir de repente essa suposição frustrada por uma venatrix desconhecida de algum bairro atrasado era mais do que ele podia suportar.

Mas a escolha não era sua.

Ayleth esperou, mal ousando respirar.

— É minha decisão. — Gerard continuou por fim. — Que, por enquanto, vocês dois ajudarão o Venador du Tam na manutenção deste bairro. Vocês dois percorrerão os circuitos, atenderão às necessidades das pessoas, investigarão todos os rumores de atos de sombra. E como o próprio Kephan está muito ocupado com seus trabalhos contínuos, eu encarrego vocês dois de descobrirem o que aconteceu com Nane.

Os olhos do venador alto brilharam com uma explosão repentina de luz de sombra brilhante. — Você não pode considerá-la seriamente para o papel. — ele disse, a fúria envolvendo cada palavra. — Você sabe o que eu posso fazer, Gerard! Você sabe o que posso realizar aqui. Wodechran é um bairro importante demais para ser confiado a qualquer caçador. Fendrel me designou para esta posição desde antes de minha Posse, me treinou para guardar as

fronteiras da Floresta da Bruxa, para manter a Grande Barreira. Este sempre foi destinado a ser meu bairro.

O rosto de Gerard, que parecia tão aberto, quase alegre até aquele momento, fechou. Ele se levantou do sofá, assumindo a postura de um príncipe, embora estivesse esfarrapado e gasto.

— Eu tomei minha decisão, Venador. — Ele disse friamente. — Você e Venatrix di Ferosa irão operar Milisendis junto com Venator du Tam. Você vai dividir as funções de Nane entre vocês e trabalhar em conjunto para colocar Wodechran de volta sob o controle adequado. Daqui a três meses farei a nomeação oficial. Até então, este é o acordo. — Ele cruzou os braços. — Questões?

O venador abriu a boca, fechou-a. Balançou a cabeça.

Gerard voltou-se para Ayleth e repetiu a última palavra. — Questões?

— Nenhuma, Vossa Alteza. — Ela respondeu, embora algo na parte mais profunda de seu intestino agitou desconfortavelmente.

— Muito bem. Convido vocês dois a fazerem uma refeição aqui em Dunloch antes de seguirem para Milisendis.

O príncipe não disse mais nada, não fez nenhum movimento, mas algo em sua voz e postura indicava claramente o fim da audiência. O venador, sem olhar para a direção de Ayleth, fez uma reverência e saiu da sala, suas longas pernas cruzando-se até a porta e saindo para o corredor. Ayleth saltou da cadeira e fez uma rápida reverência. Toda a sua ousadia de repente desapareceu; ela não queria passar um momento sozinha na companhia do príncipe.

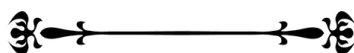
Ela foi até a porta, mas o príncipe a interrompeu com uma palavra. — Espere.

Ayleth fez uma pausa e olhou para trás. Quantos erros sociais ela cometeu simplesmente por estar ali? Talvez ela devesse se curvar novamente, talvez houvesse algo educado que ela devesse murmurar. Mas tudo em que ela conseguia pensar era em sair daquela sala o mais rápido possível.

O príncipe, como se lesse seus pensamentos, sorriu de repente, um sorriso que parecia preencher toda a sala com uma luz mais brilhante do que o brilho de uma vela. — Vá bem lá fora, Venatrix di Ferosa. — Ele disse. — Faça Terryn trabalhar por tudo. Tudo.

Naquele momento, sob o calor daquele sorriso, Ayleth percebeu que não havia nada no mundo que ela desejasse mais do que deixar aquele homem orgulhoso de seu serviço.

— Eu irei. — Ela disse, e foi tão bom quanto um voto. Sem esperar por outra palavra de despedida, ela saiu correndo da sala.



— Podemos conversar?

Gerard, apenas saindo de seu escritório para a passagem além, fez uma pausa. Terryn se apoiou contra a parede fora da porta, seus olhos brilhantes, mas seu rosto sombreado. Os candelabros de vela mais próximos estavam muito longe para iluminar suas feições.

— Claro, Terryn. — Gerard fechou as portas do escritório e se virou para encarar o venador. — Mas devemos ser rápidos. Prometi ao chanceler Yves que viria rastejar a seus pés em um pedido de desculpas abjeto por meu comportamento rebelde assim que terminasse de me encontrar com meus novos venadores. Ele não está pronto para me perdoar por cavalgar com os

caçadores esta manhã contra seu conselho. Em retrospecto, um conselho que provavelmente teria feito melhor se tivesse acatado.

Os lábios de Terryn se curvaram, estranhamente puxando a cicatriz em seu rosto. Seria uma expressão intimidante se Gerard não conhecesse este homem tão bem. — Não me desencoraje. — O venador rosnou. — Você sabe exatamente por que estou aqui.

— Eu sei. — Gerard suspirou, cruzando os braços e encostando as costas na porta fechada. — Eu sei muito bem. Fendrel pretende que você assuma a posição em Milisendis. Fendrel não responderá bem à minha mudança de plano. Fendrel fará chover fogo e enxofre sobre todos nós. — Ele riu melancolicamente. — Estou familiarizado com meu tio e seu humor, Terryn. Você não precisa me lembrar.

Terryn olhou para Gerard como se estivesse olhando para o rosto de um estranho. — Tudo que eu passei. Tudo o que fiz. Tudo pelo que trabalhamos juntos, você e eu. Isso não conta para nada?

Gerard balançou a cabeça, de repente com o coração pesado. Ele não gostava de machucar Terryn. Mas ele disse: — Diga-me a verdade. É isso mesmo que você quer?

O venador não respondeu. Sob as sombras obscuras, sua expressão endureceu.

— Fendrel planejou tudo desde o momento em que pôs os olhos em você. — Gerard persistiu. — Você e eu cresceríamos juntos. Mais tarde, você me serviria aqui em Wodechran. Mais tarde, quando eu assumir a coroa do meu pai, você assumiria o papel de Fendrel como Capuz Negro. Sempre um passo atrás de mim, sempre na minha sombra.

— Sempre lá para protegê-lo. — Terryn disse, sua voz sombria e baixa.

— Sempre lá para dançar ao som de Fendrel. Como todos nós dançamos. Até mesmo meu pai, o chamado Rei Escolhido. — As palavras saíram mais amargas do que Gerard pretendia. Como se quisesse escapar delas, ele se afastou da porta e caminhou pelo corredor. Terryn caminhou atrás dele, como ele havia sido cuidadosamente treinado para fazer desde a infância.

— Estou cansado de fazer exatamente o que meu tio decide por mim. — disse Gerard. — Nós dois fomos forçados a esses papéis, eu como um príncipe profetizado, você como meu protetor. Assim como Fendrel sempre foi o protetor de meu pai. Ele quer recriar sua própria história, quer garantir que o mundo continue funcionando de acordo com o padrão que ele mesmo desenhou.

Gerard balançou a cabeça duramente. — Mas sou eu, não Fendrel, quem vai sentar no trono em Telianor. Sou eu, não Fendrel, quem decidirá o que é melhor para Perrinion. E estou determinado a começar a tomar essas decisões. Onde eu puder.

Terryn parou abruptamente atrás do príncipe. Gerard parou também, olhando em volta para onde seu amigo de longa data estava parado no meio do corredor, tão alto e sombrio que parecia preencher o espaço. Sua cabeça estava baixa, e seus olhos não encontraram os de Gerard quando ele disse: — Você não confia em mim para sempre servir de acordo com seus melhores interesses, meu príncipe?

Gerard balançou a cabeça lentamente. — Eu confio em você, Terryn. Mas acredito que o bairro precisa de mais. O reino precisa de mais. Mais do que você e eu podemos dar, mais do que Fendrel pode nos forçar a ser.

O silêncio o respondeu por alguns longos momentos. Gerard quase se perguntou se deveria voltar e seguir seu caminho para sua reunião com o chanceler.

Mas Terryn falou finalmente. — Aquela garota realmente salvou você de uma isca hoje?

— 'Aquela garota'... — Gerard respondeu. — É uma venatrix. Você vai se lembrar disso e dar a ela o respeito devido a sua posição.

A respiração de Terryn se aprofundou. Ele não respondeu.

Gerard passou a mão pelo cabelo. Suas têmporas latejavam de exaustão, pois ele ainda não tinha descansado ou comido desde sua caçada malfadada. Mas ele não podia se afastar de Terryn muito bem.

— Sim. — Ele disse. — Ela me salvou. Ela é capaz e o ajudará enquanto você trabalha para restaurar a força total das Barreiras. Há muito que fazer aqui em Wodechran para dois venadores sozinhos. Você deve aproveitar a presença dela e trabalhar com ela. Kephan ficará grato por mãos extras.

— Diga-me isso, Gerard. — Terryn disse de repente, com um tom áspero em sua voz. — O que você estava fazendo sozinho nas ruínas de Godelieve?

Gerard deu um longo suspiro, segurando-o por tanto tempo quanto ousou. Então, soltando lentamente, ele sussurrou: — Fayline.

Terryn amaldiçoou baixinho, um silvo entre seus dentes.

Gerard abaixou a cabeça, sentindo o peso das esperanças frustradas de repente pesar sobre seus ombros. — Eu ouvi rumores de uma bruxa ruiva várias vezes nas últimas seis semanas, desde o desaparecimento de Nane. Desta vez, ao norte daqui, perto de Godelieve. Fayline e eu costumávamos cavalgar até as ruínas quando visitávamos Dunloch quando crianças. Era um dos nossos esconderijos favoritos. Eu pensei que talvez... pudesse ser...

— Não é ela, Gerard.

O príncipe fez uma careta. As palavras de Terryn foram como lâminas golpeando seu coração.

— Mesmo se for ela, mesmo se ela de alguma forma conseguiu atravessar a Barreira, não é ela. — Terryn deu um passo para mais perto do príncipe, estendendo a mão como se fosse agarrá-lo e detê-lo. — Apenas os espíritos que a possuíram. É Inren e a sombra. Depois de todos esses anos, a própria Fayline não está mais presente. Você tem que aceitar isso.

— Eu sei. — Gerard respirou. — Eu tenho que aceitar que sua alma está perdida. — Ele ergueu a cabeça, encontrando os olhos de Terryn. — Mas na chance, na chance de que ela ainda possa estar lá, eu devo encontrá-la. Devemos encontrá-la. Para que você possa salvar a alma dela. Eu sei que ela está perdida para mim, que ela nunca será minha esposa. Mas... a ideia de ela ser condenada por toda a eternidade...

Suas palavras se transformaram em um abismo de horror e tristeza. Terryn estava em frente a ele, uma sombra iminente, incapaz de oferecer conforto, incapaz de falar falsas promessas. Gerard sabia que deveria valorizar a honestidade de seu amigo, mas... ele desejou que por uma vez Terryn mentisse para ele. Diria a ele que ainda havia esperança.

Por fim, Terryn colocou a mão no ombro de Gerard. — Vou investigar esses rumores. Você tem minha palavra.

Gerard acenou com a cabeça, respirando estremecendo. — Primeiro, veja a Barreira. Veja se a canção do feitiço é fortalecida e nada mais sai da Floresta da Bruxa. Nada.

CAPÍTULO TREZE

Ayleth deixou a presença do príncipe tão rapidamente que só percebeu quando ficou no corredor do lado de fora que não tinha ideia de para onde deveria ir em seguida. O príncipe convidou ela e o Venador Terryyn para uma refeição. O convite de um príncipe era tão bom quanto uma ordem, não era?

Mas onde em Assombrados ela deveria fazer esta refeição?

Se ela estivesse nas florestas selvagens de Drauval, ela seria capaz de refazer seus passos bem o suficiente. Mas neste labirinto de castelo ela se sentiu perdida. Ela se concentrou tão intensamente no homem vestido de veludo e seu bordado de faisão, que não teve o cuidado que deveria ter em notar seu rastro.

Ela olhou para cima e para baixo no corredor em busca de algum sinal do outro venador, mas ele havia milagrosamente desaparecido. Bem, ótimo. Ela não tinha nenhum desejo de seguir seus passos de qualquer maneira. Erguendo o queixo e decidindo que seria melhor escolher uma direção, qualquer direção, ela escolheu virar à esquerda e ver aonde isso a levaria.

O corredor levava ao que parecia à primeira vista um beco sem saída, mas uma porta rachada revelou uma escada estreita. Provavelmente uma escada de serviço, mas certamente não havia mal em usá-la. Afinal, ela era uma serva do príncipe.

Ela não encontrou ninguém no caminho e emergiu um andar abaixo em uma passagem com janelas que davam para o lago ao longo de uma parede e pilares sustentando o teto baixo. Ela deu outra volta à esquerda, saindo do

corredor de pilares para uma longa galeria. Aqui as janelas eram mais altas e mais estreitas, lançando luz suficiente para preencher a sala, mas não o suficiente para causar danos aos magníficos retratos exibidos ao longo de ambas as paredes. Na escuridão da noite, esses retratos eram velados por sombras, deixando Ayleth com apenas uma impressão de homens e mulheres nobres em vários estados de trajes oficiais. Flocos de ouro fixados na pintura captavam a pouca luz que havia, criando um brilho quase sobrenatural de enfeite para elaborados colarinhos, cocares e coroas.

Definitivamente, não era onde ela deveria estar. Com uma maldição murmurada, Ayleth começou a recuar para fora da sala, mas seu olhar se fixou em algo na outra extremidade. Um único retrato iluminado pela última luz que entrava pela janela mais próxima.

Quase contra sua vontade, Ayleth entrou na galeria, as botas batendo com força no chão de mármore. De ambos os lados, ela sentiu a pressão de olhos pintados olhando para ela, gloriosas representações das Rainhas Sacerdotisas de eras passadas intercaladas com imagens dos heróis e heroínas da Guerra das Bruxas. Mas nada disso chamou sua atenção, que permaneceu fixa naquela única imagem no final do corredor.

Nesse par de olhos cativantes.

Este retrato era o maior de todos, maior do que o tamanho natural e exibido em um lugar de destaque. O fundo era preto como um vazio, mas isso serviu apenas para tornar os tons dourados das duas figuras centrais muito mais vívidos, muito mais radiantes. Uma mãe segurando seu filho pequeno no colo, suas mãos suaves. A criança, uma criatura angelical de cabelos dourados, segurava as próprias mãos em um gesto improvável de bênção sagrada, como uma sacerdotisa faria. Mãe e filho olhavam para o espectador com expressões de serenidade e promessa.

Ayleth sabia exatamente quem eles eram. A mãe era a Rainha Leurona, a esposa do Rei Escolhido, que morreu durante a Guerra das Bruxas antes que seu filho atingisse seu primeiro ano de idade. E a criança, é claro, era o próprio Príncipe Dourado, em uma forma infantil idealizada. Ayleth não acreditou totalmente na semelhança, mas reconheceu aqueles olhos cor de âmbar calorosos.

Mas não foi o olhar do bebê que chamou e prendeu sua atenção. Foi da rainha. Quando Ayleth olhou em seus olhos e apenas em seus olhos, a expressão que viu não era mais de serenidade. Em vez disso, ela viu, medo. Um desespero assustador. E raiva.

Por um longo momento, Ayleth estudou aquele rosto, perguntando-se de repente o que havia inspirado tanta emoção na bela e jovem rainha. Ela não sabia muito sobre a história de Leurona, apenas o que Hollis havia lhe contado, que ela era uma princesa de Talmain, no sul da Gaulia, enviada para se casar com o Rei Guardin e fortalecer seu governo. Que ela e sua comitiva foram capturadas a caminho do casamento por um dos tenentes de Terrível Odile. Que o próprio Rei Escolhido lutou para resgatá-la, trazendo-a de volta a Telianor em triunfo, para se casar com ela. Que ela deu à luz um filho ao rei. E então ela morreu.

Nada disso explicava a expressão que Ayleth agora observava no rosto da rainha morta, um quebra-cabeça que ela provavelmente nunca resolveria. Só depois de alguns momentos de contemplação ela percebeu que os olhos da rainha em nada se pareciam com os de seu filho. Eles eram da cor do gelo mais frio. E ainda assim eles eram de alguma forma... familiares...

Outra coisa não estava certa aqui. Algo estava errado. Os instintos anormais de Laranta se estenderam para arrancar a consciência de Ayleth, mas ela não conseguia entender, não conseguia entender o que era que estava

vendo. Por fim, após alguns instantes incontáveis, ela franziu a testa, inclinando a cabeça. Sua consciência frustrada se esclareceu repentina e brilhantemente, e ela sabia o que a perturbava.

O retrato da rainha Leurona e seu filho estava pendurado em dobradiças.

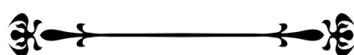
Esquecendo a rainha e sua expressão estranha, Ayleth deu um passo à frente enquanto a curiosidade de uma caçadora superava tudo o mais. As dobradiças eram habilmente trabalhadas em ouro, de modo que quase desapareciam em meio à elaborada estrutura em espiral da moldura. Por que este retrato foi montado de forma tão peculiar? O que há por trás disso, uma passagem ou câmara secreta? Sua mão se estendeu, tremendo ligeiramente com o desejo de puxar a moldura, para ter um vislumbre do que ela escondia. As pontas dos dedos dela tocaram o ouro.

— Madame Venatrix.

Assustada, Ayleth se virou bruscamente, o coração batendo forte na garganta. O homem vestido de veludo estava parado na porta da galeria, suas mãos dobradas ordenadamente, seu rosto um estudo de longanimidade. — O príncipe ordenou uma refeição preparada para você na segunda sala de jantar. Você poderia vir comigo?

— É claro. — murmurou Ayleth. Ela engoliu em seco e, embora seu queixo estivesse parcialmente virado, ela não se permitiu uma última olhada por cima do ombro. Não, era melhor que não. Ela estava aqui para servir ao Príncipe Dourado, não para intrometer-se nos segredos de sua família.

Então, ela correu de volta para a galeria, dando um passo atrás do homem e seus veludos enquanto ele a conduzia para fora da sala. A cada passo, ela sentia os olhos da rainha Leurona queimando sua nuca.



A noite havia caído quando Ayleth terminou sua refeição solitária, mas farta, e foi finalmente escoltada até a entrada da frente. Tochas alinhavam-se na estrada branca que ia da fortaleza principal até a ponte e o portão além, e no alto o céu estava claro e brilhante com estrelas. Um frio outonal farfalhava no ar, mas agora que ela estava um pouco descansada, Ayleth ansiava por um passeio noturno.

Ou ela fez até que ela viu a forma iminente de Venator Terryn de pé nos degraus da varanda larga. Ele estava de costas para ela, com os braços cruzados, e ela quase podia sentir a parede de ressentimento zumbindo ao redor dele como uma canção mágica.

Bem, ela também não queria muito falar com ele. Assim, enquanto esperava que alguém trouxesse Chestibor dos estábulos, posicionou-se vários passos atrás do venador, fortalecendo-se com um silêncio de pedra. Seria possível passar os próximos três meses sem falar com ele?

A memória de suas palavras percorreu seu cérebro como garras. — *Sua senhora encoraja você se intrometer em heresia?*

Como ele ousava? Como ele ousava acusá-la de tal coisa? E tudo por quê? Porque ela deixou Laranta permanecer ascendente em vez de suprimi-la após a caça? Certamente ele não esperava que ela sempre amarrasse sua sombra tão completamente? Sim, como uma venatrix, ela deve tomar cuidado para nunca deixar sua sombra muito solta por dentro. Mas ela havia trabalhado com Laranta durante anos, e as duas haviam estabelecido um certo... conforto uma com a outra. Isso não a tornava uma herege.

Tornava?

Ela se recusou a considerar isso. Agora não. Não quando assuntos mais urgentes pesavam sobre ela. Ela deveria chegar ao Posto Avançado de

Milisendis. Ela deveria se apresentar ao Venator du Tam e estabelecer-se rapidamente como uma irmã caçadora confiável e diligente. Ela deveria criar raízes no bairro para que, quando chegasse a hora, o Príncipe Gerard soubesse que ela era a pessoa certa para essa posição.

O que foi que Terryn disse enquanto eles estavam na sala de reuniões do príncipe? Ele havia sido enviado por Dominus Fendrel... *Fendrel du Glaive*. De todas as pessoas! Os joelhos de Ayleth tremeram apesar de seus melhores esforços. Quem era ela para pensar que poderia frustrar a vontade do Dominus, o mais poderoso, o mais influente de todos os venadores em Perrinion? O irmão do próprio rei, que segurava Castra Breçar inteira na palma da mão.

Um estalo de cascos, um lampejo de tochas. Ayleth viu dois cavalos sendo conduzidos pela escuridão por jovens rapazes do estábulo, Chestibor e uma alta égua vermelha que provavelmente pertencia ao outro venador.

— Vejo que você está pronta para partir.

Um arrepio percorreu a espinha de Ayleth ao ouvir a voz do príncipe atrás dela. Ela se virou e não conseguiu conter o rubor que esquentou suas bochechas ao ver o Príncipe Gerard descendo os degraus da varanda em sua direção.

— Vim despedir-me de vocês dois. — disse ele, dirigindo-se tanto a Terryn quanto a ela.

— Não há necessidade. — O estrondo profundo do Venador Terryn respondeu.

Gerard encolheu os ombros com isso. Concentrando sua atenção em Ayleth, ele estendeu uma das mãos, oferecendo a ela um pergaminho amarrado com um cordão vermelho e selado com cera dourada. — Isto é para Venator Kephan. — Ele disse. — Informando-o de meu desejo que vocês dois

concentrem seus esforços iniciais em descobrir o que aconteceu com Nane. Sem dúvida Kephan terá tarefas adicionais para vocês, Wodechran é um grande bairro com muitas necessidades, mas até que saibamos o destino de Nane, é minha opinião que não podemos determinar a melhor forma de proteger nosso povo daqui para frente.

Quando Ayleth aceitou o pergaminho, uma nova onda de ressentimento do Venator Terryn a dominou. Foi porque Gerard confiou a mensagem a ela e não a ele?

Ela sorriu. — Vou entregar sua mensagem, Sua Alteza. — disse ela, lançando um olhar rápido a seu concorrente enquanto falava.

O venador fechou a cara, ofereceu ao príncipe uma saudação nítida e, sem outra palavra, desceu os degraus para reclamar o cavalo do cavalariaço.

Ayleth deu um passo na direção de Chestibor, mas parou quando o príncipe falou em voz baixa, destinada apenas a seus ouvidos. — Ele não vê isso agora, Venatrix, mas eu acredito que vocês dois vão conseguir mais juntos do que sozinhos. — Quando ela se virou para encontrar o olhar simpático do príncipe, ele continuou: — Terryn é... difícil. Mas ele é o melhor que a Castra Breçar já produziu. Se você aprender a trabalhar com ele, não tenho dúvidas de que vocês dois realizarão maravilhas aqui em Wodechran.

O príncipe poderia não duvidar, mas Ayleth tinha dúvidas suficientes para os dois. No entanto, ela ofereceu uma saudação rápida. — Vou me esforçar para servir meu príncipe em todas as coisas com o melhor de minhas habilidades.

— Ninguém poderia pedir mais de você. — Gerard respondeu, e acenou para que ela continuasse.

Terryn já estava montado em seu cavalo e descendo o caminho quando Ayleth montou em Chestibor e correu atrás dele. Ela odiava a ideia de segui-

lo pelo bairro, mas o mapa que ela roubou de Hollis oferecia apenas as direções mais vagas possíveis para o Posto Avançado de Milisendis, e ela nunca poderia esperar encontrá-lo no escuro. Ela poderia seguir o outro venador e esperar que ele soubesse para onde estava indo ou passar a noite no Castelo Dunloch.

Assim, os dois cavalgaram, cruzando a ponte e passando pelo portão em fila indiana. O venador ignorou os guardas, mas Ayleth ofereceu-lhes acenos frios. Assim que os portões ficaram para trás, Ayleth relaxou na sela. Embora os jardins bem cuidados ainda parecessem elegantes demais para seu conforto, eles pareciam respirar um pouco mais selvagem nas sombras da noite, e os cheiros de folhas caídas e grama dourada e árvores deslizando para o sono do outono acalmaram seu coração.

Assim que passaram do jardim para a trilha do venador solitário, Ayleth manteve um espaço de pelo menos dois cavalos atrás do Venador Terryn. Desse modo, eles progrediram em silêncio, interrompidos apenas pelo clop dos cascos na pista e pelos agudos pungentes dos pássaros noturnos.

Ayleth não tinha como saber a distância entre o Posto Avançado de Milisendis e o salão do príncipe. Após as primeiras duas horas, ela perdeu a esperança de que estaria próximo. O Venador Terryn continuou em frente com firmeza, e Ayleth o observou à luz da lua, determinada a não o deixar sair de sua vista. Chestibor parou uma ou duas vezes, certo de que devia ser a hora de acampar, mas quando Ayleth insistiu o contrário, ele correu para alcançar a égua vermelha e voltou à sua caminhada devoradora de terra.

Quando estavam cavalgando havia quase três horas, a julgar pela volta das estrelas, Terryn fez seu cavalo parar abruptamente. Ayleth meio que esperava que ele tivesse descoberto o destino deles à frente, e seu coração acelerou.

Mas quando o venador se virou na sela para encará-la, ela desabou. Ela não podia ver seu rosto sob o capuz, mas havia uma postura de confronto em seus ombros. Isso não seria bom.

— Você precisa saber de uma coisa. — disse ele. Sua voz atravessou o espaço escuro entre eles, fria como a geada. — Wodechran é diferente de todos os outros bairros do reino. Uma venatrix que não segue as leis de Evander exatamente como são não pode esperar sobreviver. Eu fui claro?

Com um pequeno rosnado na garganta, Ayleth estimulou Chestibor a seguir em frente. O venador mudou de posição na sela e seu cavalo deu um passo para o lado nervoso quando ela se aproximou, mas eles não recuaram. Ayleth cavalgou até ficar joelho com joelho, estribo para esporear com o outro venador. Desta proximidade, ela podia discernir os contornos de seu rosto, as maçãs do rosto acentuadas, o nariz longo e estreito, a sobrancelha profunda sob a qual seus olhos cintilavam.

— Esse era o problema do Venador Nane, então? — ela perguntou. — Não está seguindo as leis o suficiente?

Ele não disse nada. Ele apenas olhou para ela. E ela olhou para trás. Se esforçou contra a vontade. Este homem era uma força a ser reconhecida, mas ela se recusava a ceder a ele.

Sua mandíbula se apertou com força, Terryn pôs seu cavalo em movimento, continuando ao longo da trilha do venador. Sentindo-se como se tivesse vencido algum concurso, cujas regras ela não entendia totalmente, Ayleth incitou Chestibor atrás dele, permitindo um pouco mais de distância do que antes. O venador atingiu o topo de uma colina que eles estavam escalando e desapareceu do outro lado.

Ayleth pestanejou, incerta. Então ela apertou os olhos para o luar. Mas não, seus olhos não a enganaram... Venator Terryn estava cavalgando de volta para ela meros momentos depois que ele desapareceu na colina.

Terryn, avistando Ayleth à sua frente, parou sua égua. Embora seu rosto ainda estivesse obscurecido de sua visão por seu capuz profundo, Ayleth detectou uma confusão assustada fluindo de seu espírito.

— Milisendis é por ali. — disse ela secamente.

Sem dizer uma palavra, ele virou o cavalo e mais uma vez desapareceu atrás do topo da colina. Mas assim que Ayleth alcançou o cume, ela viu Terryn cavalgando de volta como se fosse encontrá-la, encarando o caminho por onde haviam acabado de chegar.

Ele jogou o capuz para trás, virando-se na sela para olhar por cima do ombro. Então ele olhou para a frente, olhando para Ayleth, sua expressão totalmente perplexa.

Se ele estava jogando algum jogo com ela, ela não iria cair nessa. Dando ao venador um olhar azedo, Ayleth passou por ele... apenas para se descobrir repentinamente voltada para a estrada que acabara de percorrer, subindo em vez de descer a encosta. Ela parou, boquiaberta como Terryn.

Terryn, que teve mais tempo para refletir sobre o dilema, disse: — Há uma maldição aqui.

— Uma maldição? — Ayleth repetiu um tanto estupidamente.

— Sim. — Terryn apontou para a paisagem que eles acabaram de cruzar: a trilha do circuito venator serpenteando como uma fita através dos campos iluminados pela lua até que desapareceu de vista em um pedaço de floresta escura. Ao longe, colinas negras contra o céu estrelado. — Você vê aquele ponto de luz no horizonte? Esse é o Castelo Dunloch. Agora olhe para trás novamente.

Ayleth se virou na sela. Sua respiração ficou presa na garganta. — É a mesma coisa.

A mesma visão se espalhou diante dela, como algum tipo de reflexo em um espelho enorme. Um espelho que impede o olho de ver o que realmente está por vir.

— Quem lançaria uma maldição como esta? — ela perguntou. Assim que disse as palavras, adivinhou a resposta e desejou não ter traído sua ignorância.

Terryn parecia ainda mais superior e indiferente ao luar. — A sombra do Venator Nane era um Anathema, um lançador de maldições. Esta deve ser uma de suas próprias proteções para manter o posto avançado a salvo de olhares indiscretos.

Ayleth bufou suavemente. Pareceu-lhe uma precaução completamente desnecessária, Milisendis já estava tão remoto que seria preciso saber onde estava para encontrá-lo. Ela poderia facilmente ter perdido no escuro se não tivesse seguido Terryn. — Então, como quebramos a maldição?

O venador deu a ela outro olhar superior. — Você não sabe?

Em vez de dignificar isso com uma resposta, ela puxou sua flauta Vocos, colocou-a nos lábios e tocou a Canção de Convocação. Ao ouvir essa canção, Laranta saltou para a frente de sua mente.

Caça? ela perguntou ansiosamente.

— *Não exatamente.* — respondeu Ayleth. — *Há uma maldição na estrada à frente. Eu preciso que você encontre para mim.*

Prefiro caçar.

Ayleth alterou a música para uma variação mais contundente. — *Obedeça-me, Laranta.*

Com um suspiro pesado, sua sombra de lobo saiu de sua mente, manifestando-se na estrada diante dela, e imediatamente colocou o nariz no

chão e começou a farejar por qualquer sinal de magia. Ela rondou para cima e para baixo nas margens da estrada o mais longe que podia, sem correr para a própria maldição.

Logo ela ergueu a cabeça e olhou para Ayleth. *Está aqui. É... errado.*

Ayleth terminou o compasso da música que estava tocando e embainhou as flautas Vocos, o tempo todo ciente da observação atenta de Terryn. Ele não podia ver Laranta em sua forma de lobo, mas certamente podia sentir sua presença espiritual. O que significava que ele também podia sentir a eficácia da música que Ayleth havia tocado, provando sua habilidade de controlar sua sombra poderosa.

Desmontando, Ayleth jogou as rédeas de Chestibor para Terryn. — Segure-o, por favor. — disse ela.

Ele pegou as rédeas, mas não respondeu, seus olhos eram meras fendas de prata.

Ayleth correu para o lado de sua sombra de lobo. — *Dê-me sua visão.* — disse ela. A luz da sombra cintilou em seus olhos, e ela seguiu o olhar fixo de Laranta para um determinado lugar no ar. Mesmo com a visão das sombras, era difícil ver os fios cintilantes da maldição Anathema, mais como música tornada visível do que qualquer outra coisa. Havia um certo erro nisso, como disse Laranta. A maldição estava ficando amarga, resultando em um rosnado de magia tão intenso que mal se podia sentir onde começava ou terminava.

O método mais simples para quebrar uma maldição era encontrar o objeto amaldiçoado e então quebrá-lo. Um fio desta maldição continuava descendo para o vale, indicando que a maldição estava ancorada em algum lugar abaixo.

Mas como descer para o vale quando a maldição apenas a empurrava para trás?

Com os olhos frios do Venador Terryrn observando atentamente cada movimento seu, ela não podia revelar nenhuma hesitação, nenhuma fraqueza.

Ela estendeu a mão em direção ao fio da maldição. Não era algo que ela pudesse tocar em qualquer sentido físico, mas com os poderes de Laranta correndo por ela, a ponta de seu dedo de alguma forma sentiu isso. Como uma linha trêmula de frio no ar. Como a vibração de uma nota musical fina, aguda e inarmônica.

Seguindo essa sensação ao longo de seu dedo, Ayleth começou a andar... para trás. Seus passos eram instáveis, pois ela não conseguia ver para onde estava indo, e ela tinha que tatear o caminho com cuidado ou perderia o fio. Mas Laranta caminhou do outro lado, olhando para a frente, e com a mão nas costas da sombra do lobo, ela se sentiu firme o suficiente. Ela continuou até que Terryrn e os cavalos se tornaram pontos no topo da colina, mantendo seu olhar focado neles. Em sua visão periférica, o mundo estava nebuloso, e se ela se permitisse olhar para os lados, seu estômago revirava e revirava com a doença causada pela maldição que tentava se afirmar.

O salto de sua bota atingiu algo sólido. Respirando lentamente, ela olhou para trás e viu um portão. Um grande e alto portão de venador muito parecido com o de Gillanluòc. Mais importante, ela podia ver o lugar onde o fio da maldição tinha sido ancorado em uma das ripas do portão.

— Venador Nane estava falando sério sobre desencorajar visitantes indesejáveis. — Ayleth murmurou enquanto deslizava sua mão cuidadosamente até o lugar onde a maldição se enredava em um nó profundo. Desgastou rápido agora que ela o encontrou. As chaves para quebrar essas maldições eram muito variadas e podiam ser perigosamente complicadas. Algumas maldições exigiam encantamentos. Outras simplesmente exigiam que o objeto ancorado fosse destruído ou

desfigurado. De acordo com algumas das leituras que ela fez, havia até maldições que exigiam beijos para serem quebradas, embora Ayleth não estivesse totalmente pronta para acreditar nisso.

Ela se curvou, estudando o lugar onde a maldição se ancorava na ripa. Ali, a menos que ela estivesse muito enganada, havia uma mancha de sangue. Não sobrou muito agora, mas quando olhou com visão sombria, Ayleth ainda podia ver vestígios do que um dia fora uma marca padronizada. Nane usou seu próprio sangue para ancorar a maldição, pintando um sigilo.

Isso era fácil de desfazer neste caso. Ayleth tirou a adaga da bainha e começou a esculpir o símbolo na madeira. Ela teve que ir mais fundo do que ela inicialmente esperava, pois embora o próprio sangue tivesse lavado com o tempo, a âncora estava profundamente plantada. Seria mais simples remover a ripa totalmente e quebrá-la, mas ela teria que encontrar uma placa substituta e consertar o portão. Então, ela continuou arranhando a madeira, sua adaga cavando um sulco cada vez mais profundo.

De repente, a maldição quebrou. Os fios de magia se enrolaram e desapareceram em um zumbido discordante de canção de feitiço. Imediatamente a paisagem ao redor dela ficou clara sob o luar. Olhando ao redor, ela viu que havia descido em um vale estreito e rochoso com alguns pinheiros esparsos quebrando a paisagem de outra forma sombria. Além do portão ficava o próprio posto avançado, completo com muros altos, sua torre de vigia assomando três andares no céu.

Milisendis. Sua primeira postagem oficial.

Ayleth sorriu.

Ela encontrou o puxador do sino usado pelos mensageiros para invocar o venador e puxou-o três vezes, ouvindo o gongo do outro lado da parede. Ela esperou alguns minutos e puxou mais três vezes.

Ela ouviu cascos batendo e o rangido do couro quando Terryrn cavalgou atrás dela, conduzindo Chestibor.

— Venador du Tam não parece estar residente. — Ayleth olhou para Terryrn por cima do ombro enquanto o eco do gongo se dissipava. — Ele deve estar em um circuito.

O Venador Terryrn não ofereceu nenhuma resposta, nem mesmo uma palavra de parabéns por ela quebrar a maldição com sucesso. Ele desmontou e passou por ela como se ela não estivesse ali, indo diretamente para o lugar na parede onde estava escondido um mecanismo secreto que abriria o portão pelo lado de fora. Ayleth, que ainda não havia pensado em procurá-lo, observou com alguma surpresa enquanto ele puxava a alavanca. O portão se abriu com um gemido relutante. Seu companheiro, ela percebeu, deve ter visitado Milisendis antes para estar familiarizado com seus segredos assim. O coração de Ayleth afundou. Aqui estava outra vantagem que este favorito do Venador Dominus tinha sobre ela.

Sem nem mesmo olhar na direção de Ayleth, o venador pegou seu cavalo pelas rédeas e a conduziu até o portão...

Apenas para afundar até a metade das panturrilhas na terra.

Seu grito de surpresa assustou Ayleth. Seu olhar mudou imediatamente para a visão da sombra, e ela viu o emaranhado de maldição em torno do venador, arrastando-o com força para baixo.

Venator Nane havia deixado mais de uma defesa para trás para guardar seu posto avançado.

CAPÍTULO QUATORZE

Por três respirações, Ayleth não pôde fazer nada além de olhar, incapaz de acreditar no que via. Naqueles poucos segundos, Terryn caiu de joelhos. O solo ondulou em uma poça ao redor dele, mais líquido do que sólido, mas quando ele tentou se mover o prendeu rápido. Isso o consumiria completamente antes que outro minuto se passasse.

— *Laranta!* — gritou Ayleth. — *Encontre a âncora!*

Laranta entrou em ação. Ayleth evitou um pensamento passageiro de que o Venador Terryn deveria estar grato por ela já não ter suprimido sua sombra novamente, chamá-la de volta com os Vocos teria perdido momentos que ele não tinha. Como estava, a sombra do lobo mergulhou para frente, nariz no chão, avidamente procurando o cheiro da maldição.

Terryn já estava até a cintura. — Está... esmagando! — ele engasgou.

Ayleth viu que sua mão direita estava presa no chão. Ele tentou libertar seus Vocos, invocar sua própria sombra. Não que ele tivesse tido tempo de romper o intenso feitiço de amarração.

Aqui! Aqui! Aqui! Laranta latiu, seu rabo de fumaça balançando de excitação. Ela se empinou sob o arco do portão. Ayleth, olhando com sua visão sombria, viu o rosnado emaranhado, outra bagunça reveladora de canções de maldição. Um fio mergulhou na terra. A âncora estava enterrada sob o portão.

Ayleth se ajoelhou. O chão se mexeu desconfortavelmente embaixo dela, mas ela estava fora do alcance da maldição. — *Laranta, dê-me sua força!* — Ela comandou.

Imediatamente o poder de sua sombra fluiu por seus membros. Ayleth cravou as mãos com força na terra que havia sido derrubada por muitos passos até ficar dura como granito. Ela a rasgou como se não fosse mais do que neve solta, cavando grandes poços, muito ciente de que Terryn agora estava perto de seu peito, tentando não se permitir enfocar em seu perigo.

Sua mão atingiu algo sólido, e ela sentiu o zumbido ondulante do fio de maldição enrolado em torno dela. Ela o agarrou, puxando uma grande pedra. A âncora da maldição. Como a ripa do portão, estava manchado com um sigilo de sangue complexo, parcialmente removido, mas profundamente implantado. Sua adaga não seria forte o suficiente para arrancá-la, ela apenas cegaria sua lâmina.

Terryn deu um suspiro estrangulado e sufocado, sua cabeça inclinada o mais para trás que podia. Ele afundou em seus ombros agora.

Ayleth pegou a pedra com as duas mãos. Com um rugido, ela convocou a força de sua sombra, forçando tudo o que era possível em seus braços, ombros e dedos. Cerrando os dentes, ela pressionou a pedra, transformando-a em pó entre os dedos.

Quando a pedra se desintegrou, o sigilo se quebrou e a maldição caiu em fios quebrados de magia, vibrando enquanto se desintegravam em nada.

Com um grito, Terryn soltou seus braços, arranhando as bordas do poço, que já não procurava engoli-lo. Ele se puxou parcialmente para fora, sacudindo a sujeira de seus membros. Ayleth rastejou até ele, agarrou-o pelo cinto e puxou-o para fora. Ele caiu de bruços, um pé ainda parcialmente enterrado, ofegando por ar.

— Graças à Deusa você é alto. — disse Ayleth. Ela se sentou sobre os calcanhares, apoiando as mãos nos joelhos para respirar pesadamente. Os surtos de poder de Laranta saltaram em seus músculos, diminuindo

lentamente. — Qualquer um mais baixo do que você já teria sido engolido inteiro.

Terryn ergueu a cabeça, dando a ela um olhar frio. Então ele se ergueu sobre as mãos e os joelhos e balançou a cabeça como um cachorro, espalhando terra para todos os lados. Respirando fundo, ele cambaleou perigosamente, e caminhou até seu cavalo, que o observava com curiosidade. A maldição aparentemente não era destinada a animais, já que a égua vermelha havia entrado no pátio do posto avançado sem problemas.

Ayleth levantou-se de um salto e gritou nas costas do venador: — E de nada por salvar sua vida!

Ele fez uma pausa enquanto pegava as rédeas de seu cavalo, seus ombros enrijecendo. Por um momento, Ayleth acreditou que ele continuaria sem dizer uma palavra. Então, para sua surpresa, ele gritou por cima do ombro: — Você agiu rapidamente e com bons instintos.

Não era bem um agradecimento. Mais uma observação. Então, novamente, o reconhecimento de suas capacidades pode ser melhor do que agradecimentos vindos dele. Ayleth revirou os olhos, mas um brilho de satisfação inesperadamente aqueceu seu rosto.

Eles avançaram com cautela pelo pátio. Ayleth percebeu que o outro venador estava usando sua visão sombria enquanto conduzia o cavalo em direção aos estábulos. Aparentemente, embora ele mantivesse sua sombra profundamente reprimida, ele manteve o uso consistente de sua visão.

O Posto Avançado de Milisendis se parecia muito com Gillanluòc. Os estábulos ficavam no mesmo lugar, à direita da casamata, e o prédio baixo e atarracado da casa de ossos ficava em frente aos estábulos. Tudo era um pouco maior e significativamente melhor conservado, no entanto. Milisendis recebia um estipêndio muito maior do castra para seu cuidado e manutenção.

Terryn deixou sua égua com Ayleth enquanto ele entrava cuidadosamente nos estábulos, verificando qualquer sinal de maldição. Ayleth enviou Laranta para sua própria inspeção, mas no final das contas ficou satisfeita com o fato de Venator Nane não ter deixado armadilhas neste edifício. Ele traçou a linha em algum lugar, pelo menos.

Terryn apareceu na porta para chamá-la para entrar, e eles começaram a colocar seus cavalos nas baias disponíveis. Não havia sinal recente de outro cavalo, confirmando a suspeita de Ayleth de que Venator du Tam estava em um circuito. Eles encontraram feno e aveia em abundância, e ambos ofereceram porções generosas aos cavalos. Ayleth esperava que mais suprimentos chegassem do castra em breve. Com três cavalos passando por um suprimento destinado a dois, ela e Terryn poderiam acabar tendo que gastar seus próprios parques ganhos em aveia para compensar.

Assim que os cavalos mastigaram confortavelmente e os arreios limpos e pendurados em estacas, Ayleth e Terryn penduraram as malas de viagem nos ombros e se aproximaram cautelosamente do fortim. Terryn foi primeiro, não por qualquer senso de cavalheirismo, Ayleth suspeitou, mas por puro desejo de fingir que não estava presente. Bem, deixe-o, ela pensou. Deixe-o seguir em frente para qualquer maldição que o aguarde.

Não encontrando nenhuma maldição na porta da frente, eles entraram na casa. Usando sua visão sombria, Ayleth olhou ao redor. Parecia muito com o nível principal do Gillanluòc, a mesma longa mesa de trabalho estendendo-se pelo meio da sala, cheia de instrumentos em vários estados de reparo e montagem. A mesma coleção ou similar de ervas penduradas sobre a lareira escura, os mesmos, embora mais brilhantes e novos, potes de cobre pendurados nas vigas baixas. Uma mesa antes boa, mas agora bastante danificada, estava embaixo de uma janela. Nenhum sinal de um diário de

bordo em lugar nenhum, apenas pilhas de pergaminhos empilhados sobre a mesa e ao redor. Baús alinhados na parede à direita da mesa, suas tampas abertas revelando mais livros e pergaminhos, muitos deles pergaminhos de música. Ayleth olhou para eles com interesse, perguntando-se se os Venatores Nane e Kephan tinham algum feitiço de música útil não encontrado na coleção de Hollis.

Terryn deu uma olhada ao redor, não disse nada e silenciosamente se moveu para as escadas, subindo até o próximo nível. Ayleth, depois de esperar um momento para o caso de uma maldição pegá-lo na escada, o seguiu. Havia dois quartos neste nível. Enquanto Terryn entrava em um, Ayleth espiava o outro, notando sinais de ocupação atual. Este deve ser o quarto do Venator Kephan.

Virando-se para olhar pela porta aberta do quarto oposto, ela chegou bem a tempo de ver Terryn jogar suas malas na cama. Ela ergueu uma sobrancelha. — Quem decidiu que você ficaria com o antigo quarto de Nane?

Terryn girou sobre ela, espalhando sujeira de todas as maneiras de suas roupas. Seus olhos brilharam na escuridão. — Não se engane, Venatrix: esta postagem é minha. Sempre foi para ser minha. Eu a ganhei por anos e, se levar mais três meses para ganhá-la de novo, que seja. Você estará fazendo as malas e dando as costas para Wodechran antes do fim de uma semana, se eu tiver algo a dizer sobre isso.

Com isso, ele bateu a porta.

Ayleth, parada no patamar escuro, abriu a boca para gritar de volta. Mas realmente, por que se preocupar? Não era como se ela gostasse da ideia de dormir na cama do venador morto.

Ela continuou a subir as escadas para o quarto da torre, muito parecido com o quarto da torre em que ela havia vivido em Gillanluòc, mas sem nenhum

dos móveis escassos que Hollis providenciou para ela. Largando suas malas, ela puxou seu saco de dormir e o desenrolou. Não era a maneira mais confortável de dormir, mas ela era uma venatrix. Ela poderia lidar com um pequeno desconforto. Pelo menos a chaminé subia por uma das paredes desta câmara. Se eles mantivessem uma fogueira acesa no andar de baixo, deveria estar bem quente aqui.

Mas estava frio agora. E ela estava com fome. A refeição que ela apreciou em Dunloch parecia de repente muito tempo atrás. Uma batida na escada disse a ela que Terryn havia emergido de seu quarto. Embora ela não apreciasse sua companhia, haveria depósitos de alimentos no andar de baixo, e ela preferia não o deixar comer sem ela.

Com um suspiro revigorante, ela fez seu caminho para a sala principal abaixo.

Terryn usava um uniforme novo. Ayleth sorriu maliciosamente, notando os vincos cuidadosos no tecido gasto pela viagem. Ele ficaria acordado até tarde esta noite e lavaria seu outro uniforme após seu episódio um tanto confuso no portão? Ela puxou uma cadeira da mesa comprida, deixando as pernas arranharem para que ele não tivesse dúvidas de sua presença atrás dele, e sentou-se nela. Recusou-se a olhar ao redor de onde estava ajoelhado junto à lareira, empilhando gravetos e pedras impressionantes.

Ayleth franziu a testa, observando o venador em seus esforços. Por que ele estava se preocupando com pederneiras e gravetos? Ela o viu acender velas e um fogo na lareira do imponente escritório de Gerard mais cedo naquela noite com apenas um estalar de dedos. Ou ela tinha se enganado sobre isso?

Ela se inclinou para frente na cadeira, tentando mais uma vez dar uma olhada na sombra dele. Sua alma humana brilhava bastante, mas a sombra permanecia totalmente suprimida sob o zumbido do feitiço de

supressão. Ayleth inclinou a cabeça para o lado, estudando-o com curiosidade. Ela assumiu, com base naquela pequena demonstração com as velas, que Terryn carregava um Elemental, uma sombra com habilidades pertencentes ao controle do fogo. Elementais eram considerados os mais poderosos de todas as sombras, e um Elemental de fogo seria realmente formidável. Mas a luta atual de Terryn para acender este fogo não fazia sentido.

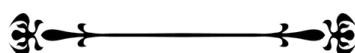
— Que tipo de sombra você usa, Venador? — ela perguntou de repente. Uma pergunta ousada, que ela provavelmente não devia fazer de forma tão direta. Mas ela já salvou sua vida uma vez; ele devia algo a ela em troca.

Terryn olhou para ela, sua expressão ilegível na escuridão. Sem dúvida, ele fez uma careta, no entanto. Algo sobre as sombras parecia uma carranca. Ele voltou para suas pederneiras sem dizer uma palavra, procurando por uma faísca. Por fim, houve um clarão de luz brilhante...

Seguido imediatamente por uma explosão de chama azul que irrompeu em seu rosto e subiu pela chaminé.

Ayleth gritou e se levantou de um salto, depois soltou uma grande gargalhada quando Terryn se virou piscando, o rosto uma máscara de fuligem azulada e estranha, as sobrancelhas e os cílios chamuscados. Ele enxugou o rosto com a manga de seu antigo uniforme limpo.

Ayleth afundou-se na cadeira, balançando a cabeça e sorrindo como um demônio. — Você certamente tem o dom de encontrar maldições, Venador du Balafre!



Sua primeira noite em seu novo quarto na torre estava longe de ser confortável, mas Ayleth estava tão exausta que quase não importava. Ela chamou Laranta para perto e, com sua sombra enrolada ao lado dela, em espírito, se não na realidade, conseguiu afastar a maior parte do frio.

Na manhã seguinte, ela se levantou com o sol e saiu imediatamente para cuidar dos cavalos. Uma geada do início do outono vitrificou o solo, e Chestibor soprava riachos brancos de suas narinas largas enquanto olhava por cima da porta do estábulo para cumprimentá-la. Duro como era um cavalo da montanha, ele logo deixaria crescer um pelo de inverno grosso, mas Ayleth foi em frente e lhe deu um cobertor extra nesse ínterim.

Aparentemente, Terryn ainda não tinha levantado, então Ayleth também atendia às necessidades de sua égua. Não havia sentido em reter os cuidados de um bom animal porque ela não suportava seu dono. No momento em que ela terminou, seu sangue estava fluindo e seus membros estavam quentes, e ela se sentiu pronta para enfrentar o fortim de frio novamente.

De volta para dentro, ela acendeu um fogo distintamente não amaldiçoado, pegou um punhado de bolos de cevada de um barril e ficou mastigando, olhando ao redor da sala. A luz do sol entrava pelas janelas do leste, iluminando a mesa e as pilhas de papéis.

A ordem do Príncipe Gerard formigou na frente de seu cérebro: Ela deveria descobrir o que aconteceu com o ex-venador de Milisendis. Uma tarefa difícil para uma nova venatrix, mas o príncipe não tinha ideia de quão inexperiente ela realmente era. A última coisa que ela queria era deixar transparecer. Não, ela provaria ser digna de sua fé se isso a matasse.

Certo, o príncipe pretendia que ela trabalhasse com Terryn. Mas o Venador du Balafre, ao que parece, preferia dormir até tarde no primeiro

dia. Quem era ela para invejar a ele alguns roncos extras se isso significava que ela tinha a oportunidade de bisbilhotar sozinha?

Ela puxou a cadeira e sentou-se à escrivaninha. Venadores sempre carregavam diários de bordo com eles durante as viagens de circuito, nos quais relatavam detalhes abreviados de suas caçadas. Mais tarde, eles escreviam relatos mais completos para serem enviados junto com os restos mortais tirados à sombra para o castra. Talvez alguns dos papéis empilhados sobre a mesa fossem contas inacabadas de Nane, nunca enviadas a Breçar.

Na noite anterior, ela colocou a mensagem do Príncipe Gerard para Kephane em cima de uma pilha de documentos, onde ela presumiu que o venador iria encontrá-la facilmente. Deslocando o pergaminho para um lado, ela alcançou a página superior... mas fez uma pausa, pensando melhor nisso. Em vez disso, ela puxou seus Vocos e rapidamente convocou Laranta dentro dela.

Sua sombra de lobo mudou para a vanguarda de sua mente. *Qual necessidade?* ela rosnou.

— *Dê-me sua visão.* — disse Ayleth, e Laranta obedeceu. A visão sombria brilhou em seus olhos, e ela examinou a mesa com cuidado, verificando se havia maldições. Nada se destacou, então ela foi em frente e pegou uma página, puxando-a para perto e estudando a caligrafia, a mesma que havia escrito a carta que Hollis havia recebido semanas atrás. Este documento era do Venador Kephane, então, não de Nane.

Os olhos de Ayleth se voltaram primeiro para a data inscrita no canto superior direito. Com apenas três dias. Bem, talvez isso oferecesse uma pista sobre o paradeiro atual do venador e quando ele deveria estar de volta. Ayleth deixou seu olhar cair para a parte principal do documento:

Três mortes, sucessão rápida. Um homem, Motte du Giotte. Setenta anos de idade, cortou a própria garganta. Dois dias depois, um gato foi encontrado morto em uma queda anormal, a cinco quilômetros da fazenda du Giotte. Um dia depois, uma vaca foi encontrada, empalada em um velho poste de cerca. A oito quilômetros do local da morte do gato. Nenhum sinal de mancha de sombra em qualquer hospedeiro.

Ayleth estremeceu. Venator Kephan estava na trilha do que parecia ser uma sombra de salto de corpo. A maioria das sombras, feliz por estar livre dos Assombrados, tinha um cuidado especial com seus corpos hospedeiros, não importando o quão humildes. Durante a Guerra das Bruxas, no entanto, muitos dos tenentes da Terrível Odile adotaram a prática de matar violentamente corpos hospedeiros menos desejáveis e mudar para novos e melhores hospedeiros. Eles possuíam escravos humanos, selecionando os mais fortes e belos para serem usados com esse propósito.

Desde a guerra, essas práticas morreram quando as próprias bruxas foram mortas ou levadas para a Floresta da Bruxa. Mas de vez em quando uma sombra pensava que poderia melhorar sua sorte por meio do suicídio e da possessão. Sem os feitiços de preparação cuidadosa operados pelas bruxas, no entanto, o processo de possessão era errático. Uma sombra impulsionada violentamente tinha pouco controle uma vez separada de seu corpo hospedeiro e seria obrigada a reivindicar qualquer novo hospedeiro que pudesse encontrar.

Pelo que parecia, o pobre possesso Motte du Giotte fora levado a se matar para que a sombra pudesse encontrar um hospedeiro mais adequado, mas o espírito dentro dele mudou-se, não para um corpo humano, mas para um gato. Para um gato morrer de uma queda era decididamente não natural. E

uma vaca empalada em um poste de cerca? Ayleth respirou desconfortavelmente por entre os dentes.

Ela se recostou na cadeira. Se Venator Kephan estava seguindo uma nova pista para este estranho mistério, ele poderia ficar fora por dias. Ele gostaria que uma nova irmã caçadora viesse e se juntasse a ele? Ou ele preferia que ela ficasse em Milisendis, para o caso de chegarem notícias de novos planos para as sombras?

E ainda havia a ordem do príncipe a considerar...

Mastigando o interior da bochecha, Ayleth deixou de lado o documento de Kephan e pegou outro papel na parte de trás da mesa. Ainda estava inclinado a enrolar nas bordas por ter sido enrolado e lacrado como um pergaminho. Ela reconheceu o selo de Breçar, mensagem do próprio castra.

Ela hesitou por um momento, tomada pela consciência sobre ler a correspondência de outro venador. Mas Nane estava morto, ou provavelmente sim. Ela precisava utilizar todos os meios possíveis em sua tentativa de descobrir a verdade sobre o destino dele. Então, ela abriu o pergaminho e leu rapidamente:

Para Nane, Venator du Vincent,

Lamento informar que a amostra enviada para teste foi confirmada. A criança que você encontrou é, como você suspeitava, inata. Você tem permissão total do Conselho para fazer o que deve ser feito. Reúna e prepare as cinzas de acordo com seu treinamento e envie-as em sua próxima remessa.

Estava assinado: *Esabel, Phasmatrix di Conradin. Domina de Castra Breçar*

O estômago de Ayleth deu uma reviravolta nauseante. Ela leu as palavras novamente, esperando que ela as tivesse visto de forma errada, esperando que ela de alguma forma tivesse entendido mal. Mas não. Não havia como se enganar essas palavras, escritas na letra clara e precisa da Phasmatrix Domina: *A criança que você encontrou é, como você suspeitou, inata.*

— Não. — Sussurrou Ayleth. — Por favor, Deusa, isso não.

Em todos os seus anos de treinamento com Hollis, ela nunca tinha ouvido sua senhora mencionar a caça a um inato, um mortal nascido de uma mãe tomada pela sombra ou filho de um pai tomado pela sombra. Mas ela sabia sobre eles por suas leituras. Em tais casos, uma alma sombria cresceria ao lado da nova alma mortal da criança por nascer. Essas duas almas estavam inextricavelmente ligadas e podiam ser difíceis de reconhecer, mesmo para um venador experiente. Muitos inatos não foram descobertos até ficarem mais velhos, geralmente até a idade adulta.

Como acontece com todas os tomados, apenas o ponto da morte poderia oferecer esperança de separação para as duas almas. Mas, ao contrário da sombra comum, uma morte violenta e dolorosa era necessária para separar um inato de sua sombra. Nenhuma morte suave para esses mortais infelizes.

Uma criança, entretanto? Ayleth estremeceu. Ela conhecia a lei. Ela conhecia os ensinamentos do santo. Ela sabia que no final das contas era melhor sofrer um pouco de dor neste mundo do que o tormento eterno no próximo. Mas...

Com uma sacudida vigorosa de cabeça, ela empurrou o documento para longe. Ela deu um longo suspiro, prendeu-o e depois soltou o ar lentamente até que seu coração parou de disparar. Ela verificou a missiva castra e anotou a data: quase exatamente seis semanas atrás. Muito perto da época em que Nane desapareceu.

Sua busca pela criança inata estava relacionada ao seu desaparecimento? Possivelmente. Mas a carta da Domina não dava nenhuma indicação sobre o nome da criança, sua família ou onde eles poderiam morar. Nane certamente teria anotado todos esses detalhes em seu diário de bordo, o que não ajudava em nada se ele o tivesse com ele no momento de seu desaparecimento.

Ela precisava descobrir uma maneira de rastrear Nane por conta própria. Se ela pudesse apenas encontrar um vestígio dele e colocar Laranta em seu perfume... Deveria ser fácil o suficiente aqui em seu próprio posto avançado se ela pudesse pensar na melhor maneira de fazer isso.

— As maldições. — Ela sussurrou. A frustração queimou em seu peito. Como ela poderia ter sido tão míope? — Você poderia tê-lo rastreado usando uma das maldições!

Embora aqueles fios de maldição emaranhados estivessem quebrados e desgastados, Laranta poderia ter sido capaz de pegar um fio que levava de volta ao lançador de maldições. Não enquanto estivesse reprimida, mas se Ayleth desse ao lobo sombra mais liberdade, relaxando a corda da alma tanto quanto ela ousasse, seria possível. Mas aqui ela foi e quebrou todas aquelas maldições sem pensar.

— Pode haver outra maldição em algum lugar no posto avançado. — ela murmurou pensativa. — Venator Nane não era mesquinho com seus fundidos.

Recostando-se na cadeira, ela esfregou o rosto e afastou os fios de cabelo escuro dos olhos. As manchas de sol se moviam rapidamente pela sala. Ela precisava ir se quisesse progredir nesta caçada hoje.

Ayleth franziu a testa de repente, olhando por cima do ombro para a sala vazia. Onde estava aquele Terryn desajeitado de qualquer maneira?

Ela inclinou a cabeça, ouvindo algum som dele se movendo no andar de cima. Nada. Isso parecia estranho. Ele não parecia o tipo de pessoa que dormia até tarde em seu primeiro dia, desesperado como estava para provar a si mesmo e provar a indignidade de seu competidor. Seria possível que ele escapuliu e pegou seu cavalo enquanto ela foi pega vasculhando a mesa? Mas não, ela o teria visto na porta, com certeza.

Com a sobrancelha franzida de curiosa preocupação, Ayleth levantou-se e parou ao pé da escada. — Venator du Balafre? — ela chamou para o andar de cima. Quando nenhuma resposta veio, ela subiu as escadas para o patamar. A porta de seu quarto foi fechada rapidamente. Ela bateu com força. — Venator? Venator du Balafre?

Nada ainda.

Ela encostou o ouvido na porta, ouvindo com os sentidos aprimorados de sua sombra. Era um ronco suave que ela ouviu? A trava cedeu quando ela aplicou pressão, e ela empurrou cuidadosamente a porta e espiou dentro do quarto.

— Oh, grande Deusa acima! — Ayleth gritou. E caiu na gargalhada.

Terryn estava deitado na cama do Venator Nane, pego rapidamente em um rosnado sinuoso de sono amaldiçoado.

CAPÍTULO QUINZE

Ela encontrou o fio da maldição ancorado no travesseiro de Nane. A maldição em si era tão desgastada e inarmônica quanto todas as outras, mas ainda tinha bastante potência. Era preciso dar a Nane o que era devido, ele sabia como criar essas suas maldições.

Ayleth estava de pé ao lado da cama, os braços cruzados, pensando. Ela teria que quebrá-la, é claro, e libertar o venador. Mas, em primeiro lugar, ela poderia pegar um fio que a levaria a Nane?

— Vale a pena tentar. — Ela sussurrou, desembainhando seus tubos Vocos. Ela começou a tocar a Canção de Desvinculação. Lentamente, com cuidado, ela chamou à vida o zumbido e a melodia, então começou a construir camadas de complexidade na música. A canção da Desvinculação levou anos para ser dominada e deve sempre ser tocada com extrema delicadeza para nunca desfazer totalmente as Supressões.

Fechando os olhos, ela deslizou para a floresta de pinheiros de sua paisagem mental. Laranta estava diante dela, sombria e poderosa, não totalmente contida na forma de um lobo. Nesse reino, Ayleth viu as amarras cintilantes da música da Encadernação enroladas no pescoço de sua sombra. Usando seus tubos com cuidado, ela afrouxou as amarras, primeiro um pouco, depois muito mais.

Laranta sacudiu a cabeça e rosnou de leite lupino, satisfeita com essa liberdade inesperada. Ela começou a se mover, a se afastar.

— *Espere.* — Ayleth mudou habilmente a melodia da Desvinculação para uma variação da Canção de Comando. — *Há outra maldição. Preciso que você encontre o fio da maldição que nos levará ao lançador.*

Ayleth então abriu os olhos e, com outro clarão da música, incitou sua sombra de lobo a se manifestar na sala diante dela. A câmara era muito pequena para caber em um ser do tamanho de Laranta, mas ela era espírito, não física, então ela distorceu a realidade percebida do espaço para atender às suas próprias necessidades. Enorme e sombria, ela caminhou até a cama e cheirou a maldição.

Ela se afastou com uma expressão de desaprovação. *Azedo. Quebrando,* ela disse.

— *Eu sei.* — respondeu Ayleth. Ela viu bem o quão ruim a maldição parecia, ouviu o zumbido discordante de seu desfecho. Ela precisava romper seu domínio sobre Terryn logo ou poderia se desfazer completamente, deixando-o ainda adormecido, mas sem meios para acordar. — *Eu dei a você sua liberdade, Laranta. Encontre o fio da maldição. Encontre a trilha.*

Laranta obedientemente mergulhou seus sentidos mágicos no rosnado. Ayleth observou enquanto sua sombra de lobo separava cuidadosamente o emaranhado cintilante de som e magia. Por fim, com um grunhido satisfeito, Laranta pegou algo nos dentes e afastou-se do resto.

Ayleth, olhando com visão de sombra, viu o fio da maldição, fraco, mas ainda detectável, preso nas mãos de sua sombra. — *Boa menina.* — disse ela. — *Agora eu preciso que você segure firme. Vou quebrar a maldição, mas precisamos seguir este tópico de volta à sua origem. Você pode fazer isso?*

Laranta inclinou sua enorme cabeça, como um encolher de ombros. *Vou tentar.*

Ayleth não poderia pedir mais do que isso. Ela terminou de tocar e embainhou os tubos mais uma vez. Então, piscando de volta para sua própria visão mortal, ela estudou o venador adormecido deitado na cama de Nane.

Ele não estava vestindo uma camisa. Em uma pequena cadeira sob a janela estava seu uniforme, cuidadosamente dobrado, esperando o serviço. Ele usava alguma coisa debaixo do cobertor? A pergunta apareceu em sua mente, apesar de seus melhores esforços para suprimi-la, e as bochechas de Ayleth se aqueceram. Ela tinha pouca experiência com homens jovens, e a última coisa que ela precisava agora era quebrar a maldição por um homem nu que era praticamente seu inimigo. Mesmo assim, ela deu um passo à frente para estudar a situação.

Por mais alto e esguio que ele fosse, seus ombros eram bem musculosos, assim como o único braço estendido sobre a cabeça, na parte superior do travesseiro. Sua pele estava ainda mais escura contra o linho claro e, dormindo, ele parecia estranhamente em paz. Inocente, de alguma forma. Cabelo preto emoldurava seu rosto em um halo escuro, cachos caindo sobre sua testa. Mas o efeito foi estragado pela feiura daquela estranha cicatriz circular em sua bochecha direita.

Como ele conseguiu uma cicatriz assim? Certamente não no campo. Era feito com muita precisão, um círculo muito perfeito. Ele a esculpiu ali intencionalmente?

Ayleth deu um passo para trás, sua sobrancelha escurecendo ao notar algo que ela não havia reconhecido antes. O Venator Terryn era muito parecido...

— Com o Príncipe Gerard. — Ela sussurrou, o nome deslizando inconscientemente por seus lábios.

A diferença na pele deles era grande o suficiente para disfarçar a semelhança no início, mas agora que ela tinha visto, ela não podia fingir que não. Era como se o mesmo artista tivesse esculpido os dois homens, inspirado em uma única ideia. Terryn foi a primeira tentativa crua, com sua boca mais larga e áspera e queixo e maçãs do rosto mais nítidos, enquanto Gerard era a imagem mais polida e acabada, elegantemente refinada e bonita. Duas estátuas separadas nascidas da mesma inspiração.

A imagem dos olhos gelados da rainha Leurona no retrato passou pela memória de Ayleth. Olhos que pareciam estranhamente familiares...

Ela franziu a testa e recuou mais dois passos, sem saber aonde essa trilha de pensamento poderia levar, mas bastante certa de que não queria segui-la. — Talvez eu apenas deixe você aqui. — Ela sussurrou, dando outro passo para trás em direção à porta. — Afinal, se eu quebrar a maldição, será muito mais difícil para Laranta segurar o fio. E você não está causando nenhum problema onde está.

Ela começou a se virar, mas parou, com a consciência pesada. O príncipe Gerard deixara muito claro que Ayleth e Terryn deveriam trabalhar juntos para resolver o mistério do desaparecimento de Nane. Embora ela preferisse muito mais a ideia de seguir essa trilha, descobrir as respostas e apresentar suas descobertas ao príncipe por conta própria, ela não conseguia se livrar da culpa incômoda provocada por essas imaginações.

— Assombrações, droga! — ela murmurou. Deixando Laranta agarrada à maldição cintilante, ela se ajoelhou ao lado do venador adormecido, agarrou o travesseiro e, com um único puxão, puxou-o de debaixo da cabeça de Terryn. Olhando de perto, ela pensou que quase podia discernir traços de um sigilo pintado com sangue. Ou ela poderia estar imaginando. De qualquer

maneira, pensando na pedra sob o portão e na ripa do próprio portão, ela rasgou o travesseiro, espalhando o ganso em uma rajada de branco.

A maldição se manteve. A âncora se foi, mas o adormecido não acordou, e os fios da maldição se desfizeram em um emaranhado ao redor dele.

Nós caçamos agora? Perguntou Laranta, sentada junto à porta.

— *Continue segurando esse fio de maldição.* — disse Ayleth, franzindo o cenho para o venador que roncava suavemente. Ela estudou a forma da maldição. Sem uma âncora, ela deveria se dissipar, mas lá permanecia, desafiando toda a razão.

— Oh, Assombrados malditos. — Ela murmurou, sua visão sombria acelerando. Lá, cintilando levemente, havia cinco fios distintos alcançando o próprio venador. Novas amarras que se formaram no momento em que ele pousou a cabeça naquele maldito travesseiro. Ele mesmo era a âncora.

Então, o que ela deveria fazer agora? Tirar a lâmina dela e arrancar a maldição dele? Ele já tinha cicatrizes suficientes... e aqueles fios estavam saindo direto de sua boca. Ela não podia cortar muito bem a língua dele, não é?

Ayleth cruzou os braços, estreitando os olhos para ele. — Bem, eu não estou beijando você, então tire essa ideia da sua cabeça.

Tinha que haver outra maneira.

Uma estante no canto do quarto continha uma jarra e uma bacia cheia de água para as abluções matinais de Terryn. Ayleth agarrou a jarra e despejou seu conteúdo sobre o rosto do venador em um jato longo e frio. Seus cachos escuros grudaram em sua testa, mas ele nem mesmo estremeceu.

— Hmmm. — Ayleth baixou o jarro com um baque surdo. Em seguida, ela desceu as escadas, pegou uma das grandes placas de cobre de Nane e uma

colher de pau e carregou-as de volta para o quarto. — Acorde! — ela gritou, batendo na panela perto da orelha do venador. — Acorde, acorde, acorde!

Nada.

Ela tentou beliscar. Ela sacudiu seu nariz comprido. Ela soprou no ouvido dele e usou uma pena do travesseiro rasgado para fazer cócegas em seu lábio superior. Tudo em vão.

Os minutos passaram. E Laranta ainda segurava pacientemente o fio da maldição. A sombra do lobo disse apenas: *Está desaparecendo*.

Ela precisava seguir a maldição antes que ela desaparecesse completamente, levando consigo o que poderia ser seu último elo para onde quer que Nane estivesse agora, vivo ou morto.

Com uma bufada, Ayleth sentou-se na beira da cama. Com os dedos tremendo mais do que ela gostaria, ela tirou o cabelo solto do rosto, prendendo as mechas atrás das orelhas. Então, muito gentilmente, ela acariciou uma mecha úmida da testa de Terryn.

Ela estava protelando. É hora de agir.

— Sem ofensa, Venador du Balafre. — disse ela. Com isso, ela se curvou sobre ele e deu-lhe um beijo rápido nos lábios entreabertos. Afastando-se rapidamente, ela observou o efeito.

Nada.

Bem não. Alguma coisa. A âncora estremeceu um pouco, os fios vibrando no ar com um zumbido distinto e mágico. Mas um beijo como aquele não seria suficiente.

— Santos purulentos! — ela amaldiçoou. Então, fechando os olhos e se preparando, ela se curvou novamente, e desta vez pressionou sua boca com mais firmeza contra a dele. Ela nunca tinha feito nada assim antes, ela nunca ousou beijar Hollis na bochecha quando era criança. Lembrando-se ainda mais,

a totalidade de sua experiência de beijo envolveu o nariz macio aveludado de Chestibor.

Mas... não era tão difícil assim. Para um tipo de homem tão frio e insensível, seus lábios eram surpreendentemente macios e quentes. No início, eles estavam muito parados sob os dela. Então, com um estremecimento espalhado de fios de maldição, eles se moveram, e ela percebeu com uma sacudida de algo como um raio em seu intestino que ele a estava beijando de volta.

Ela abriu os olhos, e Terryn abriu os dele.

Com um grito inarticulado, o venador sentou-se ereto na cama, empurrando-a com tanta força que ela caiu esparramada no chão. Ele agarrou o cobertor como uma donzela ruborizada e ofendida e puxou-o até o queixo, descobrindo muitas de suas pernas nuas no processo. — O que você pensa que está fazendo? — Seu rugido indignado quase levantou o telhado.

Com toda a dignidade que conseguiu reunir, Ayleth levantou-se, endireitou o gibão e transformou o rosto furiosamente corado em uma máscara imperiosa. — Você deve saber que não tive nenhum prazer em fazer isso. — Ela disse, então se afastou de seu olhar de boca aberta e olhos arregalados e marchou para a porta.

Lá ela fez uma pausa, jogando a cabeça para trás por cima do ombro, — Eu tenho uma pista sobre Venator Nane, e vou segui-la. Se você quiser vir comigo, é melhor se apressar. Eu não estou esperando você para polir suas fivelas.

Com isso, ela assobiou para Laranta e fugiu escada abaixo, seguindo o fio da maldição o mais rápido que pôde.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Ayleth se preparou para cavalgar em tempo recorde, selando seu cavalo, organizando suas armas e estocando seus alforjes em meia hora. Quando ela conduziu Chestibor para fora do estábulo, ela lançou um olhar para trás, para a casamata, mas ainda não havia sinal do Venator Terryn. Ele não deve ter se recuperado do choque com rapidez suficiente para acompanhá-la na caçada.

Muito bem. Ela não queria sua companhia glacial.

Então, ela abriu o pesado portão do posto avançado, conduziu Chestibor e, recusando-se a olhar para o castelo de fortuna novamente, fechou o portão com firmeza atrás de si. Balançando em sua sela, ela assobiou para Laranta, que espreitou em forma de lobo ao lado dela. — *Você ainda tem controle sobre o fio da maldição?*

Sim, senhora, Laranta respondeu com a boca cheia.

— *Siga-o então.* — Ordenou Ayleth, puxando o capuz sobre a cabeça. — *Vamos ver onde isso nos leva.*

Laranta soltou o fio tenso e desgastado da magia discordante. Com um som estridente azedo, ele se afastou, lançando faíscas em seu rastro. A visão sombreada de Ayleth não foi rápida o suficiente para acompanhá-lo, mas Laranta, com suas supressões mais elevadas do que o normal, entrou em ação. Sua forma de fumaça perdeu toda a forma de lobo e fluiu pela paisagem em uma sombra sem forma. A corda da alma que a conectava ao corpo do hospedeiro ficou tensa, e Ayleth estimulou Chestibor a se mover, galopando-o o mais rápido que podia em sua perseguição, antes que o puxão da corda da alma pudesse puxá-la da sela e fazer Laranta parar.

O vale pedregoso em que se encontrava o Posto Avançado de Milisendis não parecia mais acolhedor à luz do meio da manhã. Eles o deixaram para trás rapidamente, Laranta perseguindo a maldição através de um bosque de pinheiros finos e subindo para o terreno elevado além. O sol brilhou forte no rosto de Ayleth, pois eles cavalgaram para o leste. Não havia nenhum circuito de venador a seguir, o fio da maldição não conduzia por uma rota sinuosa, mas direto para a localização do venador. Ayleth empurrou Chestibor o mais rápido que ousou pela paisagem aberta, ciente de que um passo errado neste terreno desconhecido poderia fazê-lo cair e ela voar, encerrando abruptamente a perseguição. O fio conduzia direto por campos e pastagens, felizmente nunca chegando muito perto de qualquer centro de vida estabelecido. Ayleth tinha apenas vislumbres ocasionais de telhados distantes e as torres de sino de pedra das casas dos santuários. Poucas pessoas ousaram viver no extremo leste do bairro. Não com Floresta da Bruxa se aproximando.

De repente, um trecho de floresta de outono dourado surgiu à frente, lançando sombras profundas sob seus muitos galhos entrelaçados. A visão daquela floresta, por mais natural e mansa que pudesse parecer, fez seu estômago se apertar de pavor. Floresta da Bruxa esperava do outro lado daquelas árvores.

Mas ela tinha que seguir o fio da maldição. Se ela perdesse agora, ela nunca poderia encontrar outra pista do paradeiro de Nane.

— Vamos, garoto. — Ela murmurou para Chestibor, incitando-o mais rápido, fechando a distância entre eles e sua sombra de lobo. Laranta mergulhou na orla da floresta e se afastou, desaparecendo nas sombras, mas a corda da alma puxou Ayleth em seu rastro. Chestibor não podia continuar seu passo galopando por entre as árvores, mas elas avançavam o mais rápido que podiam, Ayleth guiando sua besta ao redor da vegetação rasteira mais densa.

De repente, Ayleth sentiu um zumbido, um zumbido estranho e dissonante de música, bem no fundo de seus ossos. A vibração do espírito e da fisicalidade combinada diferente de tudo que ela já experimentou. Essa tinha que ser a música da Grande Barreira. O enorme trabalho de magia criado por Dominus Fendrel du Glaive há quase vinte anos. O poder do feitiço da música a sacudiu, e ela estremeceu, tonta e meio com medo de dobrar na sela e vomitar.

A primeira onda de sensação passou, no entanto. Sacudindo rapidamente a cabeça e os ombros, como se pudesse livrar-se do desconforto, voltou a se concentrar em seguir Laranta. A vegetação rasteira da floresta parecia se fechar em ambos os lados. Ela não conseguia mais discernir um traço do fio da maldição que perseguiam. A julgar pela diminuição da tensão que sentia na corrente da alma, Laranta também estava começando a perdê-la.

Desmontando, Ayleth pegou Chestibor pelas rédeas e continuou a pé, cuidando para que ela o conduzisse no terreno incerto. O ritmo de Laranta também diminuiu significativamente. Ela reassumiu sua forma de lobo, escolhendo o caminho um passo de cada vez.

Então, com um lampejo de magia agonizante, o fio da maldição desapareceu. Embora Ayleth não pudesse ver, ela sentiu sua dissolução repentina e recuou meio passo.

À sua frente, Laranta simplesmente se sentou e inclinou a cabeça para Ayleth.

— Assombrações apodrecidas. — Praguejou Ayleth. Essa foi a última de suas pistas. Ela sabia o tempo todo que era uma pista improvável, na melhor das hipóteses, mas era a única que ela tinha. — Eu não deveria ter atrasado. — Ela murmurou, seus olhos indo e voltando enquanto ela esquadrihava a floresta sombria, como se ela pudesse de alguma forma forçar sua visão a

detectar um traço que não estava lá. — Eu não deveria ter atrasado. Deveria ter deixado aquele venador idiota dormindo...

Ainda assim, a maldição os levou em uma linha quase reta do posto avançado até este ponto. Eles poderiam simplesmente seguir em frente, o mais direto possível? Os restos mortais de Nane podem estar a apenas alguns metros de onde ela estava agora.

— Se ele estiver morto. — Ela se lembrou. — Se...

Um estalo agudo de um galho se quebrando.

Ayleth saltou e girou. Algo grande empurrou os galhos e esmagava galhos em seu caminho pela floresta. Sentindo a inquietação de Ayleth, Laranta caminhou a seu lado, rosnando baixinho, sua forma de lobo se transformando em cachos de escuridão. Ayleth estendeu a mão, pousando-a sobre a cabeça da sombra, um gesto inútil, pois não havia forma física para ela realmente tocar. Mesmo assim, sua sombra respondeu, relaxando sua postura tensa e apoiando-se em sua senhora.

Usando sua visão de sombra, Ayleth espiou por entre as árvores, não permitindo que seus olhos fossem ofuscados pelos contrastes de luz do sol e sombra, mas olhando além, para o reino espiritual. Através dos espíritos estranhos, estáticos, mas vibrantes, das árvores altas e sonolentas, ela viu dois espíritos ativos se aproximando rapidamente. Um não tomado e o outro definitivamente tomado por sombras, embora ela não conseguisse ter um senso claro da sombra.

Ela sabia quem era.

— Teve o suficiente de seu sono de beleza, Venator du Balafre?

Os sons de aproximação pararam. O espírito tomado pela sombra estremeceu em resposta à sua voz, brilhando com alguma emoção forte que ela não se incomodou em tentar identificar. Sua cabeça doía de tanto forçar a visão

sombria, então Ayleth voltou para sua visão mortal comum, cruzou os braços e esperou. Os sons de aproximação começaram novamente e, em um minuto, o alto venator apareceu por entre as árvores, levando sua égua vermelha atrás dele. Se ela pensava que seus olhos eram frios antes, eles eram verdadeiros punhais de gelo agora, congelando o ar enquanto olhavam para fora da sombra de seu capuz para se fixar em fúria gelada em seu rosto.

Ela sorriu. — Você certamente está parecendo descansado.

Seu olhar a percorreu de cima a baixo e pareceu piscar momentaneamente para o espaço onde estava Laranta. Ele não podia ver a sombra de lobo em sua forma assumida, mas detectou sua presença, o nível de ascendência que Ayleth havia concedido a ela. Sem dúvida, ele desaprovava que ela desse a ela rédea solta.

Ele não disse nada, porém, apenas voltou sua atenção para Ayleth. Ela estava quase certa de que o olhar dele não demorou um momento mais do que o necessário em sua boca, assim como ela estava quase certa de que qualquer rubor manchando suas bochechas estava bem escondido sob seu capuz. Ela inclinou a cabeça e não disse nada, esperando que ele quebrasse o silêncio entre eles. Ela manteria a paz pelo tempo que fosse necessário, apenas para provar que seu silêncio teimoso não a intimidava.

Ele não a fez esperar muito. Interrompendo o olhar dela, ele olhou para o espaço por cima do ombro esquerdo na direção em que ela e Laranta estavam avançando pela floresta. — Então, onde está essa pista que você afirma ter encontrado? — Ele demandou. — Ou foi um estratagema da sua parte?

Ayleth resistiu à vontade de revirar os olhos. Como se ela fosse desperdiçar seu valioso tempo inventando pistas e correndo para lugar nenhum por capricho! — A maldição que você tão convenientemente localizou na cama de Nane. — Ela disse secamente. — Ainda estava conectada à sua

fonte. Nane, presumivelmente. — Acrescentou ela, caso ele não entendesse seu ponto. — Minha sombra a seguiu até aqui.

— Sua sombra pode rastrear fios de maldição quebrados?

As bochechas de Ayleth se aqueceram novamente, mas desta vez com um calor muito mais agradável. O venator pareceu impressionado. E ele deveria! Uma venatrix habilidosa pode usar o poder de sua sombra para traçar um fio de maldição enquanto ele estiver totalmente intacto. Mas para traçar um fio partido era necessário um tom Feral como o dela e a habilidade de controlar seus poderes. A maioria dos servos da Ordem de Evander, não importa os anos de seu treinamento, nunca se gabou de tal nível de controle. Mas a maioria dos evanderianos nunca permitiu que suas sombras tivessem o nível de liberdade que Ayleth permitia a Laranta.

Talvez ela tenha brincado com fogo. Talvez ela até, como Venator Terryn sugeriu, dançasse à beira da heresia. Mas, pela Deusa, ela obtinha resultados.

Ela moveu os ombros em um encolher de ombros desdenhoso como se as palavras do venador não a agradassem em nada. — A maldição está completamente desvendada agora, e o fio desapareceu. A menos que você pense que pode nos encontrar outra maldição em Milisendis, esta trilha esfriou.

O venador não disse nada. Com um puxão nas rédeas do cavalo, ele conduziu a fera para além de Ayleth, tão perto que seus ombros quase se encostaram. Laranta rosnou e se afastou dele antes que ele passasse diretamente por sua forma imaterial.

— Onde você está indo? — Perguntou Ayleth.

— O fio a conduziu direto do posto avançado até aqui. — O venador jogou para trás por cima do ombro. — Quebrado ou não, a trajetória é a mesma.

Ele estava certo, é claro. Era o mesmo plano que ela estava pensando um momento antes de sua chegada. Mas ela não gostou do jeito que ele disse isso,

do jeito que ele assumiu que ela não tinha pensado em algo tão básico, e ela gostaria de poder pensar em algum motivo para contradizê-lo.

— A Barreira. — Ela falou para a parte de trás de sua cabeça. — Continue assim, você encontrará a Grande Barreira.

Ele não olhou para trás, não se incomodou em responder, simplesmente continuou seu caminho. A vegetação densa logo escondeu sua passagem, e Ayleth precisaria começar a se mover se quisesse acompanhá-lo.

Ela fez uma careta. Feitiço de barreira ou sem feitiço de barreira, se essa era a direção que o fio de maldição levava, eles tinham que segui-la. Mas aquela sensação doentia que ela experimentou apenas alguns minutos atrás ainda pairava em sua memória. Ela não queria chegar mais perto da Grande Barreira do que o absolutamente necessário. As florestas marginais eram ruins o suficiente, mas a Barreira marcava o limite de Floresta da Bruxa. E aquele lugar que ela não desejava ver de perto. Sua visão do topo da colina distante tinha sido mais do que adequada para satisfazer qualquer curiosidade que ela já sentiu sobre a maldição final de Terrível Odile.

Mas ela queria se tornar Venatrix de Wodechran ou não? Se ela pretendia tomar este bairro como seu, ela teria que aprender a trabalhar nas proximidades de Floresta da Bruxa.

— *Para mim, Laranta.* — Ela comandou, e sua sombra de lobo caiu em seu calcanhar enquanto conduzia Chestibor atrás de Venator Terryn. Ele e sua égua haviam aberto algo parecido com um caminho através da densa folhagem à medida que avançavam, facilitando o progresso de Ayleth e Chestibor. Ela puxou o cavalo atrás dela, estremecendo quando o zumbido do feitiço da barreira atingiu seus ossos, fazendo-os zumbir como a corda de um instrumento.

Ela mudou novamente para a visão da sombra, olhando para a frente. Logo ela avistou a Grande Barreira cintilando como uma teia prateada, um complexo padrão de magia, de encantamento musical. Ela podia sentir a pulsação profunda e escura do drone ancorando-o na terra, o trinado da melodia subindo para formar todos aqueles fios tecidos complexos. Eles se enrolavam entre o tronco e o tronco da árvore, mais delicados do que a seda da aranha e mil vezes mais fortes. O poderoso feitiço criado por Dominus Fendrel todos aqueles anos atrás, ainda pulsando com poder, ainda vibrante, ainda vital. E além disso...

Além, esperava a própria Floresta da Bruxa.

Ali Ayleth não ousou olhar. Ainda não. Então, ela focou sua atenção no feitiço, no brilho da magia realizada. Era realmente surpreendente. Fendrel du Glaive era de longe o venador mais talentoso de toda a Perrinion, possivelmente de toda a Gaulia. Não era de se admirar que a Deusa o tivesse escolhido para guiar e dirigir o Rei Escolhido no cumprimento de Sua profecia.

Mas algo estava errado aqui. Um feitiço tecido com tanto cuidado e complexidade não deveria deixar essa sensação de mal estar agitando-se na boca do estômago.

Ayleth avistou o Venator Terryn parado a alguns passos de seu cavalo, que ele havia deixado para fitar um pedaço de grama alta. Ele parecia estar estudando o feitiço, uma mão tocando os tubos de Detrudos em sua bainha em seu cinto. Seu rosto estava obscurecido pelo capuz desse ângulo, mas algo na postura de seus ombros parecia inquieto a Ayleth. Confuso.

Terryn havia estudado com Fendrel du Glaive. Sem dúvida, ele havia sido treinado nas complexidades desse feitiço em particular, o que Ayleth não. Ela entendia o básico, mas quando ouviu o zumbido daquela teia intrincada, não conseguiu decifrar a variação da melodia original. Isso não era

música como o ouvido mortal percebia, mas um poder multifacetado do reino espiritual. Seus sentidos aumentados pela sombra estavam perfeitamente ajustados para ouvi-la, mas não o suficiente para compreendê-la.

Ela parou ao lado do venador. — Bem, aí está. — disse ela. — Não posso ir mais longe do que isso. A trilha está fria.

Ele não olhou para ela. Ele não reconheceu que ela tinha falado.

Ayleth suspirou e se afastou dele, olhando os arredores. A floresta periférica parecia recuar ligeiramente com o feitiço, deixando um espaço livre de vários metros entre as árvores naturais e o que quer que crescesse do outro lado da Grande Barreira. O céu azul se arqueava no alto, sem ser obscurecido pelos ramos entrelaçados e pela folhagem outonal.

Ninguém passou além da Grande Barreira. Ninguém, exceto o mais desesperado em perseguição em fuga tomada pela sombra. Qualquer um poderia atravessar, a Barreira não impedia a entrada. Mas ultrapassar essa linha do feitiço era ficar preso na maldição além. Um venador devidamente treinado no feitiço de barreira poderia fazer uma abertura para retornar, mas tal movimento seria perigoso. Mesmo uma pequena abertura atrairia quaisquer seres que vivessem no outro lado, chamando-os para lá como moscas se espalhando.

No entanto, o fio da maldição conduziu infalivelmente nesta direção. Isso era possível... poderia Venador Nane ter...?

Ayleth abanou a cabeça. Não. Não, ela não pensaria.

— *Laranta.* — chamou ela à sombra — *Veja se consegue captar um traço de sangue. Sangue mortal. Pode ser que seu corpo esteja...*

— Houve uma abertura aqui.

Ayleth estremeceu com a voz fria de Terryyn, virando-se para ele lentamente. — O que você disse? — ela perguntou, esperando ter ouvido mal.

— Houve uma abertura. Bem aqui. — Ele apontou diretamente para o feitiço da música. Diretamente para onde o fio da maldição os teria levado, se não tivesse se desgastado muito cedo. — Foi consertada. Seriamente. Por alguém que não sabia a variação correta.

Ayleth mudou sua visão sombria de volta para a canção do feitiço, estudando a teia. A desagradável discórdia atingiu seus sentidos novamente. Ela não podia ver a diferença naqueles fios cintilantes de magia, mas ela podia ouvir. O que havia de errado na música, a variação inadequada que não se misturava corretamente com o resto das vastas complexidades da Grande Barreira. Como se algum compositor novato tivesse tentado inserir uma medida de música na orquestração de um mestre.

— Quem poderia ter feito isso? — ela perguntou. Mal concebido ou não, tinha que ser obra evanderiana. Apenas os membros da Ordem conheciam os feitiços da música para fazer magia desse tipo. — Venador Nane?

— Não Nane. — Terryrn respondeu bruscamente. — Nane foi treinado por Fendrel. Ele saberia melhor do que isso.

— Venator Kephan? — Ayleth sugeriu a seguir. — Ele poderia ter feito um reparo temporário desde que Nane desapareceu?

Terryrn não respondeu. Ele empurrou o capuz para trás como se quisesse melhorar sua visão, uma mão passando por seu cabelo escuro emaranhado. Avançando, ele se aproximou o máximo que pôde do feitiço, sem tocá-lo. Embora sua teia fosse imaterial, invisível a não ser à vista das sombras, ele estendeu um longo dedo, deslizando-o suavemente ao longo do comprimento de um dos fios que zumbiam.

Ayleth se aproximou dele. — Se houve uma abertura, alguém do outro lado a fez. — disse ela. — Alguém com conhecimento da música. Será que Kephan entrou em Floresta da Bruxa por algum motivo e, ao retornar, tentou

fechá-la? Ele pode ter esperado encontrar Nane e fazer com que ele fizesse uma correção adequada mais tarde.

— Mas por que então o fio da maldição trouxe você até aqui? — Terryn disse, ainda falando em voz baixa como se ela não estivesse presente. Ela teve que se esforçar para entender suas palavras.

— Talvez a maldição fosse de Kephan e não de Nane? — Sugeriu Ayleth. — Presumimos todo esse tempo que Nane lançou as maldições no posto avançado, mas havia dois venadores servindo aqui em Wodechran.

— Venator Kephan du Tam possui uma sombra Feral. — Com isso, o venador lançou-lhe um olhar de soslaio cheio de tanto desprezo que ela desejou que ele voltasse a ignorá-la. — Você deveria saber disso, se você tem alguma ideia de se tornar sua irmã caçadora.

Sombras ferais, como Laranta, não lançavam maldições. A magia que eles realizavam era de uma variedade totalmente diferente, pertencente ao aumento da força e dos sentidos naturais.

Decidindo que os comentários sarcásticos de Terryn não mereciam uma resposta, Ayleth enfrentou o feitiço de barreira novamente. Seu pulso disparou e ela percebeu o que estava prestes a fazer. A intenção estava lá antes que ela tivesse planejado tudo, mas agora não havia como voltar atrás. Ela precisava olhar além do feitiço. Ela precisava olhar além da teia mágica, para o mundo do outro lado. Ela estava muito perto agora para evitá-lo. Ela precisava ver.

Dando um passo mais perto, ela olhou para Floresta da Bruxa.

Seu coração se retorceu de horror e seu estômago se contraiu, a bile queimando ao subir por sua garganta. Ela recuou rapidamente, girou para o lado e se curvou, engasgando. Não apareceu nada, mas isso foi pior. A doença simplesmente se acumulou em seu intestino e permaneceu lá. Permaneceu

com a imagem em sua mente de que ela desejava, desejava desesperadamente, poder de alguma forma não ver.

Terryn a observou. Ela sentiu a frieza gelada de seus olhos na parte de trás de sua cabeça, acalmando-a de uma forma estranha. Algo em seu desdém por ela deu seu coração, e ela se endireitou e o encarou, recusando-se a deixar sua voz tremer ao falar.

— Alguém está lá. — Ela disse. — Apenas do outro lado. Acho que é Venator Nane.

CAPÍTULO DEZESSETE

Terryn a olhou fixamente como se ela tivesse enlouquecido. Ayleth, respirando fundo, lutou para acalmar a agitação em seu estômago e encontrou os olhos dele, sem piscar. — O que você quer dizer com você acha que é Nane? — o venador exigiu. — Você quer dizer... O corpo dele?

Ayleth concordou com a cabeça. — Eu não conseguia ver um rosto. Não que eu fosse reconhecer o rosto de Nane. Mas havia um capuz. Um capuz vermelho. E um Detrudos. — Ela fechou os olhos, desejando que ela pudesse banir a imagem do que ela vislumbrou. Floresta da Bruxa não era uma mera floresta, disso ela tinha certeza. Ela sabia que estaria escuro. Ela esperava uma sensação de mal, de malícia predatória.

Ela não esperava a sujeira. A repulsão sórdida de árvores carnudas agarrando-se ao solo com raízes vorazes, sugando o ar e expelindo vapores grossos e venenosos. Ela era má, mas não em um sentido teórico distante. Era o mal que se tornou tangível.

E tudo esperando um pouco além daquela fina teia de magia.

Por que Nane entraria ali? Por que alguém iria, não importa o quão desesperado? Ela fechou os olhos, seu estômago revirando novamente, apesar de seus melhores esforços para se acalmar. Quantos servos da Terrível Odile fugiram para além da Barreira por escolha própria? Os Diabos Carmesins, seus tenentes. E outros perseguidos pela Ordem. Não teria sido melhor aceitar seus destinos? Morrer e deixar este mundo para trás?

Mas morrer significava entrar na eternidade dos Assombrados. Ayleth pensou nos breves vislumbres que teve através daqueles buracos escancarados

na realidade quando ajudou Hollis a levar as almas deste mundo de volta para aquele reino infernal. Se uma sombra uma vez escapasse dos Assombrados, ela lutaria com tudo que tinha para nunca mais retornar.

Poderia até escolher a Floresta da Bruxa como um destino melhor.

Isso não explicava as ações de Nane, no entanto. Se realmente foi Nane que ela viu, caído de cara no chão a poucos passos da Barreira. Tão perto da liberdade! Ele tinha perseguido uma sombra e simplesmente não percebeu aonde isso o levava? Mas não. Mesmo Ayleth, inexperiente como era, não cometeria tal erro. A barreira era muito óbvia, muito poderosa. Nane deve ter escolhido seguir sua presa além.

Ela olhou novamente para Terryn, que mais uma vez estudou a Barreira. Seu rosto era uma máscara de gelo, não revelando nada da confusão que ela mesma sentia. No entanto, pela forma como os olhos dele giravam bruscamente para a frente e para trás, para cima e para baixo na teia mágica, ela suspeitou que ele estava considerando uma série de suas próprias perguntas, todas bastante semelhantes às dela.

Com um súbito endurecimento da mandíbula, ele se aproximou da Barreira e, como Ayleth havia feito um momento antes, espiou através dela. Com uma respiração aguda e sibilante, ele se afastou mais rapidamente do que ela, seus lábios se curvaram, a pele enrugada em sua bochecha direita com cicatrizes ficando tensa quando ele apertou a mandíbula.

— Você o viu? — perguntou Ayleth, sussurrando, embora não houvesse ninguém para ouvi-la. De alguma forma, agora que ela tinha visto Floresta da Bruxa, ela sentiu como se pudesse ouvir através da Barreira.

Terryn assentiu e balançou a cabeça. — Eu vi um corpo. Pode ou não ser Nane. Nós... — Ele recuou um passo depois de outro, seus olhos semicerrados

como se contra uma luz brilhante. — Devemos relatar o que vimos ao príncipe, e...

— Relatar o quê? — Perguntou Ayleth. — Informar que não encontramos nada? Que vimos o que pode ser o corpo de um venador, mas não temos certeza? Que encontramos a Barreira adulterada, mas não temos ideia de quem fez a adulteração?

O olhar duro do venador girou para encontrar o dela. Ele não falou. Ela podia ver cálculos correndo nas profundezas de seus olhos.

— Somos servos de Santo Evander. — Persistiu Ayleth. — É nosso dever proteger este bairro. E para isso devemos encontrar respostas, não mais perguntas. Podemos fazer todos os relatórios que você quiser, mas o príncipe vai nos mandar de volta aqui. De volta a este local. E as respostas que buscamos podem estar além da descoberta até lá.

Terryn piscou lentamente, respirando fundo. — Venador Kephan...

— Kephan não está aqui. Você e eu estamos. Somos evanderianos ou não? — Ayleth deu um passo para mais perto dele. Ela não gostou do que estava dizendo. Como ela pôde? Sua mente racional a incentivou a se virar e correr tão forte e tão rápido quanto sua extraordinária força de sombra pudesse conduzi-la.

Mas outra parte, menos racional, mas igualmente poderosa de sua mente insistia: *Caçada. Caçada. Caçada...*

O rosnado de Laranta retumbava profundamente em seu cérebro.

— Esta é a nossa caça. — disse ela, com os punhos cerrados. — Esta é a nossa tarefa. Para descobrir o que aconteceu com Venador Nane. Para ter certeza de que o que aconteceu com ele não aconteça novamente. — Ela indicou a barreira com um aceno de cabeça. — Nosso irmão está logo além. Ou algo vestindo seu capuz e carregando sua flauta.

— Deixe-me ter certeza de que o entendi corretamente. — Venator Terryn disse. — Você propõe cruzar a barreira para a Floresta da Bruxa. Comigo. Isso está certo?

— Ele está apenas a alguns passos. — disse Ayleth. — Eu posso carregar o corpo, trazê-lo para fora. Não vai demorar muito. Apenas o tempo que precisar para fazer a abertura. Eu ficarei de guarda enquanto você trabalha os feitiços. Você pode ou não consertar a barreira depois de aberta?

Os músculos de sua garganta se contraíram quando ele engoliu em seco, mas ele respondeu com firmeza: — Eu posso. Posso abrir e fechar a barreira conforme necessário. Eu posso consertar essa... bagunça. — Seu olhar disparou para a seção mal tocada do feitiço da música.

— Muito bem. — disse Ayleth, e afastou-se do venador para enfrentar a Grande Barreira. Para enfrentar Floresta da Bruxa.

— No minuto em que uma abertura é feita, cada sombra dentro da floresta vai sentir isso. Elas sentirão a mudança na magia. Elas virão.

Ayleth pensou nos nomes que Hollis havia listado em seu livro. A Bruxa do Ardor. A Bruxa Fantasma. A Cadáver. E mais. Todos aqueles terrores das Guerras, os demônios que mantiveram Perrinion escravizado por duzentos anos, com o poder de sua rainha negra.

Elas esperaram do outro lado da Barreira, escondidas atrás daquela primeira fileira de árvores repulsivas?

— É uma coisa boa estarmos nisso juntos, então. — Ela disse, seus lábios se torcendo em um sorriso de lobo. — Não é, Venador du Balafre?

Terryn não respondeu. Ele enfrentou a barreira. Ela viu a mão dele mover-se para a flauta Vocos e se perguntou se ele pegaria o instrumento e chamaria sua sombra, abandonando algumas das amarras profundas que a mantinham à distância. Mas ele não retirou os Vocos de sua bainha.

— Você tem energia suficiente para abrir a Barreira? — Perguntou Ayleth. Ela não estava prestes a passar pelo feitiço da música, a menos que seu parceiro estivesse devidamente preparado para representar seu papel.

— Eu posso realizar o que devo, Venatrix. — Ele a olhou rapidamente. — Não se atreva a me dizer como administrar minha própria sombra.

Sua mandíbula estalou, mas ela não insistiu no assunto. Se ele queria passar para Floresta da Bruxa com acesso apenas parcial às habilidades de sua sombra, deixe-o.

— *Para mim, Laranta.* — disse ela, e sua sombra de lobo novamente deu um passo para o lado dela, todo o seu ser fervendo com força e astúcia viciosa. Ayleth estendeu a mão e pousou-a na cabeça imaterial de sua sombra. Ela estava pronta.

Parando ombro a ombro com Terry, Ayleth examinou o feitiço da Barreira. Por um instante, ela sentiu a terrível realidade de sua própria pequenez. A enormidade do mal esperando um pouco além daqueles fios finos de magia era tão opressora, e ela mesma, tão fraca em comparação. Se ela parasse e se permitisse pensar sobre isso por mais um momento, ela nunca teria coragem de continuar.

— Agora! — ela disse, antes que pudesse se conter. E essa palavra foi o suficiente para estimulá-la a entrar em ação. Ela deu um passo, sem esperar para ver se Terry pisava com ela. Ela cruzou o feitiço com teia e sentiu os fios sedosos da magia vibrarem em sua pele, sem quebrar, mas de alguma forma permitindo que ela passasse. Uma explosão de luz, como o clarão final do sol se pondo além do horizonte, explodiu nas bordas de sua visão, e de repente ela estava hiperconsciente do céu azul arqueando no alto.

Então a luz se apagou. O céu acima não era azul, mas cinza, pesado, baixo e com listras vermelhas semelhantes a lesões. Ela estava na Floresta da Bruxa.

Embora ela tivesse dado aquele primeiro passo com bravura suficiente, ela parou bruscamente como se tivesse sido atingida por uma ligação espiritual. Ela não conseguia pensar, não conseguia compreender totalmente o que olhava. A primeira coisa que sua consciência realmente sentiu foi a solidez da Barreira em suas costas. Enquanto um momento antes ela havia caminhado por ela como se fosse feita de nada mais do que filamentos aéreos, agora era uma parede de magia sólida e poderosa.

Ela não podia recuar. Ela não podia escapar. Se Terryyn não a seguisse, ela não sabia como fazer uma abertura.

Esses pensamentos passaram por seu cérebro antes que ela tomasse fôlego. Mas assim que ela sugou um suspiro de ar em seus pulmões, Terryyn deu um passo para o lado dela. Ela soltou a respiração em um suspiro de alívio quando ele também parou completamente imóvel, atingido pelo mesmo horror que ela experimentou um momento antes. Ayleth o deixou para lidar com suas próprias realizações e se atreveu a espiar o mundo que se estendia à sua frente.

A escuridão não era absoluta. Seria melhor se fosse. Em vez disso, o sol acima se difundia através da espessura do ar, sua luz tornou-se um brilho pálido doentio, destacando bordas afiadas, enfatizando sombras mais profundas. As árvores eram como reflexos distorcidos daquelas do outro lado da barreira. Um olhar cuidadoso pode discernir as formas das folhas de carvalho e os cachos da casca de vidoeiro. Mas havia uma estranha carne na madeira. Uma carnosidade marcada com feridas profundas e infiltrantes. O pus rolava pelos troncos e pingava dos galhos, encharcando o solo abaixo.

E em todos os lugares... em todos os lugares havia videiras sufocantes, estrangulando, destruindo as árvores e se alimentando da infecção exsudativa.

Partículas escuras flutuavam no ar diante da visão de Ayleth, de vez em quando piscando com estranhos reflexos de luz. Ela sabia o que eles eram, oblivis, um elemento que não era deste mundo. O ar do Assombrados, como Santo Evander o descreveu em seus escritos. A atmosfera aqui estava densa disso. Respirar muito oblivis nos pulmões era respirar puro veneno.

Ayleth puxou rapidamente o capuz para cobrir a metade inferior do rosto, uma pequena proteção. Aquele simples ato dela pareceu dominar Terry, que se sacudiu para fora de seu estado de choque e rapidamente a seguiu, ajustando seu capuz como o dela. Eles se entreolharam, cada um reconhecendo o horror refletido no olhar do outro.

Este foi um grande erro.

A mão de Terry moveu-se para seus Detrudos. Mas Ayleth estendeu a mão rapidamente, agarrando-o pelo pulso. — Nós estamos aqui agora. — Ela disse, sua voz estranhamente grossa através de seu capuz e o ar denso e oblivis. — Devíamos pegar o corpo.

O braço de Terry ficou tenso sob seu domínio, e ela viu que ele estava a ponto de lutar com ela, de jogá-la fora. O momento passou, entretanto. Sua expressão mudou para uma compreensão sombria. Ele acenou com a cabeça, e os dois se viraram para encontrar o cadáver.

Estava esparramado a apenas alguns passos de distância. O vermelho do capuz se destacava totalmente no mundo assustadoramente incolor. Uma das mãos estava estendida, o que restava de seus dedos enluvados ainda enrolados no Detrudo branco-osso.

Terry deu um passo, mas Ayleth, segurando seu pulso, o impediu de dar outro. — Espere um pouco. — disse ela. Ela desviou o olhar para Laranta,

que estava em forma de lobo do outro lado. — *Cuide do corpo.* — Ela comandou. — *Certifique-se de que seja real.*

Laranta entrou em ação, flutuando no chão, com mais fumaça do que lobo em seus movimentos. Ela baixou o focinho para o cadáver, farejando com interesse, em busca de algum sinal de ilusão. Bruxas viviam neste lugar. Bruxas que odiavam evanderianos mais do que tudo. Quem poderia dizer que eles não armariam uma armadilha para venadores incautos, atraindo-os com o corpo de um dos seus? Ela não se incomodou em explicar suas suspeitas a Terry, mas ele não a questionou, apenas esperou. Sem dúvida ele a sentiu alcançando os poderes de sua sombra para testar o corpo.

Depois de alguns batimentos cardíacos tensos, Laranta ergueu os olhos, seus olhos brilhando como pontos vermelhos na escuridão. *É mortal*, ela disse. *Está morto.*

Não é uma ilusão, então. — *Algum sinal de armadilha?* — Ayleth perguntou.

Sem armadilha. Nenhuma que eu possa cheirar.

Ayleth encontrou os olhos de Terry e assentiu. Juntos, eles se dirigiram para o cadáver. Nos primeiros dois passos, o solo abaixo fez um som enjoativo, úmido e esmagador. Ayleth fez uma careta e olhou para baixo com repulsa para ver que suas botas haviam afundado vários centímetros no solo encharcado. Um fedor azedo pareceu se soltar sob a pressão de seu pé, e ela engasgou de novo, com espasmos em todo o corpo.

Melhor entrar em movimento e sair de novo o mais rápido possível. Ela acelerou o passo, ainda segurando Terry, não mais para contê-lo, mas simplesmente para sentir aquela conexão humana aqui neste lugar desumano. Ele permaneceu perto dela também, apenas se afastando dela quando alcançaram o corpo, cruzando para o outro lado dele e se agachando.

— *Fique atenta às sombras.* — disse Ayleth a Laranta. Sua sombra de lobo acenou com a cabeça em compreensão e recuou vários passos, voltando seus olhos brilhantes para a floresta. Então Ayleth também se agachou ao lado do homem caído.

O corpo estava estranhamente intacto. Considerando quanto tempo se passou desde que Nane foi dado como desaparecido pela primeira vez, mais de um mês, Ayleth teria esperado que seus restos mortais apodrecessem significativamente mais. Ou ele não tinha morrido tanto tempo atrás? Ele simplesmente vagou perdido em Floresta da Bruxa, apenas recentemente encontrando seu fim? O cadáver parecia não ter mais do que alguns dias, mas isso pode ter mais a ver com a atmosfera anormal do oblivis influenciando o processo natural de decomposição.

O rosto estava voltado para longe dela, para Terryn. Ela olhou para seu companheiro venador, observando seus olhos enquanto ele observava suas feições. — É ele? — ela perguntou.

Terryn assentiu. Ele não falou. Ela não conseguia ver sua boca, coberta como estava pela parte inferior do capuz, mas algo em seus olhos lhe dizia que ele não conseguia falar, não conseguia encontrar as palavras.

Mais do que tudo, Ayleth desejava erguer o corpo e carregá-lo para fora daquele lugar. Mas e se no minuto em que eles cruzassem a barreira, longe da estranha preservação do oblivis, ele começasse a se desintegrar? Melhor tirar alguns momentos extras e ver se ela conseguia discernir alguma coisa, pegar alguma pista de como Nane tinha acabado assim. Laranta estava de guarda. Ela os alertaria se alguma sombra se aproximasse. Eles tinham tempo.

— Encontre o diário de bordo dele. — disse ela.

Terryn encontrou seu olhar, seus olhos apagados de horror. Ele piscou, sacudiu-se, então acenou com a cabeça e começou a trabalhar, procurando

cuidadosamente por baixo da capa aberta do homem morto, procurando nas bolsas ainda penduradas em seu ombro. Pela maneira como ele se movia, Ayleth percebeu que ele estava tentando tocar o corpo o menos possível. Ela não podia culpá-lo. Cada movimento de sua parte, cada mudança de seu peso neste solo tóxico, fez o ar ao redor deles explodir em um fedor vil.

O próprio cadáver estava frio como se estivesse congelado, embora o ar não estivesse congelando aqui, simplesmente muito, muito parado. Enquanto Terryn procurava o diário de bordo, Ayleth estudou o corpo em busca de alguma indicação de um ferimento mortal. Afinal, algo deve ter matado o venador. A menos que ele simplesmente tenha respirado muito oblivis e caído morto no local. Mas isso parecia improvável, certamente ele estaria ciente dos efeitos disso em seu corpo e teria o cuidado de recuar antes que fosse tarde demais.

Além disso, a maneira como seus membros estavam abertos indicava que ele havia sido atingido por trás, com o braço direito estendido, o Detrudos ainda entre os dedos, o outro braço torcido embaixo dele. Não havia nenhum sinal de rasgo na capa em suas costas, nenhuma indicação de um ferimento de flecha ou golpe de espada. Sem marcas de garras ou dentes.

Algo sobre a maneira como seu capuz estava sobre sua cabeça parecia estranho. Ayleth estendeu a mão hesitante e puxou o capuz para trás. Ela assobiou, e seu estômago embrulhou em seu intestino. Uma ferida sangrenta se abria na parte de trás de seu crânio. Sangue negro cobria seu cabelo, e pus borbulhava diante de sua visão. As trepadeiras rastejando ao longo do chão da floresta alcançaram a ferida por todos os lados, agarrando-se e mergulhando para dentro. Agora que o capuz estava puxado para trás, Ayleth podia ver brotos de gavinhas dessas mesmas videiras subindo pela boca flácida do venador, seus olhos, suas narinas, rastejando para dentro de seu crânio.

Era horrível demais.

Ela se virou, incapaz de olhar mais de perto, olhando para a floresta ao seu redor. Ela estava enganada ou as sombras estavam mais profundas do que antes? As vinhas estavam mais densamente agrupadas nos galhos baixos?

— Seu diário de bordo não está aqui. — Terryn disse. Sua voz parecia abafada, como se ele falasse através de uma parede. Ayleth não olhou para ele, mantendo o olhar fixo nas árvores. — Suas bolsas foram adulteradas. Alguém tirou o livro de seu corpo.

Laranta, montando guarda a apenas alguns passos de distância, colocou as orelhas para trás e rosnou do fundo da garganta. Sua voz retumbou na cabeça de Ayleth: *Está... chegando....*

O coração de Ayleth deu um salto. — Precisamos sair. — Ela sussurrou. *Chegando... aqui...*

Com os olhos tensos pela visão das sombras, Ayleth olhou para a floresta. Ela não viu almas, nenhum brilho de espíritos. Apenas escuridão, escuridão absoluta e partículas giratórias. Mas embaixo do solo, bem no fundo, mais baixo do que as raízes das árvores feridas, alguma coisa... pulsado.

Estrondo.

Estrondo.

Estrondo.

Ayleth saltou. A corrente de alma entre ela e sua sombra se esticou, e Laranta se virou e saltou para o lado dela, saindo deste mundo para a mente de Ayleth, agachando-se na vanguarda de sua consciência. *Sombra! Sombra! Sombra!* ela rosnou.

— Temos que sair daqui. Agora! — Disse Ayleth.

Terryn já estava de pé, seus Detrudos fora e colocados em posição. — Pegue o corpo. — Ele disse e se virou para a Barreira. Ele levou os tubos aos

lábios, chamando à vida o zumbido reverberante. A melodia do feitiço da canção da Barreira jorrava da outra ponta do tubo, não a variação para construir e sustentar o feitiço, mas uma variação única, que Ayleth não conhecia. A variação para criar uma abertura, sem dúvida.

Mas ela mal conseguia ouvir a música. Não acima daquele pulso profundo.

Estrondo.

Estrondo.

Estrondo.

Ela se curvou sobre o corpo de Nane. — *Laranta, dê-me sua força!* — ela ordenou, e imediatamente sentiu o poder de sua sombra percorrendo seus membros. Embora ela odiasse tocar no cadáver frio, ela pegou Nane por baixo dos braços e o puxou.

As trepadeiras se erguiam do solo, lançando pedaços de terra podre em enormes nuvens. Enrolando-se sobre os braços, as pernas e o torso do morto, elas se recusaram a se soltar. Ayleth gritou.

O feitiço da música vacilou e Terryn se voltou para ela.

— Não! Não! — ela gritou. — Continue tocando! Abra!

Estrondo.

Estrondo.

ESTRONDO.

Ela puxou contra o aperto das vinhas. Ossos quebraram. As vinhas puxaram. O cadáver se retorceu em suas mãos, puxado de volta para o solo, e ainda mais trepadeiras surgiram e o cobriram, ansiosas, famintas, como tantas línguas compridas e lambedoras. Ayleth se soltou e cambaleou, com o capuz caindo para trás.

ESTRONDO!

Algo tocou seu pé.

Os olhos de Ayleth se arregalaram. Ela olhou para baixo para ver uma longa trepadeira enrolando-se em seu tornozelo, suas panturrilhas, seu joelho, até sua coxa.

— *Laranta!* — ela gritou em sua mente enquanto sua boca mortal gritava:
— Terryyn!

O feitiço da música parou. Seus sentidos aguçados ouviram um suspiro e, no momento seguinte, braços fortes a envolveram. Ela sentiu o hálito quente em sua bochecha, sentiu a força do corpo de Terryyn quando ele a puxou para perto, sentiu a batida de seu coração contra seus ombros.

Em seguida, ela foi arrancada de suas mãos, caindo de costas, arrastada por uma perna. Ela gritou, se contorceu, tentou agarrar o chão, que cedeu sob suas mãos arranhando. Sombras, galhos, vinhas e vislumbres de um céu distante com listras vermelhas passaram por sua visão enquanto a Floresta da Bruxa a puxava para suas profundezas.

CAPÍTULO DEZOITO

Terryn aterrissou com força, com o rosto para baixo no solo macio. Uma umidade pegajosa encharcou sua frente, infiltrou-se por baixo do colarinho e pelas mangas, e a terra fez sons de sucção enquanto ele lutava para ficar de pé.

— Venatrix! — ele gritou, sua voz abafada no ar pesado. Ele cambaleou sobre um joelho, sua mão afundando o pulso profundamente na sujeira escorrendo, mas ele se levantou novamente em um instante, atirando-se atrás daquela massa contorcida de videiras enquanto elas desapareciam na floresta. As árvores se agitavam e balançavam de terror como tantos galhos maníacos, e as trepadeiras se entrelaçavam em seus galhos, disparando de árvore em árvore, formando uma cortina rígida e impenetrável de folhagem parasita.

Terryn estava dois passos lento demais. Ou talvez ele apenas fosse lento o suficiente. Se ele tivesse sido um pouco mais rápido, as vinhas poderiam ter reduzido seus ossos a pó.

— Maldição! — ele rosnou, golpeando as vinhas com os punhos. Ele se afastou antes que uma gavinha pudesse se enrolar em seu pulso e tentou espiar através das hastes entrelaçadas, tentando ter um vislumbre da venatrix. Quando ele a viu pela última vez, ela estava se contorcendo nas garras das vinhas, arranhando o chão, sua capa e longa trança de cabelo arrastando atrás dela enquanto ela desaparecia na floresta.

Ela se foi. Morta, ou quase morta. Floresta da Bruxa a devorou.

Sua respiração ficou muito rápida, sugando grandes suspiros de ar apagado. Ele sentiu os ciscos se acumulando em sua garganta, uma

camada espessa. Com um estremecimento, ele puxou o capuz de volta à boca, com a mão trêmula. A mão dele... sua mão vazia...

Seu Detrudos! Um arrepio de terror percorreu seu coração. Ele havia largado seus Detrudos! Quando a venatrix gritou, ele girou e, vendo as trepadeiras subindo por sua perna, saltou para o lado dela. E seu instrumento? Ele se virou para um lado e para o outro, seus olhos esbugalhados enquanto procuravam.

Ele captou um brilho de osso branco e se lançou para ele, arrancando os canos do solo em que haviam se afundado parcialmente. O alívio inundou todo o seu ser enquanto ele usava sua capa para limpar o instrumento. Ele ainda poderia abrir a Grande Barreira. Ele ainda poderia escapar desse lugar com vida. Floresta da Bruxa parecia não ter interesse nele, contanto que ele não tentasse penetrar aquela parede de vinhas. Isso tinha cobrado seu preço, e ele podia andar livre, levando a notícia das mortes de Nane e da venatrix de volta para Gerard...

Com as mãos movendo-se por vontade própria, ele enfiou os Detrudos na bainha. Enfrentando aquela parede de árvores e trepadeiras medonhas, ele puxou o Vocos, colocando o instrumento em posição. Ele não percebeu o que estava fazendo até levar o bocal aos lábios. Só então seu cérebro alcançou o que sua vontade já havia determinado.

Ele iria encontrar a venatrix. Para fazer isso, ele invocaria o poder de sua sombra.

Bem no fundo dentro dele, sob camada sobre camada de canção de feitiço suprimindo, o espírito se agitou. Ele sabia o que ele pretendia.

Terryn fechou os olhos, fechou os terrores da floresta ao seu redor. Ele concentrou sua mente, sua alma, e começou a tocar a Canção da Busca. Ele se lançou à música com tudo o que tinha, purgando todos os pensamentos sobre

a venatrix desaparecida, todos os pensamentos sobre as árvores feridas, as vinhas devoradoras. Ele canalizou sua consciência para dentro, seguindo o fluxo da canção do feitiço.

Quando ele abriu os olhos, não era o mundo físico que ele via ao seu redor, mas o reino de sua própria mente. Uma paisagem mais real do que qualquer vista feita de substância material, um mundo árido e deserto que só existia dentro dele.

Ele estava em uma pedra escura rachada em um milhão de fendas finas que pareciam afundar por uma eternidade, nenhuma delas larga o suficiente para ele pegar um pé. Acima, um céu de ferro pesava pesadamente sobre a paisagem, escuro exceto por uma faixa fina de calor brilhante no horizonte distante, como se alguma luz poderosa estivesse prestes a explodir.

Terryn nunca se permitiu olhar para o horizonte por muito tempo, temendo o que poderia ver se o sol deste mundo surgisse.

A música da Busca o cercou como uma capa enquanto ele caminhava por este reino. Ele caminhou até uma protuberância enorme e irregular no terreno plano. Se alguém olhasse para aquela protuberância de um certo ângulo, quase poderia discernir o contorno de um vasto corpo dragoniano, caído duro e envolto em pedra.

Encaixado nas amarras do feitiço da canção Supressão.

Apesar da força dessa ligação, Terryn se aproximou de sua sombra com cautela. Quanto mais se aproximava, mais ouvia o leve sussurro do que poderia ser uma voz, bem no fundo sob as supressões. Ele deu mais um passo e a voz pareceu ficar mais clara.

Qual é o meu nome?

Você sabe meu nome?

Foi um silvo de, não som, mas significado, deslizando para baixo em sua consciência. Terryn estremeceu. Ele sabia que não devia responder.

— Nunca diga o nome da sua sombra. — Fendrel lhe disse há muito tempo, no início de seu treinamento. — Nem pense nisso. Dar-lhe um nome é dar-lhe poder. Permitir um nome é o primeiro passo para sua própria destruição.

No mundo físico, Terryn mudou a música da Busca para a do Comando. Ele tocou com uma precisão severa, atacando aquela forma de pedra. A voz parou de sussurrar. Mas havia uma expectativa trêmula em seu silêncio que Terryn não gostou.

O poder desta sombra estava muito além de qualquer coisa que ele poderia esperar controlar se algum dia se livrasse das supressões. Ele deveria ter cuidado. Ele deveria ter apenas o poder de que precisava e nem um fragmento a mais. Caso contrário, ele arriscaria a sombra abrir seu caminho livre, ascendendo à ascendência total e expulsando sua alma. Ou pior.

Ele mudou do Comando para outra melodia mais incomum, a Canção da Colheita. Atirando aquele feitiço diretamente na forma de pedra, ele lascou com precisão absoluta, como um escultor em um bloco de mármore.

O ser sob a rocha envolvente se mexeu. Ao redor da cabeça estranha e volumosa, a pedra estremeceu, moveu-se e um único olho flamejante se abriu, olhando para Terryn.

Qual é o meu nome?

Terryn se preparou. Movendo-se em espírito, ele estendeu a mão. Ele hesitou, então enfiou os dedos no olho.

Um grito cortou o ar. Mais uma vez, o corpo maciço tentou desesperadamente se mover, se livrar da pedra que o prendia, escapar. Os dedos de Terryn se fecharam em torno de um punhado de luz pura e

brilhante. Ele o puxou e cambaleou para trás, segurando aquele brilho com as duas mãos.

No mundo mortal, ele abriu os olhos e deixou a melodia do Vocos desaparecer e morrer. A magia pulsou por ele, e ele sorriu apesar de si mesmo com a sensação.

A sensação de luz, luz pura, bela e inexplicável.

Agora ele era uma força a ser reconhecida.

Ele desabou e embainhou seus tubos, então se posicionou diante daquela parede de vinhas. Estendendo os dois braços à sua frente, ele apontou as mãos, com as palmas para fora, para o local de crescimento mais espesso, o local onde a venatrix havia desaparecido.

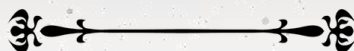
As veias em suas mãos pulsavam com um brilho vivo, crescendo na ponta dos dedos.

Com um grito, Terryn o soltou e uma rajada de luz tão cegante que teria queimado seus olhos mortais se ele não os tivesse fechado no último instante, disparou de suas palmas, de seus dedos, e atingiu as videiras. Mil vozes não naturais ecoaram no ar, uma canção cacofônica de gritos e lamentos. As árvores tremeram, embora não houvesse vento para movê-las.

Terryn fechou as mãos e a explosão diminuiu, a luz ainda queimando em suas veias, tão quente que poderia ferver seu sangue. Piscando com força contra o deslumbramento ainda brilhando em sua visão, ele olhou para frente.

Um caminho agora se abria diante dele. Ondas de fumaça pútrida lambiam o ar, subindo de restos de videiras queimadas e enrugadas. As árvores estavam quase nuas. Gotas lentas de pus escorriam de suas feridas sangrentas, mas eram de alguma forma menos ameaçadoras sem seu manto sufocante.

Ajustando o capuz ao redor da metade inferior de seu rosto, Terry'n levantou a mão direita, segurando-a diante dele como uma arma. Ele avançou para a Floresta da Bruxa.



Oblivis a rodeavam, girando e espesso. Muito grosso para ver, muito grosso para penetrar.

Ayleth não ousou dar um passo. Ela não conseguia ver aonde isso a levaria, não conseguia saber se mesmo um único passo a faria mergulhar em algum precipício. E ela não ousou respirar com medo do veneno revestindo seus pulmões. Ela só podia ficar lá no escuro.

Então, de repente, houve... alguma coisa.

À frente dela. Uma figura emergindo em silhueta.

— Olá?

Falar foi um erro. Ayleth engasgou com oblivis, tossindo e cuspiendo dolorosamente. Ela agitou o ar diante de seu rosto, enviando as partículas escuras e grossas girando, mas incapaz de limpar qualquer espaço diante dela. Ainda assim, algo dentro dela, alguma necessidade de conexão humana neste mundo lunático, a fez dar um passo em direção a essa figura. — Olá, você pode me ouvir?

A figura se virou. O oblivis parecia se dividir em torno dele, como um véu recuando.

Ayleth a viu claramente, uma mulher, mais bonita do que qualquer mulher que ela já vira. Cabelo escuro escorria por suas costas; olhos escuros brilhavam como carvão aceso em seu rosto. Ela estava nua, exceto por um lenço envolto em um dos seios e suas regiões inferiores. Cada membro tinha

proporções perfeitas, era graciosamente formado e seu pescoço era longo e semelhante ao de um cisne, exceto onde sangrava por um corte feio. Sangue negro jorrava daquela ferida, escorrendo por seus ombros, seios, braços.

Ela usava uma coroa de algum metal escuro na cabeça.

Ayleth parou. Seus olhos se arregalaram e, embora o oblivis os picasse dolorosamente, ela não conseguia piscar. Ela sabia quem era. Ela não duvidou por um momento.

– Odile. – Ela sussurrou.

A mulher olhou para ela, sua expressão como pedra. Então ela fechou os olhos e abaixou a cabeça.

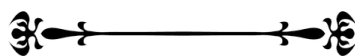
Ondas de luz pulsaram através da coroa de metal escuro. Como veias de sangue azul brilhante se espalhando, se expandindo, cobriram toda a superfície da coroa até que se contorceu em torno de sua testa, não mais sólida, mas em movimento, líquido, apenas contido naquela forma. Ela brilhou cada vez mais forte, até que Ayleth teve que erguer a mão para proteger os olhos daquele brilho.

A mulher desapareceu, sua beleza, sua majestade subsumida nas sombras. Havia apenas aquela coroa, apenas aquela luz viva e brilhante.

Algo apareceu através dessa glória de poder, algo sem forma, mas contido dentro dessa forma. Uma voz sombria apareceu na mente de Ayleth.

Não... durar...

Ayleth gritou.



Seus olhos se abriram e seus pulmões arfaram, tossindo uma enorme bola de lodo, lama e podridão. Seu estômago se contraiu e estremeceu, e mais sujeira derramou de sua boca, caindo no chão da floresta lá embaixo.

Ela piscou com os olhos turvos. E percebeu que ela estava envolvida em trepadeiras, suspensa em um galho de árvore a uns bons três metros acima do solo.

CAPÍTULO DEZENOVE

As trepadeiras enrolaram-se em torno dela como cobras, prendendo seus braços contra o corpo. Sua perna esquerda foi levantada em um ângulo estranho um pouco mais alto do que o resto de seu corpo, e o resultado a deixou não totalmente de cabeça para baixo, mas também não nivelada. Sua perna direita estava livre, mas chutou inutilmente no ar, incapaz de alcançar os galhos ou troncos de árvore mais próximos para se apoiar.

Esticando o pescoço, Ayleth olhou para o chão distante. Santos apodrecendo! Ela estava pendurada nesses galhos como um pingente de feriado, balançando e inútil. Ela respirou fundo várias vezes, cada uma mais pútrida que a anterior. Parte do fedor era seu próprio vômito derramado na frente de seu colete.

As sombras pesadas e a meia-luz estranha eram mais opressivas aqui, mais profundamente dentro dos limites da Floresta da Bruxa. Nenhum sinal do Venador Terryn em qualquer lugar. Mas o que ela esperava? Se ele tivesse algum bom senso, ele escapou através da Barreira. Uma pequena parte covarde de sua mente ousou ter esperanças de que o venador viesse buscá-la. Que ele pudesse sentir o vínculo do irmão de caça.

Mas isso era estupidez em si. Não adianta pensar assim. Eles não eram irmão e irmã de caça. Eles eram competidores. Ela não era nada mais do que um obstáculo em seu caminho para o sucesso. Se alguma coisa, ele provavelmente ficou aliviado que Floresta da Bruxa a levou.

Ela realizaria sua própria fuga.

Fechando os olhos e puxando outra respiração de engasgo pelas narinas, ela se concentrou primeiro em seu próprio corpo. Nenhum osso parecia estar quebrado. Uma pequena misericórdia, mas pela qual ela era grata.

— *Laranta?* — ela chamou em seguida. — *Laranta, você está aí?*

Aqui, Senhora, sua sombra de lobo falou em sua cabeça. Você acordou.

— *Sim, eu fiz. Eu preciso de sua ajuda agora. Temos que descer.*

Sombra. Laranta estremeceu e gemeu, estranhamente patética para um ser tão feroz. *Sombra em nossa mente. Máscara do mal.*

Ayleth estremeceu novamente. Memórias fracas do que parecia um sonho piscaram atrás de sua mente. Uma imagem de uma mulher alta em uma coroa... de metal azul vivo pulsando... uma voz...

Ela balançou a cabeça. Não havia tempo para tentar decifrar tais mistérios, não agora. Não enquanto amarrada bem acima do solo em uma floresta nociva, longe de todos os amigos e aliados. Ela precisava se concentrar. Ela precisava tirar as assombrações inflamadas daqui.

— *Laranta, dê-me sua força.* — Ordenou ela.

Sua sombra obedeceu sem murmúrio, e o poder fluiu pelos membros de Ayleth. Ela começou a tensionar os músculos contra o aperto das videiras. Do pescoço e ombros, passando pelos braços e costas, tudo estava tenso. As videiras cederam um pouco, relaxando seu aperto, e ela redobrou seus esforços, derramando mais da tremenda força de Laranta.

As videiras lutaram, estremeceram, e de repente quebraram. Ayleth se soltou, ainda presa pela perna, agora completamente de cabeça para baixo. Sua longa trança chicoteou o ar e sua capa tremulou como uma bandeira. Mas isso era melhor. Ela poderia trabalhar com isso.

Com um rosnado animal, ela contraiu os músculos do estômago e, curvando o torso, tentou se levantar e agarrar a própria perna, para alcançar o

pé enrolado. A primeira tentativa não funcionou, mas ela tentou novamente, a queimadura da magia da sombra disparando seu sangue. Ela conseguiu segurar a própria bota e, dobrando o joelho, agarrou-se para agarrar a videira.

Algo prendeu seu pulso direito. Ayleth, assustada, tentou se afastar, mas era tarde demais. Uma videira enrolada firmemente em seu antebraço. Com a outra mão ela agarrou, rasgando, mas quando ela estava prestes a se soltar, outra trepadeira caiu das árvores acima e se enroscou em seu cotovelo esquerdo. Ela lutou, caindo de volta na suspensão de cabeça para baixo.

Seu braço direito foi agarrado novamente, e ambos os braços puxados para a extensão mais distante de modo que ela se espalhou no ar como uma estrela, uma perna ainda chutando inutilmente. Um único puxão mais e seus ossos começariam a se deslocar.

Com um rugido, ela concentrou a força de Laranta, puxando suas restrições. Ela sentiu uma ceder na ponta da videira da direita, como se tivesse arrancado algo longe. Mas assim que ela sentiu aquele breve afrouxamento, outra videira disparou sobre ela e outra ainda. Algo enrolado e sinuoso se enrolou em seu pescoço, e ela gritou de pura raiva e terror.

Movimento embaixo.

O olhar de Ayleth mudou, não rápido o suficiente para ver o que quer que tivesse acontecido. Um vento de ação agitou as folhas e seus cabelos, o único sinal de que algo estivera ali.

Outro borrão. Um lampejo vermelho, pensou Ayleth, desta vez escalando a árvore à sua direita.

De repente, a videira que segurava sua perna cedeu. Com um grito, ela desceu, suspensa agora pelos braços. A videira ao redor de seu pescoço apertou seu controle, sufocando-a. Ela chutou freneticamente, lutando para respirar.

A videira caiu, escapando de sua garganta e caindo em uma pilha bem abaixo. Ayleth piscou, um mero instante de pálpebras fechadas. Quando seus olhos se abriram, alguém estava sobre aquela pilha.

Era uma mulher vestida com os restos de uma capa vermelha, com um capuz sobre o rosto. Quando ela inclinou a cabeça para trás para olhar para Ayleth, o capuz caiu sobre seus ombros, revelando seu rosto. Um rosto mortalmente pálido, salpicado de estranhos protuberâncias negras e tumorais subindo pelo pescoço, mandíbula e bochecha. Olhos queimando com a luz da sombra espiavam de órbitas vazias.

Em sua testa, totalmente contra a palidez de sua pele, havia uma tatuagem de cinco cortes verticais sobre uma única linha horizontal.

O batimento cardíaco de Ayleth pareceu se acalmar, o mundo ao seu redor pareceu desaparecer. Tudo dentro dela, sua própria consciência e a de Laranta, focava inteiramente naquela imagem, naquela marca. A marca de um Diabo Carmesim.

A bruxa, olhando para ela, parecia refletir o horror e a surpresa de Ayleth. Seus olhos, já arregalados, se arregalaram ainda mais, e sua boca se abriu para revelar gengivas pretas com manchas de ferrugem e dentes já apodrecendo. Seus lábios se moveram e ela falou com uma voz trêmula, quase como a de uma criança: — É... não pode ser...

Uma videira se lançou das sombras direto para o rosto da bruxa. Passou pelo ar vazio, pois ela já havia partido. Ayleth ofegou e se retorceu, ainda suspensa por ambos os braços. Então a videira que segurava seu braço esquerdo quebrou e ela desceu, com todo o peso agora sobre o braço direito, forçando a articulação do ombro. Ela gritou, chutando o ar, balançando o braço livre, tentando se mover para mais perto de um dos galhos pendurados fora de alcance.

A última videira cedeu. Ela caiu no chão três metros abaixo, aterrissando com força e momentaneamente atordoada. O poder de Laranta aumentou em seus membros, entretanto, e ela se endireitou, pronta para lutar, pronta para correr, seus dentes brilhando em um grunhido de lobo.

Algo a atingiu por trás e ela caiu de joelhos. Então, um turbilhão de movimento, tão rápido que roubou o fôlego de seus pulmões, e algo envolveu seus braços, prendendo-os ao corpo. No início, ela pensou que eram mais vinhas. Mas havia uma qualidade estranha nessa ligação, diferente de tudo que Ayleth havia sentido antes. Ela olhou para baixo e viu... nada. E ainda assim, o nada era forte além de sua capacidade de quebrar. Era como se o próprio ar tivesse endurecido, ficado sólido. Uma corda de vento.

Um puxão e Ayleth girou sobre os joelhos enquanto lutava para ficar de pé e se levantar. Com um rugido, ela cambaleou até ficar de pé.

Ela enfrentou a bruxa tatuada.

As mãos da mulher se estenderam diante dela, agarrando-se ao vazio como se segurasse a ponta de uma corda. O poder de sombra fluía por seus braços, saindo de sua alma, e Ayleth percebeu que essa amarração pelo vento vinha da própria bruxa.

Fazendo uma careta, Ayleth firmou os pés e se esforçou. O vento era mais forte do que as vinhas, mas o poder de Laranta a invadiu. Ela sentiu as amarras cederem e depois as quebrar quando seus braços se soltaram e os punhos erguidos.

Os olhos da bruxa se arregalaram. — O que... é você? — ela murmurou, sua voz rouca e quebrada enquanto raspava em sua garganta.

No impulso do treinamento, a mão de Ayleth moveu-se para as aljavas de dardos em seu peito. Mas aquelas estavam quebrados há muito tempo e

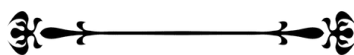
espalhados pelo chão de Floresta da Bruxa. Então, ela fechou as mãos em punhos, fixou o olhar na bruxa e avançou.

Ela errou completamente, caindo em uma das árvores carnudas. Um jorro de sangue de seiva infectado desceu sobre suas mãos e braços. Com o estômago revirando de desgosto, ela se afastou.

Uma explosão de dor explodiu em seu peito. Ela engasgou, sufocou, enquanto todo o seu ar assobiava para fora de sua boca, suas narinas. Seus pulmões se achataram em uma necessidade desesperada, e ela agarrou a garganta, agarrou o peito, virando-se enquanto caía de joelhos.

A bruxa ficou em pé sobre ela, as mãos erguidas, os dedos curvados, os pulsos girando ligeiramente para frente e para trás enquanto ela puxava o ar de entre os lábios de Ayleth e o enrolava como um fio invisível em suas mãos. A escuridão se aproximou dos limites da visão de Ayleth.

Ela desabou sem sentidos aos pés de seu inimigo.



O chão respirava.

Terryn sentiu, a ascensão e queda, mais pronunciada quanto mais fundo ele se aventurou na floresta. Ele não conseguia ver isso acontecendo, não importava o quanto ele fixasse o olhar no chão ou nas árvores altas. Mas isso não tornou a sensação menos real.

Ele manteve a mão direita erguida, as pontas dos dedos brilhando com uma luz branca, servindo como uma tocha eficaz na escuridão. Sua explosão inicial cortou um caminho de quatrocentos metros na floresta, mas ele logo chegou ao fim e enfrentou mais trepadeiras grossas. Elas não tentaram impedir

sua passagem, porém, cautelosas agora que sabiam que tipo de poder ele exercia.

Seus olhos rápidos, treinados para rastrear, discerniram sinais de algo sendo arrastado pelo chão da floresta. Ele podia ver onde uma mão pode ter arranhado o solo úmido e solto, onde um corpo dobrou e quebrou os galhos mais baixos em sua passagem. Terryn se concentrou nesses detalhes e cuidadosamente progrediu, o tempo todo muito ciente das videiras se reunindo na periferia de sua visão.

Seu braço queimou com a necessidade de detonar outra explosão. Mas fazer isso era perigoso. Ele não poderia usar essa magia à vontade, deveria guardá-la apenas para os momentos mais vitais. No máximo, ele tinha um total de três explosões disponíveis com a quantidade de magia que havia colhido. E ele já tinha usado uma. Tentar usar mais seria recorrer a mais magia, magia não tomada com cuidado, mas apreendida impulsivamente. Isso enfraqueceria as supressões que atualmente mantinham sua sombra sob controle, poderia quebrá-las inteiramente.

Procurando com sua visão de sombra, ele procurou por sinais de outra sombra, mas não viu nada. Nada além de floresta imunda, tanto quanto seus olhos podiam ver. Como qualquer ser, tomado pela sombra ou não, poderia sobreviver em tal atmosfera, Terryn não podia adivinhar. O oblivis venenoso no ar sozinho deve matá-los eventualmente. Talvez todos eles tenham morrido ao longo dos anos.

Sob seus pés, a floresta respirou novamente. E mais profundamente ainda, ele sentiu o pulso do que poderia ser um batimento cardíaco enorme.

— Que tipo de maldição é essa? — ele sussurrou. Fendrel o ensinou que a Floresta da Bruxa surgiu das últimas palavras ditas por Terrível Odile no

momento antes do Rei Escolhido cortar sua cabeça. Mas isso não parecia uma maldição.

Era também... viva.

Fendrel o havia enganado todos esses anos? Ou o Venador Dominus não entendia completamente o que seu feitiço da canção da barreira restringia?

Terryn continuou ao longo da trilha deixada no rastro da venatrix. Ele agora deveria estar perto de um quilômetro da orla da floresta. Quão mais fundo isso a arrastou? Ele balançou a cabeça, um desejo terrível de repente dominando seus sentidos, um desejo de olhar para trás, por onde tinha vindo. Para espiar por entre os galhos, sombras e vinhas, para procurar algum sinal da Grande Barreira às suas costas. Ele se forçou a dar mais alguns passos enquanto o desejo crescia dentro dele. Ele estava quase tremendo com a necessidade de se virar, de olhar.

Por fim, com um suspiro que era quase uma oração, ele girou sobre os calcanhares, a mão estendida, a luz quase fora de seu controle. Ele cerrou o punho, segurando a explosão.

As árvores haviam se aproximado atrás dele. As trepadeiras, grossas como um cobertor tecido, obstruíam sua visão. A floresta inteira havia mudado, prendendo-o.

A respiração de Terryn ficou presa em sua garganta. Então ele fez uma careta, ficando tenso, preparando-se para deixar escapar outra explosão de luz. Mas ele realmente planejava usar seu poder disponível para abrir um caminho de volta à segurança? Antes de encontrar a venatrix? Ele a abandonaria aqui neste lugar venenoso? É verdade que ela já poderia estar morta.

Mas se ela não estivesse, e ele desse as costas para ela agora, ele a condenaria com certeza.

Ele engoliu com dificuldade, a garganta seca e espessa. Então ele se virou, encarando o caminho que as marcas de arrasto levavam.

A floresta também havia se fechado neste lado. Ele piscou e viu a ascensão e queda da terra como uma respiração profunda e expelida. As árvores chegaram mais perto, sangue e infecção escorrendo de suas feridas, trepadeiras saindo de seus galhos.

Ele estava preso.

CAPÍTULO VINTE

Ayleth percebeu a escuridão. Não a escuridão como um sonho ou a escuridão como a noite. Esta era a escuridão familiar logo atrás de suas pálpebras. Ela estava acordada, ou quase acordada, sua percepção consciente voltando lentamente para aquele lugar limitado pelo tempo dentro de seu corpo mortal.

Ela tentou abrir as pálpebras. Mas ela não conseguiu. Elas estavam tão pesadas, pesadas demais para serem movidos. E a parte de trás de sua cabeça latejava dolorosamente. Bem, ela não deixaria isso preocupá-la. Ainda não, de qualquer maneira. Ela respirou fundo, soltou o ar lentamente e tentou abrir os olhos novamente. Ainda sem sorte, então ela tentou levantar a mão e esfregá-la no rosto.

Mas ela não conseguia sentir seus braços. Ela não conseguia sentir... nada.

— *Laranta?* — Ela chamou dentro de sua cabeça. Sem resposta. Ela procurou mais fundo, mas tudo estava muito confuso e turvo. Mais uma vez ela tentou se mover, mas seus membros não a obedeceram. Embora ela sentisse o peso de seu corpo mortal, seu espírito o vestia como uma roupa pesada de chumbo.

Ela estava drogada.

Alguém lhe deu um veneno para paralisia, o mesmo veneno que ela usaria se fosse caçar um Feral tomado por sombra. Ela estava paralisada e totalmente, totalmente desamparada.

Embora a paralisia mantivesse seu corpo inerte, recusando-se a deixá-la abrir os olhos, seus outros sentidos lentamente entraram em foco. Ela ouviu um familiar tamborilar, o som da chuva em um telhado. Então, pelo menos ela estava dentro de casa. Concentrando seus sentidos o melhor que podia, ela pensou que talvez estivesse reclinada em uma superfície rígida e desconfortável. Não uma cama, talvez uma mesa. Ela cheirou algo azedo. Podre e azedo.

— Devíamos matá-la.

O coração de Ayleth saltou com a voz, uma voz masculina esganiçada, que se interrompeu em uma tosse áspera antes de terminar de falar. A tosse durou algum tempo, quase abafando os sons da chuva. Quando finalmente o ataque cedeu, a voz voltou a falar. — Não vejo razão para mantê-la viva. Podemos reunir o sangue dela.

— Não temos como mantê-lo atualizado. — respondeu um sussurro áspero. — O sangue deve ser fresco. Não temos garrafas de oblidite. Elas estão todas em Cró Uèlh, se aqueles malditos venadores já não as destruíram. Não... ela pode ser nossa última chance. Não podemos correr o risco de manejar mal este presente.

— Também não podemos arriscar mantê-la viva. — respondeu o homem. Um som impaciente de passos seguidos, um baque surdo de passos. — Ela pode significar tanto nosso fim quanto nossa salvação. E... Oromor a quer. Não podemos deixar que isso a leve.

— Zarc, Zarc. — A voz sussurrante estava carregada de uma paciência sofrida. — Você sempre foi muito míope. Mate agora, pense mais tarde. Veja onde isso o levou.

— Nem melhor nem pior do que você, Zilla. — A voz do homem respondeu com uma risada sombria e doentia. — Nós compartilhamos o mesmo lote, você e eu. E sem mim, Oromor teria te devorado há muito tempo.

Suas vozes continuaram, mordendo palavras amargas um para o outro. Ayleth, com a pulsação trovejando nos ouvidos, mal conseguia ouvi-los agora. Os nomes que ela acabara de ouvir giravam em seu cérebro entorpecido pelo veneno. Zarc. Zilla.

Ela viu novamente a lista escrita no livro encadernado de Hollis:

Zarc d'Utrehd - Bruxo da Tempestade

Zilla d'Utrehd - Bruxa do Vento

Os gêmeos. Dois dos mais temidos e terríveis Diabos Carmesins, que sobreviveram ao expurgo de Perrinion após as guerras e conseguiram escapar para além da Grande Barreira.

Deve ter sido a bruxa do vento que ela enfrentou ao tentar escapar das vinhas. E este homem que compartilhava o quarto era seu irmão, o Bruxo da Tempestade. Eles lutaram lado a lado por Terrível Odile, assim como uma vez lutaram lado a lado pela Ordem de Santo Evander. Há muito tempo, antes de se tornarem hereges.

Ayleth pensou no rosto desfigurado e coberto de vegetação que vira de relance. Por mais poderosa que a Bruxa do Vento já tenha sido, sua existência aqui na Floresta da Bruxa havia reduzido seu corpo físico significativamente. E embora o espírito de Zilla d'Utrehd já tivesse saltado com selvagem abandono de corpo hospedeiro em corpo hospedeiro, não havia opções desse tipo agora. Presumivelmente, Zarc não estava em melhor estado do que sua irmã,

o que significava que, se ela conseguisse colocar os pés debaixo dela, Ayleth poderia ter uma chance contra eles.

Mas o veneno paralisante a mantinha escravizada. Zilla havia encontrado um dos dardos perdidos de Ayleth? Uma trilha de dardos levou a bruxa até seu local, presa em vinhas? Outrora uma venatrix, a bruxa do vento certamente sabia como e quando usar esses venenos.

Eles poderiam matá-la. Eles poderiam cortá-la em pequenos pedaços, e ela estaria ciente de cada momento, e não havia nada que ela pudesse fazer para impedi-los.

— *Laranta!* — Ela gritou novamente. Mas sua sombra lobo caiu sob a influência da paralisia também.

— Sua tempestade está enfraquecendo. — A voz de Zilla rompeu o terror entorpecido de Ayleth.

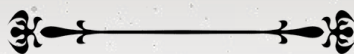
— Não posso aguentar para sempre. — respondeu o irmão, sufocando as palavras como se tentasse conter a tosse. — Vai servir por agora. E vou levantar uma névoa fina seguindo. Oromor demorará várias horas. Não há nada que possa fazer para salvá-la, se agirmos rápido.

— Então, temos até que a chuva acabe e a névoa se dissipe para tomar uma decisão. — Ponderou a bruxa. — Nós a mantemos viva ou drenamos seu sangue aqui e agora? Nós confiamos em Ylaire para ter sucesso em sua tarefa e retornar por nós?

— Se sua mensagem for cumprida, os outros devem chegar em breve. — disse o Bruxo da Tempestade. — Devíamos dar a eles um voto e deixar os números decidirem.

Os outros? A garganta de Ayleth se apertou. O que outros podem significar?

Apenas os Diabos Carmesins. Os sete Diabos da Terrível Odile, todos se reunindo para decidir seu destino.



Terryn ergueu a mão, pronto para gastar uma de suas duas rajadas restantes. No último segundo, ele fechou os dedos em um punho apertado, contendo-se. De que adiantaria ele abrir um caminho que levasse apenas mais fundo em Floresta da Bruxa? Não, ele deve tentar abrir um caminho para a frente ou para trás.

Mas nessa escuridão, com as árvores e vinhas se fechando e o oblivis engrossando em sua garganta a cada respiração, ele de repente não tinha certeza de que lado era qual. Tudo parecia igual, quaisquer marcos distintos pelos quais ele pudesse discernir sua posição haviam desaparecido quando a floresta se mexeu ao seu redor.

O pânico pulsou em suas veias. E, respondendo a esse pânico, as canções de feitiço vinculando sua sombra tremeram. Ele deveria se manter sob controle, deveria colocar um guarda em cada emoção perdida. Se ele não conseguisse dominar suas próprias emoções, como poderia esperar dominar o espírito estranho dentro dele? Então Fendrel o ensinou quando ele ainda era um jovem rapaz, recentemente possuído e lutando para encontrar o controle de que precisava para sobreviver. Um venador deve ser o senhor de si mesmo antes de mais nada.

Respirando profundamente e com cuidado, Terryn reprimiu seu medo, suprimindo-o rapidamente. Ele o sentiu envolto em pedra dentro de sua alma, assim como a própria sombra. Ainda presente, ainda fervendo de poder

derretido, ansioso para entrar em erupção. Mas, por enquanto, pelo menos, tanto sua sombra quanto seus próprios sentimentos traiçoeiros foram contidos.

— Lembre-se sempre... — Fendrel costumava dizer, imprimindo a lição no âmago do ser de Terry. — Não importa aonde você vá, não importa quais inimigos você enfrente, nenhum inimigo é maior do que aquele que você carrega dentro de você. Depende de você mantê-lo afastado pelo tempo que puder. Nunca confie nisso. Nunca ceda às suas sutilezas ou ao seu poder. Você deve ser mais forte o tempo todo.

Terry deixou cair sua mão, sua segunda rajada segura firmemente em sua palma. Ele controlou este momento. Ele tomaria uma decisão racional com base na razão, não no terror.

Ele não daria sua sombra nem mesmo um instante de domínio por dentro.

Com seu olhar cuidadoso entrando e saindo da visão das sombras, Terry estudou a floresta, se reorientando lentamente. Nessa estranha meia-luz, nessa névoa de veneno, esse miasma de podridão pútrida, ele não conseguia distinguir o leste do oeste. Mas olhando para seus próprios pés, ele ainda podia ver algo de suas próprias pegadas no solo úmido. Ele havia se movido muito neste pequeno círculo para que algo ficasse claro, mas ele adivinhou de que floresta deveria enviar sua explosão a fim de abrir um caminho de volta à Grande Barreira.

As árvores se aproximaram, as raízes ondulando sob o solo. Galhos pressionaram sobre ele, torcendo como dedos ansiosos no tecido de sua capa.

Terry levantou um braço e depois o outro. O primeiro ele apontou à frente dele, de volta onde a Grande Barreira esperava. O outro ele apontou para o lado oposto, mais fundo na floresta, a direção que ele acreditava que a venatrix foi levada. Ele só podia escolher um. O poder acumulou-se dentro

dele, logo alcançando o ponto sem volta; ele teria que deixá-lo sair em uma explosão de luz incandescente antes que derretesse seus próprios ossos.

Ele deve decidir. Agora. Ir atrás da venatrix ou recuar e tentar salvar sua própria vida. Vinhas estenderam a mão e fizeram cócegas em seus dedos, as folhas lambendo como línguas famintas.

Então o chão embaixo dele respirou fundo. Terryyn quase acreditou ter ouvido uma exalação profunda, profunda. A floresta se moveu, não à frente ou atrás dele, mas para o lado dele, para o sul, a menos que ele estivesse muito enganado. Arrastando suas raízes e suas trepadeiras, as árvores se separaram para revelar um caminho. Até mesmo o solo se solidificou, não era mais a lama com pus na qual Terryyn havia caminhado todo esse caminho.

Era uma armadilha. Não poderia ser nada além de uma armadilha. Mas...

A respiração de Terryyn engatou. Seus olhos mudaram da visão das sombras para a visão mortal, olhando fixamente para a escuridão. No centro do caminho havia uma trilha de dardos, dardos evanderianos com ponta de veneno. Como isca.

Isca que pode facilmente levar à venatrix. Ou ao seu corpo.

Ele balançou o braço direito, apoiando-o com a mão esquerda para mantê-lo firme, pois apoiaria seu escorpião se estivesse carregado. Embora cada instinto de autopreservação lhe dissesse para abandonar seu poder, para queimar seu caminho de volta à Barreira, para escapar, ele não poderia viver consigo mesmo se não investigasse essa trilha. Se ele pudesse encontrar algum sinal seguro da morte da venatrix, isso seria o suficiente.

E talvez... Ele fez uma careta. Talvez, contra todas as probabilidades, ele a encontrasse viva.

CAPÍTULO VINTE E UM

O silêncio durou muito tempo, segundos medidos pela pulsação em suas têmporas.

Ayleth adivinhou que os bruxos haviam se afastado dela, provavelmente para continuar a discussão fora do alcance de sua audiência. Foi um alívio não ter que ouvi-los discutir se deveriam matá-la, se alívio fosse a palavra certa. Seria melhor saber qual deles atualmente tem domínio sobre o outro? E no final das contas, quem ela esperava que ganhasse? Embora ela certamente não se importasse com as intenções assassinas de Zarc d'Utrehd, de alguma forma, ela imaginou que o que quer que a irmã dele tivesse em mente seria muito, muito pior.

E quem era essa pessoa que eles mencionavam com tanto pavor? Esta... Oromor...

Não parecia um nome humano. Quando as bruxas falavam isso, elas não apenas usavam seus lábios, suas gargantas, suas línguas para pronunciá-lo. Havia uma sugestão de fala sombria em suas vozes também. Se Ayleth tentasse pronunciar o nome de Laranta em voz alta, soaria o mesmo. Poderia este Oromor que eles temiam ser uma sombra?

E se fosse... o que queria com ela?

Não importava. Nada disso importava. Porque ela não iria apenas ficar aqui e esperar que eles a matassem.

Ayleth respirou fundo e esticou a única parte do corpo que quase conseguia sentir, a pálpebra direita. Ele tremeu fracamente, uma

indicação de que a paralisia pode estar começando a passar, mesmo que um pouco.

— *Laranta*. — Ela chamou novamente, sem sucesso. Sua sombra de lobo ainda estava muito longe da influência do veneno. Ela estava sozinha. Por conta própria, paralisada, enfrentando dois dos monstros mais sanguinários e desumanos para sobreviver à Guerra das Bruxas.

Ela poderia lidar com isso.

Mergulhando sua consciência dentro de sua cabeça, ela procurou por algo que pudesse usar. Mas ela não conseguia encontrar sua paisagem mental familiar de floresta de pinheiros. Apenas escuridão, escuridão e mais escuridão, zumbindo fracamente com o eco de antigas canções de feitiço. Certamente deve haver algo nesta escuridão que ela possa usar! Algum poder ou memória ou até então não utilizado... memória...

Nada.

Ela tinha que recuperar o controle de seu corpo. Sua pálpebra direita parecia o melhor lugar para começar. Ela colocou toda a sua vontade em abrir aquele olho. Aquela pequena prova de que seu corpo ainda era dela. Que ela era a senhora aqui, apesar do que qualquer bruxa ou floresta poderia fazer com ela. Ela fixou todo o seu ser em um único ponto e se esticou.

Seus cílios vibraram contra sua bochecha. Então, lentamente, a escuridão diminuiu quando sua pálpebra se abriu.

O alívio com seu sucesso foi tão grande que Ayleth quase perdeu a concentração e fechou os olhos novamente. Ela se conteve bem a tempo, forçando a pálpebra a se abrir cada vez mais. Não era muito, mas era bom o suficiente no momento. Pelos próximos batimentos cardíacos. Se nada mais, ela poderia tomar em seu redor.

O som da chuva havia diminuído até o nada, e o mundo estava lançado em uma escuridão cinzenta que se filtrava pelas janelas abertas. Janelas compridas e altas, como as de um santuário. Na verdade, Ayleth parecia estar nas ruínas de um santuário, a julgar pelas sombras do telhado arqueado, dos pilares, da pedra em ruínas. A Floresta da Bruxa cresceu tão rápido após a morte da Terrível Odile que engoliu cidades inteiras e vilas antes de Fendrel du Glaive estabelecer a Grande Barreira. Fazia sentido que aqueles presos dentro dessas fronteiras malignas tentassem se abrigar nas ruínas deixadas para trás.

Forçando o único olho aberto o máximo que podia, Ayleth tentou obter alguma noção do mundo além das janelas. Ela não viu nada além de névoa, que estranhamente não se derramava pelas aberturas das janelas. Algo não cheirava bem naquela névoa. Mesmo sem perceber a sombra, Ayleth podia sentir o cheiro de azedo ardente no ar. Ela se lembrou dos ensinamentos de Hollis sobre as próprias Guerras de que Zarc d'Utrehd não invocava tempestades comuns. Suas nuvens cuspiam uma chuva que ardia como fogo ao contato. E suas brumas, rastejando furtivamente por fileiras desavisadas de guerreiros, tinham efeitos devastadores e mutiladores.

Enquanto Ayleth estudava os arredores, as sensações voltaram lentamente para o lado esquerdo do rosto. Ayleth abriu o outro olho e o mundo ficou mais claro. Por um breve e exaltante momento, ela se sentiu poderosa de fato.

Então as vozes dos bruxos ecoaram na pedra. Seus captores estavam voltando.

Ayleth desviou os dois olhos o máximo que puderam descer pela nave do santuário, tentando dar uma olhada no irmão e na irmã. Assim que suas sombras apareceram em sua linha de visão, ela percebeu que seria mais sábio

fechar os olhos e não os deixar saber que o veneno estava passando. Ela não sabia quantos de seus dardos Zilla havia encontrado. Eles podem envenená-la novamente. Se eles não a matassem de uma vez. E o que ela poderia fazer para detê-los? Piscá-los até a morte?

Mas ela não foi rápida o suficiente.

— Ela está voltando. — disse Zilla. Seus pés descalços pisaram nas pedras lisas do pavimento do chão do santuário. — Precisamos decidir logo. — Mais alguns passos e uma mão agarrou Ayleth pelo queixo, apertando com força. — Abra seus olhos, Venatrix. Eu sei que você está acordada.

Qual a utilidade de resistir? Lentamente, Ayleth ergueu as pálpebras e ergueu os olhos para aquele rosto grotesco marcado por seus muitos crescimentos tumorais. Uma protuberância particularmente grande no lado esquerdo de sua boca puxou os lábios da bruxa para que eles não pudessem se fechar, dando a ela uma expressão horrível e maliciosa e revelando suas gengivas manchadas de sombra.

— Aí está, está vendo? — Disse Zilla, dando um passo para o lado para que seu irmão pudesse tomar seu lugar. — Como pode haver alguma dúvida?

Outro rosto horrível apareceu, pairando sobre Ayleth. Zarc era apenas como sua irmã porque sua testa também estava tatuada com o sigilo da Terrível Odile. Fora isso, eles eram completamente diferentes, nem mesmo tinham a mesma idade. Os dois haviam mudado de corpo muitas vezes para serem reconhecidos como gêmeos.

Mas... havia algo na expressão. Embora suas feições não fossem semelhantes e fossem tão mutadas, algo sobre o erguer da sobrancelha e o alargamento das narinas indicava um certo parentesco. E, como sua irmã, o Bruxa da Tempestade usava um capuz vermelho desbotado sobre a cabeça, o último resquício de seu serviço à Ordem de São Evander.

— Não. — Ele disse suavemente, sua voz rouca em sua garganta fina e dura. Crescimentos horríveis desciam por um lado de seu rosto, e erupções vermelhas escorrendo cobriam cada centímetro do que pode ter sido uma pele pálida de marfim. — Não há dúvida alguma. — Ele se virou de Ayleth, olhando por cima do ombro para a irmã. — Devemos fazer isso agora. Você não tem mais veneno. Nós não temos escolha. Não podemos esperar pelos outros.

— Eles estarão aqui. — Zilla respondeu com veemência. — Eles virão. Esta é uma decisão que devemos tomar juntos.

— É uma decisão que vai sair das nossas mãos se esperarmos. Ela tem luta nos olhos. No momento em que ela puder, ela convocará sua sombra e atacará, e seremos forçados a acabar com ela então. Melhor fazer isso agora, enquanto temos total controle do momento. Desperdiçar o mínimo de sangue possível. — Enquanto Ayleth observava, ele retirou um odre de água de aparência gasta da frente de suas vestes. — Posso pegar sangue suficiente para servir ao nosso propósito.

Zilla contornou a pedra do altar para se inclinar sobre Ayleth em frente ao irmão. — Mas se Ylaire não retornar. — Ela respirou. — Se ela não puder convocar Inren, estaremos presos aqui por Assombrados-sabe-quanto-tempo! Seu sangue iria estragar. Não temos outra fonte. Precisamos do sangue dela e precisamos dele fresco.

Os olhos de Ayleth giraram de um rosto nojento para o outro, com o coração batendo forte na garganta. Ela se esforçou para algum outro sentimento, algum outro sentido, e com um esforço magnífico conseguiu mover as sobrancelhas para cima e para baixo. Deusa a ajude, o que ela deveria fazer?

— *Laranta!* — ela gritou. Nenhuma resposta veio. Ela poderia muito bem estar perdida por tudo que ela podia sentir de sua sombra.

— Como você propõe que a mantenhamos sem veneno para subjugarla? Você é forte, minha irmã, mas não é o que era antes. Você a venceu em seu primeiro encontro, mas pelo que você me disse, ela carrega um espírito formidável dentro de si. Se eu pudesse sustentar minhas chuvas, poderíamos prendê-la, mas também não sou o que fui. Não temos meios de mantê-la viva. E se ela fugisse, se ela fosse para Oromor...

Ayleth forçou os olhos o máximo que pôde para ver Zarc pousar o odre e levantar uma faca desembainhada. A lâmina estava corroída pela ferrugem, mas era bastante afiada. — Você sabe que estou certo, irmã. — disse o Bruxo da Tempestade.

Sua mão se moveu. A lâmina mergulhou direto na garganta de Ayleth, e ela engasgou com seu próprio terror.

Mas Zilla foi muito rápida. Com seus ventos, ela girou em torno da pedra do altar, agarrou seu irmão e jogou-o contra a parede oposta antes que sua lâmina atingisse a pele de Ayleth. A força de sua velocidade era tão grande que empurrou Ayleth parcialmente para fora do altar. Um braço pendurado, e ela estava em perigo iminente de cair em uma pilha no chão. Ela piscou e piscou, como se, de alguma forma, ativando a única parte de seu corpo sobre a qual ela tinha controle, ela poderia se controlar.

A voz da bruxa do vento ecoou no telhado arqueado acima. — Não toque nela, Zarc! Vamos esperar por Gillotin, Scias e Crisantha! Vamos decidir juntos! Se você fizer mais um movimento para derramar seu precioso sangue, eu vou...

— Você o quê? — A voz de Zarc latiu, depois deu lugar a um acesso de tosse rouca. O ataque o deixou tão forte que sua irmã recuou, deixando-o cair

de joelhos, os ombros sacudindo, um braço trêmulo impedindo-o de cair de cara no chão. Por fim, limpando o sangue negro de seus lábios, ele olhou para Zilla. — Você vai me matar? — ele murmurou. — Você vai amaldiçoar minha alma depois de tudo que passamos?

A bruxa do vento se afastou dele tão bruscamente que seu capuz vermelho caiu para trás de sua cabeça e sobre os ombros, revelando as manchas carecas onde seu cabelo louro havia caído em tufos.

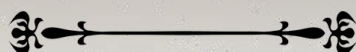
— Você precisa de mim para sobreviver neste lugar. — Zarc disse, rindo amargamente. — Sem minhas chuvas, Oromor vai...

Zarc se interrompeu em um grito ecoado instantaneamente por sua irmã quando um lampejo brilhante de luz incandescente explodiu na escuridão e perfurou em raios lancinantes cada rachadura e fenda na parede de pedra. Ayleth também teria gritado e ela estava grata por pelo menos poder fechar os olhos, embora não pudesse cobri-los com as mãos, virar o rosto ou se esconder atrás de uma pedra. O lampejo veio e passou em não mais do que um suspiro, mas pareceu durar muito mais tempo, deixando um brilho ardente dentro de sua cabeça.

A queimação diminuiu e Ayleth temeu abrir os olhos novamente, temeu descobrir que estava cega. Seus outros sentidos gritaram com um alarme tão profundo que reverberou pela corrente da alma que a conectava à sua sombra. Apesar do veneno, Laranta se mexeu em resposta. Ainda fora de alcance, mas presente.

Ayleth ousou abrir as pálpebras. No início, ela não conseguia perceber nada com nenhum de seus sentidos. Então, lentamente, sua visão deslumbrada começou a clarear, e com a clarificação, seus outros sentidos entraram em foco.

Os bruxos se foram. Seus ouvidos apenas detectaram o eco de seus passos correndo deixando a casa do santuário.



As trepadeiras rastejavam ao longo das bordas do caminho dos dois lados, sinuosas como cobras, gavinhas e folhas silvando suavemente. Eles eram tão grossos quanto o antebraço de Terryn e se moviam como uma matilha de predadores em ondulações sincronizadas.

Terryn se recusou a olhar. O medo cresceu dentro dele, lutando para escapar da pedra em que o havia encerrado. Se ele parasse agora para olhar para a direita ou para a esquerda, esse medo certamente explodiria e ele usaria uma ou ambas as explosões restantes. Não, ele deveria manter a calma, progredindo ao longo deste caminho estreito com passos firmes e certos.

Havia muitos dardos, ele percebeu ao passar por outro caído no caminho. A Venatrix não poderia ter carregado tantos consigo. Era possível que as próprias vinhas estivessem pegando os dardos à medida que ele avançava, depois atirando à frente e os colocando no caminho à sua frente mais uma vez.

A consciência desta floresta era um pesadelo.

— Isso não é uma maldição. — Sussurrou Terryn enquanto ele passava por outro dardo sem se abaixar para recuperá-lo. — Isso não é maldição. Isso é outra coisa. Alguma coisa... errada.

A escuridão estranha à meia-luz pareceu escurecer à sua frente. Era uma névoa baixa rastejando por entre as árvores? Terryn deu outro passo, mas parou abruptamente quando uma videira se enrolou em seu tornozelo. Por um momento de cortar o coração, ele temeu que a videira o arrancasse de seus pés e o arrastasse para a floresta do jeito que ele tinha visto a venatrix ser arrastada. Mas simplesmente o conteve com um aperto firme.

Terryn separou seus lábios secos. — O que então? — ele sussurrou. — O que você quer de mim?

Ele teve a nítida impressão de que Floresta da Bruxa estava ouvindo.

De repente, as vinhas de cada lado do caminho se espalharam das árvores e se fundiram em uma massa escura e entrelaçada diante dele. Terryn queria dar um passo atrás, correr, mas a gavinha que segurava seu tornozelo o manteve enraizado no lugar. Ele ergueu a mão diante dele, os dedos tensos e a luz se acumulou em suas veias, pulsando na ponta dos dedos. Se ele não se soltasse logo, seria tarde demais.

Antes que ele pudesse agir, uma das videiras se ergueu acima da massa como uma cobra erguendo a cabeça. Afastou-se de Terryn e disparou para a frente na névoa que esperava.

Um chiado sibilante perfurou o ar, enviando raios de horror para cima e para baixo na espinha de Terryn. A videira se retirou novamente e Terryn a observou derreter e se transformar em nada ao longo de seu comprimento se contorcendo. O resto da massa de videiras se espalhou de volta para a floresta, até mesmo a que segurava Terryn pelo tornozelo.

Terryn ficou imóvel como uma pedra. Seu coração batia forte demais para permitir um pensamento racional. Então, lentamente, sua mente forçou seu caminho através do miasma de medo, e ele sussurrou: — O bruxo da tempestade.

Um dos Diabos Carmesins preso dentro dos limites de Floresta da Bruxa era conhecido por suas brumas e chuvas ardentes. Uma única gota de chuva pode rasgar a carne até os ossos. Suas brumas poderiam mutilar batalhões inteiros de guerreiros experientes, deixando-os cegos e implorando pela morte em suas agonias.

Ele deu um passo para trás e depois outro. Ele não estava preparado para enfrentar o Bruxo da Tempestade. E quem disse que a venatrix esperava no final deste caminho? Era uma armadilha. Talvez a Floresta da Bruxa estivesse tentando trazê-lo até aqui, forçá-lo a entrar nessa névoa.

Mas então por que aquela videira se queimou para alertá-lo?

Não. Floresta da Bruxa queria algo dele. O quê, ele não conseguia adivinhar, mas sabia quando estava sendo usado. Quando ele olhou por cima do ombro, viu mais uma vez a incrível densidade das videiras enroscadas entre os galhos das árvores, bloqueando sua retirada. Ele não tinha caminho a não ser para a frente, na névoa. Se ele tentasse abrir caminho através das vinhas, elas só se fechariam de novo e de novo.

Ele havia colhido energia suficiente para alcançar a orla da floresta? Ele duvidava disso.

E ainda havia a chance, embora fosse improvável... a chance de que a Floresta da Bruxa estivesse de fato o guiando até a venatrix. Se ela estivesse dentro daquela névoa, ela ainda poderia estar viva. Queimada além do reconhecimento, mas viva. Se nada mais, ele poderia dar a ela a Morte Gentil e separar sua alma de sua sombra. Ele poderia salvá-la da condenação.

Se ele pudesse chegar até ela.

Endireitando os ombros e apoiando as pernas, Terryn levantou a mão e se concentrou na névoa. Se a venatrix estivesse perto, ele arriscava matá-la com a força de sua explosão. Mas que escolha ele tinha? Ele respirou fundo, fechou os olhos e reuniu o poder dentro dele. Fervia em suas veias como se seu próprio sangue esquentasse. Tudo canalizado ao longo de seu braço direito, até a palma da mão, as pontas dos dedos.

Com um grito, ele soltou, e o lampejo de puro poder de sombra e luz branca saiu de seu núcleo. A explosão foi tão forte que o tirou do chão. Ele caiu

de joelhos, mas manteve o braço erguido, mantendo o ferrolho o mais firme que pôde.

Tudo acabou no espaço de três batimentos cardíacos.

Terryn, piscando e sacudindo a cabeça, sentia-se ferido. Como se seu coração tivesse se transformado em uma tocha e empolado por dentro. Mas a magia de sua sombra interior o mantinha inteiro e seguro. Ou tão seguro quanto poderia estar contendo tal espírito.

Ele se levantou, balançando pesadamente, e olhou para frente para ver o que havia feito.

A escuridão de Floresta da Bruxa havia recuado. Antes que Terryn estendesse uma faixa de terra quase aberta. Sem árvores carnudas com feridas com pus. Sem videiras, sem solo escorrendo. Em vez disso, ele viu montes de amontoados do que antes poderiam ter sido edifícios de madeira, agora reduzidos a entulho e apodrecimento, deixando para trás apenas os contornos de suas fundações. Terryn viu apenas uma estrutura de pé, uma casa de santuário de pedra, muito dilapidada, mas ainda segurando obstinadamente seu terreno.

Os sentidos de Terryn se aceleraram. Se o Bruxo da Tempestade tinha, como ele suspeitava, convocado a névoa ardente, ele ainda estaria em algum lugar por perto? Seria possível que a venatrix se abrigou em algum lugar entre essas ruínas, que ela conseguiu cavar fundo o suficiente para que a névoa não pudesse afetá-la? Ou, se ele a procurasse entre os escombros, ele a encontraria coberta de queimaduras derretidas?

Ele não poderia ficar aqui para sempre, esperando o Bruxo da Tempestade atacar. Não havia sutileza em sua abordagem, e ele precisava agir rápido, para encontrar algum tipo de terreno defensável.

Ele saltou para a clareira, aliviado por deixar a Floresta da Bruxa para trás. As vinhas não o seguiram e ele caminhou sob um céu claro pela primeira vez desde a travessia da Grande Barreira. Por alguns momentos, ele ousou se deliciar com a franqueza de seus arredores e com o ar que, embora azedo com o aroma residual deixado pela névoa, estava pelo menos limpo de oblivis.

Mas ele mal havia avançado dez passos na clareira quando um vento aumentou. No início, ele apenas soprou algumas folhas e pedaços de poeira ao redor de seus pés, mas ficou mais forte a cada momento, ondulando sua capa atrás dele. Os destroços voaram em seu rosto, a poeira picando sua pele, e ele ergueu a mão para proteger os olhos.

Como resultado, ele quase não viu quando o vento de repente se intensificou em um quarto, levantando uma viga podre caída em uma mão invisível e arremessando-a direto para sua cabeça. Sua visão periférica avistou o projétil que se aproximava no último instante. Ele mergulhou no chão, evitando por pouco um cérebro. A viga voou sobre sua cabeça e se chocou contra uma parede de fundação cambaleante a três metros de distância, fazendo as pedras voarem.

Terryn cobriu a cabeça com as mãos e cuspiu maldições: — Maldição, maldição, maldição!

O Bruxo da Tempestade não estava sozinho.

O vento o puxou, tentando passar por baixo dele, pegá-lo como havia levantado a viga. Ele pressionou o corpo na terra e, rolando apenas o suficiente para dar acesso à sua mão, escorregou um dardo das aljavas em seu peito. Enquanto ele tentava encaixá-lo em seu escorpião, o vento o pegou e o fez voar de seus dedos. — Maldição! — ele rosnou novamente. Ele tinha apenas alguns dardos eficazes em sombras Elementais.

Severamente, ele puxou outro e desta vez encaixou-o firmemente no lugar. Rastejando de barriga, ele se abrigou atrás de uma parede baixa de fundação. O vento rugia ao redor e sobre ele, tão violento que logo faria as pedras tombarem. Ele precisava dar uma olhada na bruxa, precisava encontrar uma maneira de se proteger desse vento para poder dar o tiro. Mesmo se ele espiasse por cima da parede e a visse agora, atirar no escorpião seria inútil. Seu dardo nunca faria sua marca.

O céu retumbou acima. Terryn olhou para cima e viu nuvens se formando. O Bruxo da Tempestade estava entrando em ação agora, sua tempestade soprada pelos ventos de sua irmã, girando em um vórtice trovejante acima. A qualquer momento, os céus se abririam e uma chuva escaldante cairia.

A casa do santuário. A mente de Terryn clamou com um único foco. A casa do santuário. Ele tinha que chegar à casa do santuário, o único edifício de pé nesta clareira. Ele tinha quase certeza de ter visto o telhado ainda quase intacto. Mas como ele poderia alcançá-la a tempo?

O vento diminuiu. Afinal, a bruxa não gostaria de afastar a tempestade de seu irmão de sua vítima pretendida. Uma gota caiu, sibilando enquanto queimava a parede de pedra a apenas alguns centímetros do rosto de Terryn. Ele tinha segundos, não mais.

Ele saltou de trás da parede, seu escorpião erguido, mirando na direção de onde o vento havia soprado. Ele avistou uma figura a pelo menos cinquenta metros de distância, quase fora de alcance. Não houve tempo para firmar seu braço. Não houve tempo para ter certeza de seu tiro.

A bruxa virou a cabeça e o olhou bem nos olhos. Ele olhou fixamente em seu rosto horrível, viu as protuberâncias negras cobrindo seu pescoço, sua bochecha.

No instante seguinte, seu dardo zuniu no ar onde ela estivera. A própria bruxa estava ao seu lado.

— Belo tiro, Venador. — Ela disse, assim que seu punho acertou sua mandíbula.

O corpo contendo seu espírito não era forte, e o golpe mais assustou do que doeu. Terryn se virou com ele e então ofereceu um golpe de retorno, a ponta de ferro em sua braçadeira de braço esquerdo cintilando quando ele a golpeou diretamente em seu rosto. Ela estava do outro lado dele antes que o braço dele terminasse de balançar, os dedos dela agarrando seu cabelo e puxando sua cabeça para baixo quando o joelho dela bateu em seu estômago.

Terryn ofegou sem fôlego, mas, novamente, seu golpe não foi forte. Empurrando-se com os pés, ele se lançou sobre ela, tentando segurá-la nos braços. Se ele pudesse apenas agarrá-la, ela poderia não ser capaz de se desvencilhar de suas mãos, não importa o quão rápido ela se movesse. Os dedos de Terryn roçaram a ponta de uma capa, mas seus braços não se fecharam em torno de nada.

A bruxa estava atrás dele, e seu pé atingiu a parte inferior de suas costas, jogando-o no chão.

— Zilla! Mova-se! — Gritou uma voz rouca, quase imediatamente abafada pelo rugido de um trovão.

Terryn ergueu os olhos, viu a bruxa de pé sobre ele, viu seu rosto mutante se contorcer em um sorriso. Então, com uma rajada de ar empoeirado, ela se foi.

A chuva salpicou o solo. Uma gota caiu em sua mão estendida, e Terryn gritou, levantando-se rapidamente. Ele tinha que correr! Ele tinha que sair dessa! Ele tinha que...

Um grito de terror cortou seus sentidos. Terryn girou, sua mão queimada pela chuva agarrada ao peito. Saindo da floresta veio uma massa inteira de trepadeiras negras com tentáculos. Como um monstro horrível de um reino de puro pesadelo, ele se lançou na clareira. Um tentáculo chicoteou acima dos outros, e Terryn viu uma pequena figura masculina agarrada pela cintura e acenou como uma boneca de pano enquanto gritava.

A tempestade se espalhou.

Em um piscar de olhos, outra figura apareceu diante da massa se contorcendo. A pequena forma da Bruxa do Vento parecia pateticamente fraca diante de um monstro. Mas seus braços ergueram-se bem alto quando ela convocou uma rajada de vento com força de vendaval que de alguma forma tomou forma sólida e cortou a videira segurando seu irmão no alto. Ele caiu, uma videira ainda enrolada tão apertada em sua cintura que parecia que iria cortá-lo ao meio. Sua irmã o pegou nos braços e seus ventos os levaram para longe antes que outra videira a pegasse pelo pé.

Tudo aconteceu tão rápido que Terryn mal teve tempo de perceber o que acontecera. Então se deu conta, a Floresta da Bruxa estava lhe dando uma distração. Uma distração que não duraria muito mais.

No momento seguinte ele estava correndo, o instinto o conduzindo em direção à casa do santuário, o único abrigo possível que ele poderia tomar contra o vento ou a chuva.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Poderia ter sido Venador Terryn quem causou aquele clarão ofuscante?

Não. Não, certamente não.

Ayleth piscou para o teto acima dela, erguendo e abaixando as sobrancelhas enquanto a sensação voltava a seu rosto. Ela sentiu um formigamento nas pontas dos dedos ou estava imaginando?

Mas ela não tinha imaginado aquele raio de luz. Foi real. E não poderia ter vindo em um momento mais oportuno. Certamente era mágico e não parecia algo causado pela própria Floresta da Bruxa. Alguma outra sombra então. Algum outro morador da floresta? Não poderia ser...

Ayleth fechou os olhos, voltando a mergulhar na escuridão de sua mente. Os contornos tênues dos pinheiros eram obscuros, mas apenas perceptíveis. O veneno estava sumindo. Mas rápido o suficiente para importar?

— *Laranta!* — Ela chamou nas sombras de sua mente. O veneno era tão entorpecente que ela não conseguia imaginar uma imagem mental de si mesma. Ela flutuou sem corpo neste reino de vazio.

Mas a corda de alma entre elas se estreitou. Laranta a ouviu. Laranta estava novamente ativa, lutando contra o entorpecimento.

— *Laranta, venha até mim!* — Ela gritou.

A corda da alma ficou tensa novamente. Ayleth não sabia se sua sombra respondia ou não. Assombrados, maldito veneno!

Ela abriu os olhos. Equilibrada precariamente na borda do altar, ela lutou para ver pela janela. Nuvens de tempestade se juntaram e se dispersaram, e

trovões ecoaram no alto, reverberando entre os arcos de pedra do teto do santuário. Ela esperou por outro lampejo de luz, mas não veio. Quem quer que estivesse lá fora se conteve para liberar aquele incrível poder novamente.

O vento soprou no mundo lá fora, uma rajada atingiu o santuário de modo que ele gemeu em seus alicerces. O coração de Ayleth disparou, e ela meio temeu que acabaria enterrada sob paredes de pedra e telhado de zinco.

Em seguida, um grito horrível, voz de homem?

— Terryn? — Seus lábios formaram o nome. Deusa lá em cima, ela tinha o controle de sua boca novamente! Ela poderia falar? Isso importaria?

— Terryn! — ela engasgou, o som não mais que um sussurro. Ela tentou novamente. — Terryn! *Terryn!* — Cada vez, ela colocava um pouco mais de força em sua voz. Foi estúpido, sem esperança. Mas ela não ligava. Ela não podia simplesmente ficar aqui esperando as bruxas voltarem e acabarem com ela. Ela tinha controle de seus olhos, ela tinha controle de sua voz, e talvez, talvez...

— TERRYNN! — ela gritou.

— Venatrix di Ferosa, é você?

Era sua voz. Sua voz profunda e sombria, tensa pelo medo, mas mesmo assim firme.

Seu coração disparou e um espasmo percorreu seus braços. Ela os sentiu, ela sentiu seus braços! Com um suspiro que foi quase um soluço, ela conseguiu mover o dedo indicador da mão esquerda.

— Terryn, estou aqui! — As palavras saíram estranguladas e lutando, mas altas o suficiente. O bater de botas na pedra soou em seus ouvidos. Então o venador pairou sobre ela, cachos rebeldes caindo em seu rosto moreno, seus olhos duas esferas brilhantes de gelo.

— O que eles fizeram? Eles amarraram você? — ele exigiu, suas mãos correndo para cima e para baixo em seus braços, em busca de cordas ou restrições.

— Não! — Ayleth engasgou. — Não, eles me envenenaram. Estou paralisada.

Seus olhos, já redondos, se arregalaram ainda mais com a realização. Sua mandíbula ficou tensa e o músculo em sua bochecha saltou, puxando a pele enrugada de sua cicatriz. Ela viu sua mão mover-se para as aljavas em seu peito, procurando.

— O que você está fazendo? — ela exigiu.

— Eu conheço um truque. — disse ele, deslizando o que parecia ser um dardo destinado às cortinas de Anathema para fora da aljava. Ele fez uma pausa, encontrou seu olhar. — Isso vai doer.

Antes que Ayleth pudesse protestar, ele enfiou o dardo em sua garganta, logo abaixo do queixo. Seus olhos se arregalaram e sua língua pareceu inchar na boca, bloqueando sua respiração.

Então veio a dor.

Distribuir o veneno errado a uma sombra é sempre desastroso. Ayleth havia descoberto essa verdade sozinha quando atirou na isca em Godelieve Abbey com um veneno destinado a uma aparatação. A dor causada tanto ao corpo hospedeiro quanto ao espírito da sombra residente é tão extrema que levará a sombra à loucura, ativando uma explosão de poder tão intensa que pode significar o fim do venador que cometeu o erro.

O veneno errado correu por Ayleth agora como lâminas cortando seus braços e pernas, perfurando sua alma. Ela gritou. Ela não pôde evitar, e seu grito não era humano, nada natural.

Laranta saltou para a frente de sua mente, rugindo e babando. Se ela fosse capaz de assumir a forma física, teria saltado da cabeça de Ayleth e arrancado a garganta do Venador Terryn no local. Do jeito que estava, ela quebrou todas as supressões da paralisia parcialmente desbotada. Através da pulsação de sua própria agonia, Ayleth sentiu a paralisia quebrar, sentiu a vida voltando aos seus membros. Era uma vida de fogo e lâminas, mas ela sentia, cada pulsação disso.

Ela se sentou ereta na pedra do altar e apontou o punho para o rosto de Terryn. Ele recuou bem a tempo, e ela caiu do altar e no chão. O suor escorria de sua testa e saliva de sua boca espumante. Cada músculo estremeceu e seus ossos estremeeceram quando a força de Laranta surgiu dentro dela, desesperada por uma saída.

Seus sentidos explodiram com a percepção da sombra. Narinas dilatadas, ela inalou e cheirou... bruxa.

A cabeça de Ayleth se ergueu. Ainda deitada de bruços, ela olhou entre as botas do Venador Terryn e viu a Bruxa do Vento aparecer no final da longa nave do santuário. Uma rajada de vento fluía em seu rastro, aumentando seu poder. No instante seguinte, a bruxa cruzou o espaço, seu braço se afundando enquanto descia a adaga enferrujada de seu irmão em um arco apontado para a garganta de Terryn.

Seu golpe nunca acertou.

Ayleth, impulsionada pelo poder de sua sombra, pôs-se de pé com um salto, sua mão disparou e agarrou o pulso da bruxa. Cada músculo explodiu com magia e força. Ayleth olhou nos olhos de Zilla e viu o horror tomar conta de seu rosto.

Um sorriso de lobo apareceu nos lábios de Ayleth. — Bem-vinda de volta. — Ela rosnou.

Com um guincho, a Bruxa do Vento girou seu braço livre, convocando um vento que envolveu as duas em um tornado de poder. Isso deveria ter soltado o aperto de Ayleth, deveria tê-la mandado voando pela capela aberta para quebrar seus ossos contra a parede. Mas a dor do veneno errado ainda queimava nas veias de Ayleth, e sua sombra brilhava com potência e fúria mágicas. Ela não o soltou.

Em vez disso, com um puxão, ela puxou a bruxa para perto, envolvendo seu braço livre em um estrangulamento em volta do pescoço. Zilla engasgou e agitou o braço novamente. O vento pegou as duas em seu abraço, levantando-as do chão, arremessando-as cada vez mais alto. Mesmo assim, Ayleth não soltou seu aperto, apenas o apertou, aplicando mais força na traqueia da bruxa. Ela teve apenas tempo suficiente para perceber que elas estavam se aproximando do teto, tempo suficiente para encolher os ombros, abaixar a cabeça.

Em seguida, ela bateu nas vigas e explodiu através do telhado de zinco, para o ar livre. Deveria ter quebrado seu pescoço, esmagado sua coluna, mas o poder de sua sombra era ascendente demais. Ela não sentiu nada, e seus ossos, envoltos na força da sombra Feral, não se quebraram.

O redemoinho as lançou para o céu vazio, e a visão de Ayleth nadou com vistas da clareira, da cidade em ruínas, da casa do santuário abaixo. Ela viu a Floresta da Bruxa ao redor delas, e ainda assim o vento as levou mais alto, girando-as loucamente. Ela pensou ter tido um vislumbre da Grande Barreira, do mundo além da escuridão da floresta.

Ela envolveu as pernas em volta das de Zilla e apertou seu pescoço com mais força. A bruxa engasgou, amordaçou e ficou mole em seus braços.

O vento assobiou para longe. E elas caíram.

A queda pareceu durar para sempre. Tempo suficiente para que Ayleth se perguntasse se a força de Laranta seria suficiente para evitar que ela se espatifasse em um milhão de pedaços ao atingir o santuário novamente. Ela se virou no ar, tentando se inclinar com os pés primeiro, e suas botas bateram no telhado de zinco e irromperam direto. Eles passaram em um instante pelo ar vazio da capela abobadada, e Ayleth se virou novamente.

Suas costas bateram no chão, quebrando as pedras, quebrando os alicerces, enterrando-se profundamente na rocha sobre a qual o santuário foi construído. Ela ficou lá com a Bruxa do Vento em seu peito, respirando com dificuldade, não acreditando que ainda vivia. Não acreditando na energia da magia fluindo por seus membros. Não acreditando que seu corpo não foi esmagado em uma polpa sangrenta de nada.

Laranta rugiu em sua cabeça.

Ayleth fechou os olhos contra esse clamor. — *Calma, Laranta!* — ela repreendeu. — *Não é tão ruim assim.*

Machuca! Isso dói! sua sombra uivava ferozmente.

— *Eu sei que dói, mas está melhor agora. Devemos nos levantar. Temos que sair daqui.*

Ela abriu os olhos novamente, e o rosto de Terryn entrou em foco, olhando para o buraco que ela havia feito no chão do santuário.

— Venatrix! — Seus olhos pareciam que iam cair de sua cabeça. — Você está viva?

Ela não podia culpá-lo por sua descrença. Ela mal conseguia entender.

— Tire essa bruxa de cima de mim. — Ela rosnou, empurrando o peso mole em cima dela. Terryn se agachou, estendendo a mão para ajudar. Ele agarrou os braços da bruxa e puxou-a para fora enquanto Ayleth se levantava,

sacudindo a poeira e os destroços. Considerando todas as coisas, ela não estava muito machucada ou dolorida.

Terryn jogou o corpo da bruxa no chão sem se importar. Não morta ainda, aparentemente; a visão da sombra de Ayleth detectou tanto o humano quanto os espíritos das sombras ainda entrelaçados no centro do corpo do hospedeiro.

— A Morte Gentil. — ela disse. — Agora!

A mão de Terryn moveu-se para sua aljava, mas voltou vazia. Seu olhar encontrou o de Ayleth. — Eu não tenho nenhuma.

Ayleth cerrou os dentes de frustração. — Então é melhor sairmos daqui antes que ela acorde!

Terryn assentiu, e os dois se viraram e correram pela casa quebrada, apontando para a porta aberta. À medida que se aproximavam, a luz do sol que entrava pela porta escureceu de repente, como se nuvens rolassem no alto. Eles derraparam até parar na porta, espiando.

O Bruxo da Tempestade estava na base dos degraus do santuário. Nuvens se acumularam sobre sua cabeça, formadas ao acenar de suas mãos. Olhos brilhando com a luz da sombra, disparando como um raio entre seus cílios, fixos no rosto de Ayleth.

— Devíamos ter matado você quando tivemos a chance! — ele ofegou e retirou a mão.

Ele parou no meio da ação.

Seus olhos se arregalaram e ele tossiu. Uma mão se levantou lentamente para apontar o dardo tremendo onde ficou preso bem entre seus olhos.

Terryn baixou seu escorpião. O veneno normalmente requeria tempo para fazer efeito total, mas uma criatura como Zarc, tão fraca em seu corpo hospedeiro ruinoso, não tinha os meios para lutar contra sua influência.

O Bruxo da Tempestade caiu de joelhos e tombou de lado.

— Vamos, Venatrix. — Terryyn disse. — Não estamos fora disso ainda.

Juntos, eles desceram os degraus, as longas pernas de Terryyn lutando para acompanhar os passos de Ayleth impulsionados pela sombra. Ela refreou o poder de Laranta, permitindo que ele a alcançasse. Só quando eles deixaram o santuário para trás, ela percebeu que deveriam ter matado as bruxas. Deveria ter cortado ambas as gargantas onde estavam. Não havia corpos hospedeiros em potencial aqui na Floresta da Bruxa para que suas almas violentamente expulsas possuíssem. Eles teriam voado inutilmente dentro dos limites da Barreira até que Assombrados inevitavelmente os arrastassem para casa.

Foi um erro, um erro caro deixar seus inimigos vivos. Um erro que Ayleth esperava não viver para se arrepender.

Tarde demais agora, no entanto. A Floresta da Bruxa assomava diante deles, e eles precisavam penetrar naquela escuridão e retornar à Barreira. Terryyn derrapou até parar alguns metros da orla da floresta. — Não sei que caminho seguir. — disse ele, com o rosto tenso e a voz embargada pelo desespero.

Ayleth olhou para ele. Os instintos de sua sombra a levavam para o oeste no momento em que deixaram as portas da igreja para trás. Eles estavam direcionados na direção certa, ela tinha certeza.

— Por aqui. — disse ela, falando com tanta confiança que Terryyn acreditou nela imediatamente. Ele se moveu para o lado dela e segurou sua mão. Ela piscou para os dedos dele entrelaçados com os dela, em seguida, piscou em seus olhos, muito surpresa para falar.

— Não devemos nos separar. — disse ele em breve. — Esta floresta é perigosa.

Ayleth não tentou discutir.

Vinhas escuras derramaram da Floresta da Bruxa em todos os lados da cidade em ruínas. Sem as chuvas escaldantes do Bruxo da Tempestade para segurá-la, a floresta logo reclamaria o que havia arrancado de seus muitos dedos. Com esse pensamento sombrio em mente, Ayleth arrastou Terry n para as sombras sob as árvores feridas. O fedor da Floresta da Bruxa invadiu suas narinas, e ela engasgou, mas se apressou. As trepadeiras pareciam observá-los enquanto corriam, alertas e venenosos.

Os sentidos de Laranta apontaram sua verdade, no entanto. Ayleth, segurando a mão de Terry n, conduziu-o direto pela floresta, em direção ao oeste. Mesmo quando as vinhas rastejavam em grossas massas, mesmo quando as árvores pareciam deslizar em seu caminho para obstruir seu progresso, ela se esquivou e se abaixou e continuou a avançar com firmeza. Eles não precisaram encontrar seu ponto de entrada original; se continuassem para oeste por tempo suficiente, alcançariam a Barreira em algum lugar ao longo de sua extensão sinuosa. Então, se a deusa quisesse, Terry n seria capaz de abri-la.

Um peso repentino foi puxado pelo braço de Ayleth. Ela apertou a mão de Terry n e, como resultado, foi puxada do chão. Aterrando com força em seu ombro, sua mão agarrando o ar vazio, ela rolou, empurrando a cabeça para cima.

E viu uma massa de trepadeiras envolver Terry n em suas garras, enrolando-se em cada braço e perna. Seus olhos dispararam para encontrar os dela antes de desaparecer em um enxame negro se contorcendo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— Não! — Ayleth rugiu e saltou sobre as vinhas, a fúria de Laranta quente nas veias. Ela rasgou, ela rasgou, ela desenraizou fios longos.

Mais vieram, cada vez mais rápido. Não importava o que ela fazia, não importava o que ela tentava. Longas e pretas escorregadias escorreram dos galhos, envolvendo o venador com força.

No fundo de sua mente, por trás de sua fúria e medo, Ayleth se perguntou por que nenhum deles a alcançou. Mas ela ignorou esse pensamento, despejando toda sua concentração, todo seu poder em alcançar o venador.

Ele não deveria ter vindo atrás dela! Ele não deveria ter deixado a Barreira, não deveria ter se aventurado neste lugar amaldiçoado! Ele deveria tê-la dado por perdida, feito uma oração à Deusa e seguido em frente com sua vida. Isso é o que qualquer homem são teria feito em seu lugar. Maldição, ela nem era sua irmã caçadora! Ela era sua competição inflamada, pelo amor de Deus! Ele deveria tê-la deixado para trás.

— Não, não, não! — ela gritou para as vinhas, gritou para a floresta. — Você não vai levá-lo! Você não vai, você não vai! Eu não vou deixar você!

Laranta rosnou dentro dela, fortalecendo seus membros, e Ayleth se dirigiu mais rápido e mais forte. Mas ela não conseguiu avançar. Há quanto tempo? Quantos momentos, quantos batimentos cardíacos? Ele já tinha se sufocado sob aquele emaranhado constringente, o ar já tinha sido esmagado de seu corpo pulverizado?

Algo brilhou em seus olhos. Ayleth estremeceu e recuou, surpresa. Ela ergueu a mão para se proteger do brilho crescente. A luz branca fluía através do emaranhado de videiras, e as gavinhas e folhas mais externas tremeram, estremeeceram.

No último momento possível, ela se jogou para longe, plantando o rosto no solo úmido do chão da floresta, cobrindo a cabeça com as mãos. Ainda assim, com os olhos fechados rapidamente e pressionados na lama, ela viu o lampejo brilhante, sentiu o intenso calor dele rolar sobre sua cabeça. Sua capa, suas botas e o capuz que cobria sua nuca estavam chamuscados.

Acabou quase antes de começar.

Ayleth ergueu o rosto coberto de lama, seus sentidos atacados por um fedor pior do que o fedor de infecção das árvores feridas. Aquele fedor ainda estava presente, mas adicionado a ele estava o fedor maior do oblivis queimado. O ar parecia estremeecer com sua própria fúria.

Ela se endireitou e se agachou. Venador Terryn jazia no centro do raio da explosão, rodeado pelas cinzas das vinhas queimadas. Pelo que Ayleth podia ver, as árvores estavam enegrecidas a cerca de um metro do chão e mais alto.

Ayleth rastejou para o lado dele e virou o venador. A luz se movia em bolhas estranhas sob sua pele, fluindo em seu sangue. Usando a visão da sombra, ela perscrutou sua alma, certificando-se de que o poderoso espírito que ele carregava dentro ainda estava devidamente suprimido. A última coisa que ela precisava agora era uma sombra ascendente e poderosa tomando posse do corpo do venador.

Mas, milagrosamente, os feitiços de supressão de música de Terryn ainda se mantinham. Ele deve ter acessado apenas uma quantidade limitada daquele poder incrível, uma façanha do complexo feitiço que Ayleth dificilmente

poderia compreender na teoria, muito menos na prática. Não admira que ele fosse o favorito de Fendrel du Glaive.

— Acorde. — Ela rosnou, batendo em seu rosto. A Floresta da Bruxa estava quieta no momento, mas com uma espécie de quietude tensa que lhe disse que estava assistindo. Eles não demoraram muito para que isso viesse para eles novamente. — Acorde, du Balafre. Vou beijar você de novo se não o fizer.

Ele não se mexeu. Apenas a luz pulsante de seu espírito dentro dele e o zumbido contínuo de seus feitiços de música diziam a ela que ele ainda vivia.

Sombras, disse Laranta. *Sombras chegando. Rápido.*

A cabeça de Ayleth ergueu-se. Seus sentidos de sombra estavam mais apurados do que ela jamais experimentou, estimulados pelo veneno Anathema. Ela respirou fundo o ar pútrido, rapidamente peneirando as camadas de podridão e ruína para encontrar aquele novo cheiro, aquele cheiro que não pertencia.

Sombras, disse Laranta novamente. *Sombras, sombras, sombras.*

Três sombras. Aproximando-se pela floresta. Ayleth as cheirou e sabia que era melhor não duvidar de seus sentidos. Ela se lembrou do que tinha ouvido a bruxa do vento dizer: *Vamos esperar por Gillotin, Scias e Crisantha... Eles estão vindo...*

Os outros Diabos Carmesins.

Com uma maldição sibilante, Ayleth colocou uma das mãos sob o ombro de Terryn e a outra atrás dos joelhos. Ele era alto e tinha tanta musculatura que foi preciso muito da força de Laranta para que Ayleth o erguesse nos braços. Ela deu vários passos, mas sabia que não seria capaz de correr com ele envolto como um enorme saco à sua frente. Respirando com dificuldade por entre os dentes, ela o colocou sobre os ombros, curvando-se sob seu peso.

Então ela começou a se mover, caminhando primeiro, quando ela encontrou seu equilíbrio. O poder da sombra correu dentro dela, e ela acelerou o passo até que ela estava correndo. Correndo o mais rápido que podia pelas árvores iluminadas, pelos restos de videiras queimadas. Correndo até chegar ao lugar na floresta onde a explosão não havia penetrado, correndo para as sombras, os venenos e o mal que se escondia. Correndo e sabendo que cada passo bem poderia ser o último. As bruxas em seu encalço poderiam pegá-la. A floresta poderia prendê-la, devorá-la. Ela não era nada comparada a esses inimigos, e o ar se espessava em sua garganta a cada respiração ofegante.

Mas ela tinha Laranta. E Laranta deu-lhe forças para seguir em frente, cada vez mais rápido. Seus sentidos de sombra se estenderam à frente, e ela podia sentir a batida do feitiço da canção da Barreira. Ela estava perto, tão perto.

Mais cedo do que o esperado e muito depois de ela ter perdido as esperanças, os fios de feitiço entrelaçados brilharam à sua frente nas sombras. Ela estava à vista. E as bruxas... não. Ela não os procuraria com os sentidos de Laranta. Não adiantaria. Ela focou tudo o que tinha naquele brilho da música. Eles fariam isso. Eles escapariam!

Seus pés a levaram até o feitiço, e ela não conseguiu diminuir o ritmo. No último momento, ela se virou para o lado, atingindo a Barreira com o ombro e ricocheteando para desabar na lama. Terry n rolou várias vezes e ficou imóvel, e Ayleth ofegava, apoiada em um cotovelo, olhando para o brilho impenetrável de magia e música. Reunindo as últimas forças de Laranta, ela rastejou pela lama negra e esmagadora até o lado de Terry n.

— Vamos, du Balafre. — Ela engasgou, virando o rosto dele em direção ao dela. — Você tem que acordar. Não sei como abrir a Barreira.

Ele gemeu. Suas sobrancelhas se franziram e sua boca se contraiu sob uma camada de sujeira. Mas ele não acordou.

— Se você acordar... — disse Ayleth, segurando o rosto dele com as mãos trêmulas. — Renunciarei à minha candidatura. Vou te dar o posto em Milisendis, eu juro. Voltarei direto para Gillanluòc e direi a Hollis que ela estava certa, eu nunca deveria ter ido embora. Você pode ter seu destino; você pode ter tudo isso. Apenas acorde!

Nada. Apenas outra leve contração no canto da boca, puxando a cicatriz em sua bochecha.

Sombras, rosnou Laranta. *Sombras, sombras*.

Ayleth deu um suspiro trêmulo pelo nariz, olhando para as sombras escuras. Ela engoliu em seco. Usando o lado da mão, ela limpou um pouco da lama da boca de Terry, espalhando-a ao longo de sua bochecha.

— Sem ofensa, Venador. — Ela murmurou.

Então, com um suspiro desesperado, ela pressionou seus lábios contra os dele. Não apenas uma conexão áspera de suas bocas esmagadas, mas uma colisão de almas. Quando ela o agarrou pela nuca, puxando-o para cima, puxando-o para mais perto, ela enviou seu espírito mergulhando dentro dele, gritando seu nome, implorando-lhe para responder.

Algo quente floresceu por dentro. Se dentro dele ou dentro de seu próprio seio, Ayleth não sabia dizer. No momento, eles estavam muito perto, muito misturados para ela discernir a diferença. Seus dedos se apertaram em seu cabelo, sua mão ao lado de seu rosto ficou tensa, os dedos cavando em sua têmpora.

Seu corpo se moveu, convulsionado.

Então ele se endireitou, agarrando-a pelos ombros para afastá-la. Seus lábios se separaram dos dele, mas suas mãos ainda agarraram sua cabeça com tanta força que ela quase o puxou de volta para outro beijo sem querer.

— Demônios em putrefação! — Terryn rugiu, sufocando com as palavras enquanto seus olhos selvagens olhavam fixamente em seu rosto. — O que há com você e beijos?

Ayleth não conseguiu dizer nada, com a boca aberta e os lábios entreabertos. Ela não conseguia respirar. Suas mãos se moveram para baixo antes que ela percebesse o que estava fazendo, agarrando o cinto dele. Ele gritou e tentou afastá-los, mas com a força de Laranta ainda dentro dela, ela afastou as mãos dele com bastante facilidade.

Ela puxou o Detrudos da bainha.

— Toque! — Ela o pressionou nas mãos dele. — Toque agora! Abra a barreira!

—O-o que... — Terryn não terminou sua pergunta. A compreensão inundou seu rosto e, com a ajuda de Ayleth, ele se levantou com dificuldade. Ela se agarrou ao cotovelo dele, segurando-o de pé enquanto ele levava o instrumento aos lábios e o chamava à vida.

A primeira variação do feitiço da música saiu, muito hesitante, muito trêmula. Ayleth, por mais inexperiente que fosse, soube imediatamente que não teria efeito sobre o poderoso feitiço do Venador Dominus.

Ela olhou por cima do ombro para a Floresta da Bruxa. Ela viu movimento nas sombras?

Sombras, sombras, sombras...

— Puta que pariu, Laranta, eu sei!

Terryn, talvez sentindo sua tensão, se desvencilhou de seu aperto em seu cotovelo, se preparou com mais firmeza e começou de novo, desta vez uma

variação mais forte da canção. Ela sentiu o fluxo do poder da sombra saindo dele. Não o poder intenso que ele deve ter acessado para aquelas rajadas de luz, mas o poder de uma conexão contínua entre a alma humana e a sombra necessária para o funcionamento dos tubos de Detrudos. Ele não precisava de muito poder para fazer o feitiço. O que faltava em magia ascendente, ele mais do que compensava com habilidade.

Ganhando confiança e convicção na variação que explorou, ele vibrou notas cada vez mais complexas em contraste brilhante com o contínuo boom do tubo. Ayleth, virando as costas para a floresta, olhou para a barreira brilhante, a teia de música impossivelmente complexa. Lentamente, com cuidado, os fios se desenrolaram. Perto do chão, um buraco se abriu, uma mera fenda na vasta parede.

— Bom o bastante! — Ayleth gritou e puxou o braço de Terryn. Ele resistiu por um momento, então pareceu concordar com ela. Jogando um turbilhão decisivo de notas, ele encerrou sua variação abruptamente. A abertura que ele fez tinha menos de trinta centímetros de altura, mas não importava.

— Vai! — ele latiu, e Ayleth não esperou ouvir duas vezes. Ela se jogou no chão e rastejou de barriga pela lama, cuspidos bocados nojentos com os dentes enquanto avançava. Ela sentiu o peso do feitiço acima, sentiu o poder da Barreira como se ela fosse cair com força e cortá-la em duas. Mas do outro lado... Oh! Do outro lado, ela vislumbrou o sol e sentiu o gosto do ar fresco, livre do oblivis. Estendendo as duas mãos, ela agarrou-se ao chão além e puxou-se, saindo como uma rola de uma garrafa.

Ela rolou para a terra firme e sólida, olhando para um céu tão azul que deslumbrou seus olhos. Se tudo estivesse bem com o mundo, ela teria ficado

ali por horas, sem se mover, simplesmente bebendo naquela visão do céu, aquelas caudas de nuvens brancas distantes.

Mas a voz grunhida de Terryn a trouxe de volta à realidade. Ela se virou e viu o venador lutando para se empurrar pela abertura muito apertada. Saltando sobre ele, ela agarrou seus braços e aplicou a força crescente de Laranta para puxá-lo para fora. Terryn gritou, amaldiçoando-a com todos os tipos de fins horríveis antes que ele, também, deslizesse livre, arrastando um rastro de sujeira atrás dele.

Com um grito mudo, Ayleth colocou-o de joelhos e o envolveu com os braços, seus corpos eram uma massa de lama grossa, lodo e pus.

Terryn a empurrou, gritando: — Não há tempo! Sem tempo! — Ele ainda segurava seus Detrudos em uma das mãos.

Sombras! Laranta chorou.

Ayleth levantou-se de um salto enquanto Terryn, ainda ajoelhado, colocava o instrumento nos lábios e começava a reverter a variação que acabara de executar. Ela se aproximou da Barreira, espiando através da teia de volta para o horror da floresta. Suas experiências não a haviam endurecido à vista. Sua alma tremia de terror e pânico, mas ela cerrou os punhos, puxando a força de Laranta.

Se as bruxas viessem cedo demais, se conseguissem passar, a Deusa a ajudasse, ela as esmurraria até virar pó com suas próprias mãos!

Elas apareceram. Três figuras sombrias saindo da escuridão da floresta e correndo para a Barreira. A luz da canção do feitiço iluminou seus rostos, a tatuagem negra da Terrível Odile totalmente contra suas testas. Ayleth viu os mesmos crescimentos que testemunhara nos outros dois, viu os mesmos sinais de fraqueza e decadência. Ela viu os restos de seus capuzes vermelhos.

Ela os reconheceu imediatamente. Ela não precisava saber qual nome pertencia a qual rosto horrível. Scias du Sibb, o Bruxo da Legião. Ele era o baixinho com o braço quebrado pendurado inutilmente em um ombro, sua mandíbula coberta de fungos como um de pesadelo de uma barba. Crisenth di Bathia, a Bruxa do Cristal. Ela usava um corpo de mulher, esquelético, todos os traços de feminilidade filtrados pela dor e pelo sofrimento.

E Gillotin du Visgarus, o Bruxo Cadáver. O mais alto e largo do trio, ele parecia dificilmente afetado pela malícia da maldição em que vivia. Ele caminhou até a teia, um homem alto com pele escura e cabelos longos, ainda grossos, ainda exuberantes mesmo depois de todos esses anos de prisão. Seus olhos, negros como os Assombrados, pousaram em Ayleth através da Grande Barreira e ficaram lá, olhando com uma expressão de puro espanto descarado.

A barreira estremeceu violentamente, atacada do outro lado. Ayleth recuou vários passos. Ela viu Crisenth se afastando de onde ela havia se jogado fisicamente no feitiço. Pedra dura e brilhante incrustava cada centímetro visível de sua pele, e saliências de cristal afiado como uma espada explodiram de seus nós dos dedos. Ela socou a Barreira uma e outra vez, e Ayleth recuou ainda mais. Se essa bruxa era tão cruel em seu estado reduzido, como ela deveria ser em seus dias de glória?

A canção de Terryn foi finalizada. Ele deixou seu instrumento cair no chão e sentou-se sobre os calcanhares. — Está feito. — disse ele. — Está consertado. Eles não vão conseguir.

O olhar de Ayleth disparou para o lugar onde antes estava a abertura. A Bruxa de Cristal, por outro lado, deve ter visto para onde ela olhou, pois ela saltou para o local, batendo com tudo o que valia, tentando encontrar uma fraqueza. Mas o feitiço de Terryn era forte. A Grande Barreira poderia muito bem nunca ter sido aberta.

Ela se moveu para o lado dele, logo atrás dele. Ela queria colocar a mão em seu ombro, para dizer algo como parabéns. Nada parecia certo. Eles só podiam ficar como estavam, em silêncio, observando enquanto as bruxas do outro lado da Barreira os observavam. A Bruxa de Cristal fez gestos obscenos, rangendo os dentes. O Bruxo da Legião correu descontroladamente para cima e para baixo na Barreira, desesperado para encontrar alguma fraqueza que não existia.

Mas o Cadáver apenas olhou para eles, sem piscar.

— Cinco. — Sussurrou Ayleth.

Ao som de sua voz, Terryyn se sobressaltou e sacudiu a cabeça. — O que? O que você disse? — ele perguntou, suas palavras pesadas com exaustão.

— Cinco. — Sussurrou Ayleth novamente. — Sete Diabos fugiram para a Floresta da Bruxa. Só vimos cinco. Onde estão os outros dois?

Terryyn não respondeu.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

O ponto de saída deles pela Barreira ficava a aproximadamente três quilômetros ao norte de onde haviam entrado. Ayleth, usando os últimos fragmentos da força potencializada pelo veneno de Laranta, estendeu a mão com seus sentidos de sombra e captou um traço de Chestibor.

— Por aqui. — disse ela a Terryn e começou a andar. Ele a seguiu silenciosamente, e Ayleth se perguntou se ele estava tão ciente quanto ela dos olhos vigilantes dos três bruxos fixos neles.

O alívio de pisar nas sombras frias da orla da floresta foi tão grande que os joelhos de Ayleth quase dobraram. Precisou de toda a sua força de vontade para continuar. Ela não queria passar um segundo a mais do que o necessário tão perto de Floresta da Bruxa.

Terryn manteve a paz enquanto eles abriam caminho pela vegetação rasteira, as botas esmagando folhas mortas a cada passo. Ayleth quase desejou que ele falasse, apenas para encher sua cabeça com algo diferente de seus próprios pensamentos giratórios.

Muitas coisas lutaram pela supremacia em sua mente. A estranha conversa entre Zilla e Zarc, debatendo se eles deveriam matá-la ou não. As três bruxas ainda os seguindo, contidas atrás da Barreira e ainda de alguma forma muito ameaçadoras.

O fato de Floresta da Bruxa os ter deixado escapar.

Porque não havia duas maneiras de fazer isso: qualquer etapa da corrida de volta à Barreira poderia facilmente ter sido a última. Eles poderiam lutar, mas no final das contas eles não poderiam ter se salvado de um poder como

aquele. Eles só conseguiram sair vivos porque Floresta da Bruxa permitiu que fosse assim.

Mas... porquê?

Ela não conseguia decifrar esses mistérios. Agora não. Não até que ela lavasse um pouco dessa sujeira pútrida de sua pele, não até que ela limpasse um pouco do oblivis de sua garganta e pulmões. Não até que ela encontrasse seu cavalo e colocasse quilômetros entre ela e o feitiço da canção da Barreira. Caso contrário, o próprio peso de sua confusão a esmagaria.

Ela suportaria ficar em Wodechran Borough?

O pensamento a interrompeu tão abruptamente que o Venador Terryyn quase trombou com ela por trás. Ele parou perto o suficiente para que ela pudesse sentir sua respiração na parte de trás de sua cabeça. Mesmo assim, ele não disse nada.

Ele sentiu a repentina turbulência em sua alma? Ele sentiu sua indecisão? Sua covardia? Porque, mais do que tudo, ela queria subir na sela e cavalgar e cavalgar e cavalgar com a velocidade de um espírito voltado para Assombrados pelas Montanhas Skada. Para se jogar aos pés de Hollis e implorar seu perdão. Para jurar nunca, nunca se aventurar além de Drauval Borough novamente. Para se contentar com sua humilde sorte, servindo ao lado da venatrix de Gillanluòc.

Mais do que tudo, ela queria ceder.

— Venatrix?

A voz profunda em seu ouvido enviou um tremor direto para seu intestino. Ela respirou fundo e começou a andar novamente sem olhar para trás para o venador. A única palavra dita com aquela cadência questionadora foi o suficiente para decidir sobre ela.

Ela não iria recuar. Ela não se renderia aos seus medos. Ela ficaria em Wodechran e lutaria por sua posição com tudo que tinha para dar. E se Venador du Balafre ainda vencesse o dia, pelo menos ela saberia que ele o mereceu.

Eles encontraram seus cavalos eventualmente. Laranta rastreou Chestibor não muito longe de onde Ayleth desmontou e o deixou. A égua vermelha de Terryyn tinha ficado perto do cavalo castanho para companhia, e nenhum dos corcéis parecia pior por uma longa tarde de espera e fuçando na folhagem da floresta.

Ayleth agarrou o cavalo pelas rédeas e preparou-se para montar. Uma mão em seu ombro a conteve, e ela olhou ao redor para encontrar o olhar gelado de Venador Terryyn.

Ele segurava sua flauta Vocos na outra mão.

— As suas foram perdidas. — disse ele. — Use a minha. Suprima sua sombra.

Ayleth olhou para o instrumento esculpido em osso. Parte dela queria recusar a oferta. Laranta estava muito ascendente dentro dela, é verdade, mas não se sentia insegura. Ao longo dos horrores daquele dia, sua sombra a serviu bem. Ela não mostrou nenhum sinal de querer assumir o controle de seu corpo hospedeiro compartilhado. Na verdade, ela tinha sido uma camarada leal em todas as batalhas e em todas as corridas.

Mas a lei de Evander era firme, nenhuma venatrix poderia deixar sua sombra ascendente quando a batalha acabasse. Ela deve restringir o espírito com feitiços de música, protegendo-se contra a malevolência que carregava dentro dela.

Com um suspiro pesado, Ayleth pegou os tubos e, virando as costas para Terryyn e seu cavalo, começou a tocar a Canção da Supressão. Laranta rosnou

em sua cabeça e Ayleth viu um lampejo de olhos ardentes na escuridão por trás de suas pálpebras fechadas.

— *Por que, senhora?* — A sombra exigia em sua voz aguda e latida. — *Por quê? Porque, porque?*

— *Porque é a lei.* — respondeu Ayleth, e apertou com força a canção do feitiço.

Quando ela terminou de tocar, e quando o estrondo final do tubo sumiu de seus ouvidos, ela percebeu que outro feitiço de música estava sendo enrolado atrás dela. Ela se virou e, através de uma cortina de galhos baixos sem folhas, viu Venador Terryn parado perto da Grande Barreira, trabalhando para consertar o remendo mal feito do feitiço da canção. Mesmo se as bruxas encontrassem este lugar, elas não seriam capazes de invadir. Não depois de Terryn ter feito seu trabalho.

Ayleth, conduzindo Chestibor pelas rédeas, empurrou a folhagem e assumiu uma posição logo atrás de Terryn. Quando ele terminou sua feitiçaria e se virou, tirando os Detrudos de seus lábios, ela estendeu seus Vocos para ele.

— Suponho que você não queira tentar novamente buscar o corpo do Venator Nane? — ela disse secamente. Seus olhos se arregalaram e Ayleth se apressou em acrescentar: — Não, não estou falando sério. Foi-se. Não podemos conseguir agora.

Ele engoliu em seco, seu pomo de adão balançando. Então ele arrebatou o Vocos de sua mão estendida, embainhou-o e caminhou até o cavalo que esperava. Ele montou em um giro de capa incrustada de sujeira e estimulou a égua a se mover quase antes de ele se acomodar na sela.

Ayleth revirou os olhos ante a severidade do venador. Ele achava que ela estava zombando dele com sua piada de mau gosto? Questionando sua devoção ao dever? Ela não deveria ter dito nada, mas...

Maldição, ele era um tipo de homem impossível.

Ela subiu nas costas de Chestibor e cutucou seu cavalo para seguir a trilha da égua vermelha de volta pela floresta. Como ela se sentia estranhamente solitária por dentro com Laranta suprimida. Sem nenhuma maneira de julgar a passagem do tempo além da Grande Barreira, Ayleth não conseguia adivinhar há quanto tempo eles haviam partido. O sol nos galhos das árvores acima indicava o fim da tarde, mas de que dia ela não sabia ao certo. Só o fato de Chestibor e a égua vermelha estarem perto de onde foram deixados indicava que não haviam passado mais do que algumas horas.

Emergindo da floresta para um campo aberto, Ayleth avistou Terryn a uma boa distância à frente. Parte dela queria deixá-lo cavalgar de volta ao posto avançado sem ela. Mas uma grande parte dela não queria ficar sozinha com seus pensamentos.

Então, ela apertou os flancos de Chestibor, empurrando-o para um galope, e logo se aproximou do venador e de sua égua. Seu olhar de gelo disparou em sua direção, então se fixou no horizonte novamente.

Ayleth respirou fundo e expirou lentamente. Ela quase podia sentir as partículas do oblivis jorrando dela. Sua cabeça clareou, e algumas das preocupações e mistérios mais urgentes descobertos além da Barreira retrocederam por um tempo.

— Eu tenho que te agradecer. — Ela disse depois de um tempo.

Ele não olhou para ela. Ele nem mesmo grunhiu.

— Por ter vindo atrás de mim. — Continuou Ayleth. — Lá atrás na Floresta da Bruxa. Você deveria ter escapado, é claro. Foi completamente estúpido para você se aventurar mais fundo. Mas...

Seu rosto esquentou. Ela não estava fazendo justiça à sua própria gratidão. E ela realmente o insultou no processo de agradecimento? Ela abaixou a cabeça e, em um gesto rápido, puxou o capuz até que pelo menos cobrisse parcialmente seu rubor. — Eu só quero que você saiba que eu aprecio o que você fez. — Ela terminou desajeitadamente.

Sem resposta. Ela olhou furtivamente em sua direção. Era difícil discernir qualquer expressão distinta sob as camadas de sujeira em seu rosto. Nada além de indiferença pétrea.

Seus lábios se contraíram e, num impulso, ela acrescentou: — Caso esteja preocupado, Venador du Balafre, não tenho intenção de beijá-lo novamente tão cedo.

O músculo em sua mandíbula pulsou.

Não foi muito. Mas foi uma reação.

Escondendo o sorriso por trás da cortina do capuz, Ayleth incitou Chestibor a voltar a um galope e a galopar a todo vapor, colocando distância entre ela e o venador. O vento soprou em seu rosto, jogou o capuz para trás e jogou sua trança longa e suja atrás dela. A caça não acabou. Sim, eles encontraram Venator Nane, mas eles ainda não sabiam por que ele foi morto ou quem deu o golpe mortal. Eles precisariam encontrar respostas antes que pudessem relatar ao Príncipe Gerard, antes que pudessem saber se o bairro estava realmente seguro. Mas, por enquanto, neste momento, seu mundo era feito de nada mais do que o ar frio do outono em seu rosto, um bom cavalo abaixo dela e amplos espaços abertos se estendendo diante dela.

Ela se entregou à pulsação de seu coração e cavalgou em direção ao horizonte.

EPÍLOGO

Folhas secas farfalhavam acima da cabeça de Hollis enquanto ela cavalgava seu cavalo cinza pela sinuosa trilha para Gillanluòc. O outono se aproximava do fim na região montanhosa, trazendo consigo os violentos invernos que assolaram este bairro. Ela não se aventuraria de volta às regiões mais selvagens antes do degelo da primavera.

Não importa. Ela teve sucesso em sua caça mais recente, um javali, que ela puxou na carroça atrás dela. Ele provou ser uma presa difícil de abater. Ela passou semanas nas montanhas, em vez de dias. Mas ela finalmente o matou e dirigiu a violenta sombra Feral dentro dele de volta para os Assombrados, onde pertencia.

Seu cavalo castrado tropeçou em um trecho acidentado da estrada e a dor subiu pela perna de Hollis. As cruéis presas do javali a haviam atingido com um corte na coxa. Nada sério, mas o suficiente para mantê-la quieta por mais uma semana ou mais enquanto isso sarava.

Não importa. Uma vez de volta ao posto avançado, ela pediria a Ayleth para ajudá-la a cuidar do ferimento. E ela voltaria ao trabalho em breve. Sempre havia mais a ser feito, trabalho interminável a serviço da Deusa até o dia em que o castra lhe disse que ela havia acabado. Naquele dia, ela selecionaria um venador ou venatrix para lhe dar a Morte Gentil, separar sua alma daquela de sua sombra e apressá-la para o céu. Apenas... ela não acreditava que viveria tanto.

Ayleth estava quase na idade agora. A hora da última caçada estava próxima...

Hollis ergueu os olhos e viu a torre de Gillanluòc à frente. Não havia luz na janela, embora o dia estivesse se alongando. Estranho. Normalmente, Ayleth acendia uma luz como um farol de boas-vindas para sua patroa na estrada.

Hollis sentiu-se tentada a puxar seus tubos Vocos, invocar sua sombra e estender a mão com seus poderes para sentir a mente de Ayleth. Mas a garota odiava essas invasões. E nunca cabia a uma venatrix usar os poderes de sua sombra sem um bom motivo. Então, ela cavalgou até o portão, desmontou, abriu-o usando a fechadura secreta e conduziu seu cavalo até o pátio.

Uma terrível quietude manteve o posto avançado cativo. Nenhum sinal de vida em lugar nenhum.

Ayleth tinha fugido de novo em alguma missão?

O rosto de Hollis ficou sombrio quando ela acomodou seu cavalo no estábulo vazio e pendurou seu equipamento. O cavalo castrado de Ayleth estava faltando. Não era um bom sinal. Ela fez seu caminho para o forte com passos mancando, favorecendo sua perna ferida. Quando ela irrompeu pela porta da frente, chamou bruscamente: — Ayleth? Onde você está?

Mas a fortificação estava vazia. Ayleth havia partido.

— Maldição! — murmurou Hollis, voltando-se para a porta, decidido a montar a sela e cavalgar atrás da garota tola. Quando ela se virou, um pergaminho pregado no batente da porta chamou sua atenção.

Era a carta do Venator du Tam. A carta informando sobre a morte presumida de Nane. A carta que falava da inauguração em Wodechran Borough.

Hollis olhou para ele, exibido tão proeminentemente que ela não podia perder. Seu coração parecia inchar na garganta, sufocando-a.

— Não. — Ela murmurou. Então, mais alto. — Não!

Ela bateu com o punho no batente da porta. A casa inteira pareceu tremer, mas ela bateu novamente. Então, com um soluço, ela baixou a cabeça, encostando-se na parede. Nenhuma lágrima veio, ela não chorava lágrimas de verdade por muitos, muitos anos agora.

Mas seu coração se partiu lentamente em dois.

— Foi tudo por nada? — ela sussurrou. Erguendo a cabeça, erguendo os olhos para o céu fora da porta aberta, ela suplicou aos próprios céus. — Foi tudo por nada no final?